

Renata Palandri Sigolo

**EM BUSCA DA “SCIENCIA MEDICA”:  
a medicina homeopática no início do século XX**

Tese apresentada como requisito  
parcial para a obtenção do título de Doutor.  
Universidade Federal do Paraná,  
Departamento de História, Coordenação  
dos Cursos de Pós-Graduação em História.  
Professor Orientador: Dr. Euclides Marchi.

Curitiba  
1999

**Agradecimentos**

Ao professor Euclides Marchi, por todo apoio, atenção e dedicação com os quais me orientou ao longo destes anos.

Às professoras Ana Maria de Oliveira Burmester e Ymiracy Nascimento de Souza Polak que, fazendo parte de minha banca prévia, muito colaboraram com suas preciosas observações.

Às instituições cuja existência devo a conservação das minhas fontes. São elas: Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca do Setor de Ciências da Saúde/ UFPR, Fundação Santos Lima, Museu da Medicina/ APM, em Curitiba; Fundação Biblioteca Nacional, Casa de Rui Barbosa, Biblioteca da Faculdade de Medicina/ UFRJ, Instituto Hahnemanniano do Brasil, no Rio de Janeiro. Quero dedicar, ainda, um agradecimento especial à bibliotecária Sr<sup>a</sup>. Vera Lúcia D. B. da Fonseca, bibliotecária do Instituto Hahnemanniano do Brasil, pela atenção com que me atendeu.

Ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, por ter me concedido a licença necessária, para que pudesse dedicar-me exclusivamente ao término de meu trabalho.

Ao Chico e à Ana Maria, professores na verdadeira acepção da palavra, por me incentivarem a gostar ainda mais da minha profissão.

Aos colegas que partilharam comigo as salas de aula, durante o curso de Doutorado, em especial à amiga Marília. Lila, obrigada por tudo, desde o apoio burocrático, de fazer minhas matrículas na Coordenação, até o moral, consolando-me nas horas em que tudo parecia perdido. Ah, ainda espero sua visita!

Meu agradecimento todo especial às pessoas que enfrentaram as dificuldades de conviver com uma doutoranda de perto. Ao Gugu, por partilhar as preocupações, as

angústias e dúvidas, as alegrias e realizações, como alguém que possui os mesmos sentimentos e idéias pode fazer. Sou grata a você, de todo o coração... Ao Luiz Renato, pela paciência e compreensão, nas horas em que precisei me dedicar exclusivamente ao meu trabalho: “gosto muito de você”!

Ao CNPq e à CAPES, cujo financiamento possibilitou a realização do que, no início, era apenas uma idéia.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a busca de legitimação por parte da medicina homeopática, no início do século XX. A partir do discurso do médico Nilo Cairo da Silva, um dos fundadores da Universidade do Paraná, a tese reconstrói o universo de disputas entre médicos alopatas e homeopatas, seus debates na imprensa e estratégias de legitimação junto ao ensino médico.

Palavras-chave: história da saúde, discurso médico, homeopatia.

## **ABSTRACT**

This work aims at analyzing how homeopathic medicine searched for legitimacy in the beginning of the twentieth century. Departing from the medical discourse of Dr. Nilo Cairo da Silva, one of the founders of Universidade do Paraná, this work reconstructs the arguments between the allopathic and homeopathic doctors, their debates in the press, and strategies of legitimacy regarding medical teaching.

Key word: Health history, medical discourses, homeopathy

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
 <b>CAPÍTULO I: Hahnemann e Comte nos jardins de Hipócrates</b>	
1.1 <i>Similia Similibus Curantur</i> .....	39
1.2 Lutas internas.....	61
1.3 Em busca da Medicina Positiva.....	70
1.4 A Terapêutica de Amanhã.....	84
 <b>CAPÍTULO II: A Homeopatia no “Século dos Micróbios”</b>	
2.1 A guerra sábia.....	96
2.2 Cruzada contra Galeno.....	129
2.3 Homeopatia e liberdade.....	142
2.4 Os homeopatas e a vacinação obrigatória.....	151
 <b>CAPÍTULO III: A conquista do público</b>	
3.1 Uma arena, vários gladiadores: a conversão como espetáculo.....	168
3.2 Mais conversões.....	184
3.3 “O que os nossos leitores devem reter”.....	204
3.4 Pelas páginas do <i>Diário</i> .....	223
 <b>CAPÍTULO IV: Ensinando o <i>Similia Similibus Curantur</i></b>	
4.1 Diplomar para reconhecer.....	250
4.2 Conturbadas Sessões Ordinárias.....	262
4.3 De gota em gota...: Hahnemann nos bancos acadêmicos.....	275
4.4 No “Palácio da Luz”.....	292
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: Refletindo.....</b>	<b>303</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>314</b>

## INTRODUÇÃO

Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. (...)O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu *interior* o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas.<sup>1</sup>

Tomar as práticas de cura como objeto de estudo da história já foi sinônimo - e, por vezes continua sendo - de acompanhar sua “evolução” ao longo do tempo. A tentativa de legitimar as práticas da medicina européia racionalista, de retratá-las como “as melhores” dentro de um conjunto de outras práticas, também se dá por meio dos discursos através da história. Não se trata de ignorar outras formas de cura mas de inferiorizá-las, mostrando-as como uma etapa para alcançar a “verdadeira medicina”. Costuma-se encarar essa história da medicina tradicional como uma forma ultrapassada de abordar a arte de curar ao longo dos tempos. No entanto, é comum se encontrar, principalmente fora do universo dos historiadores, pessoas que pensam este objeto da história como uma sucessão de fatos que começam com as antigas formas de cura no Egito e Mesopotâmia, passam por Hipócrates, pela dissecação de cadáveres, até culminar na tomografia computadorizada. Nesta escala sempre evolutiva, procura-se ressaltar as curiosidades que cercariam cada prática<sup>2</sup>.

Não só os leigos tem esta idéia evolutiva de encarar a história da “arte de curar”. Os historiadores também têm esta inclinação quando contam a “história da história da medicina”. Começa-se falando sobre a história da medicina tradicional, feita pelos

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, W. Sobre o Conceito da História. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 231.

<sup>2</sup> Não é à toa que livros como GORDON, R. **A Assustadora História da Medicina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996 fazem tanto sucesso nas livrarias e, até, em supermercados.

“médicos historiadores”<sup>3</sup>, passando por Foucault<sup>4</sup> e suas contribuições e chega-se até os historiadores contemporâneos<sup>5</sup>, procurando ressaltar como hoje pode-se fazer uma história “realmente verdadeira” dos discursos sobre saúde e doença desprezando, muitas vezes, os estudos de autores anteriores. É preciso compreender cada produção não como um desencadear evolutivo, progressivo, mas como um momento único que possui um contexto peculiar.

Dentre os vários pensadores que buscaram entender e explicar as práticas médicas brasileiras, figura Von Martius. O cientista alemão chega ao Brasil em 1817, permanecendo por três anos em viagem pelo país, onde tem a oportunidade de observar muitas práticas cotidianas, inclusive as médicas. Por ter sido um dos primeiros a descrever a medicina indígena, foi referência de muitos intelectuais que, no século XX, lançaram seu olhar em busca da compreensão daquele saber.

Von Martius é citado por Francisco Moraes Paz como o criador do modelo historiográfico brasileiro, forjado no século XIX pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil<sup>6</sup>. Isto se dá através de seu texto intitulado *Como se Deve Escrever a História do Brasil*, que apresenta um país resultante da fusão de três raças e que não teria completado ainda sua “tarefa histórica”<sup>7</sup>. A história brasileira é concebida, para ele, como resultante da soma das raças que constituíram a nação brasileira, onde cada uma delas cede o que possui de melhor, com o destaque do elemento português. Nesta somatória cultural, o índio é visto como um elemento que possui sua história que, de imediato, aparece destacada da história

---

<sup>3</sup> Licurgo Santos Filho, por exemplo, é um dos principais médicos que segue a tendência da história da medicina tradicional.

<sup>4</sup> Sem dúvida, Roberto Machado foi um dos autores que, utilizando a teoria dos micropoderes de Foucault, inovou na abordagem sobre a ação dos médicos no Brasil.

<sup>5</sup> Atualmente, alguns historiadores tomam o discurso médico como um dos objetos de seus estudos, como é o caso de Margareth Rago, Lilia Moritz Swarcz ou Márcia Moisés Ribeiro.

<sup>6</sup> PAZ, F. M. **Na Poética da História**; a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: UFPR, 1996.

<sup>7</sup> Idem, p.234.

do homem branco, onde Von Martius tenta resgatar indícios de uma civilização Pré-Colombiana, similar às encontradas na América espanhola. Em relação ao elemento indígena, o cientista procura, então, um passado grandioso que proporcione ao momento presente plenas possibilidades de cumprir sua “tarefa”.<sup>8</sup>

A busca de um passado indígena glorioso pode ser observado na obra de Von Martius intitulada *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, também produzida no século XIX e que trata de vários aspectos da medicina autóctone. Ao identificar a prática do pagé, com o xamanismo existente na Ásia, Von Martius afirma que na prática do curandeiro indígena residiam *os restos de um culto desaparecido e vestígios esparsos de uma compreensão mais elevada da natureza*<sup>9</sup>, remetendo a medicina indígena para bases culturalmente mais sólidas do que as avaliadas por ele em suas observações.

Quando o cientista alemão descreve os elementos da medicina detectados por ele no meio indígena, observa-se sua surpresa diante da impossibilidade de encontrar indícios da civilização “evoluída” a qual ele atribui suas origens. Diante desta revelação, Von Martius – munido de seu referencial que é a medicina européia – classifica as práticas médicas dos índios brasileiros como um *uso cego e sensual de forças naturais desconhecidas (...)* *desprovida de todo conhecimento científico*<sup>10</sup>, que, na figura do pagé, vale-se da “ignorância” dos doentes para perpetuar sua ação. Na crítica à medicina autóctone, Von

---

<sup>8</sup> Ibidem, p.235. Neste sentido, Von Martius privilegia o estudo do elemento indígena, numa tentativa de encontrar o autóctone brasileiro dotado de um “passado grandioso”: é o que se pode perceber, em relação à medicina, em sua obra *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*.

<sup>9</sup> VON MARTIUS, C. F. **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1939. p.188.

<sup>10</sup> Idem, p.193.



Martius apresenta um alerta para que os médicos europeus usem seus elementos<sup>11</sup> com extremo cuidado.

Von Martius se torna uma das fontes para a obra de outro estudioso da história da medicina, Licurgo Santos Filho. Médico-historiador, Santos Filho se propôs a escrever a *história da evolução da medicina no Brasil*<sup>12</sup>, interesse baseado na sua profissão, herdada do pai, avós e bisavós. Sua obra de referência, a *História Geral da Medicina Brasileira*, é resultado do melhoramento de uma primeira monografia sua publicada em 1947, que versava sobre a medicina européia exercida em terras brasileiras. Na *História Geral da Medicina Brasileira*, o autor avança para uma história geral que permita caracterizar a medicina brasileira já que, segundo ele, não possa haver a diferenciação desta para a medicina de maneira geral pois esta, segundo ele, *como sistema é una, universal*<sup>13</sup>.

Na introdução da *História Geral*, Santos Filho faz uma crítica à sua primeira monografia, composta *segundo a antiga maneira de se escrever história. Foi essencialmente documentária, típico exemplar da velha historiografia*<sup>14</sup>. Afirma que, outra falha da obra, a falta de periodização, seria suprida na *História Geral*, para que seu objetivo de estudar os “progressos” da medicina brasileira contasse com uma análise mais uniforme.

---

<sup>11</sup> A prática médica européia presente em especial no Brasil Colônia, contou com a contribuição indígena principalmente em relação aos medicamentos fabricados com base nas plantas brasileiras. Cf RAVAGNANI, O. M. **Subsídios para o Estudo da Medicina Popular no Brasil. v.4** São Paulo: Perspectivas, 1981. p.65-73.

<sup>12</sup> SANTOS FILHO, L. de C. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1977. No Paraná, temos neste teor os estudos de MOREIRA, Julio. **História da Medicina no Paraná**. Curitiba: Instituto Paranaense de História da Medicina, 1953; MACEDO, Heitor Borges de. **A Medicina na Sede da 5ª Comarca**. Curitiba, 1968. Separata dos anais do II Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos; STELLFELD, C. **As Artes Médicas no Paraná Provincial. 1853-1858**. Curitiba: Instituto Paranaense de História da Medicina, 1958. Os dois primeiros autores eram médicos; o terceiro farmacêutico.

<sup>13</sup> Idem, p.4.

<sup>14</sup> Ibidem, p.5.

Assim, a periodização proposta por ele baseia-se em *marcos dessa história*<sup>15</sup>. A primeira parte, *Medicina dos físicos e cirurgiões, curiosos e feiticeiros*, faz comentários sobre as medicinas indígena, negra, práticas espanholas, holandesas e portuguesas, do início do povoamento até 1808; a segunda, *Medicina pré-científica*, analisa a fase da criação das escolas de Salvador e do Rio de Janeiro, considerado como um período de *estagnação científica*, onde não há investigação, apenas aplicação de conhecimentos; a terceira e última, *Medicina científica*, tem como marco a fundação, em 1866, da Gazeta Médica da Bahia, periódico veiculador das pesquisas produzidas principalmente pela Escola Tropicalista Baiana. Esta última fase estende-se até o momento contemporâneo do autor, que ressalta os “feitos” de médicos notórios, como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, a melhoria do ensino médico e a criação da indústria farmacêutica, como apogeu da história da medicina brasileira.

É perceptível a preocupação de Licurgo Santos Filho em comprovar uma “evolução” na história da medicina no Brasil. Este interesse pode ser explicado não apenas pela influência de uma história factual e evolutiva, mas pela própria formação médica do autor. A idéia de que a sociedade caminha inevitavelmente para uma evolução científica e tecnológica é presente de forma marcante no cotidiano dos profissionais da saúde, refletindo-se na concepção que tem da história<sup>16</sup>. A obra de Licurgo Santos Filho possui estas características, mas é inegável sua importância principalmente no aspecto que abrange a pesquisa de fontes; prova disso é a ampla referenciação da *História Geral da Medicina Brasileira* feita pelos historiadores que tratam da medicina.

---

<sup>15</sup> Em sua *História Geral da Medicina Brasileira*, Licurgo Santos Filho propõe uma periodização característica de uma idéia de história da medicina evolutiva, onde se parte de um período não científico, se evolui para o “pré-científico” até alcançar seu apogeu, correspondente ao período científico, onde as grades descobertas e descobridores médicos são exaltados.

<sup>16</sup> Outra obra que pretende fazer uma história geral da medicina e também possui estas características é LOPES, O. de C. **A Medicina no Tempo**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

Os “médicos historiadores” revelam uma concepção que acredita no resgate da história da medicina como registro que revela a evolução deste saber. Um exemplo deste cuidado é a série *Galeria Médica do Paraná*, organizada pela Fundação Santos Lima Pró-Memória do Paraná. A intenção em manter a memória dos “grandes personagens” da história médica no Paraná fica clara se observarmos a eleição dos nomes que compõe o panteão dos personagens médicos no estado.

Uma das preocupações da *Galeria Médica do Paraná* ao retratar os médicos que escolhe, está em preservar-lhes a imagem do profissional ideal, o “sacerdote” abnegado, caridoso, que faz todos os sacrifícios em prol da saúde de seus pacientes e, ao mesmo tempo, “corrige-lhes” os “maus hábitos” com o mesmo objetivo; aquele personagem que, aparentemente, destaca-se na sociedade.<sup>17</sup> Apesar da “imortalização” de alguns médicos, em detrimento do esquecimento de outros agentes da cura, as publicações proporcionam a preservação de fontes, uma vez que parte das obras é divulgada juntamente com as biografias. A produção intelectual médica permite investigar não só o discurso médico oficial como também ter informações sobre outros agentes e práticas de cura contrárias às da biomedicina<sup>18</sup>.

Com o surgimento de novas possibilidades de abordagem das práticas médicas, que fugissem ao padrão evolutivo e factual oferecido pela história tradicional, vários trabalhos foram sendo produzidos. O presente estudo pretende contribuir para tal tendência, tomando, como objeto, a produção de discursos sobre uma corrente médica específica, dentro de uma análise temporal marcada pela descontinuidade. Para isso, concebe-se a história da

---

<sup>17</sup> Um exemplo é a obra: LIMA, E. C.; SUPPLY, H. L. (orgs). **Dirceu Pacheco de Lacerda**; médico, poeta e jornalista. Curitiba: Scientia et Labor: Fundação Santos Lima, 1988.

<sup>18</sup> Termo referente à medicina racional que é, na maior parte do ocidente, a medicina oficial. Outras denominações que serão utilizados neste trabalho para se referir à medicina oficial: materialismo médico, organicismo, alopatia, medicina galênica.

homeopatia não como uma sucessão de fatos, encadeados enquanto “causas e conseqüências”, mas vislumbrando cada momento como se fosse único e completo em si mesmo<sup>19</sup>.

O objetivo que se coloca aqui é acompanhar as estratégias de legitimação da medicina homeopática nos primeiros anos do século XX, através do discurso dos membros da principal instituição homeopática brasileira, o Instituto Hahnemanniano do Brasil e, principalmente, através de um de seus filiados: o Dr. Nilo Cairo<sup>20</sup>.

Médico paranaense e fundador da Universidade do Paraná<sup>21</sup> em 1912, Nilo Cairo possuiu intensa atividade em torno da homeopatia, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto em Curitiba. Em 1903, entrega sua tese inaugural aos docentes do Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: *Similia Similimum Curantur*, sua primeira obra sobre medicina homeopática<sup>22</sup>. A tese foi rejeitada pela academia e Nilo Cairo faz *O Pé Equino* em 1904, a fim de concluir seu curso de medicina.

Já médico, revela uma intensa atividade profissional, participando no debate sobre as teoria médicas da época. Ele é autor de vários artigos na imprensa médica homeopática e oficial e também nos periódicos destinados ao público leigo. Foi redator dos Anais do Instituto Hahnemanniano do Brasil, principal instituição homeopática do país, localizada no Rio de Janeiro e também da Revista Homeopática do Paraná, que se transforma em Revista Homeopática Brasileira.

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, W. Sobre o (...), p. 231.

<sup>20</sup> Nilo Cairo nasceu em Paranaguá, no Paraná, em 12 de novembro de 1874, falecendo em 1928. Antes de formar-se em medicina, foi militar, engenheiro e bacharel em ciências físicas e matemáticas. Seu nome completo é Nilo Cairo da Silva, mas optou-se por utilizar somente “Nilo Cairo”, por ser mais conhecido com este nome e porque ele mesmo assina seus escritos, com mais frequência, desta maneira.

<sup>21</sup> A atual Universidade Federal do Paraná.

<sup>22</sup> MOREIRA, J. E. **Dicionário Bibliográfico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1960. p.578.

Um dos mais entusiastas propagantistas da medicina homeopática, Nilo Cairo mantinha diálogo com o meio médico nacional, tanto no período em que esteve no Rio de Janeiro quanto quando esteve em Curitiba. O final do período abordado por essa tese é o ano de 1914, data na qual o médico paranaense insere matérias relacionadas a homeopatia nos cursos de farmácia e medicina, disciplinas que são previstas mas não lecionadas. Num momento em que os médicos homeopatas discutiam a importância de colocar a doutrina hahnemanniana na esfera da ciência, a criação da Universidade do Paraná e da Faculdade de Medicina se torna um dos meios que o homeopata paranaense encontra para contribuir para a introdução da medicina hahnemanniana no âmbito da ciência.

O entendimento deste processo, para a compreensão dos vários discursos fizeram parte do contexto homeopático deste período, exige que se trabalhe com a questão teórica do discurso. Eram constantes os debates entre os homeopatas, entre eles e os médicos oficiais e o discurso produzido pelos homeopatas à população leiga sobre a medicina de Hahnemann. O embate entre homeopatia e medicina oficial é um duelo de discursos: a construção de um discurso vencedor, aquele que detém a verdade, revela a importância do mesmo.

Ao se trabalhar com o universo discursivo, é preciso levar em conta as características das trocas lingüísticas. São relações de comunicação entre emissor e receptor que têm como base o ciframento e o deciframento de um código, mas que não se esgotam neste processo. As trocas lingüísticas são, também, trocas econômicas onde existe uma relação de força simbólica entre produtor e consumidor, que gera lucro material ou

simbólico. Os discursos são *signos de riqueza*, de autoridade, passíveis de crédito e obediência.<sup>23</sup>

O discurso, portanto, não é apenas um veículo de manifestação de idéias, mas é o poder pelo qual se luta.<sup>24</sup> Como objeto de poder, o discurso está ligado a uma série de dispositivos de controle. Um deles é o que Michel Foucault denomina de “oposição do verdadeiro e do falso”<sup>25</sup>. Esta separação não se dá de maneira violenta, mas se estabelece através da “vontade de verdade” e da “vontade de saber”<sup>26</sup>: ao longo da história, aquilo que era tido como verdade vai se modificando, de acordo com o contexto. As grandes revoluções científicas, as mudanças nas formas de pensamento podem ser encaradas enquanto vontades de verdade. No campo da medicina, podemos acompanhar várias transformações no mundo de suas idéias e práticas: a medicina oficial é uma vontade de verdade, assim como a medicina homeopática participa de outra.

No caso da medicina oficial, sua preocupação em transformar seu discurso enquanto verdade única sobre a saúde e a doença caminha paralelamente a sua institucionalização, via academias, e a perseguição de outras práticas de cura. Isto ocorre em fins do século XVIII e início do XIX<sup>27</sup>, num momento em que a vontade de verdade na medicina se baseava no paradigma racional, que considerava a observação, a experimentação e a possibilidade de verificação como alguns de seus pontos-chaves. Tudo que estava fora destes parâmetros estava *fora da medicina*<sup>28</sup>, e pertencia ao plano da

---

<sup>23</sup> BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 53.

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996. p.10.

<sup>25</sup> Idem, p.13/14.

<sup>26</sup> Tanto a vontade de verdade quanto a vontade de saber são termos utilizados por Michel Foucault em referência ao processo como um novo conhecimento nasce e se coloca na sociedade.

<sup>27</sup> FOUCAULT, M. **O Nascimento (...)**, p.XVII-XVIII.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. **A Ordem(...)**, p.32.

*crendice popular*. Assim, o discurso, para pertencer a uma disciplina<sup>29</sup> – como no caso, a medicina – deve pertencer a um corpo teórico definido.

A vontade de verdade necessita de um aparato institucional que lhe dê apoio<sup>30</sup>. As instituições que lhe dão suporte são responsáveis pelo modo como este saber será conduzido socialmente. O discurso é, sem dúvida, um dos veículos de apresentação e imposição destes saberes. As palavras que compõe o discurso, no entanto, não são meramente as detentoras de poder, pois isso depende de quem o pronuncia, ou como denomina Pierre Bourdieu, do porta-voz.<sup>31</sup> O porta-voz, por sua vez, detém a autoridade do discurso porque a instituição que o produz é que lhe concede tal poder. Afinal, é ele quem “porta a voz” da instituição. Os indivíduos responsáveis pela veiculação dos conceitos defendidos por uma instituição, tem o poder de verdade delegado por ela. É a instituição que tudo dá ao porta-voz, investindo-o de autoridade política. Sem ela, ele nada seria, pois o poder é de transferência limitada e provisória, embora passível de renovação<sup>32</sup>.

A disciplina também tem a função de controlar a produção dos discursos, estabelecendo as regras para tal. Estas regras sujeitam o discurso e aqueles que tem autoridade para pronunciá-lo e estabelecem a qualificação do porta-voz, excluindo outras pessoas da legitimidade para pronunciá-lo. Na mesma medida em que são preparados indivíduos a quem são concedidos o poder da verdade, desapossa-se outros ao concentrar este poder nas mãos de alguns. Assim, a ignorância de um grupo de pessoas — os leigos — reforça e justifica a existência do porta-voz. É o público destinatário do discurso, para quem os conceitos emitidos pela instituição não são rotineiros.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> Disciplina, aqui, não no sentido de disciplinarização, mas de conjunto teórico, doutrina.

<sup>30</sup> Ibidem. p.17.

<sup>31</sup> BOURDIEU, P. **A Economia** (...). p.87.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 188-92.

<sup>33</sup> Idem, p. 178-79.

O controle dos discursos é feita mediante sua relação com o mercado<sup>34</sup>. É na relação com este que adquirem valor e sentido, através da relação de forças entre as competências lingüísticas dos locutores, ou porta-vozes. As leis do mercado definem as estratégias do discurso, estabelecendo o que pode e o que não pode ser dito, bem como a forma, o estilo da linguagem. Exemplificando, quanto mais oficial um mercado, maior a dominação daqueles que detém a competência lingüística, que pode ser compreendida como uma capacidade estatutária acompanhada pela técnica. No caso da medicina, quando o discurso se dirige a um mercado oficial, ou seja, o meio médico, terão mais poder aqueles que dominarem a linguagem e forma específicas deste universo: um leigo não teria crédito em seu discurso, por ser reconhecidamente despossuído das capacidades lingüísticas que o mercado exige.

A existência de uma sistematização teórica, do estabelecimento de regras que culminam na formação de uma disciplina também são formas de controlar seus porta-vozes. Assim, só aqueles pertencentes à medicina seriam legitimados a falar sobre saúde e doença, mas desde que obedecessem às regras e ao corpo teórico de sua disciplina. Para ser um porta-voz, porém, é preciso cumprir também os rituais que lhe identificam. No caso dos médicos eles são reconhecidos como tais desde que se comportem de acordo com o que se espera deles.

Ao discurso devem acompanhar os signos que lhe correspondem<sup>35</sup>, para que o mesmo tenha efeito. Quando uma instituição delega a autoridade da palavra a um porta-voz, ela o consagra como mediador junto ao público cujo discurso se destina. Isto é feito

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 53-78.

<sup>35</sup> FOUCAULT, M. **A Ordem** (...) . p.38.



através da concessão do direito do locutor em usar signos e insígnias<sup>36</sup> que o identificam e o qualificam a agir não em seu nome, mas através da autoridade da instituição que ele representa. Assim, o guarda-pó usado pelos médicos é muito mais do que uma vestimenta de trabalho: é um símbolo de poder.

Discurso e signos<sup>37</sup> compõe o poder simbólico detido por um grupo. Os símbolos são responsáveis pela integração social, pela construção de uma realidade. É através da luta simbólica que diferentes grupos buscam colocar como verdadeira sua definição de mundo. Assim, grupos rivais dentro de uma mesma disciplina — a medicina — procuram símbolos que lhes representem, dentro do mundo social, e que sejam reconhecidos como verdadeiros. Acompanha-se, no caso da disputa entre alopatria e homeopatia, a procura pela redefinição, por parte da última, de seu sistema simbólico. Os vários esforços feitos pela homeopatia em demonstrar-se enquanto medicina científica, desvincilhando-se de representações que a ligavam ao místico e ao religioso, demonstram esta busca.

Admitir a legitimidade do portador do discurso é reconhecer que ele tem um mandato para tal: um mandato que lhe é concedido pelo rito de instituição.<sup>38</sup> O rito de instituição, enquanto poder legitimador, estabelece limites, ressalta diferenças, delega signos e insígnias. O rito marca uma linha divisória entre o que era antes e depois da passagem, da investidura.<sup>39</sup> A investidura consagra a pessoa, transforma as representações<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> BOURDIEU, P. **A Economia** (...), p. 63.

<sup>37</sup> O signo é composto por um *significante* e um *significado*. O significado é “uma representação psíquica da ‘coisa’”, enquanto que o significante é o mediador. Os signos podem ser verbais, gráficos, icônicos e gestuais. Cf: BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 39-59.

<sup>38</sup> —. **A Economia** (...), p.98.

<sup>39</sup> Idem. p.99.

<sup>40</sup> A representação social faz significar sempre alguma coisa a alguém; não é simples reprodução, mas construção da realidade que é propagada através da comunicação. Representar é “ter lugar de, estar no lugar de. Neste sentido, a representação é a representação mental de qualquer coisa: objeto, pessoa, acontecimento material ou psíquico, idéia, etc. A representação se assemelha ao símbolo, ao signo. Com eles, ela remete a outra coisa. Não existe representação social que não seja um objeto, mítico ou imaginário.” JODELET,

que as outras pessoas passam a ter dela e as representações que ela faz de si mesma, bem como o tipo de comportamento que deve envolvê-la.

O indivíduo, após o rito de instituição, passa a ter uma nova identidade, que definirá seus privilégios, deveres e funções. A investidura é uma espécie de iniciação, que reconhece ter o porta-voz passado pela aprendizagem necessária para deter a autoridade da palavra, a capacidade lingüística, assim como possuir os saberes e as habilidades indispensáveis para exercer seus atributos. Dentre elas está a aptidão da retórica<sup>41</sup>, necessária tanto na relação entre os profissionais quanto no relacionamento com os leigos.

A importância do rito de instituição está, principalmente, nas fronteiras que ele demarca, impedindo a circulação livre dos indivíduos: aqueles que estão dentro, não as podem ultrapassar, sendo continuamente desestimulados a fazê-lo. No caso da medicina, a investidura é feita no momento em que o estudante consegue concluir o curso. Todas as expectativas e princípios da instituição estão representados em seu diploma, e em nome dele o formando está habilitado a exercer as funções de médico.

Além do ato da investidura que consagra e revela a aptidão do indivíduo em exercer a medicina, outros ritos o acompanham durante o exercício de sua profissão. Assim como o padre<sup>42</sup>, que para ter crédito precisa portar uma série de aparatos e realizar toda uma ritualística que o identifique, o médico deve proceder de maneira que o público possa reconhecer nele os atributos necessários de quem pratica a arte de curar. Deste modo, levar guarda-pó branco, estetoscópio, bem como utilizar uma linguagem específica, são símbolos do médico. Além de portar estes sinais que o caracterizam, espera-se que o profissional da

---

Denise. *Représentations Sociales: phénomènes, concept et théorie*. In: MOSCOVICI, Serge (dir.). **Psychologie Sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p. 361.

<sup>41</sup> BOURDIEU, P. **O Poder** (...), p. 169.

<sup>42</sup> \_\_\_\_\_. **A Economia** (...), p.85-96.

medicina cumpra o ritual que lhe convém: ouvir o paciente, reconhecer a doença e prescrever um medicamento<sup>43</sup>.

Outro momento que caracteriza a oficialização de um porta-voz e que se constitui um ato de instituição é a passagem do implícito para o explícito<sup>44</sup>. A manifestação pública de um porta-voz oficializa seus atributos, e é particularmente observável no momento dos debates entre alopatas e homeopatas, e nas expectativas lançadas por cada grupo através de seus porta-vozes.

O discurso emitido pelo porta-voz é, freqüentemente, acompanhado por rituais. Os rituais assim como o discurso, não precisam ser necessariamente compreendidos (muitas vezes o desconhecimento é o princípio da autoridade), mas devem ser reconhecidos pelos destinatários do discurso. A autoridade do discurso depende da colaboração de sua platéia; esta deve ser cúmplice do porta-voz, para que ritual e discurso sejam reconhecidos como legítimos.

O poder das palavras está na crença em sua legitimidade e na de quem as pronuncia, e esta crença não é de competência delas<sup>45</sup>. É preciso que os destinatários do discurso se reconheçam nele<sup>46</sup>. No caso do discurso homeopático, existe um elemento sedutor próprio: o fato dos pacientes que procuram este sistema médico serem caracterizados como seres singulares e integrais. A doutrina hahnemanniana evidencia as peculiaridades de cada doente para a escolha da terapêutica, e não propriamente a doença. Num momento em que as pessoas estão diluídas na multidão e no anonimato<sup>47</sup>, contar com um sistema médico que lhes reconheça a identidade, torna-se particularmente atraente. Por

---

<sup>43</sup> LEFÉVRE, F. **O Medicamento como Mercadoria Simbólica**. São Paulo : Cortez, 1991.

<sup>44</sup> Idem, p. 165.

<sup>45</sup> BOURDIEU, P. **O Poder** (...), p. 14-15.

<sup>46</sup> Idem, p. 187.

<sup>47</sup> Para maiores detalhes sobre estas e outras características da modernidade, ver: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**; magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

outro lado, a representação da doença como algo externo ao doente, oferecida pela medicina oficial, o exime de qualquer “culpa” por seu estado: esta característica do discurso alopático o torna mais aceitável, sendo a ela atribuída sua popularidade<sup>48</sup>.

A crença maior é aquela operada nos indivíduos consagrados pelo ato de instituição: ele faz com que esses indivíduos acreditem que possuem um motivo para existir. Isso é bem perceptível na medicina, que estabelece uma missão para seus agentes, variando de acordo com o contexto, mas se resume na cura da humanidade.

Nem sempre um grupo possui homogeneidade em seu discurso. Paralelamente às disputas externas, ocorrem lutas internas, originárias de idéias concorrentes. Bourdieu<sup>49</sup> coloca que, em relação ao campo político, as idéias que vencem são aquelas que refletem perspectivas exteriores ao grupo. Mas, no campo científico e artístico, “invocar profanos” tende a desacreditar o discurso. Para encontrar respaldo de verdade, o discurso científico não pode ter como base idéias leigas. Daí o esforço em embasar, por meio da citação de inúmeros autores, o discurso que se quer colocar como científico: isto é particularmente perceptível em relação à medicina, seja alopática ou homeopática.

As lutas internas dos grupos podem se caracterizar de diversas maneiras, mas as mais constantes<sup>50</sup> são aquelas entre grupos que buscam um retorno às origens do pensamento que embasam a instituição, e aqueles que, em busca de alargamento do público, admitem concessões. Dentro do pensamento homeopático, uma das principais disputas internas ocorre em torno da terapêutica, onde um grupo defende o uso de um único medicamento para cada caso, reivindicando para si a fidelidade às idéias de Hahnemann. Este grupo, conhecido como unicistas, é combatido por outro, os pluralistas que apregoam,

---

<sup>48</sup> LAPLATINE, F. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<sup>49</sup> BOURDIEU, P. **O Poder** (...), p. 183-84.

<sup>50</sup> Idem.

para a mesma situação, o uso de mais de um medicamento, justificando seu discurso no “progresso” da homeopatia.

A possibilidade de tomar o discurso médico como objeto do estudo da história, num enfoque não tradicional, não é algo inédito. Vários intelectuais brasileiros buscaram outras perspectivas para analisar o papel social da medicina no Brasil<sup>51</sup>. Foi tendo como referência Michel Foucault - em especial em *O Nascimento da Clínica, Microfísica do Poder e História da Loucura* - que se produziu um conhecimento rompendo com a história linear feita com base na idéia de “evolução”, “progresso” da medicina e, em especial, da técnica médica. Aqui, vale a pena ressaltar como Foucault irá abordar a medicina e acompanhar, então, como esta foi trabalhada por alguns intelectuais brasileiros, em especial nas décadas 1970 e 1980<sup>52</sup>.

Em *O Nascimento da Clínica*, Foucault busca compreender as transformações ocorridas na medicina durante a transição do século XVIII para o XIX. Sua análise se baseia não no que muda conceitualmente neste saber, mas no que se concentra nos níveis espacial e verbal, onde as transformações mais importantes realmente ocorrerão. Diante disso, o filósofo demonstra como a medicina do início do século XIX irá reelaborar, através do olhar e da linguagem, seus conceitos e práticas: o olhar será capaz de receber a verdade, de proporcionar o acesso ao objeto que será alvo do discurso científico. Através do que

---

<sup>51</sup> No presente trabalho, serão analisados, como representantes da abordagem foucaultiana em história da medicina, as obras de Roberto Machado, *Danação da Norma*; de Jurandir Freire Costa, *Ordem Médica e Norma Familiar*; de Magali Engel, *Meretrizes e Doutores*; de Margareth Rago, *Do Cabaré ao Lar*; e de Maria Clementina Cunha, *O Espelho do Mundo*

<sup>52</sup> Margareth Rago aborda com maestria a utilização da teoria foucaultiana em obras sobre história da atuação dos médicos no Brasil, feitas inicialmente pelo filósofo Roberto Machado em *Danação da Norma*, e pelo psiquiatra Jurandir Freire Costa, em *Ordem Médica e Norma Familiar*. Ver: RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, a. 7, n. 1/2, p. 67-82, out. 1995.

Foucault denomina de princípio do discurso da clínica<sup>53</sup>, temos no diálogo entre médico e paciente o exemplo maior dessa transformação: a questão “o que é que você tem ?” é substituída por “onde lhe dói ?”.

Ao modo de encarar a mudança do saber médico soma-se a proposta de abordagem da própria medicina na sociedade: um dos múltiplos poderes existentes, que atuam dispensando o direito e a violência, e que tem como função uma ação disciplinadora. Diferentemente da “história geral da medicina” considerada tradicional escritas pelos “médicos historiadores”, a abordagem de Michel Foucault privilegia suas “descontinuidades”; suas transformações não são interpretadas como passos evolutivos, mas como relações de poder exercidas socialmente por ela.

A proposta foucaultiana recebeu a adesão de vários pensadores brasileiros. O marco dessas análises é a obra *Danação da Norma* de Roberto Machado, Angela Loureiro, Rogério Luz e Kátia Muricy. O livro se propõe a compreender a medicina social e a psiquiatria no momento em que ambas surgem no Brasil, enfocando-as como saberes que são dotados de poder social<sup>54</sup>. Os autores manifestam seu interesse em analisar o nascimento da medicina no Brasil como alavanca para discutir a atuação deste saber no presente, considerando-a, assim como Michel Foucault, uma das instituições componentes da “rede de poderes” presentes no cotidiano dos indivíduos. A obra de Roberto Machado e seus companheiros constitui referência importante para outros estudos desenvolvidos no gênero.

---

<sup>53</sup> FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994. p XVII/XVIII.

<sup>54</sup> MACHADO, R. et alii. **Danação da Norma**; medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p.11.

Assim como os autores de *Danação da Norma*, Jurandir Freire Costa irá compreender a medicina, ou melhor, o galgar deste saber a patamares cada vez mais altos na sociedade, como uma das instituições responsáveis pela transformação da família durante o Brasil Imperial.

O autor de *Ordem Médica e Norma Familiar* acompanha como os hábitos e práticas da família colonial irão se modificar após a vinda da Corte portuguesa em 1808, ocasião em que os costumes sociais irão sofrer profundas transformações, afetando a família brasileira, em especial das classes mais abastadas. Um dos personagens responsáveis por assistir e estimular a família em seu novo papel foi o médico, ganhando espaço e poder na sociedade na medida em que constrói sua necessidade junto aos componentes da família: seu fortalecimento pode ser acompanhado pela expansão das associações de categoria e das instituições de ensino médico.

O poder do médico, no entanto, não se dá através de aparatos punitivos, mas através da *norma*<sup>55</sup>, conceito foucaultiano para exprimir as práticas que agem à margem da lei e que utilizam formas de dominação específicas. Uma das estratégias de controle da família utilizada pelos médicos higienistas era estabelecer interesses e papéis distintos ao homem, à mulher e à criança componentes da família. Neste ato, a medicina procurou construir modelos definidos para o comportamento de todos estes personagens estabelecendo, da mesma maneira, os “anti-modelos”.

Um desses “anti-modelos” é a prostituta, objeto do livro de Magali Engel, intitulado *Meretrizes e Doutores; saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Engel tem como objetivo analisar os discursos sobre a prostituição produzidos pelos médicos no Rio de Janeiro, detectando o projeto destes de normatizar os comportamentos

---

<sup>55</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.50.

sexuais e afetivos, tendo como referência os padrões burgueses<sup>56</sup> a fim de intervir no cotidiano caótico das cidades. A prostituição – vista como um dos elementos deste caos – foi alvo dos médicos que tinham como objetivo a ordenação do espaço urbano. Para tanto, tomaram o comportamento sexual como objeto da ciência médica, definindo a prostituição como doença física, moral e social. Tanto Jurandir Freire Costa quanto Magali Engel afirmam a função da história como um instrumento de análise do momento presente: utilizam-na com o fim de compreender a constituição da família moderna ou da definição de comportamentos sexuais.

Outros foram os alvos da medicina ao longo dos tempos, e muitos foram os fatores que continuaram a influenciar na função social do médico. O crescimento das cidades, a passagem do trabalho escravo para o livre, a industrialização e a imigração marcaram o perfil da sociedade brasileira em fins do século XIX e início do nosso século. A medicina, socialmente fortalecida enquanto poder, infiltrava-se nas fábricas, estabelecendo regras de conduta ao operário, tanto em seu ambiente de trabalho quanto em seu cotidiano. Margareth Rago, em *Do Cabaré ao Lar; a utopia da cidade disciplinar*, inspirada em Thompson e Foucault<sup>57</sup>, procura mostrar como se deu essa disciplinalização e como os médicos foram um dos agentes da mesma.

A ação normatizadora junto ao trabalho – transformando o ambiente das fábricas, a rotina de trabalho, impondo sistemas de identificação – e junto à família do operário – estabelecendo os papéis da criança e da mulher, constituindo formas de lazer e moradia – contou com os médicos, que lhe deram roupagem científica e buscaram, através dessas

---

<sup>56</sup> ENGEL, M. **Meretrizes e Doutores**; saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989. p.11/12.

<sup>57</sup> RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar; Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.II.



estratégias, dissolver resistências ao mundo do trabalho e inculcar padrões de vida burgueses no meio operário.

Num momento em que o trabalho mede o grau de inserção social dos indivíduos, onde se inseriam aqueles que estavam à margem desse mundo e que quebravam os modelos estabelecidos ? O hospício foi um dos locais de reclusão dos indesejados pelo sistema e a loucura, justificativa científica para tal ato. Maria Clementina Pereira Cunha considera tal prerrogativa ao analisar o surgimento do hospício Juquery em fins do século XIX em *O Espelho do Mundo - Juquery, história de um asilo*. Através da trajetória do hospício até os anos 30 do século XIX, Maria Clementina analisa o asilo psiquiátrico e o alienismo do final do século XIX<sup>58</sup>. É nesse espaço, segundo a autora, que se torna possível vislumbrar não mais apenas a “fala da ciência”, mas sua realização prática.

Outra obra preocupada com a atuação médica no Brasil, mas que não adota a influência foucaultiana, é *O Espetáculo das Raças*, de Lilia Moritz Schwarz. Lilia procura analisar as teorias nacionais que pretendiam explicar o povo brasileiro, de 1870 à 1930. Menos interessada em abordar uma possível normatização realizada pela medicina, a autora realiza uma “história das idéias” ao mapear os vários conceitos e modelos construídos a respeito da raça brasileira.

Dentre os produtores destes conceitos, Lilia Schwarz situa a medicina e explica como seu discurso irá diferir nos grandes centros de ensino deste saber. Duas instituições se destacam no final do século passado, com diferentes preocupações: a Faculdade de Medicina da Bahia, voltada para a medicina legal e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, preocupada com a descoberta e a eliminação de doenças tropicais. Os diversos

---

<sup>58</sup> CUNHA, M. C. P. **O Espelho do Mundo**; Juquery, a história de um asilo. São Paulo: Paz e Terra, 1986. p.15 e 16.

interesses revelavam discursos heterogêneos sobre a doença e o doente, colocando em evidência que o discurso médico não pode ser tomado como algo homogêneo. Percebe-se, neste caminhar sobre a historiografia relacionada à medicina no Brasil, que os estudos posteriores à influência foucaultiana se preocuparam em ressaltar a atuação médica e sua repercussão na sociedade e sua repercussão na mesma.

No entanto, a historiografia sobre a medicina recebeu, também, o impacto da história do imaginário e das mentalidades, provenientes da Nova História. As preocupações com a medicina enquanto objeto de estudo se deslocam da apologia à mesma para o interesse em percebê-la como saber e prática que atuam na sociedade, influenciando e sendo influenciada pelo imaginário social. Os historiadores que seguiram a linha foucaultiana de análise da medicina certamente se beneficiaram das novas abordagens e interesses da Nova História mas, por certo, suas preocupações eram outras, como já vimos.

Recentemente, duas obras lançadas podem servir como exemplos das abordagens contemporâneas, que têm como foco as atuações da medicina na sociedade. Tratam-se dos trabalhos de Sidney Chalhoub e Márcia Moisés Ribeiro. Em *Cidade Febril*, Chalhoub busca novas interpretações para a resistência à vacinação antivariólica que eclodiu no movimento ocorrido no Rio de Janeiro em novembro de 1904, mais conhecido como a “Revolta da Vacina”. Contestando algumas interpretações já produzidas sobre o assunto<sup>59</sup>, o autor busca em outras experiências anteriores com a vacinação na Corte e nas “concepções africanas e afrobrasileiras sobre doença e cura”<sup>60</sup> elementos para compreender a resistência popular à vacinação.

---

<sup>59</sup> CHALHOUB, S. **Cidade Febril**; cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.97-102.

<sup>60</sup> Idem

Embora este seja o ponto alto de seu trabalho, Sidney Chalhoub tece também outras considerações importantes para se compreender as intervenções médicas no Brasil Imperial. Podemos vislumbrar através das palavras de Chalhoub como as autoridades médicas, munidas das teorias médicas em voga, traçavam meios de intervenção na organização das cidades em prol da conquista da “civilização”. Esta intenção civilizatória previa tornar as “classes perigosas” - as classes pobres, tidas como focos patológicos - menos perigosa para o restante da população urbana, intenção que se concretiza no exemplo da destruição dos cortiços.

Num momento em que o trabalho escravo estava sendo substituído pelo assalariado e que os primeiros imigrantes europeus chegavam de maneira maciça, o embranquecimento brasileiro - contido no conceito de civilidade - foi prioridade a medida em que se dava preferência ao combate a determinadas doenças em detrimento de outras. É o caso, segundo Chalhoub, da febre amarela, que grassava principalmente entre os imigrantes e poupava - devido à uma resistência orgânica - o elemento negro. Através da *Cidade Febril* é possível compreender como as autoridades, tendo como aliados os médicos higienistas, com a intenção de “intervir cientificamente” eram brutalmente parciais.

Márcia Moisés Ribeiro, em *A Ciência dos Trópicos - a arte médica no Brasil do século XVIII*, parte da História das Mentalidades. Márcia Ribeiro propõe analisar um período ainda pouco explorado na história da medicina: o século XVIII. A autora de *A Ciência dos Trópicos* considera o contexto no qual o saber médico se encontrava na Colônia: a falta de físicos e cirurgiões facilitou a propagação de outras concepções de cura distantes da ciência médica. Esse distanciamento, no entanto, mostrou-se relativo, já que a medicina erudita permaneceu muito próxima do saber popular sobre cura, apesar das inúmeras tentativas da primeira em ressaltar as diferenças entre “ciência” e “magia”.

Márcia Moisés Ribeiro privilegia um momento em que a ciência médica já tornava seus contornos mais definidos, e, no entanto, não deixava de influenciar e ser influenciada pelo saber popular, num movimento de circularidade cultural<sup>61</sup>.

Não só a medicina oficial foi alvo da atenção da história. Todas as vezes em que se fala da medicina oficial, percebe-se a forte preocupação desta em combater outras práticas e saberes terapêuticos que não estivessem sob seus parâmetros. Geralmente consideradas como “populares” e “leigas”, essas práticas também foram abordadas pela historiografia, mesmo que de maneira indireta<sup>62</sup>. Além destas práticas ditas “populares” – construídas e difundidas de maneira mais espontânea na sociedade a medicina oficial encontrou, pelo seu caminho, uma rival nem um pouco tímida ou “leiga” que pretendeu roubar-lhe o “trono” da ciência médica: a medicina homeopática.

No início desta introdução, mostrou-se como a história foi utilizada para legitimar e perpetuar a memória da biomedicina. Os médicos adeptos da homeopatia tiveram, igualmente, o mesmo cuidado em registrar a história, através de artigos publicados nos principais periódicos especializados. Uma das maiores obras mais significativas sobre o assunto<sup>63</sup>, foi a tese escrita por um médico homeopata *Historia da Homeopathia no Brasil*, apresentada no *Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia* em 1928, pelo Dr. José Emygdio Rodrigues Galhardo.

---

<sup>61</sup> Sobre esta idéia, consultar: BAKHTIN, M. M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**; o contexto de François Rabelais. S.P. Hucitec, 1993.

<sup>62</sup> Uma obra específica sobre as práticas populares de cura é tese de WEBER, B. T. **As Artes de Curar**: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense - 1889/1928. São Paulo: UNICAMP, 1997. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho), UNICAMP, 1997.

<sup>63</sup> A obra de José Galhardo não possui, entretanto, as mesmas noções de história que norteiam os historiadores atuais.

Em sua tese, Galhardo expressa preocupações partilhadas também pelos médicos que a comentam. No parecer emitido pela comissão responsável<sup>64</sup> pela análise da tese, os companheiros de Galhardo ressaltam pontos importantes, dentre eles o fato de algumas personalidades políticas - como, no caso, José Bonifácio de Andrade e Silva - terem sido partidários da homeopatia<sup>65</sup>. Exaltar personagens ilustres e “conversões”<sup>66</sup> feitas pela homeopatia são aspectos considerados de maior relevância na história da homeopatia, uma vez que contribuíam para ressaltar a importância e a validade da “arte de Hahnemann”.

A busca da homeopatia em se firmar como ciência médica, revela-se também, pelo uso que os médicos fazem da história. Novamente os pareceristas da tese elogiam o autor por fazer seu trabalho *com rara competencia e honestidade, não omitindo factos, não falseando a verdade, citando prós e contras, como verdadeiro historiador imparcial*.<sup>67</sup> A “neutralidade”, aliada à preocupação com fatos e datas documentados proporcionaria ao estudioso da história da medicina homeopática a oportunidade de esclarecer e corrigir eventuais erros, concedendo à homeopatia - ou, ao menos, a sua memória - o estatuto de verdade.

Utilizando uma concepção factual e evolutiva, Galhardo resalta ainda a importância do estudo da história da homeopatia como meio de *prever a marcha de sua evolução e determinar o aureo futuro que lhe reserva o progresso*<sup>68</sup>. A história se revela, ainda, como garantia de um final vitorioso que justificaria as várias lutas empreendidas pela medicina homeopática na conquista de um lugar ao sol da ciência.

---

<sup>64</sup> Composta pelos Drs. Alvaro Antonio Gomes, Sabino Theodoro e Poitier Junior.

<sup>65</sup> GALHARDO, J. E. R. (org.) **Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia**. Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928. p.257.

<sup>66</sup> Ver a primeira parte do terceiro capítulo desta tese.

<sup>67</sup> Idem, p.259.

<sup>68</sup> Ibidem, p.267.

O interesse pela história da medicina homeopática também figurou, muito recentemente, entre os cientistas sociais, médicos e historiadores, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Inserindo-se no primeiro grupo, temos o importante trabalho de Madel Therezinha Luz, *Natural, Racional, Social - razão médica e racionalidade científica moderna*. Inspirada em Michel Foucault e George Canguilhem, Madel Luz acompanha a construção do que ela denomina de *racionalidade científica moderna*<sup>69</sup> e seu desenvolvimento nos últimos três séculos. Para efetuar a análise da transformação e do contexto social desta racionalidade, a autora de *Natural, Racional, Social* acompanha a trajetória de duas disciplinas, a medicina e a sociologia, como produtos de razão científica moderna.

Centrando especial atenção na medicina, Madel Luz a mostra como disciplina construída pela racionalidade moderna, que busca a elaboração de *teorias explicativas*<sup>70</sup> de modo a expor enunciados com estatuto de verdade. Além de explicar, as teorias científicas queriam prever e antecipar a ação dos objetos sobre os quais elas lançam sua atenção. Como disciplina racional, a medicina irá teorizar sobre os atos humanos inseridos nas esferas da saúde e da doença, norteando-se através de categorias dicotômicas como normalidade e patologia, equilíbrio e desvio. Através de suas teorias, que contém o estatuto de verdade, visto que são científicas, a medicina interfere e normatiza as relações sociais.

Ao mesmo tempo em que a racionalidade moderna cria, no século XVIII, as disciplinas científicas, ela constrói mecanismos de exclusão de discursos que não se enquadram em seus padrões. Academias e Escolas das Universidades européias, no final do

---

<sup>69</sup> LUZ, M. T. **Natural, Racional, Social**; razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p.VIII.

<sup>70</sup> Idem, p.4

século XVIII, tinham este atributo legitimador<sup>71</sup>, dando o poder da verdade apenas aos discursos enquadrados no paradigma científico vigente. Uma das teorias que se afastou deste paradigma foi o vitalismo<sup>72</sup>, nascido no final do século XVIII e início do século XIX, da qual a homeopatia faz parte.

Madel Luz irá apresentar a homeopatia participando do contexto dos séculos XVIII e XIX, explicando sua estruturação através de Hahnemann e estabelecendo seus mais importantes princípios, comparando-os com os da medicina oficial. Luz aborda, ainda, o processo de implantação da homeopatia no Brasil, mostrando como ela irá lançar mão de estratégias de legitimação que irão se distanciar do racionalismo científico. Mais tarde, aprofundando seu estudo sobre o tema, publica *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças*<sup>73</sup>, onde estabelece as principais características da medicina homeopática e suas estratégias de legitimação, nos diferentes períodos que atravessa, da sua introdução no Brasil até a década de 1990.

Um ano depois do lançamento de *Natural, Racional, Social*, Ricardo Lafetá Novaes publica sua tese de doutoramento em medicina preventiva intitulada *O Tempo e a Ordem: sobre a homeopatia*. Novaes discute o que entende por *fato homeopático*<sup>74</sup>, analisando a homeopatia não como uma teoria, mas como doutrina. Para tanto, ele elabora seu estudo de modo a explicar o surgimento da medicina desde a antiguidade até o século XIX, momento em que a homeopatia é estruturada. Da mesma forma, descreve a vida de Hahnemann bem como o contexto em que vive, a teoria e doutrina que cria, seus seguidores e dissidentes,

---

<sup>71</sup> Idem, .120.

<sup>72</sup> Além da homeopatia, as teorias magnetistas ou mesmeristas e as animistas (de onde a teoria miasmática deriva) também faziam parte desta teoria. O vitalismo será abordado com maior profundidade no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>73</sup> LUZ, M. *A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças*. História Social da Homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis, 1996.

<sup>74</sup> NOVAES, R. L. *O Tempo e a Ordem*: sobre a homeopatia.

terminando seu discurso com a análise da medicina homeopática no Brasil, desde sua implantação no país até sua situação atual.

Temos, como exemplo de uma abordagem feita por um historiador ao assunto, Cláudio Bertolli Filho, que escreve alguns textos sobre a homeopatia, dentre eles *Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social*.<sup>75</sup> Este texto é, segundo o autor, parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida por ele sobre a história social da homeopatia, que pretende extrapolar o mero encadeamento de fatos. Seu objetivo é discutir a história da homeopatia a fim de contribuir para a prática médica contemporânea.

Bertolli Filho explora a interrelação de doutrina médica e prática religiosa, ou seja, da ligação existente entre homeopatia e espiritismo que se inicia no final do século passado e, segundo o autor de *Homeopatia e Espiritismo*, permanece no imaginário brasileiro até os dias de hoje. Ele ressalta que a teoria hahnemanniana e, em especial, a idéia de força vital<sup>76</sup> proporcionou a aproximação da homeopatia com outras concepções religiosas, por não ter sido explicada através dos parâmetros racionais. Isto foi uma barreira para que ele fosse aceita como ciência.

No Brasil, a homeopatia foi alvo de críticas, principalmente por parte da medicina oficial. Um dos principais difusores da homeopatia no país e considerado seu introdutor, Benoit Mure ficou rapidamente conhecido no Rio de Janeiro do século XIX por suas “curas maravilhosas”. Juntamente com João Vicente Martins, cirurgião ocultista que também se alia à homeopatia, Mure realiza uma série de “conversões” para a doutrina hahnemanniana,

---

<sup>75</sup> BERTOLLI FILHO, C. Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social. In: **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v.55, n.3, p. 72-8, jul/set.1990. .

<sup>76</sup> Médico alemão, Hahnemann (1755-1843), foi o estruturador da homeopatia. Entre outros princípios pertencentes à teoria - que serão explorados nos capítulos dessa tese - está a força vital, princípio energético existente em cada indivíduo, e que, se em desequilíbrio, favorece o adoecimento.



que são intensamente impregnadas pelo imaginário religioso<sup>77</sup>. A principal delas foi a do médico Mello Moraes, que se tornaria um dos maiores colaboradores da propaganda homeopática.

A fusão entre homeopatia e espiritismo se tornou efetivamente possível com a vinda de Allan Kardec para o Brasil em 1860. Kardec incorporou a homeopatia como meio de cura espiritual, conquistando muitos adeptos ao espiritismo. Para isso, os kardecistas fizeram uma releitura da teoria hahnemanniana, aproximando as concepções de força vital com a de perispírito<sup>78</sup>, propondo também “incorporações” de Hahnemann e Mure em médiuns. Segundo Cláudio Bertolli Filho, no final do século passado, os médiuns eram os principais responsáveis em receitar medicamentos homeopáticos, sendo que a população preferia os médiuns aos médicos homeopatas.

A aproximação do espiritismo com a homeopatia, que já possuía sua doutrina ligada ao imaginário místico, fazia com que a sociedade cobrasse um comportamento dos médicos homeopatas coerente com o espiritismo. A fusão entre espiritismo e homeopatia também favoreceu a esta última, que obteve, nesse período, muitas adesões.

O perfil da fusão entre homeopatia e espiritismo começa a se modificar no início do século XX, quando os homeopatas se aproximam mais da ciência positiva. Na década de 1930, período central da pesquisa de Bertolli Filho, a tentativa de distanciamento do espiritismo por parte dos homeopatas torna-se ainda mais evidente. O pico deste processo é a formação da Liga Homeopática do Brasil que se reúne em 1933 num ciclo de conferências.

---

<sup>77</sup> No momento da introdução da homeopatia no Brasil, o imaginário religioso que a influencia é o católico.

<sup>78</sup> Segundo os kardecistas é o corpo fluídico dos espíritos.

Nesta ocasião, o homeopata José Emygdio Rodrigues Galhardo, o autor da *História da Homeopathia no Brasil*, já citada nessa introdução, realiza uma conferência intitulada *Por que o Povo Julga Serem Espíritas os Homeopatas*. Galhardo afirma ser equivocada a associação entre homeopatia e espiritismo, considerando a força vital como um fenômeno físico possível de mensuração no futuro. Ele destaca que a doutrina hahnemanniana pode ser considerada como ciência positiva, destituída de adjetivos místicos. Arrematando esse quadro, procura desqualificar os médiuns e o espiritismo, retratando exemplarmente a tendência da homeopatia em dele se afastar.

Estudos sobre a homeopatia, como os encaminhados por Madel Luz e Cláudio Bertolli Filho, revelam que história desta medicina no Brasil é a história de suas estratégias de legitimação<sup>79</sup>. Dentro desta perspectiva, a presente tese irá analisar os primeiros anos do século XX como um momento peculiar da medicina de Hahnemann na produção de discursos em solo brasileiro. O primeiro capítulo apresenta os princípios básicos da teoria hahnemanniana, segundo o discurso dos médicos homeopatas do período em questão. Percebe-se uma reestruturação dos conceitos de força vital, saúde, doença, e terapêutica, de maneira a atender às necessidades de legitimação da homeopatia.

O saber homeopático sobre doença e cura encontra seu agente legitimador no positivismo brasileiro do início do século. O Positivismo, introduzido no Brasil no século XIX, tomou várias vertentes. As que mais se destacaram foram a interpretação adotada por Luiz Pereira Barreto e a defendida pelo Apostolado Positivista do Brasil<sup>80</sup>. Assim como os princípios positivistas eram utilizados para referendar outros discursos, como o da medicina

---

<sup>79</sup> Cf: LUZ, M. **Homeopatia e Ciências**. Curso de Extensão Universitária promovido pela Associação Médica Homeopática Brasileira, Associação Médica Homeopática do Paraná, Depto de Saúde Comunitária/UFPR. Curitiba, 06 maio 1993.

<sup>80</sup> As linhas positivistas, seus principais pontos de divergência e convergência, bem como os princípios fundamentais da doutrina comtiana serão tratados com maior profundidade no primeiro capítulo desta tese.

alopática, eles foram empregados de modo a provar o estatuto científico que a medicina homeopática dizia possuir. Embora houvesse um diálogo, até mesmo direto, de alguns homeopatas com Luiz Pereira Barreto e os diretores do Apostolado Positivista, a medicina hahnemanniana vai também moldar, de acordo com suas necessidades, as idéias de Comte relativas à sociedade mas, de modo mais preciso, aquelas referentes à biologia.

Uma vez que, nesta primeira parte do trabalho, o discurso médico abordado é aquele que circula entre os próprios homeopatas, isto é, é produzido e partilhado por eles, as principais fontes utilizadas são os textos publicados nos periódicos médicos. Dentre os existentes no período, serão analisados os artigos dos *Annaes de Medicina Homœopathica*, órgão veiculador de idéias do Instituto Hahnemanniano do Brasil, e a *Revista Homœopatica do Paraná*, fundada pelo Dr. Nilo Cairo em 1906, e que toma um âmbito mais nacional em 1908, quando se transforma na *Revista Homœopática Brasileira*. Também foram analisadas obras e teses de homeopatas, como a tese inaugural *Similia Similibus Curantur*, também do Dr. Cairo.

O segundo capítulo trata de um aspecto muito importante do discurso homeopático: seu conflito com o discurso que pretendia anular. Medicina oficial e teoria hahnemanniana realizam um embate, de onde apenas uma delas deveria sair portadora da verdade. Para compreender as divergências e fundamentos de ambos os discursos, a primeira parte deste capítulo estabelece, de acordo com a fala dos próprios alopatas, as principais diretrizes da medicina oficial<sup>81</sup> neste período: a concepção pasteuriana de doença, que impregnava este discurso, a importância dada para a doença em si e não para o indivíduo doente, a medicação utilizada como “arma de combate”, a valorização das especialidades e da tecnologia na terapêutica oficial.

---

<sup>81</sup> Os princípios norteadores da medicina homeopática foram tratados no primeiro capítulo.

Igualmente presente na fala dos médicos oficiais, estava a crítica à medicina homeopática. Para ela se dirigiam as tentativas de desqualificação enquanto ciência: desde o seu nascimento, a medicina oficial procurava dizimar qualquer saber adversário sobre doença e cura, que não obedecesse aos seus princípios. Deste modo, o conflito entre a medicina de Hahnemann e aquela que ele denominava de “alopática” é algo marcante na busca de legitimação da homeopatia.

No debate entre alopatas e homeopatas, um elemento, característico da doutrina positivista, aparece como bandeira destes últimos: a defesa da liberdade profissional e da liberdade de escolha de tratamento médico. Este é o tema do segundo item do segundo capítulo, onde se escolheu um momento específico para abordá-lo, que é a vacinação obrigatória de 1904. O assunto, largamente explorado pela historiografia brasileira, é aqui tratado segundo a visão dos médicos homeopatas, como modo de compreender a questão da liberdade para estes.

Por abranger o debate entre os discursos homeopata e alopata, o segundo capítulo conta como fontes principais os periódicos de ambas as vertentes médicas. Deste modo, novamente os *Annaes de Medicina Homœopathica*, a *Revista Homœopathica do Paraná* e a *Revista Homœopathica Brasileira* serão os periódicos homeopáticos escolhidos, enquanto que o *Brazil-Médico*, periódico médico oficial do Rio de Janeiro, conterà, para este capítulo, o material necessário para acompanhar as críticas dos alopatas endereçadas aos homeopatas. O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, também é utilizado na abordagem sobre a vacinação obrigatória de 1904.

O terceiro capítulo aborda os discursos produzidos pelos homeopatas tendo, como destinatários, o público leigo. Em sua construção, um dos elementos mais valorizados foi o fato de, tanto a alopatia quanto a homeopatia, pertencerem à medicina. Esta área comum,

partilhada pelas vertentes médicas adversárias, é o que, paradoxalmente, proporcionou a passagem de uma para a outra. O processo pelo qual os médicos formados, pela medicina oficial, se transformavam em homeopatas era conhecido como *conversão*, e foi um dos elementos utilizados na conquista da platéia, do público leigo, por parte da medicina homeopática. A legitimação proporcionada pelo reconhecimento por parte dos leigos, era elemento importante no processo de transformação da homeopatia em medicina científica, e é o objeto de análise do terceiro capítulo do presente trabalho.

A conversão não era somente um meio de aumentar a legião de praticantes da homeopatia. Sua apresentação ao público leigo era um fator importante para a conquista de futuros pacientes. Este processo gerava, ainda, intenso debate entre alopatas e homeopatas que, exposto ao olhar público, forneciam elementos que reforçariam a aquisição de novos adeptos para a homeopatia, tanto médicos quanto leigos. Esta estratégia de conquista contava, ainda, com o discurso dirigido diretamente ao público, através de artigos ou de propagandas, tema de abordagem da segunda parte do terceiro capítulo.

Buscando acompanhar todo este processo, privilegiou-se, como fontes, os periódicos leigos. Dentre eles, o *Correio Paulistano*, de São Paulo, onde ocorriam as polêmicas em torno das conversões, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro e o *Diario da Tarde*, de Curitiba, este último como local privilegiado do discurso de Nilo Cairo. Também os periódicos homeopáticos já citados, assim como as revistas alopáticas como a *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, do Rio, e a *Gazeta Clinica*, de São Paulo serão utilizadas, uma vez que trazem o início dos debates gerados em torno das conversões, depois levados aos periódicos leigos.

O quarto e último capítulo retoma o problema da legitimação de porta-vozes da medicina homeopática, levando especial atenção ao período de 1911 à 1914, quando se

deram os debates em torno do ensino da teoria hahnemanniana e da admissão exclusiva de médicos formados nos quadros do Instituto Hahnemanniano do Brasil. Estas duas problemáticas apontam para a crescente necessidade, que viam alguns médicos homeopatas, de ter sua legitimação garantida por porta-vozes igualmente legitimados pelo saber oficial.

É neste contexto que nasce a Universidade do Paraná, em 1912, e no ano seguinte, o curso médico desta instituição. Um de seus realizadores é, justamente, o Dr. Nilo Cairo, que vai expressar as necessidades da medicina homeopática introduzindo, nos cursos de medicina e farmácia, cadeiras relativas à teoria hahnemanniana. A fim de acompanhar estes debates, ocorridos no meio médico homeopático, serão utilizados os periódicos já citados, em especial no período entre 1911-14. Também o jornal *Diario da Tarde*, os relatórios e estatutos da Universidade do Paraná, bem como algumas obras de Nilo Cairo serão consultadas, a fim de darem um suporte na compreensão da criação do curso médico daquela instituição, e das cadeiras homeopáticas lá ofertadas.

## CAPÍTULO I : Hahnemann e Comte nos jardins de Hipócrates

Hamburgo, Francfort, Magdeburgo, Varsóvia, Moscou, Petesburgo, Kronstadt, Mannheim, Estrasburgo, Nápoles, Roma, Gênova, Londres e Paris, etc., etc., ufanam-se de seguir os seus ditames. A homeopatia é o único e verdadeiro sistema médico. O próprio Hipócrates disse: *Vomitus vomitu curantur*. O que é isto, senão homeopatia ? O vitalismo é a base das melhores doutrinas médicas. Bichat, Andral, Chaussier, Thomassine, Dupuytren, o próprio Broussais foram homeopatas sem o saberem !<sup>82</sup>

### 1.1 Similia Similibus Curantur

Lábios finos sob um espesso bigode, nariz preciso, olhar longínquo e expressão séria: quem seria capaz de imaginar o que se passava pela mente daquele doutorando em medicina, que, ao portar sua beca negra e branca, posava para o fotógrafo como tantos outros ? Terá ele sentido, como outro médico, formado oito anos antes pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a solenidade do momento como algo deslumbrante em seus em seus vinte anos ?<sup>83</sup> Talvez. O médico recém-formado, porém, possuía características peculiares que o distinguiam dos vários médicos que recebiam o diploma da Faculdade de Medicina todos os anos.

O Dr. Nilo Cairo, dono do semblante que acima descrevemos, poderia ser diferenciado no meio de outros colegas pela idade ou pela experiência que já havia acumulado. Em 1904, data do término de seu curso de medicina, contava então com trinta anos de idade e já havia entrado na Escola Militar e obtido o título de bacharel em ciências

<sup>82</sup> Fala do personagem *Miléssimo*, médico homeopata, na cena IX de: PENA, M. Os três médicos. In: \_\_\_\_\_ . **Comédias**. Rio de Janeiro : Ediouro, s.d. p. 161.

<sup>83</sup> PEREIRA, M. Colação do grau aos novos doutores em medicina e aos novos cirurgiões dentistas. **Brazil-Médico**, Rio de Janeiro, a.28, n.04, p.35, jan.1914

físicas e matemáticas.<sup>84</sup> O que principalmente o distinguia, no entanto, não poderia ser percebido em seu físico ou nos títulos que já possuía.

Ao receber o grau de médico, é possível que Nilo Cairo tenha refletido sobre a grande conquista que havia feito obtendo o título almejado. Sentiria ele saudades da academia, dos professores, dos colegas, do curso médico ? Talvez, em alguns momentos e alguns aspectos. Mas, certamente, levava algumas mágoas do curso ao qual se referia como *calvario intellectual coroadado ao peso d'uma imensa cruz talhada nos mais acerbos desenganos*.<sup>85</sup> Das noventa e duas teses apresentadas em 1903 com o objetivo de obter o doutorado<sup>86</sup>, apenas uma versava sobre uma corrente teórica médica contrária à adotada pela Faculdade de Medicina. *Similia Similibus Curantur*, tese apresentada por Nilo Cairo, não foi aprovada para ser defendida diante do corpo docente do curso médico carioca, *por motivos que não vem ao caso referir*<sup>87</sup>. A obra, além de criticar abertamente algumas cadeiras do curso médico e seus respectivos lentes, vinha em defesa da homeopatia, teoria médica que Nilo Cairo havia tomado contato ainda nos bancos acadêmicos e que se tornara uma de suas maiores convicções.

Impedido de manifestar livremente a teoria por ele defendida, Nilo Cairo se viu obrigado a elaborar nova tese, denominada *O Pé Equino*, que lhe dá, finalmente, o grau de doutor<sup>88</sup>, após ter sido aprovada plenamente. Ao contrário da primeira tese, com 160 páginas, *O Pé Equino* resume-se à descrição da doença em 31 páginas, contando ainda com proposições sobre as cadeiras médicas, e revela a tentativa de alguém que preza o diploma

---

<sup>84</sup> CARNEIRO, D. **Nilo Cairo** (biografia). Curitiba, 1984. p.13-14.

<sup>85</sup> \_\_\_\_\_. **Similia Similibus Curantur**. Rio de Janeiro, 1903. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. p.5.

<sup>86</sup> FACULDADE de Medicina do Rio de Janeiro. **Brazil-Medico**. Rio de Janeiro, a.8, n.10, p.101-102, mar.1904.

<sup>87</sup> CAIRO, N. A bancarrota... p.245.

<sup>88</sup> Conforme o Registro de Diploma livro 68 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.



médico, apesar de contrário aos ensinamentos da academia. A busca pela legitimidade institucional no exercício da profissão médica, a busca pela investidura, faz Nilo Cairo – homem eloquente e crítico mordaz – “esquecer” suas duras palavras contra a medicina oficial e elaborar um trabalho mais aos moldes da Faculdade de Medicina. No entanto, por trás do discurso manso e adequado, o médico deixa a mensagem dos princípios que, a partir de então, irão nortear sua prática profissional, quase que realizando uma espécie de sabotagem à academia. Nas proposições sobre terapêutica, afirma:

I. Um medicamento só é curativo, quando é indicado pelo princípio *similia similibus curantur*

II. Todo medicamento indicado pelo princípio *contraria contrariis curantur* é puramente paliativo.

III. Um medicamento pôde agir de dous modos: chimicamente ou dynamicamente.<sup>89</sup>

Tanto neste trecho de “O Pé Equino” quanto em toda a tese *Similia Similibus Curantur*, Nilo Cairo expressa a máxima da filosofia homeopática: *Similia similibus curantur*, ou seja, *o semelhante cura-se através do semelhante*. Apesar de se basear num princípio hipocrático<sup>90</sup>, a máxima será desenvolvida como sistema médico no século XIX, em meio às várias teorias vitalistas anteriores a este período.

A corrente vitalista surge como uma reação ao mecanicismo cartesiano adotado pela medicina oficial do século XVIII, que propunha explicações baseadas unicamente na física e na química para esclarecer os fenômenos vitais, rejeitando a visão do corpo como uma

<sup>89</sup> CAIRO, N. **O Pé Equino**. Rio de Janeiro, 1904. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

<sup>90</sup> Tanto a máxima *Similia Similibus Curantur* quanto seu inverso, *Contraria Contrariis Curantur* foram forjadas por Hipócrates. É interessante notar que, tanto a medicina homeopática quanto a oficial (portadora do princípio dos contrários) remetem a origem de seus princípios ao “pai da medicina”.

simples máquina, como o definia o materialismo.<sup>91</sup> Um dos cientistas contrários ao mecanicismo foi Georg Stahl (1660-1734), que considerava o organismo sendo dotado de uma *anima* (ou alma), responsável pelas atividades vitais do mesmo. A *anima* teria sob sua direção tanto a constituição dos órgãos quanto os fenômenos pertencentes à vida, como a inteligência. As idéias animistas de Stahl possuíram grande aceitação na Escola de Montpellier, onde Paul Joseph Barthez (1734-1806) lecionou. Barthez, também vitalista, acreditava que a diferença entre os seres vivos e inanimados estava no fato dos primeiros serem regidos por fenômenos instáveis que tinham como objetivo manter a unidade do ser vivo.

Também pertencente ao círculo de idéias médicas emergentes no século XVIII, mas colocado em posição de inferioridade pelas escolas médicas de seu tempo, Franz Mesmer (1734-1815)<sup>92</sup> desenvolveu teorias de cura baseadas no que ele denominava de magnetismo animal. Através da hipnose ou por meio de imposição de mãos, Mesmer praticava a terapêutica que o tornou, ao mesmo tempo, famoso e criticado na sociedade parisiense. Hahnemann reconhece o mesmerismo e utiliza-o como exemplo de força curativa magnética, exercida pela força vital do “mesmerizador”<sup>93</sup>.

O pensamento de Samuel Hahnemann (1755-1843), embora partilhasse dos princípios vitalistas e antimecanicistas do século XVIII, também é considerado peculiar pelos filósofos especialistas em sua teoria<sup>94</sup>. Ele concorda que os fenômenos vitais não

---

<sup>91</sup> LYONS, A S.; PETRUCELLI, R. J. **Medicine**: an illustrated history. New York : Abrams, 1987. p. 467-474.

<sup>92</sup> Idem, p. 489.

<sup>93</sup> HAHNEMANN, S. **Organon da Arte de Curar**. 6 ed. (trad. Edméa Marturano Villela e Izao Carneiro Soares). Ribeirão Preto : Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995. p. 367-368.

<sup>94</sup> BESSA, M. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba: Aude Sapere, 1994. e REBOLLO, Regina A. Forças de ação remota e forças vitais no final do século XVIII: o caso da teoria homeopática de Samuel Hahnemann. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, s. 3, v.4, n.2, p.65-93, jul-dez. 1994.

possam ser reduzidos aos fenômenos físico-químicos, mas foge de explicações que não possam ser dadas através da observação e da experiência, criticando as várias especulações teóricas que existiam na medicina de sua época.

A teoria hahnemanniana, mesmo tendo cunho inegavelmente vitalista, possui influência do “materialismo substancial”, que se aproxima das concepções newtonianas sobre a matéria<sup>95</sup>. Esta corrente afirma que a matéria possui princípios ativos corpóreos ou incorpóreos (estes últimos traduzidos pelas forças sutis, vitais, eflúvios e forças de atração) que podem, nos processos químicos e fisiológicos, entrar em interação.

A interação ou o movimento entre os corpos, no caso dos princípios incorpóreos, não ocorre através do contato, mas pela transferência do movimento à distância, por meio de uma força intrínseca à matéria. As considerações de Hahnemann sobre a força vital e a ação dinâmica dos medicamentos articular-se-iam, então, com a teoria newtoniana de atração e repulsão da matéria. Além disso, os cuidados com a interpretação dos fenômenos através da observação de seus efeitos por meio de experimentações também seriam herança do paradigma newtoniano.

Apesar das características racionais atribuídas ao método usado por Hahnemann ao formular o sistema médico homeopático, é inegável a presença de elementos religiosos em seu discurso. Ao criticar a medicina oficial de seu tempo, por exemplo, ele retrata a elaboração da homeopatia como sendo algo divino ao afirmar: *Já era bem tempo para o sábio e benévolo Criador e Conservador dos Homens colocar um termo a tais horrores, ordenando o término de tais torturas, fazendo surgir uma arte de curar que fosse o contrário de tudo isso(...). Já era bem tempo que Ele fizesse com que a homeopatia fosse*

---

<sup>95</sup> REBOLLO, R. A. Forças (...) p. 67-68.

*descoberta*.<sup>96</sup> Ambas as características, a racional e a religiosa, abriram brechas para diferentes interpretações do discurso Hahnemanniano ao longo da história da homeopatia no Brasil.

O vitalismo homeopático<sup>97</sup>, conceituado por Hahnemann de maneira mais completa no *Organon da arte de curar*<sup>98</sup>, começou a ser forjado quando o médico alemão manifestou seu descontentamento perante a medicina praticada por seus contemporâneos. Segundo ele, esta era um conjunto de teorias que, na prática, não obtinham a cura definitiva pretendida. Além disso, causava-lhe repugnância os efeitos colaterais advindos de medicamentos tóxicos muito utilizados então, como o arsênico e o mercúrio.

Em 1790, ao analisar as propriedades da quina, ficou interessado pelo uso da substância, observando que o abuso da mesma acarretava sintomas semelhantes aos quais combatia. Fazendo uma série de experiências em si mesmo, constatou que a quina produzia a mesma febre que pretendia aniquilar, quando ministrada em indivíduos sãos. Realizou outras experiências com mercúrio e arsênico, substâncias tóxicas que exigiram diluição e sucussão. Assim, o criador da medicina homeopática descobriu que as substâncias perdiam seu efeito tóxico quando diluídas, mas continuavam capazes de provocar os sintomas das doenças as quais pretendiam curar.

O descontentamento com a medicina oficial irá mover, além de Hahnemann, outros médicos em busca de métodos de cura mais satisfatórios para eles. Na Europa e no Brasil, inúmeros serão os seguidores não só da homeopatia mas de outros sistemas de cura: a doutrina hahnemanniana irá se desenvolver no Brasil após a vinda do médico Benoît Mure,

---

<sup>96</sup> HAHNEMANN, S. **Organon**(...) p. 68-69.

<sup>97</sup> LUZ, M. **Natural, Racional, Social**; razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988 ; NOVAES, Ricardo Lafetá. **O Tempo e a Ordem**: sobre a homeopatia. São Paulo: Cortez, 1989.

<sup>98</sup> Esta obra, considerada a principal de Hahnemann, teve sua primeira edição em 1810.

em 1840, e encontrará alicerces dentre os insatisfeitos com as práticas médicas de então. A contraposição com a medicina oficial - a qual os homeopatas denominavam “alopata” - será, então, a marca de nascimento da homeopatia.

Também insatisfeito, Nilo Cairo relata, em *Similia Similibus Curantur*, o que ele esperava encontrar no curso de medicina:

“(…) eu supuz encontrar na medicina (...) um todo relativamente coordenado, um verdadeiro corpo de doutrinas inspiradas por um unico criterio e entrelaçadas de principios geraes universalmente acceitos, d’onde surgissem e se elevassem, n’um conjuncto harmonioso de noções fecundas, o conhecimento, embora tosco, da natureza humana e a arte de restabelecer, quando ella se altera, a unidade d’esta natureza.”<sup>99</sup>

Sem obter o que esperava, o médico paranaense vai relatar, na introdução de sua primeira tese, o surgimento das *mais amargas e cruéis decepções* ao vislumbrar a medicina como um conjunto de opiniões incoerentes e doutrinas contraditórias. Sem desconsiderar o crescimento da investigação na área médica, Nilo Cairo se ressentia de um princípio geral que norteasse a medicina, de um *genio philosophico*. Na verdade, ele buscava na medicina algo coerente com a filosofia positivista que tivera contato quando cursava a Escola Militar. A ligação entre homeopatia e Positivismo era intensa no início deste século, sendo adotada por muitos médicos homeopatas, como se demonstrará ainda neste capítulo.

Pretenciosa em inaugurar a “*verdadeira ciência médica*”, a homeopatia estabelece um corpo teórico distinto de outras doutrinas médicas. Num período em que a medicina oficial se baseava no racionalismo e no materialismo inspirado no método científico cartesiano, o vitalismo homeopático elege outras categorias para explicar os estados de

---

<sup>99</sup> CAIRO, N. *Similia* (...) p.6.

saúde e doença, elementos fundamentais de qualquer sistema médico. Hahnemann, o pai da medicina homeopática, explica o que é, para ele, saúde:

No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (organismo) como “Dynamis”, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência.<sup>100</sup>

A **força vital**, princípio não-material que sustenta a vida humana, responsável pelo equilíbrio orgânico que se traduz em saúde, é o elemento que explica a manutenção da saúde e, em consequência, o advento da doença para a homeopatia. Hahnemann considerava o homem como um ser composto de organismo-força vital, possuindo um espírito dotado de razão.<sup>101</sup> O organismo sem a força vital não consegue ter nenhuma atividade nem sensação, do mesmo modo que a força vital não pode ser concebida sem o organismo, por ser invisível e imaterial, ela só pode ser percebida por seus efeitos no mesmo.

O fato do princípio mais importante do sistema homeopático ser imaterial e não observável diretamente (senão por suas ações e disfunções), faz com que ele seja mais facilmente interpretado de diversas maneiras, de acordo com os interesses do grupo que reconstrói esta categoria. Em sua introdução no Brasil, a homeopatia teve sua imagem ligada ao aspecto religioso do discurso hahnemanniano. No período inicial de sua introdução (1840-1860), o caráter espiritualista da medicina homeopática estava

---

<sup>100</sup> HAHNEMANN, S. **Organon** (...) p.94.

<sup>101</sup> BESSA, M. **Filosofia** (...) p.70.

relacionado ao catolicismo, uma vez que os primeiros homeopatas apresentavam esta tendência religiosa<sup>102</sup>.

Além do apoio obtido de representantes do catolicismo, o discurso deste período revela este aspecto da doutrina: seus introdutores e divulgadores encaravam a profissão de médicos homeopatas como missão onde eles, os apóstolos, deveriam divulgar a verdadeira medicina que habitava nas palavras do mestre Hahnemann, a despeito de qualquer resistência ou perseguição. A esta postura, perceptível no discurso dos médicos homeopatas do período<sup>103</sup>, somava-se as *curas milagrosas* de casos desenganados e o auxílio gratuito aos pobres, - a *caridade* - que alimentavam o imaginário religioso da doutrina .

Podemos detectar, ainda, traços do catolicismo em outros elementos do imaginário ligado à homeopatia. Temos, por exemplo, o “Hymno á Homeopatia”<sup>104</sup>, que descreve a medicina hahnemanniana como *sciencia divina* vinda dos céus; a profissão de fé feita pelos formandos da Escola Homeopática em 1857, onde juravam *em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo*<sup>105</sup>; e ainda, o símbolo do Instituto Hahnemanniano do Brasil, mantido até os dias de hoje, onde se pode ver *um cacique sobre uma região da terra, que representa o Brasil, emponhando uma cruz, symbolo da fé propagada em todo o território brasileiro, e, finalmente, a aguia de Hahnemann dilacerando a serpente de Galeno*<sup>106</sup> .

---

<sup>102</sup> LUZ, M. **Natural** (...) p. 139. A influência do catolicismo marca mais o indício de reconstrução da teoria homeopática pelos médicos brasileiros, uma vez que Hahnemann era luterano.

<sup>103</sup> Como na carta do Dr. Benoît Mure ao Dr. Vicente Martins, traduzida em: MURE, Benoît. Doutrina da Escola do Rio de Janeiro e Patogenesia Brasileira. (trad. Francisco José de Freitas) **Revista Brasileira de Homeopatia**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.12-13. 1991.

<sup>104</sup> GALHARDO, J E. R. **Livro** (...). p. 401.

<sup>105</sup> Idem, p. 418.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 736.

Após 1860, a influência religiosa passou a ser também exercida pelo espiritismo<sup>107</sup>. Fundada por Allan Kardec, a doutrina espírita buscava inicialmente apenas a cura espiritual. Sofrendo algumas transformações por seu fundador, incorporou a homeopatia como viabilizadora da cura espiritual, conseguindo, desta forma, aumentar a legião de fiéis que freqüentavam os centros espíritas.<sup>108</sup>

Para que se efetuasse a associação entre espiritismo e homeopatia, os kardecistas fizeram uma releitura dos ensinamentos de Hahnemann e de seus discípulos, construindo uma história da homeopatia coerente com os interesses do espiritismo. Um dos movimentos neste sentido foi justamente a aproximação do conceito hahnemanniano de força vital com o de perispírito de Kardec, definido como o *corpo fluídico dos espíritos*, responsável pelo grau de adiantamento moral dos espíritos, cujo desequilíbrio causaria enfermidades no corpo físico.

A ruptura entre a homeopatia e espiritismo se consolida no início do século, principalmente com o Código Penal de 1890, que estabelecia a prática ilegal da medicina como crime e a reestruturação do Instituto Hahnemanniano do Brasil em 1900.<sup>109</sup> Estes eventos vieram acompanhados de um novo discurso homeopático, que buscava se desvencilhar dos elementos mágico-religiosos que o acompanhavam. É ainda a definição de força vital que nos fornece pistas para essa mudança de estratégia, da qual o Dr. Nilo Cairo participava.

Com o principal objetivo de divulgar a doutrina homeopática no meio médico e especialmente no meio leigo, várias obras sobre o assunto foram publicadas no início do

---

<sup>107</sup> Não há indicativo, na bibliografia que trata sobre o tema, qual teria sido a reação do catolicismo diante desta nova aliança da homeopatia, feita com o espiritismo.

<sup>108</sup> Sobre o assunto ver: BERTOLLI FILHO, C. Homeopatia e espiritismo: em torno do imaginário social. **Revista de Homeopatia**. São Paulo, v.55, n.3, p.72-78. jul / set.1990.

<sup>109</sup> BERTOLLI FILHO, Op. Cit. p75.



século XX, e é nelas que podemos ter idéia do que se concebia então por força vital. O Dr. Saturnino Soares de Meirelles, membro do Instituto Hahnemanniano e colega de Nilo Cairo, manifesta sua concepção de força vital relacionando-a com os conceitos de força e vida, afirmando que ambas as idéias estão interligadas entre si e, por sua vez, ligadas a tudo que é vivo: *nós devemos dizer que a vida é uma força e não póde ser outra cousa, e que esta força é o facto fundamental que preside as acções vitais, as quaes são os movimentos particulares pelos quaes esta força revela e manifesta a vida.*<sup>110</sup>

Outros autores relacionam ainda a força vital com a vida, expressando-a como *força de conservação da vida*<sup>111</sup> ou como *espírito, principio ou dinamismo vital, força organizadora*<sup>112</sup>, mas é o Dr. Alberto Seabra, redator, juntamente com Nilo Cairo, da Revista Homœopathica Brasileira, quem dá maiores esclarecimentos sobre a força vital, contrapondo-a à noção de homem da medicina oficial. Seabra afirma que a *escola galênica materialista* vê o homem somente como uma máquina, onde existem apenas fenômenos físico-químicos a dirigir inclusive as faculdades mais subjetivas do organismo: pensamento, vontade, aspectos morais. Contestando, ele esclarece: *Ha no homem o mecanismo, mais alguma cousa de maior do que o mecanismo lhe preexiste e lhe succede ao arranjo atomico temporario - a vida.*<sup>113</sup>

Em seu livro *A Verdade em Medicina*, que gerou inúmeros debates entre alopatas e homeopatas, sendo estes representados por Seabra e Nilo Cairo, o médico paulista não desconsidera a físico-química existente no organismo, mas coloca estes fenômenos como

---

<sup>110</sup> MEIRELLES, S. S. de. **Conceitos sobre a Doutrina Homeopathica ou Hahnemanniana**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1900. p.30.

<sup>111</sup> COSTA, Francisco José. **Guia Diamante de Medicina Homeopática**; pelo método do Dr. Schüssler. Leipzig: Wilma Schwabe, 1927. p.16.

<sup>112</sup> PINHO, S. O. L. **Thesouro Homoeopathico ou Vademecum do Homoeopatha**. 7ed. Pernambuco: Typ. do Medico do Povo, 1908. p.XV.

<sup>113</sup> SEABRA, A.. **A Verdade em Medicina**. Rio de Janeiro / São Paulo: Murtinho Nobre & Comp., 1909. p.35.

sendo presididos, dirigidos pela força vital. Outro texto de Seabra afirma, ainda, o desconhecimento da vida em si, *esta monoda que preside aos actos vitaes*<sup>114</sup>, o que para ele não importa saber, já que é o suficiente observar os fenômenos que ela provoca. Embora não se mostrasse preocupado em provar a existência de algo quase metafísico como a força vital ou a vida, como ele mesmo coloca, Alberto Seabra expressa uma esperança no futuro desta demonstração, por obra da ciência: *Similhanamente, a vida nos é conhecida pelas propriedades dos corpos vivos. Nada sabemos, quanto á essencia. Mas, á medida que os phenomenos da materia organizada vão sendo de mais e mais estudados, o nosso horizonte se dilata e com elle o nosso poder sobre as cousas.*<sup>115</sup>

A preocupação em não associar o conceito de força vital apenas ao campo metafísico pode ser detectado também entre os médicos homeopatas que a consideravam não apenas como parte do indivíduo. É o exemplo que encontramos na fala do Dr. Ignacio Guasque, médico da cidade de Jacarezinho (Paraná), colaborador da Revista Homoeopathica do Paraná. Sem desconsiderar a supremacia da força vital sobre os fenômenos orgânicos, ele afirma ainda:

(...) o dynamismo é um dos elementos necessarios e eternos da constituição do universo, anterior a todas as creações, no qual se acha o que a sciencia moderna denomina fluido universal e que cada ser na natureza nos patenteia, segundo seu modo de ser particular e ordem natural que occupa na criação - assim o mineral, como o vegetal e o animal, cada um absorvendo e assimilando o que dele necessita.<sup>116</sup>

<sup>114</sup> \_\_\_\_\_. Concepção positiva da molestia. **Annaes de Medicina Homoeopática**. Rio de Janeiro, a.11, n.4, p.122, abr.1909.

<sup>115</sup> Idem, p.121.

<sup>116</sup> GUASQUE, I. A Eschola Homœopathica. **Revista Homœopathica do Paraná**. Curitiba, a.1, n.8, p.99. ago.1906.

Mesmo considerando a força vital ou dinamismo como algo eterno e imutável, Guasque afirma que o conceito está vinculado à *sciencia moderna*, transformando uma idéia metafísica em algo que pertence a parâmetros científicos. Também faz isto ao estabelecer uma correspondência entre o dinamismo e a força metabólica da histologia, que tem como precursor Virchow<sup>117</sup>, criticado pelos homeopatas por seus conceitos materialistas.

O Dr. Nilo Cairo, em seu livro *Elementos de Physiologia*, afirma também não pretender penetrar na *essência* do sentido da vida, adotando uma *definição positiva* da mesma. Ao estabelecer as diferenças entre as correntes materialista e vitalista em fisiologia, o homeopata cita Grasset, afirmando a força vital enquanto energia, desvinculando-a de qualquer atributo espiritual:

Isto posto e bem entendido, si se deixam de lado as palavras irritantes e inuteis *de principio vital* ou de *força vital* (palavras que, aliás, não tinham, no pensamento de BARTEZ, outro sentido do que aquelle dado hoje ao termo *energia*, podendo-se dizer que todos estão actualmente de accordo em admitir que os *seres vivos* apresentam, *emquanto* vivem e *porque* vivem, caracteres especiais que os aproximam dos outros seres vivos e os distinguem de seus *cadaveres* e das materias brutas inorganizadas.<sup>118</sup>

A partir destas definições de força vital, unânimes em afirmá-la como força organizadora da vida e, portanto, dos fenômenos físico-químicos do organismo, pode-se evidenciar as concepções de saúde e doença estabelecidas pelos médicos homeopatas. Concordantes com Hahnemann, em sua definição anteriormente citada, definem a **saúde**

<sup>117</sup> \_\_\_\_\_.(Cont.) **Revista Homœopathica do Paraná**. Curitiba, a.1, n.9, p.117. set.1906.

<sup>118</sup> CAIRO, N. **Elementos de Physiologia**. Curitiba: Universidade do Paraná, 1916. p.20. Obs: Nilo Cairo escreve o livro com base nas aulas de fisiologia que ministrou a partir de 1914 ao curso de Odontologia da Universidade do Paraná.

como *harmonia total da unidade*<sup>119</sup> vital, ou *regularidade perfeita dos movimentos pelos quaes a vida se manifesta, e da harmonia de todas as relações que se estabelecem entre estes diversos movimentos*<sup>120</sup>. Equilíbrio e harmonia são as palavras ideais para exprimir o estado da força vital quando o indivíduo é portador de saúde, segundo os homeopatas.

E a **doença** ? Ora, segundo o Dr. Guasque, não são *a saude e a enfermidade mais do que duas faces distinctas da existencia*<sup>121</sup>. Se a saúde é equilíbrio, a doença só pode ser o desequilíbrio da força vital. Para a homeopatia, qualquer que seja a causa da doença, esta não pode afetar nenhum órgão nem mesmo átomo do corpo sem, primeiro, atingir a força vital, provocando-lhe o desequilíbrio<sup>122</sup>. O organismo, que depende da força vital para funcionar saudavelmente, apresenta sinais da doença: são os sintomas, que são o *meio pelo qual o mal se faz conhecer*.<sup>123</sup>

Uma vez que apresenta um conceito que a medicina oficial desconhece - o de dinamismo ou força vital - a homeopatia difere desta em sua idéia de doença. Enquanto a medicina alopática só considera os fenômenos físico-químicos do organismo e vê a doença como uma disfunção orgânica geralmente ocasionada por fatores externos do corpo do indivíduo, a homeopatia considera essas disfunções, essa *doença alopática*, como sintomas da doença verdadeira, que é o desequilíbrio da força vital. Mesmo que ocorra o contato do doente com um vírus, por exemplo, se não houver desequilíbrio da força vital, não há doença: neste sentido, para os homeopatas o *terreno* (força vital-organismo) é mais decisivo para o adoecimento do que o *invasor* (neste caso, o vírus). É esta concepção que faz Nilo Cairo afirmar, na terceira proposição sobre bacteriologia de sua tese *Similia*

---

<sup>119</sup> \_\_\_\_\_. **Similia...** p.140

<sup>120</sup> MEIRELLES, S. S. de. **Conceitos...** p.140.

<sup>121</sup> GUASQUE, Ignacio A Eschola... p.100.

<sup>122</sup> Idem

<sup>123</sup> SEABRA, Dr. Alberto. **A verdade...** p.73.

*Similibus Curantur: A observação clinica força-me a negar a produção da tuberculose pulmonar por inalação do bacillo de Koch e a excluir a possibilidade de que esta molestia seja o resultado da acção d'este bacillo sobre o tecido pulmonar são. (Audiffrent).*<sup>124</sup>

Considerar a doença enquanto desequilíbrio da força vital faz com que a homeopatia se volte para o indivíduo<sup>125</sup> ao invés de concentrar suas atenções apenas na doença (ou nos sintomas, como considera a doutrina hahnemanniana). É o princípio da individualização, assim explicado por Nilo Cairo:

(...) cada doente, sendo differente por seu *todo pessoal* de todos os outros, deve necessariamente dar, e dá effectivamente, ao mesmo typo abstracto de molestia de que trata a nosologia uma feição especial, que constitue a individualização. D'ahi o aphorismo hoje popular na propria Medicina Official, que assim cahe em contradição com o seu proprio especificismo therapeutico, que NÃO HA MOLESTIAS, SÓ HA DOENTES.<sup>126</sup>

Ao dirigir seu olhar para o doente, e não para a doença, a medicina hahnemanniana discorda mais uma vez da medicina galênica<sup>127</sup>, pois também irá adotar métodos diferenciados de **diagnóstico**. Segundo os homeopatas, a medicina oficial irá se contentar em realizar um diagnóstico genérico, por considerar apenas alguns sintomas da doença, os *retalhos symptomaticos*<sup>128</sup>, nas palavras do Dr. Seabra, e desconsiderar o doente como um ser uno e único. É Alberto Seabra quem explica: se dois médicos diagnosticam um caso de asma e um é alopata, este encerra seu diagnóstico e prescreve a terapêutica que irá debelar os sintomas da moléstia. O segundo médico, o homeopata, procurará individualizar o caso,

<sup>124</sup> CAIRO, N. **Similia...** p.151.

<sup>125</sup> A individualização proporciona, ao doente, maior destaque em relação ao processo terapêutico. Por ser uma medicina mimética e lateral, a homeopatia valoriza a autodefesa do indivíduo perante as doenças: ele é responsável por seu estado. Cf.: LAPLATINE, F. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 173.

<sup>126</sup> Idem., p.40.

<sup>127</sup> Outro termo empregado, pelos homeopatas, para definir a medicina oficial, pois foi Galeno que desenvolveu o método terapêutico baseado no *Contraria Contrariis Curantur*.

<sup>128</sup> SEABRA, Al. **A Verdade...** p.73.

realizando *duas operações intellectuais: 1º. o diagnostico da molestia e o grupo de medicamentos que lhe corresponde; 2º. o diagnostico do doente e o medicamento especial que lhe convém. A primeira operação é apenas um meio para chegar-se á segunda que é o nosso fim.*<sup>129</sup>

Um bom exemplo da prática da escolha do medicamento correspondente ao doente é o relato do Dr. Nilo Cairo, sobre o caso de uma senhora em Curitiba que, após dezoito dias se tratando com chás e pílulas de quinina receitadas por um médico alopata, resolve chamar o médico homeopata. A doente apresentava sintomas de febre com calafrios, dor de cabeça e *moleza no corpo*. Após se questionar sobre as causas da febre, Nilo Cairo procede à escolha do medicamento. Ele relata a consulta:

Eu me calára, depois de tel-a interrogado, a pensar no remedio a empregar; ella, porém, continuára a falar:

- Vêm os arrepios - dizia-me ella - e sinto tanto frio que sou obrigada a cobrir até a cabeça. Mas apenas me cubro, sinto um *calorão* que me obriga a me descobrir; mas apenas me descobro ou me movo, sento logo arrepios de frio e sou obrigada de novo a me cobrir bem. É assim sempre. Si me cubro, vem o calorão, si me descobro, para me refrescar um pouco, vêm os arrepios.<sup>130</sup>

Já decidido em ministrar *Gelsemium 1ª*, que havia dado bons resultados em febres intermitentes, Cairo, porém se atém aos pormenores da descrição e muda sua terapêutica: *dado a insistencia e clareza da descrição da minha doente, receitei - Nux-vomica (...)*<sup>131</sup> Este exemplo ilustra como as palavras do doente e os detalhes personalizados dos sintomas são importantes para o médico homeopata, a tal ponto que a ênfase demonstrada no discurso do doente determina o medicamento a ser prescrito.

<sup>129</sup> Idem., p.80-81.

<sup>130</sup> CAIRO, N. Nux vomica na febre, uma característica. **Annaes de Medicina Homœopatica**. Rio de Janeiro, a.9, n.9, p.252. set.1907.

<sup>131</sup> Idem.

Após realizado o diagnóstico, o médico determina a terapêutica, onde o **medicamento** exerce papel importante. A escolha do medicamento obedece a uma das diretrizes mais importantes para o sistema médico homeopático. Concebido primeiramente por Hipócrates e desenvolvido por Hahnemann após suas experiências com a quina, o princípio *Similia Similibus Curantur*<sup>132</sup> ou *o semelhante cura-se pelo semelhante* é o axioma que nomeia a doutrina hahnemanniana: homeopatia (cura pelo semelhante). Tendo como título o princípio homeopático, a tese de Nilo Cairo procura esclarecer a *lei dos semelhantes*.

Podemos, pois, concluir, legitimamente que, além do principio de indicações, tão util algumas vezes, quando se trata de palliar symptomas, - *contraria contrariis curantur* - segundo o qual se deve empregar contra um *phenomeno morbido* um agente chimico capaz de produzir physiologicamente um acto organico inverso, existe um outro, - *similia similibus curantur* - segundo o qual póde-se empregar contra um *estado morbido* o medicamento que póde reproduzir-o *semelhantermente* em seus effeitos physiologicos.<sup>133</sup>

O diagnóstico genérico da doença e posteriormente o diagnóstico dos sintomas do doente com o objetivo de individualizar a doença permite que se forme um quadro sintomático. A partir deste, a escolha do medicamento é feita de modo que este seja capaz de produzir, num indivíduo sadio, as mesmas manifestações mórbidas encontradas no doente em questão. Para que o médico possa proceder à indicação terapêutica, há uma lista de medicamentos com os principais sintomas provocados por experiências em pessoas sadias, organizada primeiramente por Hahnemann, compilada e muitas vezes adaptada

<sup>132</sup> O princípio da Similitude, contrariamente ao princípio alopático, fornece uma idéia de *dessubstancialização* das categorias de bem e de mal, uma vez que é a doença que fornecerá elementos para chegar à saúde. Laplatine explica a supremacia do modelo de doença alopático por ser difícil, para os indivíduos, reconhecer que o mal se encontra dentro deles mesmos. Cf.: LAPLATINE, François. **Antropologia (...)**, p. 173.

<sup>133</sup> \_\_\_\_\_. **Similia (...)** p.18.

pelos médicos homeopatas, para uso médico ou leigo, em casos de necessidades de automedicação. Um desses guias, utilizado até hoje pelos homeopatas, foi redigido por Nilo Cairo: é o *Guia de Medicina Homeopathica*<sup>134</sup>, que traz a indicação de 120 medicamentos homeopáticos utilizados mais frequentemente. É interessante perceber como dentre os sintomas arrolados, encontram-se não só incômodos físicos mas características psicológicas que o doente deve apresentar para ser associado ao medicamento. O medicamento denominado *Pulsatilla* é um dos mais característicos na apresentação destas peculiaridades: entre outras indicações, como sarampo, mau gosto e secura na boca, ou dores de cabeça por cima dos olhos, ele é descrito como tendo, como doente clássico, *uma mulher clara, loura, docil, triste, chorosa, lamentando-se constantemente (...)*<sup>135</sup>

Um dos episódios mais interessantes de escolha do medicamento segundo o princípio *Similia Similibus* descritos nos *Annaes de Medicina Homœopathica* ocorreu com o próprio Nilo Cairo. Em 1909, Cairo realiza uma série de experimentações em si mesmo com o medicamento *Crotalus terrificus*, feito com o veneno de uma cobra. O médico, que desde 1908 já vinha se dedicando à pesquisa de outro medicamento, o *Lachesis*, obtido do veneno da jararaca, resolvera descrever os efeitos do *Crotalus* em seu organismo, obedecendo aos princípios de experimentos com seres humanos sadios, segundo as normas da homeopatia<sup>136</sup>, embora utilizando doses consideradas altas.

Na mesma época, Cairo adoece: segundo seu próprio diagnóstico, de colite ou enterocolite. Automedicou-se e seguiu dieta láctea indicada para o caso, mas, como não encontrava nenhum alívio em 40 dias, decidiu escrever ao Dr. Dias da Cruz no Rio de

<sup>134</sup> Foi editado pela primeira vez em 1907, com o título de *Pequeno Guia Homœopathico para uso do povo*.

<sup>135</sup> CAIRO, Ni. **Guia de Medicina Homœopathica**. 2 ed. Curitiba: Economica, 1913. p.147.

<sup>136</sup> \_\_\_\_\_. Contribuição para a pathogenesia do *Crotalus terrificus*. **Annaes de Medicina Homœopathica**. Rio de Janeiro, a.11, n.8, p.252-256. ago.1909.



Janeiro, seu amigo e colega do Instituto Hahnemanniano. Na carta, ele descreve seus sintomas detalhadamente.

Esta colite minha se manifesta por diarrhéa nocturna, procedida de borborysmos acompanhada de grande flatuosidade e seguida de prompto alívio. Às vezes procedem-na cólicas flatulentas. Tres a quatro evacuações por noite, antes pastosas e amarellas do que liquidas e fetidas (...) O appetite é bom; a lingua saburosa amarella, impressão (não muito accentuada) dos dentes nas bordas. Durante o dia passo bem, sem evacuações, sem cólicas, ou raras e apenas alguns borborysmos fugitivos.<sup>137</sup>

Alertando para o agravamento do caso, que ameaçava se tornar uma moléstia crônica, Dias da Cruz estabelece um *quadro clinico*, enumerando os sintomas apresentados para a escolha do remédio e prosseguindo seu raciocínio por eliminação:

(...) no livro classico de BELL *The Homoeopathic Therapeutics on Diarrhea*, encontram-se na rubrica *diarrhéa* (sic) *á noite* quarenta e tantos remedios; muitos desses têm diarrhéa *sobretudo á noite*, mas *exclusivamente á noite* só poucos: *Pulsatilla*, *Rhus*, *Podophyllum*, *Nuz moschata*, e não sei mais alguma a não ser *china*.<sup>138</sup>

Após selecionar os medicamentos correspondentes ao sintoma principal, o Dr. Dias vai descartando um a um, segundo os detalhes apresentados por Nilo Cairo, e chega ao medicamento cuja descrição corresponde ao maior número de sinais da moléstia apresentada pelo colega: *Podophyllum*. Além da indicação e posologia do *Podophyllum*, Cruz indica ainda outras duas alternativas, *Rhus* e *Pulsatilla*, caso o primeiro medicamento não surtisse efeito. Inclina-se, no entanto, para o uso de *Rhus* justificando: (...) *do seu genio*

<sup>137</sup> CRUZ, D. da. Um caso de Podophyllum. **Annaes de Medicina Homœopathica**. Rio de Janeiro, a.11, n.11, p.330. nov.1909.

<sup>138</sup> Idem, p.331.

*tempestuoso e inclinado á lucta, está mais proxima a anciedade, a inquietação e a disposição ao movimento de Rhus do que a condescendencia, a brandura, a molleza feminina da Pulsatilla.*<sup>139</sup>

Alguns dias mais tarde, Dias Cruz recebe uma carta de Nilo Cairo, contando que antes de chegar a carta do amigo, já havia tomado *Podophyllum* após várias outras tentativas, e tinha se curado. Podemos perceber, neste exemplo, o grau de individualização necessária para se definir o medicamento homeopático e como ele é escolhido por produzir os sintomas mais próximos à doença apresentada. Mas como age este medicamento no indivíduo enfermo ? Uma pista para a resposta podemos encontrar na própria definição de doença defendida pela doutrina hahnemanniana.

Uma vez que a doença, para os homeopatas, é o desequilíbrio da força vital, o medicamento correto é aquele que age sobre ela, equilibrando-a novamente, restaurando a saúde. Isso é feito através da utilização de uma substância que, como já foi dito, provoque os mesmos sintomas que a doença: que aja similarmente e mais, dinamicamente. Não sendo a força vital algo material, o medicamento não irá atuar no organismo de maneira física, concreta, mas de modo dinâmico. Temos, assim, outra peculiaridade do sistema médico hahnemanniano: a **dinamização** do medicamento. Esta característica da homeopatia será um dos principais alvos da crítica médica oficial, como veremos com mais detalhes no segundo capítulo desta tese.

Hahnemann criticava acirradamente a ação tóxica dos medicamentos de sua época, o que fez com que ele buscasse a diluição dos mesmos para promover a cura<sup>140</sup>. A diluição porém, era feita também para se obter a “parcela não material” do medicamento. Num

---

<sup>139</sup> Ibidem., p.332.

<sup>140</sup> LAFETÁ, R. **O Tempo (...)** p.118.

medicamento produzido a partir de um vegetal, por exemplo, extrai-se seu suco, a tintura-mãe e dilui-se duas gotas desta com 98 gotas de álcool, agitando a mistura duas vezes para liberar sua *energia medicamentosa*.<sup>141</sup> Este processo dá origem à primeira dinamização ou C1, sendo que Hahnemann trabalhou com dinamizações até a trigésima potência. Quanto mais diluído e sucussionado e, dessa forma, dinamizado, mais forte é o medicamento.

Explicar cientificamente a cura através de um medicamento que não obedecia aos critérios da medicina oficial, era uma tarefa um tanto árdua para os médicos homeopatas do início do século. Mais difícil ainda quando, num passado relativamente recente, acreditava-se que a homeopatia trabalhava com *agüinhas maravilhosas* cuja cura se dava quase magicamente<sup>142</sup>. Para demonstrar a eficácia das diluições ou doses infinitesimais, os médicos lançavam mão da própria ciência.

Alberto Seabra, em *A Verdade em Medicina*, procura demonstrar que os medicamentos homeopáticos não merecem a crítica que se faz a respeito deles, de poderem ser tão diluídos que não se encontre vestígios de matéria num frasco. Considera que as críticas até eram compreensíveis na época de Hahnemann, quando taxariam de místicas suas recomendações acerca das diluições, mas não são cabíveis numa época em que a física moderna proporciona uma nova concepção de matéria.<sup>143</sup> O objetivo do homeopata - e Hahnemann teria sido um homem à frente de seu tempo - é conseguir doses tão reduzidas que se possa obter a dissociação atômica.

A ciência moderna e aquela que ainda está por vir é o sustentáculo de verdade dos médicos homeopatas. Embora Hahnemann não possuísse meios para provar a dissociação da matéria e se baseasse apenas em suas experiências para verificar a eficácia de seus

---

<sup>141</sup> BESSA, Ma. **Filosofia (...)** p.31.

<sup>142</sup> BERTOLLI FILHO, C. **Homeopatia e Espiritismo...**p.76.

<sup>143</sup> SEABRA, A. **A Verdade...** p.91-108.

medicamentos, a física e a química do século XX irão proporcionar aos homeopatas a possibilidade de provar aquilo que ele conhecia apenas empiricamente. É o que defende o médico Licínio Cardoso, ao se apoiar nas descobertas de Crookes em relação aos raios catódicos, Roentgen, em relação aos raios x, Gustave Le Bon, sobre a universalidade dos fenômenos radioativos e Mme Curie, a respeito da radioatividade. Ele explica que é nas teorias de dissociação do átomo, na radioatividade, na energia intra-atômica descobertas em seu tempo (fins do século XIX e início do XX) que a genialidade de Hahnemann pode ser comprovada:

A vidência de Hahnemann foi ao ponto de chamar acção dynamica dos medicamentos, essa acção que, sómente agora, vai a sciencia demonstrando que não póde ser outra effectivamente senão dynamica.

Não é a materia que age; a energia liberta é que actua.

(...) Tudo quanto pareceu mysterioso, tudo aquillo que pareceu inexplicavel vai ganhando claridade, vai-se tornando deductivel las leis preestabelecidas.<sup>144</sup>

A necessidade de explicar racionalmente a atuação dos medicamentos em doses infinitesimais não foi preocupação de Hahnemann: é, sim, característica do tempo de Licínio Cardoso, Alberto Seabra e Nilo Cairo. Os homeopatas do início do século XX buscavam inserção e legitimidade social apoiando seu discurso em teorias e comprovações de cientistas que trabalharam pela ciência oficial e cujos frutos a medicina alopática colheu. Citar os expoentes da ciência oficial, bem como acreditar no progresso das descobertas científicas revela a intenção de legitimar a homeopatia usando os mesmos instrumentos da medicina que buscavam combater.

---

<sup>144</sup> CARDOSO, L. Discurso. **Revista Homœopathica do Paraná**. Curityba, a.2, n.5, p.96-97. maio 1907.

As reinterpretações dadas por Nilo Cairo e seus colegas do Instituto Hahnemanniano do Brasil aos princípios básicos da medicina de Hahnemann, revelam a necessidade de remodelação do sistema simbólico homeopático, construído na segunda metade do século XIX. Através do discurso e sempre buscando se referendar em outros porta-vozes da medicina, os médicos homeopatas reconstruíam seu corpo teórico, com o objetivo de o tornar mais aceitável socialmente. O discurso, porém, não era homogêneo, uma vez que algumas divergências teóricas refletiam tensões internas.

## 1.2 Lutas Internas

Nem só de consenso vivia a homeopatia. Apesar de possuir um corpo doutrinário comum à maioria dos homeopatas, havia pontos de divergência que provocavam um rompimento na fidelidade ao sistema hahnemanniano almejada pelo grupo. O principal ponto de atrito entre os próprios homeopatas era em relação à utilização de medicamentos complexos. A *polifarmácia* praticada pela medicina oficial, ou seja, a administração de muitos medicamentos ao mesmo tempo que, por sua vez, são uma mistura de várias substâncias diferentes, era duramente criticada pelos homeopatas. O próprio Hahnemann tinha sido claro e categórico em afirmar ser inadmissível empregar mais do que uma única substância simples como medicamento de uma só vez.<sup>145</sup> Como, então admitir a existência de homeopatas que contrariavam as determinações do criador da doutrina, utilizavam medicamentos complexos ou faziam associações medicamentosas ?

Uma série de discussões sobre a associação dos medicamentos em homeopatia mobilizou o Instituto Hahnemanniano do Brasil, principal órgão da medicina homeopática nacional, nos anos de 1905 a 1907. O debate foi proposto pelo Dr. Dias da Cruz, em sessão

---

<sup>145</sup> HAHNEMANN, S. *Organon* (...) p.350-51.

do Instituto<sup>146</sup>, que mostrou estar a questão sempre em voga tanto na época de Hahnemann quanto no momento em que o médico falava: em 1905, o assunto também estava sendo discutido pela Société Homoeopatique Française.

Dias da Cruz se proclamava *Hahnemanniano extremado* e, portanto, praticante do medicamento único, tinha observado a prática de alguns colegas seus partidários da associação medicamentosa, e, mais ainda, que nas discussões sobre o assunto, os *unitários* não eram tão fortes que conseguissem sobrepujar as opiniões de seus adversários. Além dessa observação, o médico faz também uma confissão: algumas vezes usara medicamentos alternados incompatíveis e também dois medicamentos considerados complexos, a *Pyrexina* e a *Syngenesya*. Como sua prática tenha dado bons resultados, Dias da Cruz deseja ouvir a opinião de seus colegas, que *appaziguassem os sobresaltos de sua consciencia, que já tem sido condescendencias peccaminosas* e dissipassem *as duvidas que tem sobre a legitimidade hahnemanniana de tal conducta*.<sup>147</sup>

Ao convite do colega homeopata acorreram os Drs. Licinio Cardoso, Nilo Cairo, Saturnino Meirelles, Joaquim Murtinho entre outros. Cardoso e Cairo, a favor da polifarmácia e da associação medicamentosa, defenderam suas convicções nas sessões do Instituto Hahnemanniano, sendo contestados por Dias da Cruz, partidário do unitarismo. O Dr. Saturnino Soares Meirelles protestou com ênfase contra o debate, por considerar a associação de medicamentos *a negação completa de todos os principios da doutrina homoeopathica hahnemanniana*.<sup>148</sup>

<sup>146</sup> ACTA da 18ª Sessão Ordinária de 1905. - 20 de julho. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.7, n.8, p.289-297. ago.1905.

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Ibidem.

O primeiro a se manifestar mais detalhadamente sobre o assunto foi o Dr. Nilo Cairo. Em uma série de discursos proferidos no Instituto Hahnemanniano do Brasil e posteriormente publicados em forma de artigo, Cairo coloca sua posição favorável aos medicamentos complexos. Antes de tecer suas considerações a respeito do tema, o médico paranaense critica a posição do Dr. Saturnino Meirelles, que não supõe sequer a presença de divergências no seio do Instituto<sup>149</sup>.

Como é próprio de seu estilo quando polemiza com outro colega - seja homeopata ou alopata - Nilo Cairo vai buscar nas palavras de seus adversários elementos que confirmem a tese que ele defende. Ele analisa uma parte da obra de Meirelles, *Conceitos sobre a Doutrina Homœopathica ou Hahnemanniana*, já citada neste capítulo, onde o autor indaga sobre a possibilidade de se prever o resultado da ação da associação de medicamentos previamente, já que são vários os medicamentos simples em homeopatia e várias são suas dinamizações. Esta era, em linhas gerais, a principal objeção dos *unitaristas* para o uso de mais de um medicamento simples: não querendo tornar-se empiristas (crítica que dirigiam aos alopatas), defendiam a utilização de medicamentos que se pudesse conhecer antecipadamente os efeitos terapêuticos.

O homeopata paranaense utiliza o questionamento do colega como se fosse a admissão da possibilidade da prática da associação medicamentosa, afirmando também que o Dr. Saturnino Meirelles, apesar de condenar o empirismo, o admite ocasionalmente, citando um artigo do colega publicado nos *Annaes*. Ressalta ainda que muitos dos medicamentos homeopáticos, tanto de origem mineral quanto vegetal são substâncias que

---

<sup>149</sup> CAIRO, N. Medicamentos Complexos. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.7, n.10, p.374-381. out.1905.

contém misturas, *feitas pela natureza*, que agem terapeuticamente como se fossem uma unidade.

Ao afirmar que a homeopatia utiliza, sem se dar conta, substâncias complexas, o médico homeopata generaliza a condição de partidário da associação medicamentosa para todos os seus colegas que o são, sob esta ótica, sem saberem. Procurando demonstrar as vantagens da associação de medicamentos - cuja ação poderia ser prevista pela soma das ações de seus componentes - Nilo Cairo procura respaldar seu discurso na fala de outros médicos homeopatas considerados eminentes, legitimando-o inclusive no próprio Hahnemann: segundo Cairo, o mentor da homeopatia empregava dois medicamentos, *mercurius solubilis* e *mercurius vivus*, em forma de composto.<sup>150</sup> Afirma-se ainda na prática dos *confrades alopatas* que praticam a polifarmácia visando obter efeitos terapêuticos de várias substâncias num só produto, procurando *trazer em auxilio da these (...) o testemunho de todas as gerações medicas desde HIPPOCRATES até aos nossos dias*.<sup>151</sup>

O fundamento do discurso do Dr. Nilo Cairo na defesa de seu ponto de vista é a medicina: tanto a alopática quanto homeopática, é essa ciência que irá afirmar a possibilidade e a veracidade da prática da combinação de medicamentos. Legitimar-se com a medicina, com sua profissão, mas se legitimar sobretudo com sua postura enquanto portavoz homeopata, é sua preocupação. Ele fala a seus companheiros, na entidade brasileira representativa da homeopatia; além disso, pretende se definir enquanto adepto da medicina de Hahnemann. É essa preocupação que o faz demonstrar sua posição enquanto coerente com os pressupostos básicos hahnemannianos, ao concluir:

---

<sup>150</sup> \_\_\_\_\_. Medicamentos complexos (continuação). **Annaes de Medicina Homœopathica**, a.8, n.11, p.414. nov.1905.

<sup>151</sup> \_\_\_\_\_. Medicamentos complexos (conclusão). **Annaes de Medicina Homœopathica**, a.8, n.12, p.439. dez.1905.



Logo, todo medicamento complexo:  
 1º- Póde ser empregado segundo a lei dos semelhantes;  
 2º-Póde ser empregado em doses infinitesimais;  
 3º-Póde ser individualizado em cada caso morbido;  
 4º-É um medicamento realmente UNICO, porque a sua pathogenesia, que resulta da fusão das pathogenesias parciais, é realmente UNICA também.<sup>152</sup>

Em sua conclusão, o Dr. Nilo Cairo se afirma médico homeopata ortodoxo, ressaltando ainda que o *complexismo* não deve ser adotado como regra geral e nem oficialmente, evitando assim os abusos da prática: o médico tece também considerações acerca da ortodoxia, defendendo a possibilidade de criação dentro da homeopatia, respeitando os limites colocados por Hahnemann:

(...) a *ortodoxia*, em homœopathia, não póde consistir em *immobilisar* a doutrina homœopathica nas *unicas palavras* daquelle que a fundou, sobretudo quando essa doutrina, em concepções de detalhe, ficou incompleta a muitos respeitos e muitas lacunas offerece que precisam ser preenchidas; a *ortodoxia* aqui consiste sim *em não substituir a opinião de HAHNEMANN, que está de acordo com o conjuncto da Homœopathia e os seus principios fundamentais, por uma opinião contraria a esse conjuncto e a esses principios.*<sup>153</sup>

Partilhando também a associação medicamentosa, o Dr. Licinio Cardoso é ainda mais ousado: afirma que nenhum médico homeopata, nem mesmo o unicista, é ortodoxo. Segundo ele, ninguém segue à risca os ensinamentos de Hahnemann, pois a utilização de mais de um medicamento, quando o primeiro falha, é uma prática freqüente<sup>154</sup>, bem como o uso de medicamentos alternados.

---

<sup>152</sup> Idem., p.444.

<sup>153</sup> Ibidem.

<sup>154</sup> CARDOSO, L. Associação dos medicamentos (conclusão). **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.8, n.3, p.80-94. mar.1906.

Apesar de proclamar a ausência de ortodoxia, o colega de Nilo Cairo procura não se afastar das palavras de Hahnemann, concluindo que *não é na alteração que está o desvio ao ensino d'elle; o desvio está em alternar contra as suas indicações*.<sup>155</sup> Como Nilo Cairo, Cardoso se ampara em Hahnemann para demonstrar a legitimidade de suas afirmações, embora o precursor da homeopatia tenha defendido a prática do complexismo em condições específicas. Cita ainda discípulos famosos de Hahnemann, como o médico também alemão Hering, partidários da combinação medicamentosa, mas, no final de sua exposição, afirma não recomendar esta prática indiscriminadamente, procurando não diferir totalmente de seus colegas. Cardoso coloca, por fim, que rejeitar novas interações medicamentosas seria o mesmo que condenar a descoberta de novos medicamentos simples que ainda pudessem ser encontrados na natureza.

O Dr. Dias da Cruz, por sua vez, manifesta-se a respeito da fala dos dois colegas. Inicialmente critica Licínio Cardoso quando este, em produção não publicada nos *Annaes*, usa uma linguagem derivada do *meio científico official*, impregnada de imagens ligadas à medicina oficial e à mecânica.<sup>156</sup> O médico unicista afirma que o colega utiliza o combate aos sintomas e não às doenças como se fosse objetivo da homeopatia quando o é da alopatia, a fim de defender a necessidade de utilização de vários medicamentos para atingir os vários sintomas. Satiriza também a analogia que o Dr. Cardoso faz entre os remédios e as forças, fazendo uma analogia irônica entre o colega homeopata com Descartes: *Lançou mão de tudo o que sabia de mathematicas, de mechanica e de physica para explicar a vida. Elle é o pae da pior parte da medicina iatrochymica*.<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> Idem., p.81.

<sup>156</sup> CRUZ, D. da. Medicamentos Complexos (continuação) **Annaes de Medicina Homœopathica**. Rio de Janeiro, a.8, ns.9/12, p.273-387. set/dez.1906.

<sup>157</sup> Idem., p.280.

O médico que, no início da polêmica, aparentava indecisão e até inclinação em aceitar a associação de medicamentos parece mesmo convencido a levantar a bandeira em favor do unicismo. Cruz continua suas críticas, desta vez dirigindo-se ao Dr. Nilo Cairo. Fugindo das ironias, o unicista tece inúmeros elogios à estratégia discursiva do médico paranaense, que foi inteligente o bastante para respaldar sua fala em citações dos mais reconhecidos médicos do meio homeopata. Dias da Cruz o congratula:

Agindo assim, procedeu com tal acerto e habilidade que não serão demasiados quantos louvores lhe enderecemos por isso. Com effeito, num debate sobre assuntos homœopathicos, são auctores desta escola que devem ser chamados á baila, quer nos razões do pró quer nas da contrariedade.<sup>158</sup>

Cruz reconhece que as autoridades homeopatas é que emprestam veracidade ao discurso de Nilo Cairo; para desconstruir o discurso do complexista, o unicista procura demonstrar como o colega cita apenas parte dos textos que lhe interessam, ocultando as posições que lhe pareciam desfavoráveis. Além disso, utiliza uma tática familiar em Cairo: acha no texto do adversário colocações que reafirmam sua posição como unicista. Uma delas é sua conclusão, condenando o uso indiscriminado da associação de medicamentos: Dias da Cruz a endossa, afirmando que este é um perigo que se corre pois seria mais fácil decorar a aplicação de alguns medicamentos do que se dar ao trabalho da individualização do remédio, que requer conhecimento aprofundado e estudo ininterrupto. Numa época em que *tudo se tem de fazer electricamente, em que a febre da rapidez substitue as vantagens da perfeição*, facilmente o complexismo seria a regra e o unicismo a exceção, deturpando a doutrina homeopática:

---

<sup>158</sup> \_\_\_\_\_. Medicamentos complexos (continuação) **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.9, n.1, p.17. jan.1907.

Teremos então a exceção transformada em regra, e não seremos só os unicistas que choraremos sobre as ruínas de nossa pátria intellectual; também o Sr. Dr. Nilo Cairo, novo Mario, virá com as nossas confundir as lágrimas derramadas sobre a sua Carthago em destroços.<sup>159</sup>

A terceira e principal crítica endereçada a Nilo Cairo se relaciona também com sua linguagem. Assim como Licínio Cardoso, ele é acusado de utilizar linguagem e conceitos da *velha escola*<sup>160</sup>. Dias da Cruz demonstra isto quando o colega utiliza o conceito de *acção physiologica* que, segundo ele seria uma categoria alopática para definir a ação brutal dos remédios para contrariar a ação das moléstias ao invés de *effeitos pathogeneticos*, que consistiriam em efeitos delicados auxiliares na seleção similar do medicamento.<sup>161</sup>

A crítica ao suposto ranço alopático de Nilo Cairo se faz também através dos exemplos que este vai buscar na medicina oficial. Tirar a legitimidade do discurso homeopático é também atirá-lo ao campo adversário: o Dr. Dias da Cruz faz novamente isto ao demonstrar que o complexista busca exemplos nas combinações químicas dos medicamentos para justificar sua fala. Ora, as reações químicas só são possíveis quando há matéria para reagir: os medicamentos homeopáticos são utilizados por sua ação dinâmica em doses infinitesimais, onde tais reações não são cogitadas. Identificando o discurso de Cairo com as noções da medicina oficial, Cruz procura o desqualificar enquanto aplicável à doutrina homeopática.

Unicistas como Saturnino Meirelles e Dias da Cruz de um lado, complexistas como Licínio Cardoso e Nilo Cairo do outro, apesar das divergências, tinham em vista um

---

<sup>159</sup> Idem., p.19.

<sup>160</sup> Denominação também utilizada pelos homeopatas ao se referirem à medicina oficial.

<sup>161</sup> \_\_\_\_\_. Medicamentos Complexos (continuação). **Annaes de Medicina Homœopathica**. Rio de Janeiro, a.9, ns.2/4. p.61-74. fev/abr.1907.

objetivo comum: o futuro da homeopatia revelado na sua consagração enquanto ciência. As lutas internas deveriam ficar apenas no universo dos profissionais homeopatas: havia mesmo aqueles que procuravam impedir o prosseguimento de tais conflitos, como é o caso do Dr. Meirelles. A manutenção dos discursos divergentes no âmbito homeopático e a afirmação uníssona da cientificidade da medicina hahnemanniana apontavam para uma apresentação homogênea do discurso no meio social.

As divergências entre unicistas e pluralistas apontavam, portanto, para um intuito em comum. Os primeiros, mais tradicionais, apostando na manutenção e na restrita obediência às palavras de Hahnemann; os segundos, também pretendendo ser fiéis à Hahnemann mas acreditando na possibilidade de inovações e progressos, todos visavam a consagração da medicina homeopática. Mas como descreviam e em que respaldavam este futuro ?

*A Homœopathia não é um simples systema de Medicina; ella é toda a sciencia medica*<sup>162</sup>. É esta a certeza dos homeopatas, resumida em uma frase pelo Dr. Pinheiro Guedes, que os faz acreditar num período de *prehahnemannismo*<sup>163</sup>, repleto de teorias e hipóteses que foram superadas pela *reforma hahnemanniana*, que *abalou desde os seus alicerces o velho edifício secular da medicina; escola que influiu soberanamente sobre a consciencia medica, constringendo-a a simplificar de mais em mais a sua therapeutica*.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> GUEDES, P. Aphorismo. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.5, n.7, p.233, jul.1903.

<sup>163</sup> CRUZ, D da. **Medicamentos...** p.274.

<sup>164</sup> CARDOSO, L. Discurso. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.8, ns. 7/8, p.167. jul/ago. 1906.

Neste movimento progressivo, o futuro esperado pelos homeopatas é que sua doutrina se firme como a verdadeira medicina científica, deslocando a medicina oficial de seu posto. Como concretizar este fim, quando o passado da doutrina hahnemanniana no Brasil possui imaginário ligado ao misticismo e religiosidade ? Os homeopatas do início do século XX encontraram a solução, ao vincular o discurso homeopático ao Positivismo. É o que trata o próximo segmento deste capítulo.

### **1.3 Em busca da medicina positiva**

Ao elaborar sua primeira tese, Nilo Cairo não professou apenas sua crença na doutrina hahnemanniana: afirmou sua adesão à filosofia positiva, com a qual já havia tomado contato nos bancos da Escola Militar da Praia Vermelha, na capital federal. Mostra-se, ainda, mais fiel às palavras de Auguste Comte do que às de Hahnemann, como demonstra ao proclamar a necessidade de ortodoxia e fidelidade aos ensinamentos do mentor do Positivismo<sup>165</sup>. O médico paranaense introduziu o Positivismo não só em sua vida pessoal – como ao se tornar adepto do vegetarianismo – mas procurou se nortear pela filosofia positiva em sua prática profissional, estreitando os laços existentes entre a doutrina de Comte e a de Hahnemann. Este movimento está longe de ser algo individual: assim como Nilo Cairo, vários outros homeopatas foram positivistas assumidos, como Alberto Seabra, Joaquim Murtinho e Licínio Cardoso, além daqueles incontáveis médicos que foram influenciados pela filosofia, fosse na Escola Militar ou no Colégio Pedro II, fosse na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

---

<sup>165</sup> CAIRO, N. Positivismo e Homoeopathia. *Annaes de Medicina Homœopatica*. Rio de Janeiro, a. 5, n. 4, p. 68-76. abr. 1903.

Antes de explorar a construção da homeopatia segundo os moldes do Positivismo, é necessário esclarecer brevemente como este se desenvolveu no Brasil, no que consistem seus principais princípios para perceber como influenciaram na medicina, mais especificamente a homeopática.

O Positivismo nasce com o francês Auguste Comte (1798-1857) que, assim como vários outros pensadores, estava em busca de soluções para a crise social que o mundo atravessava no século XIX. No Brasil, o Positivismo irá influenciar, de diversas maneiras e de modo decisivo, a vida intelectual do país na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século vinte, ao ponto de se afirmar que a filosofia fora *o eixo em torno do qual girou o estado de espírito de toda uma geração*<sup>166</sup>. Esta forte tendência intelectual foi sentida nos mais diferentes meios, em especial nas instituições educacionais que passaram a contar, a partir de 1850, com cada vez maior número de dissertações defendidas com teor positivista.

Dentre os vários responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento comtiano no Brasil, podemos citar Luís Pereira Barreto. Pereira Barreto representa um dos estilos que o Positivismo toma no país: considerava a filosofia mais um método do que uma doutrina, mantendo relações conflituosas com o Apostolado Positivista do Brasil, de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que faziam outra leitura da filosofia positiva<sup>167</sup>.

Pereira Barreto se forma médico em 1865, defendendo uma tese de cunho positivista denominada *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*. O médico não se limitava a dialogar apenas sobre assuntos referentes à sua profissão. Considerava-se um “apóstolo” de Comte e via nas polêmicas que sustentava nos jornais paulistas um bom meio

---

<sup>166</sup> LINS, I. **História do Positivismo no Brasil**. São Paulo : Nacional, 1967. p. 11

<sup>167</sup> Idem, p. 57.

de divulgação do Positivismo. Nestas ocasiões, defendia a utilização de uma linguagem simples, acessível ao público leigo, que acompanhava as disputas entusiasticamente<sup>168</sup>.

Enquanto médico, Barreto era cirurgião, portanto estava na esfera da medicina oficial. Como positivista, no entanto, tecia inúmeras críticas aos seus colegas médicos, principalmente em relação ao curandeirismo e à liberdade profissional no que, aliás, estava de acordo com o Apostolado Positivista. Num momento em que a Junta Central de Higiene aprovava um documento dispondo sobre a regulamentação do exercício da medicina e a delimitava aos médicos diplomados, Pereira Barreto escreve uma série de artigos onde critica esta posição monopolista e privilegiadora, contrária aos preceitos comtianos<sup>169</sup>. Afirmava não ser este o caminho para se acabar com o curandeirismo, pois esta prática existe devido à crença da população, que é “fetichista”. Já que os curandeiros proporcionavam maior identidade à população e lhes inspirava confiança, não caberia aos médicos desprezar esta condição social e tolher o cidadão do *direito de viver e morrer como bem entender*<sup>170</sup>.

Também profissionalmente, Pereira Barreto vai unir a filosofia positiva às suas crenças médicas. É assim que procede em relação à teoria microbiana de Pasteur e à técnica cirúrgica de Lister tendo, entretanto, que abrir mão da explicação exclusivamente social para a maioria das doenças. Para Barreto, a teoria de Pasteur se revelava coerente com a filosofia positiva, ambas culminando na cirurgia, onde o *espírito positivo* substituía o *espírito metafísico*<sup>171</sup>.

A vertente considerada mais ortodoxa, representada pelo Apostolado Positivista, explorava a faceta religiosa do pensamento de Auguste Comte. Miguel Lemos e Teixeira

---

<sup>168</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>169</sup> BARRETO, L. P. Do exercício ilegal da medicina. Apud: LINS, Ivan. **História** (...) p. 82.

<sup>170</sup> Idem, p. 83.

<sup>171</sup> Ibidem, p. 67.



Mendes lideravam o Apostolado, buscando considerar as palavras de Comte o mais fielmente possível. O Apostolado divulgava a religião inspirada na filosofia de Comte, que fora criada no fim da vida deste, e substituíra a idéia de Deus pela Humanidade e adotava um calendário próprio.

O Apostolado, por elaborar um estatuto rigoroso – onde os aderentes se comprometiam em não ocupar cargos políticos, exercer funções acadêmicas ou obter lucro com publicações – foram considerados, por alguns<sup>172</sup>, uma barreira entre o Positivismo e a sociedade, ao invés de um meio de divulgação de idéias. Apesar de vistos como conservadores, Lemos e Teixeira Mendes eram tidos, pelos positivistas, como exemplos de erudição e comportamento moral.

O Positivismo contou, também, com grande disseminação nos meios educacionais, como a Escola Politécnica, o Colégio Pedro II, a Escola Normal, a Escola Militar, as Faculdades de Medicina e Direito e a Escola de Belas Artes. Na instituição onde Nilo Cairo tomou contato com a filosofia, muitos foram influenciados pelo Positivismo, sendo Benjamin Constant e seu discípulo Roberto Trompowsky os que mais se sobressaíram. Trompowsky era professor da Escola Militar no final do século XIX, sendo seu ensino de matemática intensamente relacionado com os escritos de Auguste Comte.

Muitos outros foram os espaços abertos ao desenvolvimento do Positivismo no Brasil; para compreender o contexto desse trabalho, porém, os já citados são suficientes. No que consistia, então, a filosofia que fez o Brasil e, em especial, o Rio de Janeiro viverem *tempos de prosaico Positivismo*<sup>173</sup> ? Conforme já foi dito, Auguste Comte constrói seu

---

<sup>172</sup> Ibidem, p.417.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 243.

pensamento num momento de crise européia, propondo uma maneira de organização da sociedade.

O pensamento comtiano se baseia na “lei dos três estados”, que explica as condições históricas pelas quais o conhecimento humano atravessa de maneira evolutiva: o estado teológico ou fictício, o estado metafísico ou abstrato e, finalmente, o estado científico ou positivo.<sup>174</sup> Cada etapa comporta um sistema filosófico definido: o primeiro estado se caracteriza pela predominância da imaginação sobre a observação, baseia-se em crenças sobrenaturais para explicar a natureza; o segundo, assim como o anterior, procura penetrar na essência das coisas, mas substitui a imaginação pela argumentação e os agentes sobrenaturais por forças abstratas; o terceiro estado, ideal e definitivo, tem como fundamento a observação, onde cada afirmativa deve corresponder a um fato.

No estado positivo, o homem reconhece a impossibilidade de se obter a origem e o fim de tudo, bem como conhecer as causas dos fenômenos em sua essência: sua atenção se volta para a descoberta das leis do universo, através do raciocínio e da observação. Longe da explicação absoluta, limita-se a expor os fatos através de seus *termos reais*<sup>175</sup>, estabelecendo a analogia entre os vários fenômenos particulares e os poucos gerais, cuja a tendência, segundo Comte, é se reduzirem cada vez mais. Toda teoria deve, portanto, basear-se na observação, sem, contudo, entregar-se ao empirismo.

A filosofia positiva afirma que todos os fenômenos estão ligados a leis naturais e invariáveis e que devem ser num menor número possível (embora nunca se reduza a uma única), sem se deter as causas ou conseqüências dos mesmos. Para se atingir esse objetivo, é necessário que haja a compartimentação do conhecimento em diversas áreas, procurando

---

<sup>174</sup> COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. In: OS PENSADORES – Auguste Comte. São Paulo : Nova Cultural, 1996. p.22.

<sup>175</sup> Idem.

não cair no particularismo excessivo. O conhecimento das leis, por sua vez, proporciona ao observador a capacidade de prever o fenômeno e agir, se necessário, introduzindo modificações.<sup>176</sup>

Os diferentes campos de conhecimento ou ciências fundamentais podem ser classificadas, de acordo com Comte, inicialmente pela que contém fenômenos mais gerais e mais simples até chegar a mais complexa e que possui fenômenos mais particulares. Deste modo, ele coloca nesta ordem a matemática, a astronomia, a física, a química, a fisiologia e a física social (sociologia), sendo necessário estabelecer o estudo das mesmas nesta sequência. Esta linha evolutiva se aplica não só para o estudo de diferentes ciências: no interior de um conhecimento, os fenômenos devem ser compreendidos partindo-se dos mais gerais e simples até atingir os mais particulares ou complexos.

A classificação das ciências obedece, também, uma ordem de desenvolvimento: as primeiras são mais antigas e desenvolvidas que as últimas. Como cada uma delas possui suas leis principais inseridas na precedente, *convertendo-se no fundamento do estudo da seguinte*<sup>177</sup>, é necessário que se realize o estudo racional das ciências anteriores a que se quer conhecer. Assim, Comte critica a eleição de apenas uma ciência como área de conhecimento a se dedicar: se as pessoas em geral, e especialmente os cientistas, querem ter uma educação positiva, devem possuir a *cultura prévia* das leis das ciências antecedentes àquela a qual é objeto de seu estudo. Como a matemática está no topo da escala de ciências, é considerada, na filosofia positiva, como *o ponto de partida de toda educação científica racional*.<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> Ibidem., p.47.

<sup>177</sup> Ibidem., p.57.

<sup>178</sup> Ibidem., p.68.

Esta interdependência pode ser exemplificada, ainda, no relacionamento estabelecido entre fenômenos sociais e fisiológicos. Segundo Comte, os primeiros receberiam influência das leis dos segundos, sendo necessário, para compreender os fenômenos sociais, ter conhecimento das leis que regem o organismo dos indivíduos. Nesta lógica, é necessário estudar também os fenômenos dos corpos inorgânicos antes da fisiologia, já que os corpos vivos conteriam fenômenos mecânicos e químicos, acrescidos dos vitais.

Comte acreditava que o momento no qual atravessava era propício para que o homem se dedicasse às investigações científicas com objetivo de descobrir as leis dos fenômenos e confirmar ou não teorias, vencendo a imaginação e a argumentação. Neste estado positivo, os seres humanos poderiam ter esperança em reorganizar a sociedade, pois a crise política e moral das sociedades teria origem na desorganização intelectual<sup>179</sup> proveniente da utilização simultânea das três filosofias, que são incompatíveis.

A filosofia positiva, elegendo a fisiologia como um campo fundamental do conhecimento humano, exerce profunda influência na biologia e, portanto, na medicina. Metodologicamente, Comte contribuiu afirmando a necessidade de se estudar os seres vivos em relação ao meio físico e moral em que vivem<sup>180</sup>. Procedeu à uma classificação dos seres, ao estudo das funções do cérebro e a interação deste com a vida vegetativa que influenciaram Claude Bernard e Mme Curie, entre outros cientistas.<sup>181</sup> Teve, como discípulos, vários médicos como Sémérie e Audiffrent, este último muito citado por Nilo Cairo, embora fosse adepto de muitas posições contrárias à homeopatia.

---

<sup>179</sup> Ibidem., p.40.

<sup>180</sup> COMTE, A. **Cours de Philosophie Positive**; La philosophie chimique et la philosophie biologique) V. 3, 5<sup>a</sup> ed. Paris: Societé Positiviste, 1893. p. 228.

<sup>181</sup> LINS, I. **História...** p.298.

No Brasil, a influência comtiana na área biológica se fez sentir na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que a partir da segunda metade do século começa a produzir várias teses entrelaçando a filosofia positiva e teorias médicas. Um dos exemplos dessas teses é a de Licínio Cardoso intitulada *Concepção da Medicina* e defendida em 1899. Nela o médico explica não ser um positivista ortodoxo, embora tenha se dedicado ao estudo deste pensamento desde quando fora estudante da Escola Militar, mas se instrumentaliza na filosofia comtiana em sua profissão.<sup>182</sup> Tal como Licínio Cardoso, Nilo Cairo e outros médicos também uniram suas crenças no Positivismo à teoria homeopática.

O Positivismo, no entanto, não falava exclusivamente aos homeopatas, pelo contrário: vimos que os seguidores diretos de Auguste Comte e muitos médicos positivistas brasileiros pertenciam à esfera da medicina oficial. Para compreender como foi construída a correspondência entre a filosofia comtiana e a doutrina hahnemanniana precisamos nos remeter às bases teóricas de ambas, presentes no discurso dos homeopatas positivistas do início deste século, e é Nilo Cairo, novamente, quem nos dará as primeiras pistas.

Num sistema médico vitalista, como é a homeopatia, o conceito de força vital ocupa papel central nas bases teóricas da doutrina. Reinterpretada à luz do Positivismo, no entanto, passa a não ser mais o princípio mais importante. Podemos perceber este deslocamento de prioridade ao retomarmos as palavras dos Drs. Alberto Seabra e Nilo Cairo a respeito do dinamismo ou força vital. Enquanto que o primeiro afirma ser inútil buscar a essência dos conceitos de matéria, moléstia ou vida (e, conseqüentemente, força

---

<sup>182</sup> Idem. p.302.

vital), bastando, como afirmava Comte, observar seus fenômenos<sup>183</sup>, o segundo simplifica o princípio traduzindo-o por *energia*.<sup>184</sup>

Destacar o princípio do dinamismo e explicá-lo à luz do Positivismo certamente seria tarefa espinhosa para os homeopatas, uma vez que os vitalistas, especialmente os da Escola de Montpellier, eram criticados por Comte<sup>185</sup> por serem metafísicos. De fato, a explicação dos fenômenos através da noção de “forças” pertence, segundo a filosofia positiva, à etapa metafísica da evolução do conhecimento, e deste rótulo os homeopatas procuravam escapar.

A ciência, para o Positivismo, pressupunha o conhecimento das leis naturais sob a influência das quais os fenômenos se manifestam, a fim de agir sobre os mesmos. A ausência de leis e princípios universalmente aceitos, itens básicos para a existência de uma filosofia positiva, era do que reclamava Nilo Cairo ao criticar a medicina oficial que o havia formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>186</sup>. A busca por estas noções o atrai para a homeopatia, que tem, por base, uma lei terapêutica observável a todos os seres humanos indistintamente: *Similia Similibus Curantur*.

Além do princípio terapêutico homeopático, Cairo vai buscar a correspondência entre a filosofia positiva e a doutrina hahnemanniana em outras categorias, considerando-as como leis. Fazendo a crítica da tese inaugural de um médico positivista alopata, Nilo Cairo reconhece o princípio da individualização como pertencente tanto à Comte quanto à Hahnemann:

---

<sup>183</sup> SEABRA, A. **A Verdade...** p.70.

<sup>184</sup> CAIRO, N. **Elementos...** p.70.

<sup>185</sup> COMTE, A. **Primeros Ensayos**. México: Fondo de Cultura Economica, 1942. p.301.

<sup>186</sup> CAIRO, N. **Similia...** p.5.

(...) si o nosso illustre collega quizer dar-se ao trabalho de lêr (como sabemos que lê os Manuaes do Dr. P. Jousset) a obra fundamental do FUNDADOR da Homoeopathia e apanhar o espirito geral della, reconhecerá facilmente que o princípio systematico – *so ha doentes; não ha molestias* – em que se resume a doutrina pathologica de A. COMTE, é exactamente o princípio que serve espontaneamente de base á therapeutica aconselhada por HAHNEMANN, que jáímais deixou de sobre elle insistir em toda a sua carreira.<sup>187</sup>

A individualização, dentro desta perspectiva homeopática, inclui em ver cada doente como único e como unidade, isto é, enquanto ser integral e não um organismo que possa ser dividido em membros e órgãos. Deve ser considerado em seus aspectos físicos e psicológicos conjuntamente, o que corresponde, também, ao pensamento comtiano que critica os estudos do corpo separadamente da alma e vice-versa, como pretendiam a psicologia do século XIX.<sup>188</sup> A unidade entre o físico e o psíquico e a necessidade em tratar o doente segundo este princípio é reconhecido, por Nilo Cairo, como correspondente à filosofia positiva e à homeopatia, quando o médico afirma que *as ligações entre o cerebro e o corpo são de tal modo intimas, de tal modo a harmonia visceral depende da harmonia cerebral e vice-versa, que o medico não póde deixar de tratar da alma, tratando do corpo.*<sup>189</sup>

Um dos indícios desta preocupação em curar tanto o físico quanto o psíquico de maneira individualizada e, assim, cumprir com a filosofia positiva pode ser encontrado nas características do medicamento homeopático. Cada medicamento, como já foi colocado na primeira parte deste capítulo, corresponde a sintomas físicos e psicológicos que o doente deve apresentar (ao menos em grande número) para que o remédio lhe corresponda. Esta peculiaridade do medicamento homeopático foi visto como indício de uma medicina positiva, como interpreta Licinio Cardoso:

<sup>187</sup> BIBLIOGRAPHIA. **Annaes de Medicina Homœopathica**. Rio de Janeiro, a.7, n.3, p.119. mar.1905.

<sup>188</sup> COMTE, A. **Primeros** (...) p.292; COMTE, A. **Cours** (...), p. 422.

<sup>189</sup> CAIRO, N. **Similia** (...), p.143.

A sabedoria de HAHNEMANN ultrapassando, de muito, tudo quanto houvera sido feito até então, instituíra essa therapeutica portentosa que não só aproveita os agentes da materia medica propriamente dita, porém igualmente factores psychicos; Therapeutica que, subordinada á comprehensão da universalidade da molestia, tanto se dirige ao corpo como á alma.<sup>190</sup>

Outra correspondência encontrada entre filosofia positiva e homeopatia, também relacionada com a escolha do medicamento, está no fato do diagnóstico seguir o método comtiano, que consiste em começar pelo mais geral e simples até chegar ao mais específico e complexo. Isto se aplica tanto ao estudo das ciências, de acordo com a classificação elaborada segundo este princípio, quanto para o estudo dos fenômenos.

Em relação ao diagnóstico homeopático, o método é praticado quando, inicialmente, se detecta a “doença geral”(que corresponde ao diagnóstico alopático) e, a partir daí, com a ajuda da descrição de pormenores fornecidos pelo doente, se tem o quadro individualizado e complexo. Olhando para este processo, Nilo Cairo o descreve como um meio de realizar a *adaptação dos processos geraes aos casos especiaes de que nos fala A. Comte*<sup>191</sup>.

A eleição do medicamento que constituirá a terapêutica, está conjugada à importância dos sintomas apresentados pelo doente que, por sua vez, não são a enfermidade real na concepção homeopática, pois esta é a perturbação da força vital. Esta noção de que as enfermidades conhecidas são apenas sintomas de uma perturbação orgânica também é defendida por Auguste Comte, quando comenta a teoria de Broussais, que defende as doenças como sendo causadas por excesso ou deficiência de excitação ( ou irritação) nos diferentes tecidos<sup>192</sup>.

---

<sup>190</sup> CARDOSO, L. Discurso. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.8, n.4 / 6, p.172-173, abr. / jun. 1906.

<sup>191</sup> CAIRO, N. **Similia** (...). p. 141.

<sup>192</sup> COMTE, A. **Primeros** (...) p. 298.



A moléstia, sendo considerada a alteração do equilíbrio da força vital pelos homeopatas, deve ser curada, como já foi dito, por um princípio igualmente não material. Isto traz mais uma característica do medicamento homeopático: suas dinamizações, isto é, a ação curativa, não se daria através das substâncias químicas que pudesse ter, mas por meio de sua atuação energética, acentuada pelas diluições e sucussões. Assim como o princípio da força vital, o medicamento dinamizado é algo um tanto difícil de se aplicar sob a lógica positiva, sem correr o risco de parecer, aos olhos do Positivismo, algo pertencente ao estado metafísico. Nilo Cairo, num artigo comentando a circular *Pozitivismo e Vegetarismo* de Miguel Lemos, procura convencer os líderes do Apostolado Positivista da eficácia dos medicamentos dinamizados:

(...) si, depois desse exame, o digno chefe do Apostolado Positivista do Brazil tentar, como o fez para com o vegetarianismo, algumas experiencias decisivas com os nossos medicamentos em casos clínicos, S. Exa. terá occasião de reconhecer “*que as cellulas vivas, como diz H. Roger, são impressionadas por quantidades de substancias que nenhum reactivo químico póde desvendar*”, e que as nossas diluições, que tanto rizo causam a muita gente, exercem effectivamente acções benéficas sobre o organismo.<sup>193</sup>

Cairo afirma a possibilidade de observação da ação dos medicamentos homeopáticos, procurando fugir de qualquer consideração metafísica ao considerar que a homeopatia *passou ha muito das nebulosidades do dynamismo para o terreno pozitivo da experimentação*<sup>194</sup>. A construção do discurso de um médico de modo a afirmar ser o medicamento diluído ativo fisicamente, sem considerar qualquer elemento não observável no organismo, representa uma busca em reafirmar a objetividade da medicina homeopática.

É ainda se baseando neste passo do método positivo – a observação e a experimentação sem, contudo, cair no empirismo – que os homeopatas estabelecem mais

<sup>193</sup> CAIRO, N. Positivismo e Homoeopathia. *Annaes de Medicina Homœopathica*. Rio de Janeiro, a. 5 , n. 4 , p. 75-76. abr. 1903.

<sup>194</sup> Idem, p.75.

uma ponte entre o sistema médico elaborado por Hahnemann e a filosofia positiva. Efetuando experiências em si mesmo, o médico alemão chegou aos princípios essenciais de sua doutrina, e isto é lembrado por Alberto Seabra como um indício de cientificidade da teoria homeopática:

Foi seguindo-lhe a pista passo a passo, que Hahnemann chegou á descoberta da lei e á sua demonstração experimental. Provou a quina, estando em perfeita saúde e esta lhe determinou *symptomas febris*. Tratar-se-ia de uma simples coincidência, perguntou de si para si.

Experiencias numerosas foram feitas durante quarenta annos de infatigavel labor. E destas experiencias resultou a evidencia da lei e a fundação da *Materia Medica Positiva*.<sup>195</sup>

A crença no medicamento enquanto meio de cura positivo – e, portanto, eficaz – é revelado não só pelo discurso médico, como também em uma propaganda que apresentava o remédio homeopático enquanto *medicação positiva*. Mas não é somente o medicamento o único elemento de cura à disposição da homeopatia.

Como uma medicina que acredita na conservação do “terreno”, ou seja, do organismo como modo de impedir a manifestação de doenças e seguindo uma tendência geral na ciência médica, a doutrina hahnemanniana recomendava alguns preceitos higiênicos e dietéticos para se alcançar a saúde. Hahnemann faz algumas disposições sobre meios curativos além dos medicamentosos, colocando ainda aspectos sanitários e educacionais a serem observados por determinados doentes. Considerando, além destes aspectos, os médicos ressaltavam a necessidade – sublinhada pelo Positivismo<sup>196</sup> – de atentar para o aspecto moral e social do enfermo.

---

<sup>195</sup> SEABRA, A. **A Verdade** (...), p. 59.

<sup>196</sup> COMTE, A. **Cours** (...), p. 233.

Em relação à conduta moral dos doentes, é exemplar a exortação que Nilo Cairo faz, na conclusão de *Similia Similibus Curantur*, aos médicos para que considerem as condições morais, intelectuais e materiais do paciente, ao escolher a terapêutica e o medicamento a ser administrado. A complexidade de itens a serem observados pelo clínico requer deste *saber enciclopédico* e justifica, para Cairo, a dificuldade em encontrar o medicamento homeopático correto para cada caso<sup>197</sup>. Ele afirma ser a saúde a harmonia de corpo e espírito, sendo necessário olhar por todos os aspectos para que se mantenha esta condição, cabendo ao médico, principalmente, fazê-lo:

Ao médico (...) compete não só intervir por meio dos medicamentos, mas também prescrever as condições morais e intelectuais a que deve ser submetido o seu doente afim de que voltem à sua primitiva harmonia as funções animicas e, pela sua reacção sobre as visceras, auxiliem a restaurar ou mesmo restaurem por si sós o estado normal.<sup>198</sup>

Através dos cuidados físicos e morais junto ao doente, o médico e a medicina homeopática serão os responsáveis pelo fim supremo do sistema filosófico de Auguste Comte: a regeneração da sociedade. Assim, a manutenção da saúde individual deve ser feita tendo por objetivo não somente as satisfações pessoais, mas visando o bem comum. As prescrições higiênicas e a educação não devem se limitar às necessidades individuais, mas precisam ser realizadas conscientemente em busca da harmonia social. O objetivo da medicina está muito além dos cuidados com o indivíduo:

E quando, por outro lado, as sollicitudes sociais se voltarem com mais intelligencia a actividade para o saneamento do nosso planeta, nós teremos attingido o ideal da prophylaxia mais rigorosa, em que o homem poderá ter a esperanza de ver desaparecerem quasi todos os typos

---

<sup>197</sup> CAIRO, N. *Similia* (...). p. 143.

<sup>198</sup> Idem.

pathologicos da doença, que actualmente flagellam a humanidade, ou pelo menos de vel-os raramente se manifestarem<sup>199</sup>

A representação do médico enquanto responsável pela cura dos doentes, neste caso, extrapola qualquer objetivo individual. O médico, para os homeopatas positivistas, é responsável pela saúde de toda a sociedade. Esta é a crença que eles têm de si mesmos: operadores da regeneração social. Para que tal objetivo se concretize, entretanto, é necessário que a homeopatia prevaleça como medicina verdadeira. Uma vez que a transformação social, dentro do pensamento evolutivo do Positivismo, é uma etapa certa, também a homeopatia poderá contar com seu reconhecimento, mesmo que vindouro.

#### **1.4 A Terapêutica do Amanhã**

A construção da homeopatia como medicina positiva pode ser verificada na correspondência feita entre as teorias de Comte e Hahnemann, porém, ela não se limita a este nível. A comprovação da medicina homeopática enquanto pertencente à filosofia positiva se dá, também, através da elaboração de sua história, tendo como principal protagonista o médico alemão Samuel Hahnemann.

A concepção de história da medicina homeopática acompanha a noção proposta pela filosofia positiva: cada ciência passa, evolutivamente, pelos estados metafísico, teológico e positivo. Ao longo desta evolução, alguns homens se destacam por contribuir com os fundamentos do estado positivo.

Assim, Hahnemann é descrito como um homem que reuniu as características necessárias para ser um homem notável, segundo a filosofia positiva: coração, espírito e

---

<sup>199</sup> Ibidem, p. 144.

caráter, correspondentes ao sentimento, à inteligência e a atividade.<sup>200</sup> Estes predicados transformaram o criador da homeopatia num ser superior fisiológica e moralmente<sup>201</sup>, que, com seus atributos intelectuais, move-se no sentido de buscar a felicidade coletiva, o bem estar humano.

Embora um ser especial, destinado a se dedicar a fins altruísticos reunisse condições individuais indispensáveis para contribuir com o estado positivo de uma ciência, ele sozinho não seria capaz de realizar tais façanhas. Isto porque a história de uma ciência, para o Positivismo, é feita passo à passo, sendo necessária a passagem pelos estados posteriores – teológico e metafísico – que irá culminar, numa *hora historica propícia*<sup>202</sup>, do conhecimento positivo.

A existência de condições sociais, obtidas ao longo da história, é pré-requisito indispensável para o aparecimento de um personagem notável que, com o material acumulado durante a evolução e possuidor de características físicas e psíquicas especiais, possa lançar as bases de um conhecimento positivo. Assim, a ciência médica não seria possível se o homem não tivesse passado por descobertas nesse campo, desde a antigüidade. O mesmo ocorreria com a doutrina hahnemanniana:

(...) também o surto da Homoeopathia, preparado, como se achava, pelos numerosos trabalhos de um longo passado, foi um phenomeno social tão necessario e inevitavel como a conquista das gallias ou o descobrimento do duplo movimento da Terra. Si a maçã de NEWTON, traduzindo a legenda duma descoberta scientifica, não é senão um symbolo que serve para assignalar uma hora inevitavel da sciencia, a tradução da *Materia Medica* de CULLEN não é menos o symbolo que serve para representar a resolução inediavel de um problema amadurecido pela longa evolução do seculo, marchando desde os tempos de HIPPOCRATES para uma definitiva reorganização das cousas.<sup>203</sup>

<sup>200</sup> CARDOSO, L. Discurso (...) p.185.

<sup>201</sup> HAHNEMANN. *Annaes de Medicina Homœopathica*, Rio de Janeiro, a.7, n.4, p.122. abr. 1905.

<sup>202</sup> Idem.

<sup>203</sup> Ibidem., p.123-124.

Inevitável é a palavra que traduz o surgimento da homeopatia, assim como é inevitável, para os positivistas, a passagem humana pelos estágios evolutivos do conhecimento que lhe são reservados. A homeopatia é descrita como produto da evolução médica, este mesmo desenvolvimento que irá desembocar na medicina oficial, para os médicos que nela acreditam. O aparecimento dos sistemas médicos vitalistas, embora estes não possuíssem condições “lógicas e científicas” suficientes, foi o terreno propício para que, mais tarde, surgisse um homem que sintetizasse e aperfeiçoasse a medicina, tornando-a científica: *HAHNEMANN foi, pois, a conclusão inevitável de todo o trabalho dos séculos anteriores*”<sup>204</sup>.

Hahnemann é identificado por duas maneiras que, embora sejam diferentes, concordam num mesmo ponto: a genialidade da descoberta do médico alemão. A primeira, retratada por Licínio Cardoso e Alberto Seabra <sup>205</sup>, mostram-no como um médico que fundou a medicina positiva. A outra visão, retratada por Nilo Cairo, coloca Hahnemann como possuidor do mérito de reformador da medicina, mas pertencente ainda a um tempo onde a metafísica reinava, faltando-lhe alguns elementos para que seu sistema médico possa ser considerado como definitivamente positivo. A teoria só poderia ser completa após descobertas que ainda não tinham sido realizadas no tempo de Hahnemann, pois elas pertenceriam à época de Auguste Comte:

Mas, por lhe faltarem as duas condições necessárias a coordenação dos phenomenos moraes ( a localização no cerebro de todas as funções anímicas, de modo a constituir o aparelho pelo qual os mortos

---

<sup>204</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>205</sup> CARDOSO, L. Discurso (...) e SEABRA, A. **A Verdade** (...).

governam os vivos, e a descoberta das leis que regem a evolução social), não poudes a sua construção pathologica comportar uma consistencia inabalavel e uma perfeição definitiva.<sup>206</sup>

Embora os discursos que tratam da história da homeopatia contrastem neste ponto, eles convergem em afirmar que a medicina homeopática oferece lacunas a serem preenchidas. Acreditam num crescer evolutivo da homeopatia, que só contribuirá para afirmá-la mais decisivamente no campo do conhecimento positivo, no campo da ciência. Assim, compreende-se porque médicos como Nilo Cairo e Licinio Cardoso, confessadamente positivistas, admitem a existência de possibilidades de complementar a obra de Hahnemann como, por exemplo, no caso do complexismo de medicamentos. *A evolução não para; a obra não está terminada*<sup>207</sup>, é o que afirma o Dr. Cardoso.

O advento da homeopatia, considerado uma grande obra pelos homeopatas sofre, no entanto, pela falta de reconhecimento no meio científico, representado pela medicina oficial e pelos positivistas que seriam, por princípio, os conhecedores da filosofia positiva. É esta falta de legitimidade científica que faz Nilo Cairo apelar ao Apostolado Positivista em prol de uma melhor análise da teoria hahnemanniana, a fim de obter o reconhecimento desta enquanto filosofia positiva.<sup>208</sup>

Considerando Hahnemann como colaborador imediato de Auguste Comte em sua regeneração social, Licinio Cardoso critica o mentor do Positivismo por ser injusto com o pai da medicina homeopática, por não o ter considerado, como fez com Bacon, Galileu e Descartes, um dos contribuidores da obra positivista. Acusa Comte de ter sido pouco atento à teoria hahnemanniana, deixando-se influenciar apenas pelos aspectos metafísicos desta,

---

<sup>206</sup> HAHNEMANN (...) p.125.

<sup>207</sup> CARDOSO, L. Discurso (...) p.173.

<sup>208</sup> CAIRO, N. Positivismo (...) p.76.

lançando-a, prejudicialmente, a esferas exteriores ao campo científico. De fato, Comte não aprovava a homeopatia por julgá-la, assim como a Escola de Montpellier, pertencente a estados anteriores ao positivo.

Se a elevação de Hahnemann e sua teoria ao patamar da ciência não havia se efetuado até então, caberia aos homeopatas trabalharem para que tal coisa ocorresse. Licínio Cardoso lança um apelo à história como agente de redenção à falta que o presente cometia com a medicina homeopática:

Podemos estar seguros, todavia, de que o grande reformador da medicina ha de ocupar fatalmente o seu lugar na Panthéon da Humanidade. A historia verdadeira, a historia sciencia e não a historia anecdotica, a historia que se occupa da verdadeira evolução humana (...); essa historia ha de collocar o vulto glorioso de HAHNEMANN num dos seus mais altos degrãos, illuminando-o com a luz radiante de um julgamento são, de um julgamento sabio.<sup>209</sup>

A história, mediante a idéia evolutiva do Positivismo, tem o papel de, no futuro, olhar para o passado e reconhecê-lo como verdadeiro. No caso da homeopatia, Hahnemann, como seu grande personagem, terá o julgamento e a absolvição da história – note-se, da “verdadeira história” – que o colocará ao lado dos contribuidores do conhecimento positivo, aqueles que, já no presente, têm o reconhecimento da ciência oficial.

É, ainda, esta idéia de história que vai fornecer explicações sobre os diferentes graus de difusão da homeopatia nos diversos países em que foi introduzida. Criticando a apatia dos médicos homeopatas brasileiros em contribuir para a propaganda da homeopatia no Brasil, Nilo Cairo publica um artigo na revista em que é editor.<sup>210</sup> O mesmo acaba tendo

<sup>209</sup> CARDOSO, L. Discurso (...) p.186.

<sup>210</sup> UM APELLO. **Revista Homeopathica do Paraná**, Curitiba, a.2, n.4, p.61-67. abr.1907.



continuidade, mediante a carta do colega Saturnino de Meirelles, que acusa de não considerar as condições peculiares da sociedade brasileira.

Ao explicar o pouco desenvolvimento da doutrina hahnemanniana no Brasil, em comparação a outros países como os Estados Unidos, o médico paranaense propõe uma *solução científica*<sup>211</sup> para a questão: investigar, inicialmente, as condições sociais para o desenvolvimento espontâneo da homeopatia na América e, posteriormente, compreender os motivos que impedem este mesmo desenvolvimento em solo nacional.

Cairo afirma que, apesar da colonização se ter processado de maneiras diferentes, tanto a América do Norte quanto a do Sul se achavam a salvo de *obstáculos retrogrados* provenientes de corporações científicas, como as existentes na Europa, que dificultavam a aceitação da medicina homeopática. Além disso, ambas as Américas não dispunham de um clero poderoso que pudesse influenciar, retrogradamente, política e moralmente os povos. Pelo contrário, contavam com governos que estavam dispostos a abraçar novas idéias e que tinham como principal preocupação a consolidação da nacionalidade.

Apesar das condições retratadas serem semelhantes, o homeopata paranaense prossegue sua análise afirmando que, por ter sido efetivada pelo catolicismo e pela realeza, a colonização da América Latina impediu a rápida disseminação de qualquer novidade. Já a América do Norte, por contar com a iniciativa individual e a educação protestante, condicionou a população a permitir a adoção de inovações, apesar de ter sido considerada inferior moralmente por Comte.

O Brasil, por sua vez, teve sua colonização efetivada por núcleos isolados que impediram, segundo Cairo que os brasileiros fizessem contato com estrangeiros e assimilassem as descobertas científicas que estavam ocorrendo na Europa. O isolamento,

---

<sup>211</sup> A HOMŒOPATHIA no Brazil. **Revista Homœopathica**, Curitiba, a.2, n.7, p.125. jul.1907.

somado a outros fatores como a colonização predatória de portugueses que estavam interessados no enriquecimento individual, a educação popular “viciosa”, e o desenvolvimento da escravidão negra no Brasil produziu, geneticamente, um povo *atrazado e molle*, um *typo occidental corrompido, molle, egoista, sem energia de caracter, de habitos rotineiros alheio a todo sentimento de associação (...)*<sup>212</sup> Para ele, o brasileiro, inapto geneticamente, seria incapaz de compreender a máxima da filosofia positiva que afirma ser a felicidade individual resultante da felicidade coletiva.

Assim como a história tem a possibilidade de redimir, ela tem o poder de condenar, na análise de Cairo. Deste modo, os homeopatas brasileiros se consideram tolhidos pelas condições sociais, ocasionadas pela *impossibilidade natural resultante das fatalidades historicas*<sup>213</sup>, que lhes travavam a propagação rápida e fácil da doutrina hahnemanniana. Seria impossível transformar o Brasil numa América do Norte, onde a homeopatia tomava vulto, sem violentar as “leis naturais” às quais a história positivista estava, assim como qualquer ciência, subordinada. No entanto, era viável, sair da apatia através destas mesmas leis, que também eram evolutivas: *Mas por isso mesmo que evoluimos, compete a certas classes, e mesmo a certos homens, apressar essa evolução, e, no tocante ao ponto particular que nos ocupa, é aos medicos homoeopaths brasileiros que compete impulsionar a carreira da Homoeopathia em nosso paiz.*<sup>214</sup>

A esperança num futuro redentor para a memória da homeopatia não impede que os médicos abandonem a busca de um reconhecimento presente. Para Nilo Cairo, que foi um dos protagonistas homeopatas mais ativos do início do século, os adeptos do sistema hahnemanniano, deveriam garantir seu triunfo agindo de modo cooperativo, levando em

---

<sup>212</sup> A HOMŒOPATHIA no Brazil. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a.2, n.8, p.146, ago.1907.

<sup>213</sup> Idem., p.147.

<sup>214</sup> Idem.

conta a interdependência de felicidade individual e coletiva. Ele exemplifica financeiramente os resultados do associativismo e da propaganda homeopática: *os proventus materiaes dos medicos e pharmaceuticos homœopathas augmentariam, pelo contrario, si, por seu esforço commum, procurassem elles espalhar pelo povo e pela classe profissional, em mais larga escala, o nosso methodo de tratamento.*<sup>215</sup>

A legitimidade reconhecida dependia dos esforços dos médicos homeopatas, congregados em torno do Instituto Hahnemanniano do Brasil em divulgar o sistema médico que praticavam, bem como os resultados que obtinham. Porém, outras maneiras de legitimação, envolvendo principalmente os segmentos mais intelectualizados da sociedade, moviam os médicos, principalmente os que eram positivistas declarados, a se aproximarem dos discípulos de Comte. Mais do que vincular teoricamente seu discurso com as idéias comtianas, os homeopatas chegavam a pedir aos líderes positivistas que reconhecessem a doutrina hahnemanniana enquanto medicina positiva e, portanto, científica:

(...) o Snr. Miguel Lemos verificará que os homoeopathas de hoje são *homœopathas*, mas não são *hahnemannianos* e que, marchando por uma estrada tão scientifica e tão pozitiva como qualquer outra, elles merecem tambem ser tolerados no seio do Positivismo, mesmo porque, como disse Augusto Comte na sua 55ª carta ao Dr. G. Audiffrent, *os medicos pozitivistas serão tão distinctos dos allopathas como o são os homœopathas*, o que importa em condemnar ou em tolerar ambos.<sup>216</sup>

A aproximação entre a filosofia de Comte e o sistema médico de Hahnemann feita no Brasil no início do século XX, a nível teórico-metodológico, envolvendo, inclusive concepções de história e sociedade comporta uma série de reflexões sobre a postura dos médicos homeopatas em relação ao corpo teórico que defendiam.

<sup>215</sup> A HOMŒOPATHIA no Brasil. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a.2, n.9, p.163. set.1907.

<sup>216</sup> CAIRO, N. Positivismo (...), p.74-75.

Uma destas questões se relaciona a uma possível aproximação anterior entre as idéias de Comte e Hahnemann. Teria ocorrido, na forja destas duas teorias, uma mútua influência ? Ora, em relação a Hahnemann, é possível afirmar que seu sistema médico não sofrera influências positivistas, pois a homeopatia já contava com seus alicerces lançados em 1810, quando Comte contava com apenas doze anos. Além disso, o sistema médico homeopático deriva do vitalismo do século XVIII, contrário ao mecanicismo cartesiano que modela medicina oficial e inspira a filosofia comtiana.

Em relação ao Positivismo, notamos que ele busca obter, na área fisiológica uma medicina positiva. No entanto, ele não se dirige especificamente nem à medicina oficial nem à homeopática. A medicina oficial, inclusive, teve adeptos que seguiam a filosofia positivista, como é o caso dos discípulos diretos de Comte, os doutores Audiffrent e Sémérie, que defendiam a microbiologia, teoria notadamente oficial. O Dr. Sémérie escreve, em 1883, uma monografia intitulada *La Conquete du Microbe*, que afirma a existência dos micróbios, aptos a invadir o corpo humano. Ele compara Pasteur a um jardineiro que, ao invés de plantas, cultiva micróbios para estudar e “domesticar”, transformando-os em vacina capaz de debelar a doença que anteriormente provocavam.

Vários médicos brasileiros, pertencentes à medicina oficial, foram influenciados pela filosofia comtiana. Viam na possibilidade de observação do elemento patogênico através da microbiologia e da retirada da doença pela cirurgia, elementos que, para eles, eram seguramente indícios de uma medicina positiva. Isto ocorre igualmente no campo da psiquiatria que considera a inter-relação entre elementos sociais e morais uma das explicações para a loucura.

Uma vez que a homeopatia não continha, em sua origem, elementos da filosofia positivista, e nem esta a via como ciência positiva – pelo contrário, taxava-a de prática

metafísica – porque a homeopatia, num momento de sua história, a possibilidade de construir seu discurso tendo como alicerce o pensamento de Auguste Comte ? A medicina homeopática nasce tendo como linha norteadora as idéias vitalistas que se contrapunham às teorias mecanicistas, base da medicina oficial. Além disso, Hahnemann, ao criar a homeopatia, afirmava-a como “verdadeira medicina”, considerando o sistema médico legitimado enquanto tal como meio paliativo de cura, incapaz de curar totalmente, não constituindo, portanto, uma medicina verdadeira.

A afirmação desta legitimidade acompanhou a homeopatia em sua introdução no Brasil; no entanto, a aceitação de seu discurso bem como a conquista de clientela passou pela adoção de um vínculo com explicações religiosas de cura. O próprio discurso do fundador da homeopatia abria brechas para essa interpretação, fosse através dos princípios com os quais trabalhava, como o de força vital, como também atribuindo à homeopatia uma origem divina.

O discurso religioso utilizado no momento da introdução e desenvolvimento da homeopatia no Brasil, não mais servia ao século XX, principalmente porque ele não facilitava o reconhecimento da teoria hahnemanniana no âmbito da medicina oficial. Ser identificada como prática de cura pertencente à esfera da medicina legítima era a preocupação da doutrina de Hahnemann, e isso se acentua, no Brasil, logo após sua introdução ter sido efetivada. Pertencer ao campo da medicina e não à “crendice popular” requeria a adaptação e a reinterpretação, por parte dos médicos homeopatas, de alguns pontos de sua teoria para que ela pudesse ser reconhecida enquanto ciência. O Positivismo ofereceu, por seu aparato teórico e aceitação na sociedade brasileira, as condições necessárias para sustentar o discurso homeopático enquanto científico.

A adoção do Positivismo enquanto teoria explicativa da homeopatia não pode ser vista, no entanto, como algo pragmático. Muitos médicos, como Nilo Cairo, já possuíam contato com o Positivismo antes mesmo de seguirem carreira médica e optarem pela homeopatia<sup>217</sup>. Vários homeopatas, antes de serem médicos, eram engenheiros e militares, o que fez, por exemplo, um alopata afirmar ser o cálculo infinitesimal<sup>218</sup> ser a ponte de ligação entre profissões tão distintas. Nilo Cairo, contestando esta afirmação, afirmava ser outro o motivo que levava tantos engenheiros a abraçarem a homeopatia: tratava-se do fato do estudo da matemática dar *ao espirito uma rectidão logica*, só compatível com a medicina hahnemanniana<sup>219</sup>.

Torna-se pouco relevante apontar o quê, na formação dos homeopatas ocupou o primeiro lugar: trata-se de identificar que os médicos viram, na homeopatia uma possibilidade de realizar a medicina positiva e no Positivismo, a chance de afirmar a medicina de Hahnemann enquanto saber científico, através da valorização dos elementos racionais contidos na teoria homeopática. A justaposição entre Positivismo e homeopatia foi uma das formas pelas quais o discurso homeopático requis o estatuto de ciência. Afirmar-se enquanto saber verdadeiro implicou em acusar o discurso adversário de falso, com o objetivo de ocupar-lhe a posição. A busca pelo espaço constituído pela legitimidade

---

<sup>217</sup> Era muito comum os médicos que já possuísem formação nas ciências exatas, como as engenharias ou matemática, serem adeptos do positivismo e da homeopatia, o que chamava a atenção de outros médicos. ( Ver: BIBLIOGRAPHIA. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 3, p.119. mar. 1905. ) Isto servia para reforçar a idéia de que a homeopatia era a medicina positiva, já que os médicos que a adotavam possuíam o saber enciclopédico necessário ao cientista, que deveria se iniciar com as ciências matemáticas, como defendia Comte. A matemática era a principal ciência da era moderna, pois possibilitava ao homem uma abordagem inteiramente nova da natureza, independente das “experiências terrenas”. (Cf. ARENDT, H. **A Condição** (...), p. 277-80.

<sup>218</sup> Parte fundamental da análise matemática, sobre a qual se apoia outros domínios dessa ciência, e em que se investigam as propriedades das derivadas e diferenciais, os processos de obtê-las e a operação de integração, suas propriedades e métodos de obtenção de primitivas. Cf HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.319.

<sup>219</sup> UMA CONTESTAÇÃO. **Revista Homeopathica Brasileira**, Rio de Janeiro, a. 6, n. 2, p. 48/50, fev. 1911.

científica no qual a medicina oficial era soberana e as conseqüentes disputas exercidas através do confronto entre os discursos de ambos os sistemas médicos revela mais uma etapa do esforço da homeopatia em se instituir enquanto uma medicina verdadeira. Serão estes confrontos objetos de análise do próximo capítulo desse trabalho.

## CAPÍTULO II: A Homeopatia no “Século do Micróbio”

Fomos agredidos! Assim devia ser... quando se não tem razão, responde-se com insultos. E aonde iriam buscar os homeopatas razões convincentes para oporem às nossas? Onde? Há sistema mais absurdo e ridículo do que a homeopatia? Onde as bases em que se firmar — *similia similibus curantur*? Absurdo! *Contraria contrariis curantur* — eis a verdade! Há nada mais natural e simples do que tratar o calor pelo frio, o seco pelo úmido, os humores pelos laxantes, a sua acricidade pelo álcalis, etc. etc.? O contrário disto não tem o senso comum. A alopatia é o grande e verdadeiro sistema e ... Mas, aí, que eu estou aqui a questionar e o doente está a minha espera! Com licença.<sup>220</sup>

### 2.1 A “guerra sábia”<sup>221</sup>

Ao escrever *Similia Similibus Curantur*, Nilo Cairo apresentou suas crenças médicas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que reprovou suas considerações, pois conceder o grau de médico a um indivíduo seria lhe dar poder de falar em nome da instituição, legitimamente. Quais eram, então, as idéias contestadas por Nilo Cairo e, por extensão, pela homeopatia?

No século XIX, quando a vinda da Corte portuguesa gerou novas necessidades na área de saúde e foram implantados dois cursos médico-cirúrgicos<sup>222</sup>, a teoria mais difundida entre os profissionais de saúde (que ainda eram poucos, neste período) e transmitidos à população era que os miasmas seriam os causadores das doenças. Definidos como emanções nocivas que se propagavam e atacavam os organismos<sup>223</sup>, os miasmas eram disseminados principalmente através do ar e da água. A concepção miasmática de doença que prevaleceu no século XIX foi a justificativa para a intervenção dos médicos nas

<sup>220</sup> Fala do personagem *Cautério*, médico alopata, na cena V de: PENA, M. **Os Três** (...) p. 159-60.

<sup>221</sup> Expressão utilizada pelo Dr. Nilo Cairo em seu artigo *A Homœopathia – VII. Diário da Tarde*, Curityba, 21 de dezembro de 1905. p. 1.

<sup>222</sup> SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo** (...) p. 192.

<sup>223</sup> CHERNOVIZ, P. L. Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular**. 6ª ed. Pariz : Roger & F. Chernoviz, 1890. p. 421-27.



idades, provocando transformações que interferiram não só nos aspectos físicos urbanos como também em suas relações sociais e familiares<sup>224</sup>.

Inicialmente foram criadas as Escolas cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro, ambas transformadas em academia em 1813 e 1815, respectivamente, gerando uma maior institucionalização e hierarquização em relação à medicina. Apesar disto, a censura às pessoas não diplomadas só foi mais intensa com a consolidação da medicina em 1829, com a fundação da Sociedade de Medicina e em 1832, com um decreto transformando as academias de medicina em “escolas” e “faculdades”, dando-lhes o direito de conceder títulos de doutor em medicina, farmacêutico e parteiro. Uma nova organização dos cursos médicos, desta vez mais efetiva, só se realizou em 1870, por diversos motivos que fizeram do médico um profissional mais destacado socialmente.<sup>225</sup>

Dentre as modificações efetuadas nos dois cursos de medicina existentes no Brasil, figura a manutenção de publicações . A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro contou, desde 1887, com o periódico intitulado *Brazil-Medico*, cuja equipe de redação permaneceu intocada por vinte e cinco anos. A revista teve sua abordagem dirigida principalmente às doenças tropicais, já que, na concepção de Azevedo Sodré, seu diretor-proprietário, cada localidade possui suas moléstias peculiares.

O *Brazil-Medico* teve duas fases assim definidas<sup>226</sup>: de 1887 a 1900, os artigos se voltaram à cirurgia e à medicina interna, dirigindo-se especialmente aos profissionais e não se atendo às questões de teor social; de 1900 a 1920, dedicou maior atenção à higiene pública, onde os artigos refletiam a preocupação dos médicos com o combate às epidemias,

---

<sup>224</sup> MACHADO, R. (org.). **Danação** (...) e COSTA, J. F. **Ordem** (...) p. 195-98.

<sup>225</sup> SHWARCZ, L. M. **O Espetáculo** (...) p. 195-98.

<sup>226</sup> Idem, p. 218-30

as campanhas de saneamento e à construção de uma “medicina tropical”, tendo Oswaldo Cruz e Carlos Chagas como exemplos de pesquisadores de prestígio.

Nesta segunda etapa do *Brazil-Medico*, órgão oficial da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a medicina brasileira já recebia fortes influências de uma nova teoria médica: a microbiologia ou bacteriologia. Esta vertente explicativa das patologias foi estabelecida por Louis Pasteur (1822-1895) quando, em 1851, pesquisava sobre as bactérias que causavam a fermentação do vinho, descobriu que estas eram incapazes de provocar o processo após o aquecimento da bebida, fenômeno conhecido posteriormente como pasteurização.

Outro passo decisivo na constituição da microbiologia foi o estudo que Pasteur efetuou quando foi convidado para investigar a causa da cólera nas galinhas, tendo a oportunidade de observar a multiplicação dos micróbios causadores da doença. Além de provar a capacidade patológica dos micróbios, pode constatar que era possível atenuar a virulência destes. Produzindo micróbios enfraquecidos, poderia inoculá-los no organismo dos indivíduos, que estariam imunes às doenças causadas por estes mesmos micróbios: Pasteur confirmou, assim, a prática da vacinação descoberta por Jenner<sup>227</sup>.

A noção de que os micróbios estavam por toda a parte e que eram os responsáveis pelas doenças atingiu não somente o meio médico no mundo ocidental como também passou a ser partilhada pelas pessoas leigas. Isso pode ser observado na ilustração da capa de uma canção americana do início do século, onde em um dos versos, o autor da música afirma que, após os homens sábios terem declarado que multidões de germens povoam o ar, ele preferia continuar como Adão, e nunca ter conhecido tal coisa.

---

<sup>227</sup> LYONS, A. S.; PETRUCCELLI, R. J. **Medicine** (...) p. 556

Percebe-se a influência da microbiologia na medicina nacional analisando os discursos médicos brasileiros do início do século XX. Num artigo intitulado *A lucta contra o microbio*, publicado no *Brazil-Medico* no final do ano de 1904, o Dr. Fridlin comentava: *Apezar de haver ainda hoje medicos que recusam admittil-os, póde-se dizer, medicamente falando, que este seculo é o seculo dos microbios*<sup>228</sup>. O médico, embora considerasse as teorias médicas passageiras como a moda, afirmava que o micróbio existia de fato, tomando lugar dos *humores peccantes*, podendo ser apontado, com segurança, como causador de doenças. Enquanto agente patogênico, no entanto, não poderia ser destruído completamente pela assepsia, pois seria necessário destruir toda a espécie de micróbio, o que o médico vislumbrava como sendo impossível. Já que era assim, o Dr. Fridlin propõe que se cuide do “terreno”, do organismo, a fim de que os micróbios patogênicos não encontrassem meio para se desenvolver e provocar enfermidades:

(...) tal facto provem de cuidarmos o quanto podemos da integridade de todas as nossas funcções vitaes, de vivermos ao ar livre, em constante movimento, de recorrermos, quando necessario, ao arsenal therapeutico, offerecendo assim poucos ou nenhuns pontos fracos ao ataque bacillar.<sup>229</sup>

O que o médico propunha eram cuidados físicos e morais, dentro dos padrões higiênicos da época, defendendo ainda o uso de medicamentos fortificantes, os “glicerofosfatos”, quando o indivíduo possuísse predisposições hereditárias ou pessoais à fraqueza. Os cuidados deveriam atingir tanto o nível individual quanto o coletivo, revelando as preocupações médicas da época em relação ao saneamento e ao controle das epidemias.

<sup>228</sup> FRIDLIN. *A lucta contra o microbio*. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 19, n. 40, p. 465-67. dez. 1904.

<sup>229</sup> Idem, p 466.

Juntamente com a noção de que os micróbios eram causadores de doenças, os médicos contavam com diretrizes de ação em relação às enfermidades, herdadas das transformações nos procedimentos médicos europeus em fins do século XVIII.<sup>230</sup> A observação clínica, por exemplo, é um dos pressupostos para o sucesso de um médico: é o que explica o Dr. Luna Freire, professor da cadeira de Clínica Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1911. Em sua lição de abertura<sup>231</sup>, o Dr. Freire deseja aos alunos que o curso lhes seja proveitoso, prometendo dispor de todas as informações que o longo curso e as observações clínicas – primeiro na faculdade e, após, no hospital – proporcionaram-lhe.

Prosseguindo sua lição, Luna Freire explora a importância do diagnóstico na disciplina de clínica médica e na formação do futuro doutor. Explica que é necessário ter uma grande bagagem científica, cujos conhecimentos se avolumam cada vez mais: daí a necessidade das especialidades, auxiliando o diagnóstico de certas doenças, que *tem de ser distribuido em pedaços pelos laboratorios*. Serão os laboratórios, principalmente os dos hospitais, que proporcionarão a realização da *clinica integral*, que lança mão de todos os métodos e todas as técnicas novas. O Dr. Freire, então, dá o exemplo de quão impreciso seria o diagnóstico de uma doença pulmonar se o médico não tivesse acesso aos exames bacteriológicos.

O exame do doente, para que o diagnóstico seja feito, não pode se limitar aos exames microbiológicos, mas deve ser precedido, em primeiro lugar, da anamnese, onde o doente irá relatar dados elucidativos sobre a sua enfermidade e, em seqüência, com o exame físico. A observação física do doente é feita segundo métodos que incluem a inspeção, a

---

<sup>230</sup> FOUCAULT, M. **O Nascimento** (...)

<sup>231</sup> FREIRE, L. Lição de abertura do curso de Clinica Medica. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 25, n. 34, p. 337-40. set. 1911.

apalpação, a percussão e a auscultação. Todo este processo deve ser realizado, como explica o Dr. Freire, segundo o *rigor da technica propedeutica e de maneira methodica*, pois dele depende o sucesso do diagnóstico. Por isso, para aumentar a percepção, o clínico pode lançar mão do auxílio de muitos aparelhos. O ideal, no entanto, é educar ao máximo os sentidos para depender menos dos aparelhos e realizar um diagnóstico rápido e seguro: *seria irrisorio apresentar-se o medico á cabeceira de seu cliente acompanhado de innumerous aparelhos de exploração.*

Embora Luna Freire tenha destacado a importância de um diagnóstico bem feito, ele afirma que o estudo da clínica não pode se limitar apenas a esta primeira etapa na descoberta da doença. Citando o Dr. Trousseau, demonstra ser importante conhecer a progressão da moléstia. Aconselha os alunos que não se atenham somente à análise da anatomopatologia, isto é, das lesões que a moléstia possa provocar no organismo, mas perceber, fisiologicamente, a perturbação funcional que ela causa, as alterações orgânicas que devem ser restabelecidas. Somente desta maneira, o médico pode lançar maiores esperanças na *victoria na lucta contra a molestia pelo remedio.*

Feito o diagnóstico e, em seqüência o prognóstico – sempre reservadamente, no caso de dúvidas – é hora de determinar qual a terapêutica a ser seguida. Segundo o Dr. Freire:

(...) a therapeutica é a razão de ser do medico, (...) representa o medico em acção. É justamente como therapeuta que o medico firma seus credits e demonstra suas aptidões. Difficilmente o tratamento aproveitará ao doente e recommendará o medico, si não fôr estabelecido com bases scientificas ou com o conhecimento perfeito da doença.<sup>232</sup>

---

<sup>232</sup> Idem. p.339.

A terapêutica, conforme as palavras de Luna Freire, torna-se o cartão de visita do médico: é ela que indicará ou não sua competência e, por isso, deve ser efetuada segundo critérios científicos. É ela que coroa o ritual da consulta. Para tanto, é preciso que o médico tenha profundo conhecimento da ação dos medicamentos e suas doses e da fisiologia patológica.

Tomando esses dois discursos como exemplo, publicados no *Brazil-Medico*, pode-se perceber, de maneira geral, o que norteava o clínico quando este buscava a cura de seus doentes. Em todos os passos para restabelecer a saúde, a atenção do médico fica voltada, preferencialmente, para um objetivo: a doença. A alegoria “ficar à cabeceira do doente”, usado tanto pela medicina oficial quanto pela homeopática, demonstra não propriamente a necessidade do médico em ficar próximo do indivíduo doente, mas em se aproximar da moléstia para melhor observá-la.

A compreensão da doença como entidade autônoma fica evidente também nos passos que devem ser seguidos para obter o diagnóstico: o curto espaço de manifestação concedido ao doente na anamnese – onde o objetivo ainda é detectar a doença – contrasta com os diversos procedimentos voltados exclusivamente para a enfermidade. O exame físico, auxiliado ou não pela tecnologia e, especialmente, o exame laboratorial, onde se busca o indício material da doença – o micróbio – são as etapas subseqüentes do diagnóstico que afirma o interesse médico na doença. Fechando o ciclo do processo curativo, temos a terapêutica, traduzida no combate travado entre moléstia e medicamento. Estes são os principais princípios da medicina oficial, materialista, que se contrapunha à visão vitalista homeopática.

Voltemos à lição inaugural do Dr. Luna Freire. Além de expor aos seus alunos da disciplina de clínica médica os procedimentos corretos de um médico diante da doença, o

professor explica que, quando fala da terapêutica, não está preocupado com princípios como o do contrário ou semelhante, uma vez que nem sempre os alopatas empregam medicamentos de ação contrária e os homeopatas nunca conseguem curar *provocando uma molestia medicamentosa igual, ou pela isopathia*<sup>233</sup>. Com estas considerações, Luna Freire inicia uma série de críticas à homeopatia<sup>234</sup>, muito comuns na época e que revelam o grau de intolerância da medicina oficial em relação a outros métodos de cura que não obedecessem sua racionalidade.

O clínico prossegue em sua crítica, retratando a homeopatia como um sistema ultrapassado: *são idéias velhas, decahidas, que não podem scindir os medicos dos tempos de PASTEUR, de KOCH e de CLAUDE BERNARD, como outr'ora fôram separados HIPPOCRATES de GALENO*<sup>235</sup>. Além de decadente, a medicina de Hahnemann não teria qualquer valor científico, uma vez que as observações e experimentações do mentor da homeopatia estariam afastadas dos critérios científicos, segundo a medicina oficial.

Luna Freire descreve os seguidores da homeopatia dividindo-os em dois grupos: o primeiro, onde os indivíduos, *dotados de fé illimitada*, consideram e empregam todos os aspectos da doutrina, como os medicamentos em doses infinitesimais. Estes seriam, para o Dr. Freire, *os homeopaths puros e fanaticos* que, por assim agir, abandonariam os doentes à ação curativa de seus próprios organismos. A segunda classe de homeopatas se caracterizaria por médicos que, com a desculpa de lançarem mão de medicamentos

---

<sup>233</sup> Tratamento das doenças empregando o mesmo fator causador da doença. Embora os médicos alopatas a considerassem o mesmo que homeopatia, ambas diferiam por esta última utilizar não necessariamente o agente causador da doença como medicamento, mas uma substância que produzisse os mesmos sintomas da doença, conforme já foi explicado no Capítulo I.

<sup>234</sup> As críticas de Luna Freire à homeopatia foram publicadas em: FREIRE, Frederico Luna. **Homœopathia (Contra a)**. (Resposta ao Sr. Nilo Cairo)-Publicações do Brazil-Medico. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1911.

<sup>235</sup> Ibidem, p. 339.

diluídos, os utilizariam em doses ponderáveis, somados às sanguessugas e vesicatórios característicos da medicina oficial.

Assim como eram corriqueiras as críticas aos homeopatas, também eram as respostas destes a seus adversários. A disputa entre os sistemas médicos opostos contava com alguns médicos que, freqüentemente, mantinham a polêmica por meses seguidos, tanto na imprensa médica quanto na leiga. Um dos polemistas mais ativos, no campo da homeopatia, no início do século, foi o Dr. Nilo Cairo, e é ele quem responde a série de comentários desenvolvidos pelo Dr. Luna Freire em sua lição de abertura.

Nilo Cairo inicia seu artigo<sup>236</sup>, publicado também no *Brazil-Medico*, avisando não ser sua intenção provocar polêmica, mas esclarecer alguns pontos do discurso do Dr. Freire que poderiam deixar uma idéia errônea da homeopatia e seus seguidores junto aos leitores:

(...) compreende-se quão desairosa seria para os homeopaths a situação creada pelos enganos resultantes dessa ignorancia, si esses enganos, emittidos sob a responsabilidade de uma cathedra, conseguissem passar, perante o povo, como verdades: elles tenderiam a apresentar os discipulos de HAHNEMANN como ignorantes, extravagantes ou charlatães.<sup>237</sup>

A preocupação do médico homeopata em mudar a imagem negativa construída pelo discurso alopático revela, entre outras coisas, o poder enunciator de verdades detido pela medicina oficial. Procurando reverter o quadro a seu favor, Nilo Cairo se propõe a demonstrar como este discurso, que *a priori* seria produtor de verdades, revela duas mentiras: uma histórica e outra científica.

A primeira informação produzida pelo Dr. Luna Freire que recebe as considerações de Nilo Cairo, refere-se às experiências de Hahnemann. O homeopata busca legitimar suas

<sup>236</sup> CAIRO, N. A homeopathia. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 25, n. 40, p. 401-06, out. 1911.

<sup>237</sup> Idem, p.401.



experiências, desqualificadas pelo Dr. Freire, afirmando que estas fizeram parte de um longo processo que durou seis anos. Além disso, lança mão da idéia de história positiva, onde um longo processo e vários personagens teriam precedido Hahnemann até que este tivesse condições de postular as leis homeopáticas. A construção da homeopatia teria ocorrido, então, da mesma maneira que outras descobertas científicas.

Quanto à segunda consideração de ordem científica, reporta-se à afirmativa do Dr. Freire que a experiência com a quina efetuada por Hahnemann teria sido a única vez que a substância havia provocado febre num indivíduo sã. A desqualificação do princípio homeopático é afastada por Nilo Cairo através do relato que este faz de experiências da medicina oficial: o médico se preocupa, então, em referendar seu discurso usando elementos da esfera de reconhecimento científico de seu adversário. Esta tentativa confirma, também, o grau de veracidade que o discurso galênico abriga. Após suas demonstrações, ele afirma:

Poderíamos apellar para muitos auctores da propria escola do Sr. Dr. LUNA FREIRE e todos viriam em nosso socorro; mas as palavras daquelles que se tem o habito de invocar contra a homeopathia, TROUSSEAU e PIDOUX, nos são sufficientes para refutar a accusação de impostura lançada sobre a memoria da experiencia de HAHNEMANN.<sup>238</sup>

Entre outros pontos contestados por Cairo está a crítica do Dr. Freire ao medicamento homeopático. O medicamento, em ambos os sistemas, é um elemento importantíssimo no processo terapêutico. Por sua relevância e por sua aplicação conter todo o princípio do sistema médico que o emprega, o medicamento é o ponto mais visado nas críticas dos alopatas aos homeopatas.

---

<sup>238</sup> Ibidem, p. 402.

No discurso de Luna Freire, o médico homeopata é retratado como um indivíduo que ora segue ortodoxamente a doutrina hahnemanniana e usa os medicamentos dinamizados, ora os usa em doses ponderáveis, acompanhado de outras indicações terapêuticas alopáticas. Na primeira situação, o homeopata é acusado de não prestar socorro à vítima, já que para a medicina oficial o medicamento homeopático não produz efeito terapêutico algum; na segunda, ele é apontado como seguidor dos princípios alopáticos, utilizando medicamentos deste sistema e reconhecendo, assim, a ineficácia de seu próprio sistema.

Nilo Cairo, em resposta às críticas aos princípios e aos medicamentos utilizados pelo sistema homeopático, irá contestar que o mesmo segue a teoria da isopatia. Afirma o Dr. Cairo que o sistema hahnemanniano não busca, em sua terapêutica, provocar uma moléstia igual àquela que sofre o doente, mas apenas norteia a escolha do medicamento de acordo com os sintomas apresentados pelo mesmo em um indivíduo são, reforçando o princípio homeopático que se propõe a tratar os doentes, e não as doenças. Além disso, as doses diluídas estariam justificadas como meio de não provocar mais uma doença no paciente, o que agravaria seu caso.

Numa réplica à resposta do homeopata paranaense, Luna Freire ainda toca na questão do medicamento. O médico alopata aborda, desta vez com mais insistência, o “calcanhar de Aquiles” do sistema homeopático, o ponto mais frágil em explicações que satisfizessem o racionalismo médico científico: a diluição e dinamização do medicamento. O Dr. Freire questiona a ação dos medicamentos homeopáticos que, por serem empregados em doses imponderáveis, estariam apenas no plano do dinamismo, não aproveitando nenhuma das ações físico-químicas das substâncias. O médico alopata afirma:

O uso, pois, das doses infinitesimais basêa-se em dados falsos, illusorios, em argumentos de primissas erroneas e incongruentes(...). O *dynamismo específico* dos remedios homeopathicos, agindo em dóse infinitesimal sobre o *principio vital*, provocando, sómente quando dado naquela dóse, o quadro morbido semelhante ao das molestias naturaes, que se curam por substituição (*similia similibus curantur*), tudo isto não tem conotação em sciencia positiva e nem illude mesmo o mais atrasado estudante de biologia!!... É a extrema diluição, dizem os fervorosos crentes, que retira do medicamento as suas propriedades physico-chimicas e lhe confere em troca *qualidades dynamicas*, ou, como diz TROUSSEAU, *alguma coisa de espiritual*.<sup>239</sup>

O fato do medicamento homeopático não conter, em suas mais altas diluições, traços detectáveis da substância que lhe deu origem, torna-o vulnerável às críticas da medicina oficial que, tendo Luna Freire como porta-voz neste caso, o retrata como portador de *expressões de um vitalismo ultra-metaphysico*, contrário à qualquer princípio de uma *sciencia positiva*. Para um sistema médico onde a cura do doente resultava no sucesso do medicamento na batalha contra a doença, e a moléstia era algo visível e material assim como o medicamento que a debelaria, era difícil aceitar uma terapêutica que se baseasse em princípios não materiais.

Para a medicina oficial, em geral quanto maior a concentração da substância da qual o medicamento é feito, maiores são seus efeitos curativos. Torna-se fácil, então, rotular um sistema médico que usa medicamentos diluídos de não científicos. Neste caso específico, o não científico é também metafísico, não positivo, revelando a postura de alguns médicos alopatas em aceitarem o positivismo como esfera científica onde pretendiam estar inseridos.

Considerando as acusações de seu rival, Nilo Cairo procura demonstrar que o vitalismo homeopático, base explicativa da atuação do medicamento, não é, a princípio um

---

<sup>239</sup> FREIRE, L. apud CAIRO, N. A verdade em homeopathia. **Brazil-Medico**, a. 25, n. 45, p.455. dez.1911

elemento metafísico no pensamento hahnemanniano, como pode parecer. Isto porque o vitalismo também seguiu uma evolução positiva como qualquer conhecimento: primeiro foi teológico, depois metafísico e, enfim, com Hahnemann, passou a ser positivo. Os homeopatas buscam se representar, também e principalmente diante da medicina rival, como portadores da medicina positiva.

O médico homeopata reforça a importância do pensamento vitalista através dos escritos de Hahnemann, que afirma ser a vida apenas conhecida por suas manifestações, sendo impossível demonstrá-la empiricamente. Afirmando ser esta uma concepção positiva da vida, aproxima, aos olhos de seu rival, a medicina homeopática ao positivismo. O vitalismo positivo, de Hahnemann, seria também o *vitalismo de A. COMTE*, o *vitalismo de GRASSET*, o *vitalismo de Cl. BERNARD*, o *vitalismo de JANKELEVITCH*, o *vitalismo de REINKE*, etc<sup>240</sup>. Não se pode reduzir a vida às leis físico-químicas, diz Nilo Cairo justificando a ação do medicamento homeopático, que extrapola esta esfera de ação.

Ainda em relação ao vitalismo, Cairo recorre à própria medicina oficial para a legitimação de seu discurso. Não despreza as “descobertas científicas” tão caras à medicina oficial, mas as coloca como contribuições que não devem substituir o vitalismo, mas enriquecê-lo:

LAENNEC, Cl. BERNARD e PASTEUR admiravelmente enriqueceram a sciencia do homem. Mas as maravilhosas aquisições da anatomia pathologica, da physiologia experimental e da microbiología não justificavam de modo algum o esquecimento do sêr vivo considerado em sua soberana unidade e o abandono da medicina vitalista em proveito do organicismo, do physicochimismo ou do passivismo erigidos em doutrina.<sup>241</sup>

<sup>240</sup> CAIRO, N. A verdade em homeopathia. **Brazil-Medico**, a. 25, n. 45, p. 456. dez. 1911.

<sup>241</sup> Idem

Além de considerar os progressos da medicina oficial, Cairo constrói seu discurso procurando achar exemplos de adeptos do vitalismo entre aqueles cientistas notavelmente legítimos aos olhos de seu colega Luna Freire. Assim, considera vitalista nada mais nada menos do que Pasteur, afirmando ter sido o cientista francês um defensor da idéia de que a vida não dependeria exclusivamente da física e da química.

A busca pela legitimidade do medicamento homeopático perante a medicina oficial, também está no discurso que vincula seu poder terapêutico à idéia evolutiva de progresso da ciência. O poder dinâmico dos medicamentos, isto é, o fato de eles terem sua ação ligada à diluição e dinamização das substâncias é explicada pelos homeopatas segundo as últimas descobertas da ciência. Isto é feito, como já vimos, entre o próprio meio homeopático, mas fica mais evidente quando os adeptos da doutrina hahnemanniana se dirigem aos seus rivais.

Na sua segunda réplica ao Dr. Luna Freire, Nilo Cairo utiliza autores de referência da medicina galênica, como Albert Robin e Gustave Le Bon . Ele se refere às experiências com metais coloidais que, sendo diluídos, sofreriam um processo de dissociação atômica. Mesmo fabricados com metais conhecidos como o ouro e a platina, não guardariam analogia com os mesmos e teriam, ainda, a capacidade de agirem por “ação de presença” ou, como conclui Nilo Cairo, dinamicamente. Com mais este vínculo com a ciência, partilhado também por outros homeopatas<sup>242</sup>, o sistema hahnemanniano busca apresentar sua doutrina aos seus rivais como algo pertencente à esfera da medicina oficial.

A polêmica com Luna Freire não fora a primeira onde Nilo Cairo precisou defender a terapêutica medicamentosa homeopática. Antes mesmo de obter o grau de doutor e filiar-

---

<sup>242</sup> GONÇALVES, N. Homœopathia e Allopathia. **Annaes de Medicina Homœopathica** , Rio de Janeiro, a. 9, n. 10, p. 294-296. out. 1907.

se ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, Nilo Cairo já escrevia nos *Annaes de Medicina Homœopathica* alguns artigos que afirmavam serem os medicamentos da medicina oficial utilizados de acordo com o princípio *Similia Similibus Curantur*, daí obterem algum sucesso curativo.

Quando estava elaborando sua primeira tese, Dr. Cairo escreve dois artigos sobre uma substância denominada cantárida, utilizada como medicamento na medicina oficial<sup>243</sup>, onde afirma o emprego da lei dos semelhantes pelo sistema médico rival. Também o faz num terceiro artigo, sobre os antimoniais, apontando que *a maior parte das applicações allopathicas não constitue senão um grosso empyrismo homoeopathico*<sup>244</sup>. A prática do homeopata em acusar os alopatas de “roubarem” os princípios dos seguidores de Hahnemann seria uma estratégia que Nilo Cairo, e também seus colegas do Instituto Hahnemanniano, usaria em muitas das polêmicas por ele levantadas. Apontar os princípios homeopáticos no discurso rival também era uma prática discursiva legitimadora. Em *Similia Similibus Curantur*, o médico paranaense, citando outro médico europeu, confirma sua intenção:

É mesmo graças a esses trabalhos que ha muito tempo eu me divirto frequentemente em demonstrar, na imprensa medica, que os allopathas provaram em toda a linha o princípio homœopathico, e que elles fornecem todos os dias armas a seus adversarios para se fazerem bater, e isto bem entendido, inconscientemente.<sup>245</sup>

A tese de Nilo Cairo tem também por objetivo demonstrar como os alopatas utilizam os medicamentos segundo alguns princípios homeopáticos. A afirmação de que a

<sup>243</sup> \_\_\_\_\_. A cantharida na therapeutica official; contraria contrariis curantur? **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 5, n. 8, p.28192. ago. 1903.

<sup>244</sup> \_\_\_\_\_. Os antimoniais na therapeutica official; contraria contrariis curantur? **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 6, n. 2, p. 45-51. fev. 1904.

<sup>245</sup> \_\_\_\_\_. **Similia** (...).p. 21.

medicina oficial se respalda em elementos de sua rival para guiar sua terapêutica revelaria mais do que uma usurpação, por parte dos alopatas, dos princípios hahnemannianos: mostra, mais uma vez, o desejo dos médicos homeopatas em estarem na mesma esfera científica ocupada pela medicina que combatiam. Retratar os alopatas enquanto “homeopatas camuflados” e inserir a homeopatia numa prática científica é referendá-la enquanto tal pelo uso, “mesmo inconsciente”, que a medicina oficial faz dela. Essa busca pela referência oficial demonstra, novamente, o poder legitimador do discurso da medicina galênica, poder reconhecido e ambicionado pela medicina hahnemanniana.

Nilo Cairo se torna sócio efetivo do Instituto Hahnemanniano do Brasil em 30 de junho de 1904, e redator dos *Annaes* no período de outubro de 1904 a 1906. Este momento se revela também rico em disputas entre a medicina homeopática e a oficial, tendo o Dr. Cairo como polemista em potencial, seguindo seu estilo próprio: legitimar a homeopatia através da alopatia e colocar os rivais em difíceis situações. Uma das primeiras polêmicas foi em 1905, com o orador da Academia Nacional de Medicina, o Dr. Fernando Magalhães.

O médico alopata faz um discurso de admissão por ocasião da entrada de um novo sócio, o Dr. Duque-Estrada, que é publicado na *Revista de Medicina* de 10 de fevereiro de 1905. O tom pessimista do pronunciamento, que proclamava a fragilidade dos dogmas médicos, as incertezas da bacteriologia e o pouco conhecimento dos medicamentos empregados na terapêutica da medicina oficial, fez Nilo Cairo se apoderar do discurso do adversário a seu favor:

(...) as vossas palavras, emanadas, como foram, dos vossos lábios, dos lábios de quem, como vós, possui um nome já feito no seio da classe medica e deve, como orador official, ser o reflexo das doutrinas da corporação que para isso vos escolheu, e pronunciadas perante uma assembléa de medicos allopathas que não protestaram contra os conceitos por ellas traduzidos, as vossas palavras, meu distincto collega, assumem subitamente uma exeptional importancia para aquelles que, como nós

homœopathas, luctam incessantemente pela reforma das doutrinas medicas e proclamam, a todos os momentos, como vós o fizestes, a *fallacia* e a *perniciosa* dos methodos de curar empregados pela Medicina que professaes.<sup>246</sup>

Embora Nilo Cairo convide seu colega a construir outro edifício no local onde destruíra a alopatia, estudando os princípios homeopáticos, confessa não pretender provocar a conversão do alopata em homeopata. Isto porque o Dr. Fernando Magalhães tece também algumas críticas à homeopatia, relativas ao medicamento, principalmente a de que sua extrema diluição significaria ausência de intervenção por parte do médico homeopata, não produzindo ação alguma no organismo. Seis anos antes de responder ao Dr. Luna Freire, Nilo Cairo já lançava mão das teorias de médicos oficiais como Albert Robin para explicar como, usando o exemplo dos metais coloidais, os medicamentos diluídos ao extremo conseguiriam afetar as células. Além disso, afirma terem os homeopatas à sua disposição não somente medicamentos diluídos, como também aqueles em doses ponderáveis, como as tinturas-mãe.

Como era de se esperar, o reconhecimento de um aliado na figura do orador da Academia Nacional de Medicina por parte de um médico homeopata não poderia ser deixado em brancas nuvens. O Dr. Fernando Magalhães responde ao Dr. Nilo Cairo, com um artigo publicado na *Revista de Medicina* e nos *Annaes de Medicina Homœopathica*, num misto de surpresa e contrariedade:

Nunca supuz que palavras mal ataviadas, a que por dever de officio sou forçado, pudessem despertar alegrias, repassadas de conselhos e de críticas, como as que um dos panegystas mais conceituados da therapeutica gotticular acaba de inserir no órgão da propaganda de suas doutrinas, que eu tomo a liberdade de classificar de subversivas, do

<sup>246</sup> \_\_\_\_\_. A bancarrota da medicina official (carta aberta ao Dr. Fernando Magalhães, orador official da Academia Nacional de Medicina). **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 2, p. 50, fev. 1905.



mesmo modo que o articulista chamou de falsas e impias as que hoje constituem o precioso patrimonio da medicina official.<sup>247</sup>

Dr. Magalhães censura o Dr. Cairo por considerá-lo simpatizante da homeopatia. Sem perceber a diferença entre os objetos de ambos os sistemas médicos, o clínico alopata encontra apenas um ponto em comum entre ele e o colega homeopata: o combate à moléstia. No restante, as diferenças começam na terapêutica onde, para Fernando Magalhães, a homeopatia peca por não intervir.

O medicamento homeopático é, novamente, o pivô da discussão entre os partidários de Galeno e Hahnemann, e o Dr. Magalhães, provocado pelas afirmativas de Nilo Cairo, responde, deixando clara a importância que este debate assume nas polêmicas entre as escolas médicas rivais: *V. Ex. quer insistir na lucta em que se debatem as duas escolas, concentrada exclusivamente quasi no terreno da therapeutica, tanto em relação ao princípio dos semelhantes, como em relação á sua posologia*<sup>248</sup>.

Assim como o Dr. Luna Freire, o Dr. Fernando Magalhães considera o medicamento homeopático como algo dotado de atributos metafísicos, cuja ação se limita a deixar o organismo do doente entregue à sua própria sorte e capacidade de se restabelecer ou não. Apesar de considerá-lo inócuo, Dr. Magalhães reconhece a penetração que o medicamento homeopático tem junto ao público em geral:

Depois V. Ex. assume uma feição supersticiosa e mystica que falla á imaginação dos leigos e que conquista a confiança. Dois vidros quasi microscopicos da pharmacopéa homœopathica, naquella indicação

<sup>247</sup> MAGALHÃES, F. A prosperidade da medicina homoeopathica (ao Exmo Sr. Dr. Nilo Cairo da Silva; Director dos Annaes de Medicina Homœopathica). **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 7, p. 239. jul. 1905.

<sup>248</sup> Idem, p.241.

alternada que tanto seduz, têm um poder maravilhoso. E V. Ex. que sabe discernir compreende quando a natureza medicadora vae sendo victoriosa e... canta louvores a HAHNEMANN. Sómente si a situação é mais dolorosa, ou mais impertinente é que V. Ex. talvez procure os prestimos da seringa de Pravaz ou os beneficios de um dos eliminadores, o mais prosaico mas tambem o mais benemerito de que temos conhecimento.<sup>249</sup>

O médico alopata reage com indignação à aproximação que Nilo Cairo faz das teorias de Albert Robin, em suas explicações sobre a ação das doses infinitesimais do medicamento homeopático, e acusa: *não obstante a admiração que me inspira o Prof. ROBIN, V. Ex. chamou-o de asnatico*<sup>250</sup>. O Dr. Magalhães não aceita a utilização das teorias de Robin como explicações para a ação dos medicamentos infinitesimais, mas admite que as novas descobertas relativas às energias iônicas e à radiotividade abrem novas possibilidades de compreensão dos fenômenos físicos.

Encerrando sua carta a Nilo Cairo, Fernando Magalhães afirma ter traçado um quadro um pouco pessimista da medicina, mas se nega de ter abandonado a crença na medicação galênica ou na medicina oficial. Confessa ter poucos conhecimento de clínica, mas tampouco admite ser simpatizante ou praticante da medicina homeopática. Em sua conclusão, o Dr. Magalhães afirma: *no humilde mister de parteiro e de cirurgião, eu creio que ninguém ainda descobriu a dynamisação do forceps ou do bisturi.*<sup>251</sup>

Encerrando a polêmica com o Dr. Fernando Magalhães, Nilo Cairo escreve mais um artigo respondendo, entre outras coisas, a acusação do colega de ter ofendido o Prof. Robin, admitindo a estratégia de legitimação de seu discurso: (...) *seria contradição da minha parte encontrar predicados asininos ao clinico francez e abrigar-me ao mesmo tempo sob*

---

<sup>249</sup> Ibidem, p.240.

<sup>250</sup> Ibidem.

<sup>251</sup> Ibidem, p. 243.

*a autoridade dos seus trabalhos científicos que, como S. Ex. mesma reconheceu, eu procurei com tanta habilidade reverter em favor da minha these*<sup>252</sup>.

Diante da recusa do colega alopata em aceitar a homeopatia como medicina científica e mais, por causa dos ataques que ele faz à doutrina hahnemanniana, Nilo Cairo assume o estilo que lhe é peculiar: um tom irônico em suas réplicas, principalmente quando seu opositor reconhece os poucos conhecimentos que possui em relação à clínica. Para o Dr. Cairo, Fernando Magalhães retrata o tipo tradicional de cirurgião retratado por Augusto Comte, ou seja, *apenas córta...* Apesar de realçar a falta de intimidade do Dr. Magalhães com as teorias médicas, Nilo Cairo agradece ao seu adversário por ter reconhecido a teoria de Robin como válida e, assim, legitimar o discurso que pretende provar a atividade dos medicamentos homeopáticos.

Desta vez sem se concentrar apenas na problemática do medicamento, o Dr. Cairo aborda outros aspectos do discurso homeopático que entram em choque com a medicina oficial. Contesta a aproximação que o Dr. Magalhães faz entre isopatia e homeopatia, a exemplo, como vimos, do que fez o Dr. Luna Freire; ele procura demonstrar, desta maneira, a ignorância dos alopatas em relação aos princípios mais importantes da doutrina hahnemanniana. Ao desqualificar a crítica, Nilo Cairo projeta o debate para um ponto caro aos homeopatas: o aspecto doutrinário do sistema hahnemanniano, do qual carece a medicina oficial. O médico paranaense termina seu artigo aconselhando o colega alopata a estudar melhor a homeopatia:

Além do que, esse estudo o convencerá de que não é *exclusivamente quasi*, como diz S. Ex., *no terreno da therapeutica que se acha concentrada a lucta em que se debatem as duas escolas. A Homœopathia, e sem isto ella não poderia aspirar a uma reforma da medicina, não é apenas um methodo therapeutico; ella é uma doutrina*

---

<sup>252</sup> CAIRO, Nilo. A bancarrota da medicina official. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 7, p. 245, jul. 1905.

*medica*. Porque ao tenebroso materialismo organicista da Escola Official, que proclama por toda a parte, por suas concepções pathogenicas, *que só ha molestias e não doentes*, a Escola Homœopathica, mais synthetica, oppõe um vitalismo positivo que, fiel á indivisibilidade da nossa natureza, *trata sempre de doentes e não de molestias*<sup>253</sup>

Ao ressaltar o aspecto que aproxima os homeopatas do positivismo, ou seja, a característica doutrinária e sociológica do sistema hahnemanniano, o homeopata paranaense põe em questão a concepção de cura, divergentes em ambos os sistemas médicos. A medicina oficial, baseada no materialismo, encontra seu auge na microbiologia, na localização física da doença. Para os homeopatas, herdeiros do vitalismo, olhar apenas a doença reificada no micróbio é, como diz Nilo Cairo, *eleva cogumelos á altura de palmeiras*<sup>254</sup> e desconsiderar o ator principal no palco da doença – o doente – e colocar o médico numa posição inferior ao microscópio. Como afirmava seu colega o Dr. Pinheiro Guedes anos antes, *esperar que o microscopio falle; é reduzir-se ás condições de acolyto quando se deve ser o sacerdos magnus*<sup>255</sup>.

Objetivar o doente ou a moléstia no processo de cura foi foco de debate também nas sessões do Instituto Hahnemanniano do Brasil, por ocasião de um projeto apresentado à Câmara dos Deputados, onde foi oferecido um prêmio em dinheiro para quem descobrisse a cura da sífilis, tuberculose ou cancro.<sup>256</sup> O projeto, aclamado pela Academia Nacional de Medicina, foi criticado duramente pelos homeopatas, em especial por Nilo Cairo, que o qualificou de imoral, pela impossibilidade de se promover a cura das doenças referidas. Na concepção dos homeopatas, não poderia existir um medicamento específico para a

---

<sup>253</sup> Idem, p. 251.

<sup>254</sup> \_\_\_\_\_. *Similia* (...) p. 151

<sup>255</sup> GUEDES, Pinheiro. Os microbios. *Annaes de Medicina Homœopathica*, Rio de Janeiro, a. 3, n. 10, p.395. out. 1901.

<sup>256</sup> ACTA da 18ª sessão ordinaria de 1905. *Annaes de Medicina Homœopathica*, Rio de Janeiro, a. 7, n. 8, p. 290. ago. 1905. ; ACTA da 20ª sessão ordinaria de 1905. *Annaes de Medicina Homœopathica*, Rio de Janeiro, a. 7, n. 8, p. 300. ago. 1905.

moléstia, pois é a individualidade do doente, bem como a fase na qual a doença se encontra, que determinará o medicamento a ser empregado.

Considerar o doente e o médico enquanto agentes principais do processo terapêutico faz a homeopatia não só criticar as bases teóricas da medicina oficial como se intitular a “verdadeira medicina”. Através de sua doutrina, pretende-se reformadora da medicina, na medida em que considera não só os aspectos biológicos da doença como também os sociológicos, particularizando os casos. Desta maneira, proclamam o vitalismo como concepção médica científica e positiva<sup>257</sup>, aproximando-se, como vimos, do positivismo enquanto fonte legitimadora. Pode-se perceber também ser este um critério de cientificidade para a medicina oficial, que igualmente se auto proclama reformadora da medicina através das descobertas pasteurianas, consideradas como positivas:

Sem falar de outros departamentos da medicina moderna, pôde-se avaliar da revolução operada pelas idéas pastorianas nos conhecimentos medicos, pelas modificações processadas no fôro da hygiene. As modernas concepções, prestigiadas pelo criterio positivo em seu flagrante determinismo, rapido medraram no terreno batido e drenado pelas theorias anteriores.<sup>258</sup>

No início de 1906, quando ainda era redator dos *Annaes de Medicina Homœopathica*, Nilo Cairo volta ao seu estado natal e se estabelece em Curitiba. Lá, continua o exercício da medicina homeopática e funda a *Revista Homœopathica do Paraná* juntamente com o farmacêutico Duarte Vellozo, também homeopata. Sua falta é sentida pelo Instituto Hahnemanniano, que o considera precioso na defesa da doutrina

<sup>257</sup> Cairo, Nilo. A verdade (...) p. 455.

<sup>258</sup> NOTAS de Hygiene; a hygiene depois de Pasteur. **Brazil-Medico**, a. 21, n. 43, p. 427. nov. 1907.

homeopática, por seu espírito de combatitividade<sup>259</sup>, mas também é comemorada, pois a homeopatia contaria com um ativo propagandista no Paraná.

Ao fundar a *Revista Homœopathica do Paraná*, Nilo Cairo não se desliga dos debates ocorridos nacionalmente, nem corta vínculos com o Instituto Hahnemanniano do Brasil; pelo contrário, ele se considerava, bem como a publicação homeopática paranaense, “apadrinhado” pela instituição máxima que congregava os adeptos de Hahnemann no Brasil<sup>260</sup>. O contato permaneceu, ora com publicações de Cairo nos *Annaes* ou participação em sessões do Instituto, ora com artigos e debates publicados no periódico homeopata paranaense, na imprensa leiga e médica dos maiores centros do país. Nilo Cairo está tão presente no debate gerido pela homeopatia a nível nacional que, em 1908, com a colaboração do Dr. Alberto Seabra, de São Paulo, amplia a *Revista Homœopathica do Paraná*, que passa a se chamar *Revista Homœopathica Brasileira* até 1912, quando a fundação da Universidade do Paraná lhe exige maior dedicação.

Um dos debates publicados pela *Revista Homeopathica do Paraná* e que conta com a ampla participação de homeopatas e alopatas envolveu,

uma questão de números, que acaba por atingir, também, problemas doutrinários. A polêmica, que nos auxilia melhor a compreensão do debate entre as medicinas rivais, envolveu uma estatística<sup>261</sup> publicada pelo Drs. Baptista Meirelles e Umberto Auletta,

<sup>259</sup> MAIA, A. Uma explicação. *Annaes de Medicina Homœopathica*, a. 8, n. 4-6, p. 11-114. abr.-jun. 1906.

<sup>260</sup> PRIMEIRO anno. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a. 1, n. 12, p.169-172. dez. 1906.

<sup>261</sup> As estatísticas do percentual de curas e gastos, ou mesmo comparando as taxas de mortalidade entre enfermarias homeopáticas e alopáticas, quando era o caso, eram freqüentes nos periódicos homeopáticos. Um exemplo disto é a *Revista Homeopathica Brasileira*, que no intervalo de 1909 a 1911 publica, em quase todos os seus números, estatísticas de hospitais e dispensários hahnemannianos. Nota-se que a estatística é uma ciência adequada à modernidade, uma vez que homogeneiza e mantém o anonimato daquelas pessoas que são, em último caso, o número, desconsiderando eventos raros. (Cf. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 51-55.

médicos da Enfermaria Homeopática do Hospital Central do Exército, do Rio de Janeiro, onde comparava a mortalidade entre esta enfermaria e a alopática, de 1902 a 1907.

A mortalidade na clínica alopática, superior à sua rival em 0,65%<sup>262</sup>, proclamava, para os homeopatas, a supremacia da medicina hahnemanniana<sup>263</sup>, o que gerou indignação por parte dos médicos da Academia Nacional de Medicina. Na sessão da Academia ocorrida em 7 de novembro de 1907, cuja ata foi publicada pelo *Jornal do Commercio*, o Dr. João Muniz Barreto de Aragão contesta a estatística, afirmando a inocuidade do tratamento homeopático: os casos computados seriam simulados, isto é, casos de soldados que, pretendendo dispensa, simulariam alguma doença e escolheriam a clínica homeopática pela terapêutica mais branda.

A afirmação de falsidade na estatística reinicia a polêmica entre alopatas e homeopatas que, trocando acusações, extrapolam a frieza dos números. O primeiro a se manifestar sobre o assunto é, novamente, Nilo Cairo. Em seu editorial da *Revista Homœopathica do Paraná*<sup>264</sup>, o homeopata responde aos adversários levantando alguns problemas. Um deles, relacionado à procura da Enfermaria Mallet, como era conhecida a clínica homeopática, demonstra como a medicina oficial considera a homeopatia: um sistema médico que não age junto aos doente, sem terapêutica ativa, cujo processo terapêutico é tão simulado quanto os pacientes que o procuram. Juntamente com este rótulo, está implícito, para Cairo, que o colega alopata considera os médicos do Hospital Central do Exército desonestos, já que sabem das simulações de doença e são coniventes com elas.

---

<sup>262</sup> Em cinco anos, a mortalidade no tratamento homeopático foi de 1,6 %, contra 2,25 % de seus rivais.

<sup>263</sup> ISTO não é sério. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a. 2, n.11, p.199-202. nov. 1907.

<sup>264</sup> Idem.

O homeopata, além de responder aos questionamentos dos médicos da Academia Nacional de Medicina, envia-lhes um exemplar da revista paranaense, como se tivesse a intenção de provocar polêmica. Encontra eco no Dr. Antonio de Mello, que reafirma ver equívoco na estatística elaborada pelos homeopatas, por ter sido feita apenas levando em conta a clínica médica:

Si chega um doente carecendo applicação de apparelho ou de operação, vae para a enfermaria de cirurgia, si é portador de uma molestia cutanea vae tambem para uma enfermaria especial que existe no mesmo estabelecimento. Si é tuberculoso, tem sua enfermaria propria, que não é a homœopathica, porque ahi tambem a therapeutica homœopathica não o cura. De sorte que só se tratam na enfermaria homœopathica os doentes de affecção internas não especificas.<sup>265</sup>

Ao apontar apenas a existência de uma clínica geral na enfermaria homeopática, o médico reafirma crer na falta de ação do sistema hahnemanniano junto ao doente. Além de considerar os medicamentos inativos, idéia já preconizada pela medicina oficial a exemplo do discurso do Dr. Fernando Magalhães, temos a incapacidade dos adeptos do racionalismo médico em aceitar uma medicina sem especialidades. Num momento em que a medicina oficial busca a especialidade como maneira de cobrir as várias hipóteses de diagnóstico, e reafirma a visão multifacetada do doente, torna-se difícil para ela compreender e, até mesmo, aceitar um sistema médico que abdique deste método.

As diferentes especialidades oferecidas significavam, para a medicina oficial, a possibilidade de ofertar ao doente maiores oportunidades de cura. Também retratavam, para este sistema, que a homeopatia estaria num estágio mais atrasado da evolução médica, onde o clínico se limitava aos conhecimentos gerais de sua profissão.

---

<sup>265</sup> MELLO, A de. Homœopathia e Allopathia. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 21, n. 47. p. 467. dez. 1907.



Apesar de confessar uma certa simpatia que o aproximou do sistema hahnemanniano quando cursava a Faculdade de Medicina, por este se mostrar simples e acessível, o Dr. Antonio de Mello relata como ocorreu seu descrédito em relação à homeopatia:

A homœopathia exercida por homens ilustrados e inteligentes, é certo, mas circumscripção em um círculo de ferro, donde pareciam banidas a cirurgia, a obstetricia, a gynecologia e, no interior para onde fomos, o medico era tudo: medico, cirurgião, parteiro, gynecologo e até!...dentista. Não podia, pois, ficar despercebida a insufficiencia do systema, que assim se concentrava em tão restrita esphera de acção.<sup>266</sup>

Ao sectarismo do qual eram acusados os homeopatas, o Dr. Antonio de Mello adicionou a situação em que a medicina homeopática era exercida por curiosos que, recorrendo à alopatia quando a primeira opção não resultava em sucesso, contribuía para descrer a medicina hahnemanniana. Finalizando, o Dr. Mello afirma ter desacreditado totalmente o sistema homeopático e se engajado nas fileiras alopáticas, seguindo, segundo ele, o pensamento de Claude Bernard:

*(...) a humanidade, conseguintemente o homem, resumo sociologo-physiologico desta, em seu desenvolvimento progressivo, seguia primeiro a poesia ou sentimento, passava depois à razão e, por ultimo, cingia-se á experiencia; eis os tres estagios do homem de sciencia: sentimento, razão e experiencia*<sup>267</sup>.

Antonio de Mello revela, assim, seu pensamento sobre os adeptos da homeopatia: pessoas que não ultrapassaram o estágio de pensamento emotivo e que, portanto, não podem ser considerados como “homens da ciência”. Juntamente com esta conclusão, o médico alopata faz um alerta a Nilo Cairo, sobre a *ausencia de tolerancia e deferencia*

---

<sup>266</sup> Idem.

<sup>267</sup> Ibidem, 467-68.

*pessôaes levadas a publico e raso*, que, ao seu ver, poderia ameaçar a medicina, assim como todas as profissões liberais. O desejo de não transparecer os pensamentos heterogêneos existentes na medicina, tanto no meio médico como no leigo, eram preocupações presentes no interior da corporação médica.

O artigo de Cairo chega também às mãos do Dr. Muniz de Aragão, o médico da Academia Nacional de Medicina, que contestou a estatística dos homeopatas. O médico, contrariado com o artigo do colega homeopata, procura se eximir das palavras publicadas no *Jornal do Commercio* colocando-as ao encargo do repórter que presencia as sessões da Academia, repassando-as para o jornal. Mesmo tentando modificar suas palavras, o alopata confirma seu desprezo pela homeopatia, reafirmando serem os casos da Enfermaria Mallet simulados pelos doentes: *Comprehende-se, Sr. Presidente, que quem vae para um hospital descansar, e onde ha uma enfermaria, em que, em vez de oleo de ricino ou amargo, se lhe dá uma dynamisação qualquer, e sendo essa enfermaria facultativa, será ella preferida ás outras*<sup>268</sup>.

A uma réplica de Nilo Cairo, de que as dietas homeopáticas seriam mais rigorosas e só por elas poderia se ter uma idéia de que o tratamento homeopático não era brando, o Dr. Aragão contesta, afirmando que as dietas são iguais para todas as enfermarias. Além disso, acrescenta com ironia : *que vale uma diéta para um doente, quando está elle eu uma enfermaria homoeopathica, que com as suas dynamizações tudo cura?*<sup>269</sup>

Insistindo na hipótese de que qualquer médico pode ser enganado por uma simulação, Muniz de Aragão se defende sob o escudo de outro médico, o Dr. Lemoine, passando a citar inúmeros casos onde o doente consegue ludibriar o clínico, com sucesso.

<sup>268</sup> ARAGÃO, M de. A proposito de uma comunicação á Academia Nacional de Medicina. Explicação necessária. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 21, n. 48, p. 473, dez. 1907.

<sup>269</sup> Idem, p. 474.

Além de apresentar esta estratégia como algo corriqueiro, relata consultas em que o médico, para não ficar em posição incomoda, dá a licença requerida pelo soldado:

(...) não são pequenas as dificuldades em que os medicos se vêm, tambem, com as inspecções de saúde. Acontece que, ás vezes, se apresenta a ellas um portador de galão e tambem de insignias iguaes ás nossas, o qual, por um motivo qualquer, dá parte de doente para obter uma licença. O medico, apezar de conhecer a simulação, fecha os olhos e lhe dá a licença desejada, para que este individuo não fique desmoralizado perante os seus superiores, camaradas e subordinados.<sup>270</sup>

Esta confissão, somou-se a outra, afirmando que os médicos, por obrigação de preencherem os prontuários, fazem-no pelo modo mais cômodo, ou seja, de acordo com as queixas do doente. O deslize no discurso do Dr. Aragão serviria de base para que Nilo Cairo, em resposta ao clínico alopata, reafirmasse que este estaria caluniando os médicos do Hospital Central do Exército.

Encerrando seu artigo, Muniz de Aragão revela seu desejo de responder às acusações de Cairo, para que *o silencio dos allopatas [não] vá animar aos senhores homoeopaths do Hospital do Exercito a virem pela terceira vez contar as suas historias ao publico*<sup>271</sup>. Mais uma vez, a medicina alopática demonstra sua preocupação em barrar a estratégia de propaganda utilizada pela homeopatia junto ao público: a opinião dos colegas médicos e, principalmente, a leiga, revela outro poder de legitimação utilizado por ambos os sistemas médicos, como será demonstrado mais detalhadamente no próximo capítulo.

Dentre as críticas feitas à estatística, figura a acusação de ter sido confeccionada em condições desleais: a enfermaria alopática teria um congestionamento de leitos que desfavoreceria a boa higiene do local. Além disso, a rotatividade de médicos da citada

---

<sup>270</sup> Ibidem, p. 475.

<sup>271</sup> Ibidem, p. 475.

enfermaria somada aos plantões que, segundo o Dr. Aragão, só os médicos alopatas fariam, atendendo os doentes mais graves e, portanto, com maior possibilidade de vir a falecer, seriam fatores que rebaixariam as informações fornecidas pelos médicos homeopatas. Completando o quadro, o clínico aponta, ainda, que a enfermaria alopática atenderia casos graves vindos da enfermaria Mallet, que acabavam por morrer em suas mãos devido ao estado em que se encontravam.

Procurando ainda desmerecer o trabalho dos médicos homeopatas realizado paralelamente ao dos alopatas no mesmo hospital (portanto, com a concorrência ainda mais acirrada), o Dr. Muniz de Aragão aponta, ainda, para dois pontos: o cargo ocupado pelo Dr. Baptista Meirelles, o médico que assina a estatística, e o fato dela conter informações de cunho econômico que, segundo ele, estariam camuflando outras verdades.

Com relação ao Dr. Meirelles, sua crítica se dirige ao título que o médico homeopata toma ao assinar as informações que presta: o de médico honorário, Diretor do Serviço Homeopático. Segundo Muniz de Aragão, o colega seria um médico adjunto, designado pelo Ministro da Guerra para tomar conta de uma enfermaria que, por decisão daquela autoridade, tornou-se homeopática.

A segunda crítica acompanha uma característica da prática homopática, que é explorada pelos médicos hahnemannianos desde sua introdução no Brasil: o fato do tratamento ser de baixo custo, se comparado com aquele feito pela medicina rival. Este trunfo é difundido também pela estatística do Dr. Meirelles, que compara os gastos em medicamentos de ambas as enfermarias. Para invalidar mais esta informação, o Dr. Aragão afirma que estes números não contabilizam os medicamentos alopáticos usados pelos colegas hahnemannianos, acusando-os de não só forjarem os números como também não serem leais à medicina que preconizam.

Nilo Cairo responde aos Drs. Antonio de Mello e Muniz de Aragão, num único artigo. A polêmica fica ainda mais acalorada, pois o tom nada amistoso do Dr. Aragão é revidado por Nilo Cairo que, acusado pelo adversário de *descortez*, devolve-lhe o adjetivo: *descortez, não fomos nós, e sim o Sr. Dr. Aragão, que, aliás, sempre fez alarde em publico e raso nos bonds ou nos vagões da Estrada de Ferro Central do Brazil, da sua intolerancia para com a Enfermaria Homoeopathica do Hospital Central do Exercito*<sup>272</sup>.

O Dr. Cairo inicia sua réplica contestando, como era o esperado, a invalidade das estatísticas apresentadas pelos médicos homeopatas. Afirma que a comparação foi feita confrontando casos da mesma natureza, isto é, aqueles adentrados nas clínicas gerais de ambas as enfermarias, mas objeta que não haja especialistas homeopatas nem que esta não tenha uma ampla rede de atuação:

Felizmente, qualquer assignante leigo desta *Revista* está farto de saber que a Homœopathia possui hoje no mundo: Faculdades de Medicina completas, sociedades medicas, hospitaes, hospicios, sanatorios, casas de saude, drogarias, pharmacias, dispensarios, medicos eminentes, cirurgiões emeritos, parteiros e gynecologistas notaveis, e especialistas em todos os ramos do saber medico, em molestias da pelle, da bocca, da garganta, do ouvido, do nariz, dos olhos, bem como uma variada e riquissima bibliotheca medica de verdadeiros tratados de tudo quanto diz respeito á medicina, de pathologia, de materia medica, de therapeutica, de cirurgia, de clinica medica, de obstetrícia, e todas as mais especialidades do saber medico; e tambem numerosas revistas periodicas mensaes, mesmo as mais especiaes como o *The Homoeopathic Eye Ear and Throat Journal* e o *The Homoeopathic Journal of Obstetrics*.<sup>273</sup>

A consideração de Nilo Cairo é acompanhada de seu lamento pela falta de conhecimentos dos colegas alopatas em relação à medicina homeopática, e dela podemos retirar vários elementos que nos permitem refletir sobre o discurso homeopático. O primeiro é a preocupação que este mesmo discurso possa esclarecer o público leigo, cuja

<sup>272</sup> HOMEOPATHIA e Allopathia. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 3, n. 1, p. 2, jan. 1908.

<sup>273</sup> Idem. p. 4.

revista homeopática paranaense também se destina, assim como tiveram os médicos alopatas ao responder às refutações de seu rival. A disputa nunca é gratuita: ela visa a conquista do público, seja ele especialista ou não, que acompanha a polêmica.

Outro ponto importante está na busca do médico homeopata em demonstrar para este público e para os médicos adversários, que o sistema hahnemanniano não está aquém da medicina oficial e, como ela, acompanha o desenvolvimento da ciência. Apesar da homeopatia ter outra visão do doente e da doença, vários médicos formados pelas faculdades oficiais, após se tornarem homeopatas, mantiveram-se em suas especialidades, sendo este fato explorado por Nilo Cairo na busca de equiparação do sistema médico hahnemanniano ao seu rival. Isto não impediu que o mesmo médico tecesse várias críticas sobre, por exemplo, a cirurgia, que considerava necessária apenas em determinadas situações<sup>274</sup>, sendo tolerada ocasionalmente pelo próprio Hahnemann.

Procurando reafirmar a validade das informações prestadas pelos homeopatas, Dr. Cairo refuta a afirmação de Muniz de Aragão de que as condições físicas das enfermarias fosse diferente. Mesmo que houvesse alguma distinção, estaria a favor da medicina hahnemanniana:

Demais onde foi S. Ex. buscar este principio de estatistica comparada da mortalidade que se deve levar em conta o numero dos doentes e dos metros cubicos de espaço em que elles vivem? Onde é que o erudito Sr. JOÃO MUNIZ leu ou viu se fazer esta *historia* que S. Ex. quer *contar agora ao publico* ? (...) Porque, no fundo de toda a sua *historia*, o Sr. Dr. JOÃO MUNIZ só demonstrou uma cousa – é que na enfermaria homœopathica trata-se melhor o doente do que nas allopathicas.<sup>275</sup>

<sup>274</sup> CIRURGIA dilettante. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a. 2, n. 6, p. 103-106. jun. 1906.

<sup>275</sup> HOMŒOPATHIA (...), p. 7.

Outros fatores, segundo o Dr. Muniz de Aragão, diferiam entre as enfermarias, como o acompanhamento da terapêutica. Na enfermaria alopática, a rotatividade dos médicos de plantão, por exemplo, seria um dos motivos da falta de continuidade do tratamento, principalmente em relação à medicação ministrada, que mudava de acordo com o médico de plantão. Para Nilo Cairo, no entanto, as condições de ambos os sistemas não poderiam ser comparadas: *como pódem as condições de ambos os tratamentos serem as mesmas, si os methods de tratamento são radicalmente diferentes, e até inimigos, um allopathico, outro homœopathico?*<sup>276</sup>

A analogia entre homeopatia e alopatia prossegue, chegando à questão econômica. Ao analisar a acusação do adversário de que a Enfermaria Mallet utilizaria medicamentos alopáticos, não os computando em seus gastos, o médico homeopata esclarece que estes se compõe de *aguas mineraes, sabonetes, chloreto de calcio, etc*, isto é, produtos que não são exclusivamente de uso alopático. Concordando com o Dr. Aragão, Nilo Cairo soma estas despesas às já declaradas pela enfermaria homeopática, confirmando: *E como a enfermaria homœopathica só gastou 3:230\$000, vê-se bem que a superioridade ainda pertencente á Homœopathica.*<sup>277</sup>

Para finalizar, Cairo explora, em seu favor, o caso dos doentes simulados pelos quais, segundo o Dr. Aragão, a homeopatia pretendia provar sua supremacia. O homeopata reproduz a afirmativa de seu adversário, de onde se pode concluir a má fé dos médicos do Exército. Ele conclui que nenhum dos médicos do Hospital do Exército agiria com conivência diante de casos simulados: isto só pode ser atribuído ao Dr. Muniz de Aragão, que o confessa abertamente. Portanto, conclui o médico paranaense, o colega alopatia pode

---

<sup>276</sup> Idem, p. 7.

<sup>277</sup> Ibidem, p. 8.

ser inscrito, como réu confesso, no artigo 180 do Código Penal da Armada, que prevê pena de prisão para os facultativos que atestem enfermidades falsamente. Encerra, desta forma, qualquer continuidade de polêmica com o Dr. Muniz de Aragão: *e como até 30 de Junho vindouro, o criminoso não se acha em pleno gozo de seus direitos civis e militares, a Revista Homœopathica do Paraná declara categoricamente que até aquella data não tomará mais em consideração artigo algum que possa apparecer na imprensa assignado com o seu nome.*<sup>278</sup>

Mesmo se recusando a continuar a polêmica com Muniz de Aragão, Nilo Cairo não encerra seu discurso sobre o assunto. Aproveitando uma série de artigos que vinha publicando sobre a situação da homeopatia no Brasil, ele resolve se dirigir aos seus colegas homeopatas, mostrando-se preocupado em consolidar a Enfermaria Mallet, que possuía existência frágil:

Trata-se em summa de consolidar quanto antes a existencia da Enfermaria Homœopathica daquelle hospital, que, tendo sido creada por um simples *aviso* de ministro da guerra, pôde de uma hora para outra ser supprimida por outro aviso, para o que basta que um outro ministro da guerra se deixe suggestionar pelas intrigas do *clericalismo allopathico*, o que, aliás, é hoje muito facil, dado o prestigio, por falso brilho, de que gosam esses *clericaes* junto aos poderes públicos.<sup>279</sup>

Inserir ao máximo a medicina hahnemanniana na esfera institucional, legalizá-la através dos poderes públicos seria assegurar sua existência, a toda hora ameaçada pelo que Cairo denominava de *odium medicum*<sup>280</sup> da medicina oficial. Para tanto, a ação conjunta dos médicos homeopatas se fazia necessária, pressionando as esferas governamentais para que as instituições homeopáticas recebessem a mesma legalização estatal que as alopáticas.

<sup>278</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>279</sup> A HOMŒOPATHIA no Brazil. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 3, n. 2, p. 19. fev. 1908.

<sup>280</sup> Idem



O episódio das estatísticas da Enfermaria Mallet revela o quanto era importante, para os médicos homeopatas, o uso de alguns recursos empregados pelo discurso alopático. A aplicação de estatísticas enquanto prova exata e incontestável da supremacia de uma corrente médica é um deles. Concomitantemente ao discurso, era necessário que as instituições homeopáticas lutassem para garantir também um lugar na esfera oficial, que as referendassem socialmente e legalmente. A busca por reconstruir espaços e discursos já adotados pela alopatia, não impedia que os adeptos de Hahnemann se lançassem, com fervor, à crítica da medicina rival: desqualificar o discurso teórico alopático também fazia parte de suas estratégias.

## 2.2. Cruzada contra Galeno

A disputa entre alopatia e homeopatia não contava apenas com ataques da primeira: a medicina hahnemanniana se esforçava por desacreditar as práticas de sua rival. Numa das manifestações de apoio que Nilo Cairo recebe em sua polêmica com os Drs. Muniz de Aragão e Antonio de Mello, um homeopata assim descreve o tratamento alopático:

Decididamente, meu caro redactor, o Dr. ANTONIO DE MELLO perdeu uma excellente occasião de ficar calado. Atirar-nos á cara com diversos casos tratados por *curandeiros*, que, podendo se responsabilizar pelos doentes graves, recorreram ao diploma de S. Ex., é ser em excesso ingenuo, muito ingenuo mesmo o Sr. Dr. ANTONIO DE MELLO; porque qualquer um de nós, medicos homœopathas, já *perdeu a conta* dos casos recebidos em consultorio ou domicilio, vindos das mãos, não de *curiosos*, mas de *doutores em medicina*, de borda e capello, os quaes, descrendo da allopathia, recorrem á homœopathia que os cura, quando o tratamento allopathico foi iniciado inefficazmente. E ás vezes, cousa engraçada ! acompanha o doente um amavel cartãosinho do collega allopatha, ou então vem elle proprio nol-o trazer ou pessoalmente nol-o recommenda ! isto quando o doente não é filho delle, porque quando o é, habitualmente elle nos promette fazer-se homœopatha, caso lhe salvemos o filho. O filhinho salva-se, mas elle continua a ser allopatha: elle tem lá as suas responsabilidades, e para ter certas coragens, é preciso ser um Bherinhg ou um Huchard.(...)

Ora, meu caro Nilo...fiquemos aqui.<sup>281</sup>

A crítica ao sistema médico oficial tinha como fim último provar sua ineficácia, e nada melhor do que isto do que demonstrar que esta, impossibilitada de curar seus pacientes, envia à medicina homeopática os doentes desenganados. Esta, como verdadeira medicina que pretende ser, cumpre com a missão de devolver a saúde aos “incuráveis”, num ato quase que milagroso, uma imagem muito explorada pela homeopatia quando de sua introdução no Brasil. Completando o quadro, o correspondente de Nilo Cairo afirma ser este doente desenganado conduzido ao consultório homeopático pelo próprio alopata, quando não é o próprio filho dele que é carregado para lá. A indicação do sistema hahnemanniano como opção de cura por um agente da própria medicina oficial, assim como a utilização de medicamentos segundo os princípios homeopáticos, são afirmativas que visam legitimar a medicina homeopática pelas próprias mãos de sua rival.

A inocuidade da medicina alopática, aos olhos dos homeopatas, era também uma questão filosófica. Por não ter um corpo teórico homogêneo, a medicina oficial não pode ser considerada uma ciência: a falta de noções de leis naturais, de espírito de demonstração e a ausência do conhecimento do conjunto do homem a tornam, para os homeopatas, uma prática anticientífica segundo a concepção positiva. O materialismo em si é considerado um dos grandes males da medicina, destituindo o médico de qualquer interesse pela filosofia, o que lhe empobrece teoricamente. Um homeopata, citando Nilo Cairo, considerava o

---

<sup>281</sup> NOTICIARIO. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a. 3, n. 2, p.34. fev. 1908. Bering e Huchard foram médicos alopatas que, segundo a visão dos homeopatas, se converteram à medicina hahnemanniana.

materialismo ou o *cartesianophysico-chimico* como uma dos motivos que levava o médico alopata a ser visto como um *simples veterinario*.<sup>282</sup>

A medicina oficial é criticada por ver o doente apenas em seu aspecto material, biológico, sem considerar, por exemplo, a esfera sociológica que o cerca. Assim como Comte afirmava que a crise da humanidade era uma crise de pensamento, Nilo Cairo, espelhando-se em seu mestre, aponta a multiplicidade de teorias como causa da crise da medicina oficial:

D'ahi toda essa anarchia mental, que reina actualmente nas doutrinas medicas (...), essas tradições hippocraticas dos velhos tempos, em que se pensava mais e se falava menos. D'ahi, e sem falar já d'esses innumeraveis productos diarios de uma deploravel fecundidade, constituindo uma immensa bibliotheca de cousas inuteis, digna de uma fogueira purificadora, em que questiunculas estereis de pathologia são pisadas e repisadas em jornaes e revistas, esses pesados volumes, tão respeitaveis pela sua grossura, em que collaboram dez, vinte, trinta, quarenta, que digo? cem, duzentos especialistas, cada um com as suas idéas , com as theorias mais ou menos chimericas e mal concebidas, dispostas n'uma desordem desoladora, e nos quaes a sciencia, abarrotada de factos, factos e mais factos sem a menor ligação entre si (...), n'uma interminavel instrucção de particularidades superfluas, de concepções ociosas e antipositivas, que desnaturam cada vez mais todas as noções essenciaes sobre a arte de curar (...)<sup>283</sup>

Em sua crítica à medicina oficial, Nilo Cairo condena os especialistas, as teorias antagônicas destituídas de método e de objetividade. Em relação às especialidades, aqui, o médico homeopata muda seu discurso: quando buscava uma equiparação em relação ao sistema médico rival, preocupava-se em demonstrar a existência delas no meio hahnemanniano; no momento em que busca demonstrar a falta de cientificidade desta, com base na filosofia positiva, passa a condená-las. As especializações médicas representariam,

---

<sup>282</sup> VON EBELING, F. Verdades irritantes e irritadas; abancarrota do Materialismo Medico. **Revista Homœopathica Paranaense**, Curitiba, a. 4, n. 12, p.262, dez. 1909.

<sup>283</sup> CAIRO, N. **Similia** (...), p. 7.

para a medicina homeopática influenciada pelo positivismo, uma preocupação excessiva com as particularidades antes de ter uma idéia do geral.

Dentre estas especializações, a cirurgia merecia especial atenção. Enquanto que para a medicina oficial a cirurgia representava a vitória da tecnologia na supressão definitiva da moléstia, para a homeopatia representava o máximo da desconsideração do doente enquanto ser integral. Além disso, para uma medicina onde a causa última da doença não poderia ser conhecida, pretender localizá-la e removê-la fisicamente era agir de maneira antagônica aos princípios da “verdadeira ciência médica”: significava contrariar os princípios homeopáticos e positivos. Retirar parte do organismo danificado não traria a cura, pois a lesão não é a doença; é impossível localizá-la, tanto segundo os princípios homeopáticos quanto positivos.

A cirurgia foi abordada num artigo de Nilo Cairo, que comentava sobre a realização de uma intervenção cirúrgica num caso de xifopagia, pelo Dr. Chapot Presvot. Nele, o médico homeopata condena a prática do cirurgião, rotulando-a de leviana, pois para ele, o ato se consistia apenas de mera promoção pessoal, um espetáculo onde a habilidade e a técnica da medicina oficial seriam demonstradas. Para Nilo Cairo, o Dr. Presvot não levou em consideração as circunstâncias para que uma cirurgia fosse realizada:

Ora, toda indicação de intervenção cirurgica, maxime a daquela que nos occupa, deve sempre ser encarada de dous pontos de vista distinctos, mas connexos: do ponto de vista social e moral e do ponto de vista biologico, porquanto o homem não é um simples animal, cuja vida se ponha em risco imminente simplesmente pelo prazer de apprender alguma cousa de novo. E só assim, combinando esses tres aspectos, é que o problema de uma intervenção cirurgica se torna realmente um problema *scientificamente* soluvel.<sup>284</sup>

---

<sup>284</sup> CIRURGIA dilettante. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 2, n. 6, p. 102. jun. 1907.

A homeopatia, seguindo os princípios de seu fundador, não rejeitava por completo os métodos nem os medicamentos próprios da alopatia. O sistema médico hahnemanniano não considerava a medicina oficial como medicina verdadeira, isto é, enquanto arte de curar, mas admitia o poder paliativo de sua terapêutica. Em casos de extrema urgência, quando a intervenção médica se fazia necessária o mais rápido possível, a ponto de não se poder esperar por um diagnóstico homeopático, aceitava-se o pronto-socorro alopático.

A intervenção cirúrgica aceita pela homeopatia se enquadrava nos casos de urgência mas, para os homeopatas também adeptos do positivismo, como era o caso de Nilo Cairo, a questão não era meramente biológica. Ela se justificava não só quando a vida do doente estava em risco, mas quando esta poderia ser mais útil à sociedade após a intervenção. Ao criticar o procedimento do Dr. Chapot Presvot, Cairo afirma que a xifopagia não inviabiliza a vida social dos indivíduos assim unidos: *mesmo jungidas assim uma a outra, duas pessoas, numa sociedade bem organizada, podem prestar excellentes serviços, e mesmo serem mais uteis do que um grande numero de aleijados que por ahi existem e que ninguem pensa em operar*<sup>285</sup>.

Para o médico homeopata, nem mesmo a vontade da família ou do paciente pode superar a vontade da sociedade, ou seja, sua utilidade social. A cirurgia realizada, onde o desfecho fora funesto, não teria motivo de ter sido praticada, pois não ameaçava a vida das crianças xifópagas nem as inutilizava socialmente. Além do mais, o cirurgião, segundo Nilo Cairo, desconhecia quais órgãos ligavam as duas crianças e como isto se dava provocando, aos olhos deste, um *verdadeiro infanticidio que cometteu sob a capa da sciencia*<sup>286</sup>.

---

<sup>285</sup> Idem, p. 104.

<sup>286</sup> Ibidem, p. 105.

Além das restrições biológicas e sociais que deveria sofrer, a cirurgia e seu praticante eram mal vistos pelo homeopata paranaense, e por todos aqueles hahnemannianos que compartilhavam de seus preceitos positivistas, por ser algo técnico, dispensando qualquer outro saber que não fosse o anatômico. O cirurgião era aquele que não precisava de conhecimentos gerais sobre medicina e nem sobre a sociedade, pois ele reduzia o homem a um animal, desprovido de qualquer contexto mais amplo, fosse social, fosse individual. Era alguém alheio aos preceitos positivos, onde o saber enciclopédico, abrangente, era necessário em qualquer área do conhecimento humano. Este pensamento fica claramente expressado por Cairo em sua tese inaugural, quando comenta sobre a cadeira de Clínica Cirúrgica:

#### I

Regenerada a sociedade por uma religião universal, as funções cirurgicas, tornando-se subalternas, serão transferidas a um pequeno numero de individuos, alheios ao officio medico, mas cuja educação encyclopedica os tornará então bastante aptos para cultivarem essa especialidade, unica admissivel na arte de curar.

#### II

Exclusivamente indicada pelo medico, uma operação qualquer uma vez terminada com seus acessorios pelo cirurgião, todo tratamento local e geral consecutivo deve ser entregue directamente ao primeiro não ao segundo.<sup>287</sup>

Cairo aceita a cirurgia como única especialidade admissível na medicina, porém, não pode ser vista como um privilégio. É, na verdade, uma distinção desqualificadora, já que a reduz à mera técnica que, qualquer pessoa fora do âmbito médico mas com conhecimentos suficientes, pode realizar. Isto se confirma na segunda proposição sobre a cadeira, onde afirma que, após a intervenção, o doente deverá ficar a cargo do médico e não do cirurgião, que não teria habilidades suficientes para proceder a cura.

---

<sup>287</sup> CAIRO, N. **Similia** (...) p. 156.

Ambas as proposições revelam, ainda , outra postura dos homeopatas, principalmente os positivistas, a respeito da medicina: a liberdade profissional, ainda que limitada, ao admitir leigos realizando intervenções cirúrgicas. Este tema, porém, será abordado mais cuidadosamente no próximo item deste capítulo. Por ora, vale atentar para as divergências presentes em ambos os sistemas médicos: o que, para um, significava o auge do avanço científico<sup>288</sup>, para o outro, representava o oposto.

O desenvolvimento da cirurgia tinha, como base, uma disciplina muito cara à medicina oficial: a anatomia. Era através desta prática que o médico ou seu neófito aprendiam os segredos do interior do corpo humano. Dominando-os, era possível melhor localizar a lesão mórbida no organismo e extirpá-la o mais perfeitamente possível. Contra estas práticas, insurgia-se a medicina homeopática, já que também iam de encontro aos seus conceitos sobre doença.

Condenando a cadeira de anatomia, por ser o ponto máximo da *medicina dos pedacinhos*, Nilo Cairo critica também as outras cinco disciplinas que teve, ao longo do seu curso, relacionadas ao estudo da anatomia e da cirurgia. A objeção do homeopata em relação à anatomia, não permanece somente no âmbito do seu valor utilitário para a medicina: assim como a cirurgia, ela está interligada a aspectos morais. Vejamos como o Dr. Cairo se manifesta em relação à cadeira de Operações e Aparelhos, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

# I

A aprendizagem pratica d'esta cadeira deve ser feita na clinica cirurgica, afim de que o methodo correspondente não degenere n'uma pura mutilação de cadaveres, cuja inutilidade é hoje habitualmente reconhecida por todo espirito bem disciplinado.

---

<sup>288</sup> Vale a pena lembrar que Luiz Pereira Barreto, um dos precursores do positivismo no Brasil, era médico cirurgião e via sua prática de acordo com os preceitos positivos.

## II

Uma vez estudada a anatomia humana nos bons desenhos e excellentes manequins, que produz a industria contemporanea, áquelles que se destinam ás funcções chirurgicas basta apprenderem a operar no proprio vivo, sob a direcção dos professores, primeiramente como simples espectadores, depois como ajudantes, enfim como operadores, devendo todo simulacro sobre o cadaver ser prohibido em nome da moral publica.<sup>289</sup>

Condenando totalmente a dissecação de cadáveres, base dos estudos anatômicos, Nilo Cairo sugere a utilização de desenhos e manequins, e para os médicos que desejam ser cirurgiões, o aprendizado no próprio ser vivo, desde que monitorados. Tanto a condenação quanto a solução apresentadas pelo médico estão de acordo com os princípios homeopáticos, que tendem a menosprezar a importância da localização da doença. A sugestão de observação do corpo humano vivo se harmoniza com a prática de experimentações no homem são, num organismo não deturpado pela doença, aconselhada por Hahnemann; no caso da anatomia, a deturpação proveniente da morte seria substituída pela possibilidade de conhecer o funcionamento dos órgãos de um ser vivo.

No entanto, há elementos destas observações que também pertencem à esfera do pensamento positivista, como é o caso do aspecto moral do assunto. A profanação de cadáveres enquanto aspecto imoral é incessantemente ressaltada por Nilo Cairo, em suas considerações sobre as disciplinas relacionadas ao ensino da anatomia. No caso da cadeira de Anatomia Médico-Cirúrgica, apesar de ser contrário à sua existência, Cairo tece inúmeros elogios à *superioridade dos sentimentos e das idéas* do professor Dr. Paes Leme, por substituir os cadáveres por desenhos e manequins. O Dr. Paes Leme, apesar de não ser

---

<sup>289</sup> CAIRO, N. **Similia** (...), p. 155.



homeopata, mostrava-se simpático à esta doutrina médica<sup>290</sup>, e adotava a prática de ensinar anatomia por outros meios que não as dissecações, escapando da *sciencia do cadaver*<sup>291</sup> numa tendência de outros médicos oficiais.

As críticas que a homeopatia dirigia a sua rival também estavam relacionadas com o medicamento alopático. Para uma medicina considerada como paliativa, o medicamento também se comportava como tal. Era rotulado, sobretudo, como agente agressivo que, ao invés de auxiliar a força vital na cura, só mascarava os sintomas da doença. A violência do tratamento alopático é assim descrita por um homeopata: (...) *a allopathia escangalha tudo. – Minha doentinha salvou-se sem o barbaro – vesicatorio – sem vomitorios, sem purgantes, etc. etc., a bagagem therapeutica com que a velha escola impressiona os incautos*<sup>292</sup>.

Para uma medicina que acreditava na doença como uma invasão do organismo por parte dos micróbios retratando-a como uma luta, o medicamento só poderia ser feito de substâncias que, quanto mais concentradas, mais efeito produziriam, ao contrário das doses homeopáticas. O efeito muitas vezes nocivo de altas concentrações já fora criticado pelo próprio Hahnemann, estimulando-o a se dedicar às pesquisas com substâncias diluídas. A concentração dos medicamentos alopáticos feria, na opinião dos homeopatas, o princípio hipocrático – *primum non nocere* – que afirmava ser dever do médico, antes de tudo, não prejudicar o organismo<sup>293</sup>.

---

<sup>290</sup> LEME, P. O cirurgião; extractos da Licção Inaugural de Clinica Cirurgica do Curso livre da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a. 3, n. 10. p.178. out. 1908.

<sup>291</sup> RODRIGUES, B. Allopathia e Homoeopathia. **Revista Homoeopathica Brasileira**, Curityba, a. 3, n. 5, p. 85. maio. 1908.

<sup>292</sup> DANTAS, O. Clinica medica. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 1, n. 1, p. 6, jan/mar. 1906.

<sup>293</sup> SEABRA, A. **A Verdade** (...). p. 123.

Juntamente com a concentração das substâncias que compunham o medicamento, a crítica homeopática se dirigia à combinação de várias destas mesmas substâncias num só produto. As fórmulas complexas, apropriadas para uma medicina sintomática, dificultariam ainda mais a observação da ação do medicamento no organismo doente. Somando-se a este quadro, há ainda a censura às experiências feitas para se descobrir os medicamentos que, realizadas com animais, romperiam com o princípio homeopático da experimentação no homem saudável, e com as idéias positivas sobre terapêutica: *Augusto Comte protestou e seus discipulos o acompanharam. Elle fez ver que em biologia não se pratica uma verdadeira experiencia, e isto pela impossibilidade de estabelecer uma comparação entre dois casos que só diffiram pelo phenomeno que se quer estudar.*<sup>294</sup>

Segundo a interpretação dos homeopatas, o medicamento alopático obedece ao princípio *contraria contrariis curantur*, isto é, é aplicado de acordo com os sintomas apresentados pelo doente, num sentido contrário: se existe febre, emprega-se um medicamento que debele a febre; se há dor, um analgésico, e assim por diante. Como, na maioria das vezes, são diversos os sintomas apresentados numa única doença, os medicamentos usados pela medicina oficial são, também ,compostos por diversas substâncias.

A grande questão que os seguidores de Hahnemann colocam refere-se à origem do princípio alopático: assim como o aforismo *similia similibus curantur*, foi enunciado por Hipócrates. Ora, como dois princípios antagônicos podem ser formulados por uma única pessoa ? A resposta poderia estar no campo de aplicação de ambos os princípios, como sugere o Dr. Alberto Seabra<sup>295</sup>.

---

<sup>294</sup> Idem, p. 27.

<sup>295</sup> SEABRA, A. **A Verdade** (...) p. 43.

Seabra consulta o pai da medicina, no intuito de buscar as indicações para a utilização do princípio dos contrários mas esbarra na ausência de referências. Encontra apenas uma alusão de Hipócrates, no “Livro dos Ventos”: *si conhecessemos a causa, poderíamos administrar o que é útil, tomando nos contrarios a indicação dos remedios.*<sup>296</sup> Diante da escassez de informações fornecidas pelo próprio enunciador do princípio, o colega de Nilo Cairo vai encontrar na mecânica, na lei das forças iguais e contrárias que se anulam, uma justificativa da lei terapêutica dos contrários. Com esta primeira constatação, vem a crítica:

Vinde, pois, applicar o parallelogrammo das forças ao mundo organizado e vivo! Vinde exercer sobre seres vivos forças eguaes e contrarias, como o fazeis tão bellamente no mundo physico! (...)

Este longo passado de erros, é consequencia logica de uma concepção falsa do universo e do homem.(...) Nunca descobriram no homem, senão um puro e simples mecanismo.<sup>297</sup>

Segundo Alberto Seabra, se procurarmos nos sintomas das moléstias, haverá poucos que fornecerão a possibilidade de debelá-los através da lei dos contrários. Chega, então, à conclusão de que a seguir é fazer uma medicina paliativa. Se também fosse possível seguir ao princípio dos contrários conhecendo a causa das doenças, como sugeriu Hipócrates, ele ainda não se confirmaria. Seabra sugere que as causas que a medicina oficial atribui às enfermidades, como os micróbios, as mudanças climáticas ou psicológicas estariam inseridas na esfera de ação da higiene ou da pedagogia, não lhes cabendo a ação da lei dos contrários.

Ainda se referindo às causas das doenças, como esfera de ação da lei dos contrários, conforme sugeriu Hipócrates, o Dr. Alberto Seabra vê na cirurgia, o único campo onde a

---

<sup>296</sup> Idem, p.43-4.

<sup>297</sup> Ibidem, p. 44.

causa das moléstias seria realmente conhecida. Contrariando a opinião de médicos respeitados no círculo homeopático, como o Dr. Jousset, Seabra diz não reconhecer o princípio alopático nem mesmo nas intervenções cirúrgicas:

De posse de uma lei physica ou chimica qualquer, o homem de sciencia sabe agir de conformidade com o seu ensinamento. Guiado pela lei dos semelhantes, o medico põe-se em uma cadeia de raciocinios: julga, compara, induz, deduz. Ora bem. Onde está essa cadeia de raciocinios que a lei dos contrarios sugere ao cirurgião? Eu não a vejo.<sup>298</sup>

Para Seabra, assim como para Nilo Cairo, a cirurgia não passa de um ato mecânico, onde a limitação de raciocínio não abriga nenhuma lei. O ato de ligar uma artéria durante uma hemorragia é análogo, como compara Alberto Seabra, a um engenheiro construindo um açude. A cirurgia, única que aos olhos dos homeopatas trabalharia com a causa concreta das doenças, não segue a lei dos contrários, na esfera de ação que esta poderia ser aplicada: é o supra-sumo do materialismo, não abrigo, em si, nenhuma lei ou princípio filosófico.

Chega-se à conclusão que, por se guiar através de uma lei, na verdade, inexistente, a medicina alopática não tem uma base norteadora para sua ação, constituindo-se de uma multiplicidade de teorias que não possuem consistência para efetuar uma indicação terapêutica segura. Como afirma Alberto Seabra: *eis ahi o que nos explica porque em seus tratados clinicos, as indicações mudam como os chapéus femininos*<sup>299</sup>.

Uma vez que a medicina oficial se utiliza de uma lei que não se comprova, como procura demonstrar Seabra, ela não pode ser considerada a arte de curar: se não é guiada por leis e não obedece aos princípios positivos, não pode ser ciência. É na crítica à lei

---

<sup>298</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>299</sup> Ibidem, p. 51.

terapêutica que, para os homeopatas, guiaria as indicações alopáticas, que se estabelece um espaço onde a homeopatia caberá perfeitamente como a legítima medicina.

Além das refutações de ordem teórica e filosófica dirigidas pela homeopatia à sua rival, haviam importantes considerações de ordem ética envolvendo ambos os sistemas médicos. Desde sua consolidação enquanto profissão detentora de poder, a medicina oficial procurou sempre manter uma hegemonia, através de mecanismos que garantissem o monopólio da arte de curar. Um destes mecanismos foi, como já vimos, o Código Penal de 1890. Outro, lutando pelo domínio de espaços legalmente institucionalizados, como foi o caso do Hospital Central do Exército. A todo o momento, a medicina se mostrava atenta ao seu monopólio, procurando sanear a sociedade do que ela denominava de charlatanismo. Uma destas atitudes foi capturada e assim comentada por Nilo Cairo:

**Hein?**

Lemos no *O Paiz*, do Rio de Janeiro, n.º de 15 de Setembro passado, a seguinte notícia:

*Na sessão de ante-hontem, realizada na Academia Nacional de Medicina, o Dr. FERNANDO MAGALHÃES submeteu á discussão a seguinte proposta:*

*“A Academia Nacional de Medicina, reconhecendo a lamentavel desorganização do exercicio profissional medico no Brazil, resolve:*

*a) fazer elaborar por uma commissão especial as bases de uma corporação encarregada de fiscalizar e regulamentar o exercicio da profissão medica:*

*b) submeter, depois de aprovado, o projecto definitivo á consideração dos poderes publicos, pugnando pela criação official da Ordem Medica Brasileira.”*

Que será? Fiscalização?! Regulamentação?! Teremos algum novo monopólio?<sup>300</sup>

As considerações traçadas pelo redator da *Revista Homœopathica do Paraná*, mostram, além das renovadas buscas pela regulamentação da profissão, por parte da zelosa medicina oficial, o desconforto que esta atitude gerava no meio homeopático. Na busca de

<sup>300</sup> NOTICIARIO. *Revista Homoeopathica do Paraná*, Curityba, a. 1, n. 10, p. 144. out. 1906.

lugar no seio médico, e com um passado repleto de casos rotulados de “charlatanismo” pela medicina alopática, a medicina hahnemanniana se proclama completamente contrária ao exclusivismo da medicina rival, lutando cada vez mais a favor da liberdade profissional. Esta liberdade, defendida ardorosamente pelos homeopatas, era também um elemento do discurso destes médicos que se encontrava plenamente influenciado pelo positivismo. Todo este contexto, importantíssimo na afirmação da homeopatia enquanto medicina legítima, será assunto do próximo bloco do presente capítulo.

### 2.3 Homeopatia e liberdade

Quando Nilo Cairo funda a *Revista Homœopathica do Paraná*, elabora um editorial no primeiro número do periódico, explicando suas principais diretrizes. Ele afirma ser o Rio de Janeiro o local onde a medicina homeopática se encontra mais fortalecida, colocando o Paraná em quinto lugar, ressaltando a estima que a região nutre por este sistema médico.

Diante do crescente desenvolvimento da medicina hahnemanniana, Nilo Cairo considera, como principal objetivo da revista paranaense, auxiliar na difusão das principais idéias homeopáticas entre os médicos e leigos que se tratam e curam pela homeopatia. O médico paranaense reconhece a importância destes últimos, em especial dos espíritas, que promovem o tratamento homeopático principalmente nas regiões onde não há médicos. Ressaltando o trabalho destes, Cairo coloca sua posição diante do exercício livre da medicina:

Ainda que sejamos infensos á liberdade profissional absoluta, na pratica da medicina, como lei organica de uma sociedade normal, na qual essa pratica deve ser exercida por um sacerdocio religioso systematico,

capaz, por seu saber encyclopedico, de abranger, no tratamento, o conjunto da natureza humana, todavia somos os primeiros a proclamar altamente a sua imprescindivel e urgente necessidade, como lei transitoria propria ao periodo social de espantosa crise mental e moral, que atravessam actualmente os povos occidentaes desamparados de toda doutrina geral. Somos assim os primeiros a condemnar as perseguições ditas legaes movidas contra os chamados *curandeiros*, *allopathas* ou *homœopathas*, como uma falta radical da mais elemental comprehensão do momento sociologico, em que presentemente nos achamos.<sup>301</sup>

As considerações de Nilo Cairo sobre a necessidade de liberdade profissional, diante do contexto social em que vivia, refletiam, novamente, a proximidade entre a homeopatia e o positivismo. De igual posição eram o Apostolado Positivista do Brasil e Luiz Pereira Barreto que, como vimos no primeiro capítulo, condenava qualquer iniciativa de repressão ao livre exercício da medicina. Tanto Nilo Cairo quanto Pereira Barreto e o Apostolado se apoiavam em Auguste Comte, quando este censurava qualquer tipo de privilégio, taxando o monopólio médico de contrário *tanto à dignidade sacerdotal quanto à liberdade espiritual*<sup>302</sup>.

Note-se, no entanto, que todas estas opiniões acerca do charlatanismo e sua perseguição não apontavam para a inexistência desse, mas defendiam a liberdade de cada pessoa em escolher o modo e por quem queria ser tratada. Para que isso ocorresse da melhor forma possível, era necessário promover a conscientização e moralização dos indivíduos, dentro da proposta de regeneração social defendida pelo positivismo. As pessoas deveriam, então, escolher devidamente a quem devotar confiança, de acordo com suas possibilidades culturais.<sup>303</sup>

A liberdade de exercício profissional, bem como o livre direito do doente em escolher quem iria cuidar de sua saúde, era defendida pelos homeopatas, mas não

<sup>301</sup> NOSSO programma. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 1, n. 1/3, p. 3. jan/mar. 1906.

<sup>302</sup> LINS, I. **História** (...), p. 82.

<sup>303</sup> LEMOS, M. **A liberdade espiritual e o exercicio da medicina**. Rio de Janeiro : Séde do Centro Positivista, 1887.

exclusivamente. Uma vez que tinha bases nas idéias positivistas, era acatada pelos médicos simpatizantes com a filosofia. Era o caso do Dr. Antonio de Mello que, mesmo sendo contrário à homeopatia, pregava a liberdade profissional e de ensino. Como adversário de Nilo Cairo, recebeu inúmeras críticas deste, que não pode, no entanto, poupar-lhe elogios diante de sua opinião sobre o exercício da medicina:

Desejamos que as nossas Faculdades, alando-se em um horizonte mais vasto e mais livre, admittissem em seu gremio uma cadeira de ensino homœopathico e bem assim a dosimetria, para que concorrendo com o seu exemplo para rebater preconceitos, creasse para o povo, como para as familias, uma éra de liberdade, em que cada qual se tratasse desembaraçada e independentemente pela therapeutica de sua sympathia e predilecção. Pois não é livre a consciencia? Não é livre o pensamento? Porque tambem não ha de ser completamente livre a escolha da therapeutica nas familias? Sejamos, pois, livres democratas no Brazil, como o são os norte-americanos.<sup>304</sup>

Merecedores de elogios por parte de Cairo, e pelo mesmo motivo de Antonio de Mello, foram os Drs. Teixeira de Souza e Fernando Magalhães, sendo este último o mesmo que já havia polemizado com o médico homeopata. O discurso de apoio às idéias dos dois médicos foi publicado no artigo intitulado *Pela Liberdade Profissional*, aberto por uma epígrafe citando Augusto Comte, que afirmava: *É necessario completar a regeneração da classe medica libertando-a de um vicioso monopolio... O privilegio que legalmente resulta do doutorado só aproveita na realidade ao charlatanismo...*<sup>305</sup>

Em seu artigo, Cairo relata uma situação ocorrida na sessão de 4 de novembro de 1909, da Academia Nacional de Medicina. Um de seus associados, o Dr. Felício dos Santos, trata do tema *perigos sociaes das praticas espiritas*, como havia se proposto em

<sup>304</sup> ALLOPATHIA e Homœopathia. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 3, n. 3, p. 43. mar. 1908.

<sup>305</sup> CAIRO, N. Pela Liberdade Profissional. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a. 4, n. 11, p. 241. nov. 1909.



reunião anterior. O orador, dizendo-se católico, tece suas considerações sobre o espiritismo na esfera da medicina, afirmando este ter se alastrado epidemicamente sob a forma de medicina popular. Seus consultórios, *onde incautos e obsecados recebem a mezinha salvadora – simples gottas d'água em fôrma homœopathica*<sup>306</sup>, devem ser combatidos com prévio conhecimento da doutrina espírita.

Três outros médicos se manifestam contrários à posição do colega. O primeiro a se manifestar, o Dr. Nascimento Gurgel, confessou ter se decepcionado com a abordagem feita pelo Dr. Felício dos Santos, pois esta careceu da análise do espiritismo com base científica. O Dr. Gurgel afirma que a doutrina de Kardec contava, naquele momento, com o apoio e a investigação da ciência. Propôs que este fosse o enfoque da discussão sobre o tema, que deveria se prolongar na sessão seguinte.

O segundo a colocar sua posição sobre o assunto foi o Dr. Fernando Magalhães. O antigo oponente de Nilo Cairo já não mais defende as posições que adotara no passado:

S. Exa declara não ver perigo algum nas praticas espiritas, nem perante a sociedade, nem no particular da medicina. Pensara ha annos na Ordem Medica Brasileira, e desse assumpto se occupára no seio da Academia. A idéa não foi avante; e pensa hoje de modo absolutamente opposto, propugnando pela mais ampla liberdade de profissão: será um meio de se dar a maior amplitude aoCodigo Penal, de sorte a poder elle apanhar em suas malhas, assim mais expandidas no seu officio de repressão aos delictos, tanto a nociva medicina dos extra-diplomados, como a dos que exercem legal e officialmente, mais ignorante e criminosamente tambem.<sup>307</sup>

O Dr. Magalhães, agora já adepto da liberdade profissional, afirmava ainda não achar condenável o espiritismo nem sua prática na área médica, já que a terapêutica permanece na esfera da cura homeopática, onde, afirma ele, *o melhor quinhão da cura*

---

<sup>306</sup> Idem.

<sup>307</sup> Ibidem, p. 242.

*corre por conta da sugestão...* Fernando Magalhães, apesar de mais liberal, continua descrente na homeopatia, mas estende este poder de cura pelos placebos também para o terreno alopático. Acredita que o espiritismo possa ser compreendido através da existência de forças naturais desconhecidas, mas passíveis da explicação científica. Concluindo, Magalhães afirma ser necessário combater os indivíduos que abusam do exercício da arte médica de uma maneira geral, não se atendo a uma ou outra doutrina, buscando sempre *evangelizar a medicina*.

A terceira voz que se fez ouvir foi a do Dr. Teixeira de Souza, que, como explica Nilo Cairo, *é positivista e, como tal, amigo da liberdade profissional na hora presente de imensa anarchia*<sup>308</sup>, traduzida pela inconstância das teorias médicas. Critica as considerações do Dr. Felício dos Santos acerca do espiritismo e defende que o exercício da medicina estar vinculado não ao diploma, mas à capacidade prática comprovada. O Dr. Teixeira afirma ser mais produtivo moralizar a classe médica através da instrução científica. Em relação aos indivíduos que estão nas garras do charlatanismo e do curandeirismo, o médico positivista repete o que seus colegas de filosofia já afirmaram: se há pessoas que acreditam nesta ou naquela terapêutica, seja ela qual for, é porque seu estado mental assim o permite.

Parabenizando aos médicos da Academia Nacional de Medicina, que se mostraram adeptos à liberdade profissional, Nilo Cairo condena aqueles que, ambiciosamente, defendem o monopólio médico. O médico homeopata leva seus leitores a uma reflexão:

A época que atravessa a Medicina é uma época de transição: só a mais completa liberdade profissional pôde permitir a victoria da verdadeira doutrina, e que cada um seja responsavel perante a lei pelos erros que commetter, sem que aos doutores o diploma, ás vezes ganho á

---

<sup>308</sup> Ibidem.

custa de *collar* o Paul Lefert, possa servir de capa e a ignorancia de desculpa aos curandeiros.<sup>309</sup>

Analisando o relato de Nilo Cairo a respeito do ocorrido na sessão da Academia Nacional de Medicina, de 4 de novembro de 1909, pode-se perceber alguns aspectos paradoxais da liberdade profissional, quando esta se refere à medicina. Ao mesmo tempo em que a idéia aparentava ser menos discriminatória, a medida em que igualava aqueles que tinham e os que não tinham recebido formação médica acadêmica, ela defendia a existência do charlatanismo. O fato do rótulo de charlatão poder ser estendido aos médicos portadores de diploma não invalida a busca pelo fim do charlatanismo.

Outra característica da liberdade profissional defendida pelos médicos positivistas é sua transitoriedade ; ela era necessária devido ao período de crise de conhecimento em que se vivia. Neste sentido, esperava-se, após vencida a crise, a vitória da verdadeira doutrina: para os homeopatas, representados aqui por Nilo Cairo, a vitória do sistema hahnemanniano no âmbito médico.

Apesar das manifestações de apoio à liberdade profissional, vinda de adversários doutrinários – que, certamente, acreditavam ser o poder sedutor da medicina oficial perante o público, superior à necessidade de repressão – um discurso ainda muito comum era o de não aceitação das práticas médicas divergentes. Isto se verificava, de maneira clara, em relação à homeopatia, que sempre estava pronta a polemizar com sua rival.

Um fato ocorrido no Rio Grande do Sul, atingindo o Dr. Ignácio Cardoso, ilustra a ocorrência de intolerância por parte da medicina oficial, de manifestações contrárias ao seu sistema médico. O caso se torna peculiar pelo fato do Rio Grande do Sul, no início do século, ter um governo partidário do positivismo e defender constitucionalmente a

---

<sup>309</sup> Ibidem, p. 243.

liberdade profissional. Esta diretriz, não questionada inclusive pela Faculdade de Medicina<sup>310</sup>, não impediu que seus alunos se manifestassem contra o Dr. Cardoso, médico homeopata residente na capital daquele estado.

O médico, membro do Instituto Hahnemanniano do Brasil, escreve na *Revista de Medicina Homœopathica* da qual era redator, um artigo censurando os professores da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. Os acadêmicos, descontentes com as palavras do Dr. Ignácio Cardoso, foram até sua casa, onde fizeram uma *manifestação acintosa*<sup>311</sup>, segundo o Jornal do Comércio. Após, seguiram até os jornais de Porto Alegre, gritando saudações à liberdade profissional e à Junta de Higiene.

A manifestação, ocorrida em julho de 1906, foi alvo da atenção do Dr. Nilo Cairo que, através da *Revista Homœopathica do Paraná*, escreve um editorial de apoio ao colega. O médico paranaense assim expressa sua revolta:

(...) a selvagem agressão de que foi victima a nossa (sic) collega riograndense, não representa senão a ignobil ganancia de uma duzia de mediocridades vulgares e intrigantes, cuja insaciavel algibeira é a principal interessada em fazer predominar junto aos poderes publicos, sob a capa de uma hypocrita dedicação á sciencia, as suas opiniões quasi sempre chimericas, viciosas e mesmo nocivas, afim de manter as suas posições theoricas officiaes.<sup>312</sup>

Continuando suas considerações sobre o ocorrido, Nilo Cairo contesta a doutrina médica que teria dado suporte, aos acadêmicos manifestantes, ao criticar as opiniões da *Revista de Medicina Homœopathica* acerca da peste bubônica e da atuação dos médicos da Junta de Higiene. Critica a falta de princípios teóricos da medicina oficial, perpetuados

<sup>310</sup> WEBER, B. T. *As Artes* (...), p. 124.

<sup>311</sup> NOSSO Protesto. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a. 1, n. 8, p. 93. ago. 1906.

<sup>312</sup> Idem, p. 94.

pelas Faculdades de Medicina, que, mantidas pelo governo ou pagas, apenas serviriam de local de trabalho a alguns médicos.

Cairo vê, na manifestação de intolerância dos estudantes, a defesa da exclusividade da medicina oficial, através da imposição da mesma sob a capa da oficialidade. Considera, ainda, que o acontecimento revela a ganância dos futuros médicos, que estariam interessados em afastar qualquer tipo de adversário: Ignacio Cardoso, *além de ser homœopatha, os incommoda na concurrencia (sic) clinica*<sup>313</sup>. O monopólio ia além do âmbito teórico, pois também objetivaria diminuir a concorrência, através da diminuição do número de pessoas legitimadas para curar.

A favor da livre concorrência, como não podia deixar de ser, Nilo Cairo toma a iniciativa de publicar, na *Revista Homoeopathica do Paraná*, uma lista dos médicos homeopatas diplomados e licenciados que clinicavam no Rio Grande do Sul<sup>314</sup>. Com isto, o médico pretendia oferecer, ao público, o maior número de nomes possíveis, para que houvesse uma livre escolha.

Em relação ainda ao incidente envolvendo o Dr. Ignácio Cardoso e os estudantes da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul, Nilo Cairo escreve, ainda, mais uma pequena nota, quase seis meses depois da publicação do primeiro artigo sobre o assunto. Nele, comenta a reprovação de um doutorando da Faculdade de Medicina:

Os tempos passam; um doutorando daquela Escola, em Dezembro ultimo, foi reprovado em defeza de these por ter nella criticado a opinião de dous dos seus lentes; os alumnos fizeram uma manifestação ao *degolado* e a congregação, offendida, suspendeu-os por um anno.

Ora, muito bem feito! Não ha nada como um dia após o outro...

Os referidos estudantes estão exaltadissimos contra esse acto de intolerancia dos seus mestres e têm posto a cidade de Porto-Alegre em

<sup>313</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>314</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopatica do Paraná*, Curitiba, a. 1, n. 9, p. 130-31, set.1906.

polvorosa; quando ainda ha cinco mezes eram elles proprios que davam prova de intolerancia, ridicularizando o Sr. IGNACIO CARDOSO e a Homœopatia.

De que é que se queixam, pois, esses meninos?<sup>315</sup>

Juntamente deste comentário com sabor de vingança, Cairo transcreve um pequeno trecho do jornal de Porto Alegre, a *Gazeta do Commercio*, do dia 17 de dezembro de 1906. Nele, a *Gazeta* lamenta os motivos da reprovação ocorrida na Faculdade de Medicina, lembrando e censurando, ainda, a intolerância dos alunos do curso médico, por terem exposto ao ridículo *a um licenciado que exerce a profissão de homœopatha*<sup>316</sup>. É com a defesa da liberdade plena que o periódico conclui a notícia, que recebe o apoio de Nilo Cairo: afinal, além de ser homeopata, o Dr. Cardoso levava o estigma de ser licenciado, e não diplomado.

Não só pela liberdade de exercer a medicina lutavam os homeopatas: ela se complementava pela liberdade que os indivíduos deveriam ter para escolher a terapêutica de sua preferência. Numa demonstração de tal posição, os homeopatas defendiam a existência de enfermarias homeopáticas e alopáticas num mesmo recinto. É o caso do Dispensário Sabino Pinho, cuja inauguração foi noticiada na *Revista Homœopathica de Pernambuco* e retransmitida aos simpatizantes da doutrina pela então *Revista Homoeopathica Brasileira*:

A 1.º de Dezembro de 1907, foi inaugurado solemnemente, no predio n. 37, á rua Barão de S. Borja, o Instituto de Protecção e Assintencia á Infancia de Pernambuco.

Dessa data em diante principiou a funcção a sua secção – o *Dispensario Sabino Pinho*, onde as criancinhas pobres recebem diariamente socorros medicos, cirurgicos e pharmaceuticos.

N'este estabelecimento, que tambem offerece, embora em pequena escala, alimentação, calçados, roupas, etc., são adoptados como

<sup>315</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, a. 2, n. 2, p. 35. fev. 1907.

<sup>316</sup> Idem.

principaes systemas de curar e á vontade do responsavel pelo doente, o homœopathico e o allopathico.<sup>317</sup>

O momento em que atravessava a homeopatia no Brasil, favorecia o discurso em prol da liberdade profissional. Não só a filosofia positivista, disseminada no meio intelectual brasileiro, como também a busca por público e pelo aumento de porta-vozes homeopáticos foram responsáveis por esta característica discursiva, que se revelou forte, também, por ocasião da vacinação obrigatória em 1904.

## 2.4 Os homeopatas e a vacinação obrigatória

A problemática da liberdade de escolha dos indivíduos em relação à sua saúde, a maneira de conservá-la ou recuperá-la, envolveu os homeopatas em um contexto muito específico do início do século: a obrigatoriedade da vacinação antivariólica, em 1904. A conjuntura político-econômica, os aspectos que cercavam o imaginário social no momento em que se instaurou a obrigatoriedade geral da vacina, bem como a reação à ela, conhecida como a Revolta da Vacina, são assuntos cuidadosamente abordados pela historiografia brasileira.

Uma das obras mais referenciadas sobre o tema é *A Revolta da Vacina*<sup>318</sup>, de Nicolau Sevcenko. Nela, o historiador aborda o acontecimento como algo pertencente a um momento de transformação social no Brasil, que ocorria com o advento da República. Neste momento, um pretexto imediato causou a Revolta: a campanha governamental de vacinação em massa. Porém, setores de oposição aproveitaram a ocasião para tentarem um golpe de Estado, como foi o caso dos oficiais positivistas, encabeçados por Lauro Sodré e

<sup>317</sup> NOTICIARIO. *Revista Homoeopathica Brasileira*, Curityba, a. 3, n. 5, p. 97. maio. 1908.

<sup>318</sup> SEVCENKO, N. *A Revolta da Vacina*; mentes insanas em corpos rebeldes. S. Paulo : Brasiliense, 1984. Ver também: \_\_\_\_\_. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo : Cia das Letras, 1998. p. 7-48. v.3.

apoiados por vários setores sociais. A tentativa de tomada do poder, fracassada, não foi, entretanto, o motivo pelo qual muitas pessoas foram às ruas do Rio de Janeiro em novembro de 1904, onde desencadearam manifestações violentas e enfrentamentos com a polícia. O motivo popular da Revolta, este permanece objeto de questionamento por parte dos historiadores: para Sevcenko, traduziu a revolta da população menos favorecida diante da violência com a qual se efetuava a chamada “Regeneração” da Capital Federal.

A “Regeneração”, como foram denominadas pela imprensa conservadora da época as transformações urbanas e de costumes pelas quais passava o Rio de Janeiro, teve o teor da plataforma de governo do presidente Rodrigues Alves. Buscando a melhoria da Capital Federal, a fim de torná-la mais moderna, Alves deu carta branca ao engenheiro Pereira Passos e ao médico Oswaldo Cruz, para efetuar as reformas. Feitas com rigor ditatorial, as transformações urbanas contaram com obras de saneamento no porto, desapropriações e demolições de habitações que não estivessem dentro dos parâmetros higiênicos, como era o caso dos cortiços, e o alargamento de algumas ruas.

A campanha de vacinação obrigatória contra a varíola, foi um dos momentos de maior imposição governamental junto à sociedade: dela, esperava-se unicamente que se submetesse. A Revolta da Vacina traduz, para Sevcenko, um momento de revolta contra a repressão e a segregação que a população, principalmente a parcela mais pobre desta, sofria por parte do governo.

Também buscando inserir a Revolta da Vacina no contexto social do início da República, José Murilo de Carvalho<sup>319</sup> recria o ambiente de transformações do período, colocando a obrigatoriedade à vacina como mais uma das intervenções autoritárias do

---

<sup>319</sup> CARVALHO, J. M. **Os Bestializados** ; o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª. ed. S. Paulo : Cia das Letras, 1987.



governo de Rodrigues Alves junto à população. O autor de *Os Bestializados* detecta diferentes opositores à campanha de vacinação obrigatória: militares positivistas, representados por Lauro Sodré, que lutavam por uma “purificação” da República e o Apostolado Positivista do Brasil, que interpretava o pensamento de Comte como contrário à teoria microbiana (e, portanto, à eficácia da vacina) e não admitiam qualquer intervenção do governo.

Carvalho faz um diário dos acontecimentos durante a Revolta da Vacina, buscando, por fim, seus motivos junto à identidade dos revoltosos, cujas justificativas não estavam na bandeira dos militares ou do Apostolado Positivista. Admitindo a dificuldade em se fazer uma definição precisa de quem eram os revoltosos, José Murilo de Carvalho defende, porém, a perspectiva de que estes possuíam diferentes ocupações.

Considerando, ainda, várias versões para o desencadeamento da Revolta, o historiador defende a tese de que a própria obrigatoriedade da vacina tenha sido o principal motivo da rebelião. Para ele, a invasão das casas para desinfecção e ainda, o próprio medo da vacina provocaram a reação da população, que assumiu um tom moralista ao se referir à obrigatoriedade da vacinação. A justificativa moral da revolta contra a vacinação obrigatória, teria produzido diferentes motivos, de acordo com a posição social: para os membros da elite, a vacina obrigatória representaria um desrespeito à liberdade individual e ao desejo de um governo não intervencionista; para o povo em geral, significava uma afronta à honra do chefe da família, à virtude feminina e à intimidade do lar.

Ainda percebendo a vacinação obrigatória um dos elementos que caracterizou o autoritarismo do regime republicano, Sidney Chalhoub<sup>320</sup> busca, em aspectos anteriores à

---

<sup>320</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**; cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo : Cia das Letras, 1996.

Revolta da Vacina, alguns indícios que possam esclarecer o acontecimento. Ao mesmo tempo, também insere o acontecimento no contexto mais amplo da estruturação da República.

Chalhoub retrocede às primeiras experiências com a vacinação na Corte, apontando as controvérsias existentes em torno da vacina, tanto entre os médicos quanto entre a população. O autor de *A Cidade Febril* mostra como funcionavam os sistemas de vacinação desde o início do século XIX até as vésperas da vacinação obrigatória de 1904. Paralelamente, explica as possíveis causas da repugnância da população em relação à vacina, afirmando que as concepções negras sobre a varíola contribuiriam decisivamente para a rejeição da mesma.

Quando se trata da Revolta da Vacina, uma das grandes questões que se coloca, e que os três historiadores aqui apontados buscam resolver, é o porquê da rebelião ter ocorrido. Sendo uma das revoltas mais significativas do início da República, e estando no cerne de um conflito social por ela gerado, são muito importantes as abordagens que caminham para este sentido. Porém, o que me proponho a fazer aqui, foge um pouco aos padrões de abordagem da Revolta da Vacina: não me deterei à manifestação popular, já tão bem explorada por Nicolau Sevcenko e José Murilo de Carvalho. O que buscarei é explicar o ponto de vista dos médicos homeopatas a respeito da obrigatoriedade da vacinação de 1904, e como isto irá interferir em suas relações com a medicina adversária.

Chalhoub aponta para uma análise das teorias médicas existentes em fins do século XIX, em sua análise das diferentes práticas de cura que teriam influenciado a comunidade médica no momento da Revolta da Vacina. O contágio e a infecção seriam as duas principais teorias em voga no período: a primeira, explicaria a propagação das doenças através do contato entre indivíduos, com objetos ou ar contaminados. A segunda teoria, da

infecção, estaria pouco preocupada em encontrar <sup>321</sup>uma causa palpável para as doenças, atribuindo-as aos miasmas advindos da putrefação animal e vegetal, propagados através do ar. As duas teorias eram adotadas separadamente, ou poderiam sofrer combinações.

A utilização das duas teorias médicas que, para Chalhoub, são as principais no período que ele aborda, como paradigmas explicativos das epidemias por parte dos higienistas, não excluem a existência de outras. Em relação à medicina oficial, a microbiologia, como vimos no início deste capítulo, oferecia explicações cada vez mais precisas para a causa das doenças. A teoria microbiana, já conhecida dos médicos brasileiros no final do século passado, como atesta Pereira Barreto<sup>322</sup>, conquistava cada vez maior difusão no início do século XX<sup>323</sup>.

Debatida no universo médico em seus aspectos quase sempre favoráveis, como acontecia no periódico *Brazil-Medico*; ou criticada por adversários, como nos *Annaes de Medicina Homœopática*, a teoria ganhava cada vez difusão junto ao público leigo. Um exemplo disso pode ser encontrado no *Jornal do Commercio*, onde uma série de conferências, sob o título de *Doutrina Microbiana*, foram publicadas no mês de março de 1904, mesmo ano da Revolta da Vacina.

Além das teorias sobre doença e cura construídas pela medicina oficial, outros paradigmas povoavam o contexto controverso da vacinação antivariólica. A medicina homeopática fornecia sua visão sobre a imunização através da vacina, provavelmente a mais coerente com os princípios terapêuticos – ou antes, preventivos – da mesma.

---

<sup>321</sup> Idem, p.168-70

<sup>322</sup> LINS, I. **História** (...), p. 67.

<sup>323</sup> No mesmo ano em que Nilo Cairo apresentava sua tese *Similia Similibus Curantur*, outro doutorando também o fazia, abordando a teoria microbiana: OLIVEIRA, A. E. **Micróbios e Microbiologistas**. Rio de Janeiro, 1903. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Hahnemann, em seu *Organon*, faz algumas referências à vacina e mais especificamente à varíola, quando vai tratar da atuação de moléstias dessemelhantes num mesmo organismo.

Como já foi tratado no primeiro capítulo, a homeopatia afirma que a cura de uma doença só é possível se o medicamento a ser utilizado produzir sintomas semelhantes à moléstia que pretende curar, quando ministrado em indivíduos sãos. Hahnemann explica como os medicamentos atuam no organismo, produzindo doenças artificiais com sintomas mais fortes, mas semelhantes, do que o estado mórbido do indivíduo. Para tanto, vai explicar como isto se dá naturalmente, isto é, quanto uma mesma pessoa possui duas doenças dessemelhantes<sup>324</sup>, simultaneamente.

Quando existem duas doenças diferentes num mesmo organismo, ambas tem a mesma força ou a anterior é mais forte, repelindo a nova moléstia, isto é, não a deixando se desenvolver. Isto é exemplificado por Hahnemann através de uma afirmação de Jenner<sup>325</sup>, de que a vacinação da varíola não surte efeito quando o doente já sofre de raquitismo: por ser este mais forte, inibe a doença artificial provocada pela vacina.

O médico alemão prossegue suas explicações, considerando ainda o caso do doente ter uma segunda enfermidade mais forte do que a primeira. Neste caso, a doença antiga fica suspensa, reaparecendo após a cura da segunda doença: novamente um dos exemplos é a inoculação da varíola, que permanece estacionária quando é interrompida por um surto de sarampo. Quando este sara, a varíola segue, então, seu curso.<sup>326</sup>

Há, também, casos, em que as duas doenças simultâneas se aliam, gerando uma terceira doença, complexa. Em violentas epidemias de varíola e sarampo, por exemplo, ao

---

<sup>324</sup> O termo *dessemelhante* não deve ser confundido com *diferente*: duas doenças podem ser diferentes e serem semelhantes, isto é, produzirem sintomas parecidos.

<sup>325</sup> HAHNEMANN, S. *Organon* (...), p. 119.

<sup>326</sup> Idem, p. 122.

invés de uma doença suspender a outra, elas podem vir a se complicar mutuamente<sup>327</sup>. O que Hahnemann pretende provar, com estes exemplos, é que o medicamento alopático, produzindo doenças artificiais dessemelhantes, nunca pode promover a cura.

Da mesma forma que busca demonstrar, através de exemplos “naturais”, a ineficácia da medicação alopática, o criador da homeopatia vai afirmar a eficácia da medicação que segue o critério dos semelhantes. Da mesma forma que um organismo pode abrigar duas doenças dessemelhantes, igualmente é possível ocorrer a presença de duas moléstias semelhantes, isto é, diferentes em espécie mas similares quanto às suas manifestações e efeitos<sup>328</sup>. Neste caso, a doença mais forte curaria a mais fraca, indicando o processo curativo que deveria ser imitado pelo homem, através do medicamento homeopático.

Para exemplificar o processo de cura homeopático que se dá de forma natural, Hahnemann opta por citar aquelas *poucas doenças que permanecem sempre invariáveis, oriundas de um miasma específico, merecendo, portanto, um nome preciso*<sup>329</sup>. O termo *miasma* não deve ser entendido, aqui, como sendo o produto de putrefação, como na teoria infeccionista: para Hahnemann, algumas doenças, como é o caso das doenças crônicas e das transmissíveis, têm uma causa específica. A fonte destas doenças seriam doenças de origens antigas, que deram origem aos três miasmas crônicos: psora, sykosis e syphilis, além dos miasmas agudos das moléstias transmissíveis<sup>330</sup>.

Como podemos observar, Hahnemann considera a existência de moléstias específicas que devem ser tratadas não mais tendo em vista a individualização do doente, mas levando em consideração o miasma que a originou. Entre estas se destaca a varíola,

---

<sup>327</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>328</sup> Ibidem, p. 133.

<sup>329</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>330</sup> BESSA, M. **Filosofia** (...). p. 43-67.

que é capaz de curar doenças já existentes no indivíduo por ela acometido, que tenham sintomas similares aos males que ela causa, como a inflamação dos olhos, a surdez e a dispnéia.

Assim como é capaz de debelar males que tenham sintomas similares aos seus, a varíola é passível de ser curada pela vacina, que produz uma moléstia semelhante:

A varíola, advinda da vacina, como é sabido, tanto em virtude de sua maior potência, quanto de sua grande semelhança, a remove imediata e inteiramente (homeopaticamente), não permitindo que se desenvolva; em contrapartida, através da vacina que já se aproxima de seu ponto máximo e devido à sua grande semelhança, a varíola que irrompe (homeopaticamente) se torna pelo menos bem mais branda e benigna, como testemunham *Mühry* e muitos outros.<sup>331</sup>

A verificação do efeito positivo da vacina contra a varíola por Hahnemann, harmoniza-se com sua teoria da cura pelos semelhantes: feita com o mesmo material que causaria a doença, ela promoveria a cura da mesma, de maneira homeopática. A reação à vacina após sua inoculação teria, ainda, o efeito de sanar males já adquiridos, que possuísem os mesmos sintomas, como erupções e febres<sup>332</sup>.

Do ponto de vista dos médicos homeopatas brasileiros, ligados ao Instituto Hahnemanniano no início do século, havia concordância na eficácia da vacina como método preventivo e terapêutico. Assim como Hahnemann, que via as moléstias contagiosas como merecedoras de um tratamento único, os homeopatas defendiam, no caso de epidemias, uma individualização relativa. Isto significa levar em consideração as características particulares que a doença assume, em cada epidemia, mas considerar um medicamento único, específico, para todos os indivíduos atingidos por ela. Este era a

---

<sup>331</sup> HAHNEMANN, S. **Organon** (...), p. 137.

<sup>332</sup> Idem, p. 137-38

opinião do Dr. Dias da Cruz, ao escrever à Nilo Cairo, sobre as epidemias de coqueluche<sup>333</sup> e do Dr. Barros Leite, que responde ao colega sobre o tratamento homeopático da peste<sup>334</sup>.

Além da especificidade de cada epidemia, os casos poderiam ser tratados de acordo com o estágio da doença. Em relação a varíola, Nilo Cairo publica, na revista paranaense, os conselhos do Dr. Saturnino Meirelles, que indica um medicamento homeopático diferente para os períodos de erupção, supuração e seca, ou na varíola hemorrágica<sup>335</sup>. Ainda afirma a possibilidade de utilização de um único medicamento, o *Vaccin.4.<sup>a</sup>*, cuja aplicação seria, para Meirelles, *mais uma confirmação poderosa da verdade da nossa lei therapeutica, já anunciada pelo valor da vacinação preventiva jenneriana*<sup>336</sup>.

A varíola não contava apenas com a atenção homeopática após ter adoecido o indivíduo. A medicina de Hahnemann, além dos medicamentos curativos, também oferecia preventivos, impedindo o contágio. O Dr. Dias da Cruz relata a possível utilização de vários medicamentos, como a *Thuya*, o *Vaccinium* e o *Variolinum*, mas dá destaque ao *Malandrinum 30.<sup>a</sup>*, indicado por médicos homeopatas como vacina injetável ou medicamento oral. Após apresentar relatos de casos, Cruz explica o que viria a ser o *Malandrinum*:

O *Malandrinum* é uma trituração do liquido que exsuda das pernas dos cavallos affectados de esparvão humido, molestia que os inglezes chamam *malanders* ou *grease* e os francezes, *eau-aux-jambes*. Assim, pois, é um nosodio; mas por que veio a idéa de empregar o producto desta molestia dos cavallo como preventivo da variola? Proveiu naturalmente da opinião de JENNER, que acreditava ser o *cow-pox* a infecção do ubre das vaccas pelo contacto com o capim sobre o qual tivesse pisado um cavallo affectado. Segundo tal modo de ver *malanders*,

<sup>333</sup> NOTICIARIO. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 1, n. 10. p. 146. out. 1906

<sup>334</sup> LEITE, A. P. Barros. Tratamento Homœopathico da Peste. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 1, n. 12, p. 172-74. dez. 1906.

<sup>335</sup> VARIOLA. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a. 4, n. 10, p. 226-27. out. 1909.

<sup>336</sup> Idem, p. 127.

*cow-pox* e variola constituem a mesma infecção em tres animaes diversos: cavallo, vacca, homem.<sup>337</sup>

A adoção de medicamentos homeopáticos, para o tratamento e a prevenção da varíola, não indica que os médicos hahnemannianos aceitassem apenas estes como método terapêutico. O Dr. Olyntho Dantas, colaborador da *Revista Homœopathica Brasileira*, relata experiências que teve durante uma epidemia da doença em Pernambuco, em 1887. Dantas teve a oportunidade de observar como esta ocorreu, provocada pela variolização feita numa cidade próxima, por um professor e sua mãe, através da coleta de linfa variólica de um doente<sup>338</sup>.

O relato do caso, e de outros seqüentes, auxiliam Dantas a demonstrar sua opinião de que o gérmen da varíola se propaga de indivíduo a indivíduo, direta ou indiretamente. A contaminação indireta pode ser proposital, como no caso da variolização, ou acidental, quando ocorre o contato da linfa variólica, até mesmo a seca, encontrada nos objetos do doente, com a pele de indivíduos saudáveis.

Considerando as diversas possibilidades de se contrair a varíola, o Dr. Olyntho Dantas aconselha algumas medidas que ofereçam proteção ao mal, e que *podem levar a processos muito menos draconianos, talvez completamente respeitadores dos sentimentos affectivos do individuo e dos que lhe são caros*<sup>339</sup>. Os conselhos de Dantas, que possibilitariam os cuidados do doente em sua própria casa<sup>340</sup>, não traduziriam uma possível visão negativa do médico homeopata quanto à vacina, que para ele era um meio seguro de imunização.

<sup>337</sup> CRUZ, D. da. Prophylaxia da variola. **Revista Homœopathica Brasileira**, a. 4, n. 10, p. 221-22. out. 1909.

<sup>338</sup> DANTAS, O. Traços epidemiologicos da variola. **Revista Homœopathica Brasileira**, a. 3, n. 7, p.126-30. jul. 1908.

<sup>339</sup> Idem, p. 130.

<sup>340</sup> \_\_\_\_\_. Traços epidemiologicos da variola (cont.). **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a. 3, n. 8/9, p. 152-59. ago./set. 1908.



A favor da vacina ainda se manifestou o Dr. Nilo Cairo<sup>341</sup>, considerando-a como um preventivo específico da varíola, mas com possibilidades de insucessos quando não se respeitam casos individuais ou fases específicas da doença<sup>342</sup>. Da mesma forma, manifestou-se seu colega, o Dr. Alberto Seabra, em suas considerações sobre a vacina e a microbiologia:

A lei dos semelhantes vai sendo de mais e mais confirmada. Todas as vaccinas, diz Jousset, desde o cowpox até a do tetano e dos venenos, são agentes analogos aos virus pathogenicos ou produzidos pelos mesmos microbios que engendram a molestia; a immuidade adquirida é, portanto, regida pela lei dos semelhantes.

(...) A obra therapeutica de PASTEUR repousa, portanto, sobre dois principios: *tratar uma molestia infecciosa pelo microbio que lhe deu nascimento*: eis ahi o primeiro principio. *Empregar esse microbio em dose attenuada*, aqui está o segundo.<sup>343</sup>

De fato, a adoção da vacina como medida preventiva por parte da medicina oficial só poderia significar, para os homeopatas, o reconhecimento de sua lei terapêutica. Quando muito, poderia representar uma usurpação, por parte de seus adversários, do princípio *Similia Similibus Curantur*, mas sempre resultando na aceitação da eficácia de sua ação. No entanto, os médicos homeopatas mostraram-se contrários à campanha de vacinação de 1904.

A oposição à campanha antivariólica foi um dos assuntos abordados na sessão ordinária do Instituto Hahnemanniano do Brasil, no dia 28 de julho de 1904. Quem introduz o assunto é o Dr. Dias da Cruz, que se mostra ansioso em fazer seu

<sup>341</sup> Mais tarde, Nilo Cairo irá se manifestar não contra a vacina, mas em oposição ao que chamava de *glorificação de Oswaldo Cruz*. A censura dirigia-se à pouca importância que deveria ser dada à descoberta do micróbio da varíola, e ao excesso de “mistificação” dirigida à figura de Cruz. Cf. NOTICIÁRIO. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 4, n. 8, ago. 1909 ; NOTICIÁRIO. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 4, n. 9, set. 1909.

<sup>342</sup> ACTA da 18.<sup>a</sup> sessão ordinaria de 1905. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 8, p. 291. ago. 1905.

<sup>343</sup> SEABRA, A. A Homœopathia ( Extr. das *Cartas Abertas* ao Dr. Luiz Pereira Barreto). **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a. 3, n. 8/9, p. 149-50. ago./set. 1908.

pronunciamento contra o Regulamento da Saúde. A crítica de Dias da Cruz se destinam, primeiramente, às imposições do regulamento postas aos clínicos do Rio de Janeiro. Para o médico homeopata, elas ofendem a dignidade profissional e revelam que *a simples opinião dos hygienistas e bacteriologistas officiaes é sufficiente para invalidar o juizo diagnostico do clinico mais emerito*<sup>344</sup>.

A indignação de Dias da Cruz também se dirige à classe médica, em especial à Academia Nacional de Medicina, que não reagiu perante às imposições do regulamento, em especial, da obrigatoriedade da vacina. Segundo o homeopata, a associação médica oficial, em discurso de seu presidente, admite que se calou, com medo de provocar a rebeldia popular, e quebrando sua autonomia ao adotar sua posição política.

O membro do Instituto Hahnemanniano considera importante sua manifestação contrária à vacina obrigatória, que ora estava apenas no regulamento, mas que se tornaria, em breve, lei. Dias da Cruz afirma, ainda, não ser contrário à vacinação, embora defenda o uso de linfa humanizada em detrimento daquela coletada diretamente do animal, aconselhando esta prática, de acordo com a doutrina hahnemanniana: entre dois males cumpre sempre preferir o menor.

A indignação de Dias da Cruz não se dirige à vacina como método terapêutico, embora tenha algumas retificações em relação ao processo feito pela medicina oficial. É a obrigatoriedade que lhe constrange:

O que não póde supportar, porém, é que a sociedade se invista do direito de constranger qualquer pessoa a inocular no organismo uma lymphá que lhe repugna. Si hoje ella pretende a obrigatoriedade de uma só, amanhã ousará tatuar os braços com os multiplos sôros fabricados pelos respeitaveis industriaes dos laboratorios bacteriologicos.<sup>345</sup>

<sup>344</sup> ACTA da 3.<sup>a</sup> sessão de 1904. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 6, n. 7/9, jul./set. 1904.

<sup>345</sup> Idem, 298.

Juntamente com o Dr. Dias da Cruz, outros médicos homeopatas levantaram sua voz para se manifestar em relação à vacina e sua obrigatoriedade, diante da epidemia de 1904. Na mesma sessão, o Dr. Auletta opina ser inútil tanto a vacinação contra a revacinação, sendo contestado pelo Dr. Alfredo Maia. Dos manifestantes na reunião, o Dr. Nilo Cairo é quem mais se aproxima da opinião de Dias da Cruz:

O Sr. Dr. NILO CAIRO diz que o auctor do protesto não é contrario á vaccina; ao envez disso elle se proclamou seu partidario; não é portanto um suspeito. Trata-se de uma questão moral: dentro deste circulo é que devem girar as opiniões. É sob este ponto de vista que affirma não haver quem tenha autoridade para decretar a obrigatoriedade da vaccinação: *póde-se ser vaccinista, mas ninguem póde impôr esta opinião a quem quer que seja*. Uma tal imposição é um attentado evidente á liberdade espiritual de cada um.<sup>346</sup>

As opiniões dos homeopatas sobre a questão da vacina, com raras excessões, giraram, muito mais, em torno da obrigatoriedade da mesma do que em relação à sua eficácia. Quanto à atuação da vacina, pouco tinham a reclamar os adeptos da medicina hahnemanniana: conforme afirmou o Dr. Alberto Seabra, ela confirmava a lei dos semelhantes, principalmente quando aplicada pelas mãos da medicina oficial. O que incomodava, na epidemia de 1904, era a imposição da vacina: ela feria o princípio da liberdade, caro naquele momento aos homeopatas, fossem eles abertamente positivistas, ou não.

A posição dos homeopatas pela liberdade de escolha em relação à vacinação pode ser tomada, em parte, também como reflexo da influência do positivismo na doutrina hahnemanniana. Em relação à questão da vacina, várias foram as posições dos positivistas brasileiros. Embora fosse partidário da liberdade profissional, Luiz Pereira Barreto defendia

---

<sup>346</sup> Ibidem.

tanto a eficácia da vacina como sua obrigatoriedade. A opinião de Barreto era de que, em caso de epidemias, o ponto de vista individual não poderia prevalecer sobre a coletividade: neste momento, julgava legítimo o *despotismo sanitário*<sup>347</sup>.

Já o Apostolado Positivista questionava duplamente a vacinação: era contra a sua obrigatoriedade e não aceitava sua eficácia, descrevendo-a como propagadora de vários males. O Dr. J. Bagueira Leal, partidário do Apostolado, numa série de artigos publicados no *Jornal do Commercio*, busca demonstrar como a vacina pode transmitir outras doenças como a sífilis e a tuberculose, acarretando, muitas vezes, a morte do indivíduo inoculado.

Utilizando, como referências, citações de vários médicos que confirmam sua opinião, Leal parte do princípio de que são as condições do organismo que determinam o adoecimento, sendo as boas condições de higiene um bom preventivo das moléstias<sup>348</sup>. Assim, um indivíduo se encontra mais predisposto à doença quanto mais *viciado* estiver seu organismo, quanto maior for as perturbações que o atingirem: a vacina, promovendo uma infecção de todo o organismo, seria uma delas<sup>349</sup>. Para o Dr. Bagueira Leal, a inoculação do *cowpox* representaria, ainda, uma maior facilidade de contrair doenças como a tuberculose<sup>350</sup>.

A crítica que o Apostolado Positivista dirigia à vacina se pautava, também, no fato da prática de vacinação ser produto do empirismo médico, não tendo respaldo científico<sup>351</sup>. Criticando esta posição do Apostolado, Nilo Cairo se manifestou afirmando que os

---

<sup>347</sup> LINS, I. **História** (...). p. 84.

<sup>348</sup> LEAL, B. Revelações sobre a vaccina; VI – o argumento da Allemanha. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 16/07/04. p.2.

<sup>349</sup> \_\_\_\_\_. Revelações sobre a vaccina: III – seus efeitos. Tuberculose. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 11/07/1904. p. 2.

<sup>350</sup> A posição de Bagueira Leal, bem como do Apostolado Positivista, foram contestadas em vários artigos no *Jornal do Commercio*, como é o caso de A VACCINA e o Positivismo, **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 19/07/1904. p.2.

<sup>351</sup> MENDES, T. Ainda a proposito da vacinação obrigatoria. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 20/09/04. p. 6.

membros da instituição estavam fazendo uma livre interpretação de Comte, colocando-o contrário à vacina. Segundo Cairo, Auguste Comte aceitava a utilidade real da vacina e teria cogitado em colocar Jenner em seu Calendário, não o fazendo apenas pelo fato da descoberta ainda não ter mérito científico<sup>352</sup>.

A afirmação de Nilo Cairo gerou protestos por parte dos adeptos do Apostolado Positivista, que buscava atrair a opinião pública para sua posição, através de seus vários artigos publicados geralmente na coluna “A pedidos” do *Jornal do Commercio*. O médico homeopata era avaliado por esta parcela dos positivistas como alguém que estava caminhando na contra-mão do movimento pela liberdade *do corpo e da alma nacional*<sup>353</sup>, ao divulgar Augusto Comte como jennერიano.

Buscando demonstrar que Cairo havia cometido um equívoco ao atribuir tal posição à Comte, o Apostolado afirmava ter sido ela expressada num momento em que o criador do positivismo ainda não havia estabelecido definitivamente suas bases sobre fisiologia e anatomia. O Apostolado, na figura de Teixeira Mendes, responde às acusações de heresia feitas pelo médico homeopata, afirmando que a interpretação da posição contrária à vacina de Comte, não fere suas concepções posições positivas e definitivas sobre a medicina. Assim se manifestou Teixeira Mendes:

Ora, a pratica da vaccina parece-nos *directamente* contraria a essa concepção definitiva da pathologia e da therapeutica positivas, concepção inseparavel da integridade da construcção religiosa do nosso Mestre. Essa concepção mostra que a *medicina positiva* tem de affastar-se immensamente do empirismo medico vulgar, quer allopatha, quer homoeopatha. A essa maneira de comprehender os ensinos de Augusto Comte o Sr. Dr. Nilo Cairo oppõe a sua. Mas nós não vemos hoje infelizmente autoridade para quem apellar, afim de decidir entre ambas.<sup>354</sup>

---

<sup>352</sup> Idem

<sup>353</sup> NOVAES, J. Augusto Comte e a vacinação. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 24/09/1904. p. 6/7.

<sup>354</sup> MENDES, T. Ainda (...). p. 6.

Ao atribuir à vacina origem no empirismo médico – contrário aos ensinamentos de Comte – e adicionar-lhe a capacidade de transmitir várias outras doenças, o Apostolado cumpria sua tarefa de manifestar-se sobre a vacinação que, ainda por cima, possuía o caráter obrigatório: *trata-se, porém, de um problema de moral pratica inadiavel: tinhamos de aceitar a vaccina ou de rejeital-a*<sup>355</sup>. Rejeitar a vacina, em seu aspecto funcional e no modo como foi imposta, pareceu o mais coerente para o Apostolado Positivista.

A postura dos homeopatas em relação à vacina, próxima dos princípios positivistas e, ao mesmo tempo, distante da opinião adotada pelos diferentes seguidores de Augusto Comte, possuía suas peculiaridades. Basta lembrar a posição de Dias da Cruz na reunião de 28 de julho de 1904 do Instituto Hahnemanniano do Brasil., reconhecendo o valor terapêutico da vacina mas veementemente contra sua obrigatoriedade. A imposição da vacina refletia, para os homeopatas, o monopólio dos médicos oficiais, que poderia se estender sobre outros aspectos terapêuticos. A liberdade, como ainda adiciona Nilo Cairo na mesma ocasião, é a tônica da crítica dos homeopatas em relação à vacinação de 1904, assim como ocorreu em todos os momentos que a medicina de Hahnemann viu seus espaços de atuação ameaçados.

A livre manifestação da medicina homeopática era necessária para sua afirmação junto à sociedade. No mesmo momento em que se colocavam contra a vacinação obrigatória, os médicos homeopatas procuravam contribuir para minimizar os efeitos da epidemia de varíola de 1904. No mês de setembro deste mesmo ano, o Dr. Marques de Oliveira, do Instituto Hahnemanniano, convencido de que o tratamento homeopático teria maior sucesso que o alopático, faz uma solicitação ao Ministro da Justiça. O requerimento consta de uma licença para abrir uma enfermaria homeopática destinada ao atendimento

---

<sup>355</sup> Idem

dos doentes de varíola ,que optassem por este tipo de tratamento. A resposta do Ministro, com base em argumentos do Diretor de Saúde Pública, foi contrária, *por não reconhecer a medicina official o tratamento de que se trata*<sup>356</sup>.

Diante da negativa, o Dr. Dias da Cruz propõe que o Instituto Hahnemanniano do Brasil se dirija ao governo pedindo, para seu encargo, a criação de uma enfermaria homeopática no Hospital S. Sebastião, destinada aos variolosos. Diante da sugestão, o Dr. Baptista Meirelles propõem uma emenda, também assinada por Nilo Cairo e Amarilio de Vasconcellos, substituindo o Hospital S. Sebastião por qualquer outro que o governo julgasse conveniente<sup>357</sup>.

Esta segunda solicitação também se revelou inútil, bem como a tentativa de venda de uma vacina homeopática, vetada pela Diretoria Geral de Saúde Pública<sup>358</sup>. Apesar das negativas da medicina oficial, a homeopatia não irá desistir de sua atuação social, somente possível se garantida pela liberdade, de exercício profissional e de escolha terapêutica. Demonstrar a eficácia da medicina hahnemanniana e sua supremacia diante da medicina alopática visavam atingir não só o meio médico, como também o público leigo. Sem audiência, não haveria viabilidade de existência para a homeopatia, pois a legitimação também deveria passar pelo público leigo, consumidor em potencial de sua terapêutica. As estratégias para conquistar este público são diversas: são o assunto do próximo capítulo.

---

<sup>356</sup> GALHARDO, J. E. Rodrigues. **Primeiro** (...). p. 797.

<sup>357</sup> MEIRELLES, T. S. de .Instituto Hahnemanniano do Brazil; Relatorio. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 8, n. 4/6, p.148., abr./jun. 1906.

<sup>358</sup> Idem, p. 149.

### CAPÍTULO III: A conquista do público

MIGUEL - Se meu pai consultasse outro médico...

MARCOS - A outro? Que mais queres que eu faça? São poucos os que aqui têm vindo? O meu médico assistente, o Dr. Cautério, é homem de reputação bem adquirida.

MIGUEL - Não contesto. Antigo, rotineiro e feliz muitas vezes, mas se meu pai não tem colhido vantagem com seu tratamento, para que não chama, por exemplo, um médico homeopata?

ROSINHA - Assim é.

MARCOS - Não creio na homeopatia.

MIGUEL - Se não a conhece! Peça-lhe um favor: um de meus verdadeiros amigos é o Dr. Miléssimo. Há pouco que chegou de Paris, aonde estudou com muita aplicação a homeopatia. Permita que venha ele fazer-lhe uma visita.<sup>359</sup>

#### 3.1 Uma arena, vários gladiadores: a conversão como espetáculo

Apesar das disputas acirradas pelo título privilegiado de “medicina”, das críticas mútuas sobre práticas e teorias, percebe-se que ambos os sistemas médicos trabalham num tênue limiar. Embora tanto a alopatia quanto a homeopatia busquem, através do embate feito por meio dos discursos, desqualificar sua adversária colocando-a fora da esfera da ciência e da medicina, há um espaço em que ambas se consideram protegidas pela sombra da mesma ciência médica.

Esta identidade é perceptível, por exemplo, se considerarmos a permuta existente entre periódicos dos dois sistemas médicos, como os *Annaes de Medicina Homoeopathica*, o *Brazil-Medico*, a *Revista de Medicina do Rio de Janeiro* e a *Revista Medica de São Paulo*.<sup>360</sup> A troca de informações através do intercâmbio da imprensa médica como meio de aproximação e identidade de ambas as medicinas é referendada, ainda, pelo próprio discurso médico. É esta proximidade que faz Nilo Cairo se referir ao alopatas enquanto

<sup>359</sup> Diálogo entre o doente, Marcos, e seus filhos, na cena I de: PENA, Martins. *Os três* (...) p. 156-57 .

<sup>360</sup> PERMUTA. *Annaes de Medicina Homoeopathica*, a. 7, n. 3, p. 120, mar. 1905.



*confrades*<sup>361</sup>, ou confessar sua admiração pelas conquistas da medicina oficial, apesar de considerá-la degenerada<sup>362</sup>. Havia, portanto, um espaço, um mercado oficial, em que os porta-vozes de ambos os sistemas médicos se reconheciam como iguais.

É ainda pelo mesmo trânsito entre os dois sistemas médicos que Fernando Magalhães, o orador da Academia Nacional de Medicina que polemiza com Nilo Cairo, afirma que *tanto os gallenicos como os hahnemannianos são medicos* e que ambos tem a mesma tarefa de curar<sup>363</sup>. Até mesmo entre grandes rivais, existe a cumplicidade médica: o Dr. Rubião Meira, ao anunciar a fundação de um Dispensário Infantil, promete criar uma ala homeopática, sob a direção de, nada menos, que o Dr. Alberto Seabra<sup>364</sup>...

Além dos dois sistemas médicos considerarem ter o mesmo ponto de partida em Hipócrates, haviam outros motivos mais imediatos para esta aproximação. O fato de a maioria dos homeopatas terem sido formados por faculdades médicas onde se ensinava a medicina oficial, torna-se um fator importante de identidade entre homeopatia e alopatia. Em relação aos médicos formados, o que ocorria era um contato primeiro com alopatia, para posterior refutação: antes de tudo, recebiam a investidura da medicina oficial. Esta “conversão” acontecia, muitas vezes, ainda durante o curso médico. Foi o que se dera com Nilo Cairo, como descreve o Dr. Mamede Rocha, ao comentar a tese inaugural do médico paranaense:

Educado na verdade evidente dos numeros e na fatalidade das leis da mecanica, a sua intelligencia não poderia, de modo algum, conformar-se com a therapeutica official, sem principios, sem leis. Era inevitavel a sua revolta. E foi o que succedeu.

<sup>361</sup> CAIRO, N. Medicamentos (...), p. 439.

<sup>362</sup> ACTA da 15.<sup>a</sup> sessão ordinária do Instituto Hahnemanniano do Brazil. **Annaes de Medicina Homoeopathica**, a. 7, n. 7, p. 202. jul. 1905.

<sup>363</sup> MAGALHÃES, F. A prosperidade (...), p. 239.

<sup>364</sup> EDITORIAL. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 6, n. 5, p. 109, maio. 1911.

Antes da terminação do seu curso medico, já era um dos nossos. Seduzio-o a doutrina homoeopathica, mais positiva, mais racional. Ahi accomodou-se melhor o seu espirito efficaçmente disciplinado nas sciencias positivas e, deste modo, poudo evitar a duvida philosophica, que se apoderou de nós outros, depois de alguns annos de pratica allopathica.<sup>365</sup>

Embora vários médicos se tornassem homeopatas ainda nos bancos acadêmicos, havia uma outra modalidade de conversão que era ainda mais comemorada pelos adeptos de Hahnemann, e que era peça comum de propaganda homeopática, principalmente no momento de sua introdução no Brasil. A transformação de um alopata em homeopata, quando o médico já atuava profissionalmente, era algo anunciado nos meios médicos e leigos com entusiasmo.

A conversão era o fruto da intensa propaganda, feita através das polêmicas na imprensa médica, que também tinham este fim. As polêmicas introduziam o médico no universo homeopático, seduzindo-o a experimentá-lo. É claro que este não era o único meio: havia farta literatura sobre o assunto, tanto em português como em outros idiomas. O caso é que esta passagem da alopatia para a homeopatia se dava, também, através de um tratamento homeopático bem sucedido, sendo anunciada como uma vitória nos meios hahnemannianos:

Mais um medico allopatha, moço e intelligente, abandona a velha medicina e abraça com experiencia propria as doutrinas do Grande e Immortal Samuel Hahnemann. (...) é o Sr. Dr. Democrito Calazans, por quem estamos autorizados a vos declarar a sua conversão á Homoeopathia. Ao que sei, a adesão do nosso novo confrade data de um facto que, naquella localidade, muito o impressionou: a acção prompta e segura de *Secate cornutum* 5.<sup>a</sup> sobre a expulsão de um fêto morto num caso de morte intra-uterina, acompanhado de phenomenos graves, que punham em risco a vida da doente.

---

<sup>365</sup> BIBLIOGRAPHIA. **Revista Homoeopathica do Paraná**, Curityba, a. 2, n. 12, p. 227. dez. 1907.

A indicação homoeopathica fôra feita pelo Sr. Antonio Pinho, extremado adepto da homoeopathia e assignante da vossa *Revista* em Belmonte. 5-10-907.<sup>366</sup>

A conversão ocorrida com o Dr. Calazans, na Bahia, foi efetuada através de uma cura por medicamento indicado na *Revista Homoeopathica do Paraná*, e transmitido ao médico por uma pessoa que, aparentemente, é leiga. Processo similar ocorreu com o Dr. Nery Gonçalves que, durante o atendimento médico, tomou contato com a terapêutica hahnemanniana. Ele relata um caso de febre gástrica onde, após sua indicação alopática mal sucedida, recebeu o pedido dos pais da doente para tentarem uma medicação homeopática. Após ser ministrada *Baptisia* e *Chamomila*, sobreveio a cura, para surpresa do Dr. Gonçalves, que assim se manifesta sobre o caso: *eu fiquei pasmado...e envergonhado*<sup>367</sup>.

As observações de cura, somadas ao estudo dos princípios homeopáticos, fizeram de Nery Gonçalves um ativo homeopata, que publicava, principalmente através da revista paranaense, suas experiências clínicas e críticas aos médicos adversários: (...) *não me fiz homoeopatha dos pés para as mãos, mas após alguns annos de consciencioso estudo dessa bellissima doutrina que poucos lêem e pouquissimos comprehendem.*<sup>368</sup> Em suas críticas aos alopatas, para quem os homeopatas eram médicos de pouca bagagem intelectual, Gonçalves afirma que era preciso grande dedicação e estudo até se compreender a fundo o sistema médico hahnemanniano.

Procurando se contrapor às teorias da medicina rival, os homeopatas se afirmavam enquanto médicos que, além de possuírem o conhecimento da formação alopática, tinham

<sup>366</sup> NOTICIARIO. *Revista Homoeopathica do Paraná*, Curityba, a. 3, n. 2, p. 33. fev. 1908.

<sup>367</sup> GONÇALVES, N. A *Baptisia* nas febres gastricas. *Revista Homoeopathica do Paraná*, Curityba, a. 3, n. 2, p. 31. fev. 1908.

<sup>368</sup> \_\_\_\_\_. A Gazeta Clinica e os homoeopathas. *Revista Homoeopathica Brasileira*, Curityba, a. 4, n. 12, p. 258. dez. 1909.

acesso e estudo da doutrina hahnemanniana. Para um alopata se tornar homeopata, era preciso ter conhecimentos adicionais, só obtidos com estudo sistemático. As capacidades para se tornar um porta-voz da medicina de Hahnemann seriam maiores, segundo a imagem que os homeopatas faziam de sua profissão.

Conselhos da bibliografia a ser lida e em que ordem deveria ser estudada para quem queria conhecer mais a homeopatia eram dados pelo Dr. Dias da Cruz. As indicações eram diferentes, caso o interessado fosse alguém já simpatizante da homeopatia ou um alopata querendo aderir à doutrina hahnemanniana. No último caso, Dias da Cruz fazia sugestões que, segundo ele, acarretariam *um desejo irresistível de conhecer a doutrina theorica*<sup>369</sup>.

Tanto Nery Gonçalves quanto Democrito Calazans tiveram processos de conversão tranquilos, sem muitas controvérsias. Muitas vezes esta passagem de uma para outra medicina era cercada de ampla divulgação e, conseqüentemente, muita polêmica entre homeopatas e médicos oficiais. Foi o caso da conversão do Dr. Bettencourt Rodrigues, Alberto Seabra e do Dr. Huchard, esta última proclamada pelos médicos homeopatas.

Bettencourt Rodrigues, médico do Instituto Pasteur de S. Paulo, faz sua apresentação enquanto homeopata em uma palestra ao Centro Acadêmico Onze de Agosto, no dia 10 de abril de 1908. A palestra foi publicada no jornal *Estado de S. Paulo* no dia seguinte, e na *Revista Homoeopathica Brasileira*, nos meses de maio e junho do mesmo ano. Sob o título *Allopathia e Homoeopathia: considerações sobre a arte de curar*, o Dr. Rodrigues discorre sobre ambos os sistemas médicos, principalmente no que se refere às suas bases teóricas, tecendo inúmeros elogios à medicina hahnemanniana.

---

<sup>369</sup> CRUZ, Dias da. Como estudar Homoeopathia. **Annaes de Medicina Homoeopathica**, Rio de Janeiro, a.4, n. 12, p.445. dez. 1902.

A ampla difusão da palestra provoca manifestações de várias partes. As primeiras são originárias dos homeopatas: Nilo Cairo, através da *Revista Homoeopathica Brasileira*, anuncia a publicação de Bettencourt Rodrigues<sup>370</sup>, publicando seu retrato na galeria de *Medicos Homoeopaths Brasileiros*, no mesmo periódico. No número seguinte, parabeniza o Dr. Rodrigues, ainda sem absoluta certeza de sua conversão:

Não sabemos si o Sr. Dr. BETTENCOURT RODRIGUES, fazendo *theoricamente* sua profissão de fé homoeopathica, se tornou *praticamente* um homoeopatha, e usa, como nós, as *aguinhas*; o que sabemos é que o Sr. BETTENCOURT RODRIGUES acaba de prestar á propaganda da Homoeopathia no Brazil um serviço incomparavelmente maior do que o de certos homoeopatas (...).

Ao Sr. Dr. BETTENCOURT RODRIGUES, porem, embora *quasi homoeopatha*, deve a Homoeopathia o assignalado serviço dessa monumental *Conferencia*, que corre hoje pelo Brazil inteiro e que tão funda impressão tem produzido a nosso favor no seio da classe medica allopathica.<sup>371</sup>

A dúvida quanto à conversão do Dr. Rodrigues, provavelmente tenha sido devido ao fato de sua conferência ter assumido um tom conciliatório: ao mesmo tempo em que afirma a supremacia da medicina homeopática, propõe a fusão de suas idéias com as da medicina oficial. Para Bettencourt Rodrigues, é necessário *extrair a parte de verdade*<sup>372</sup> de cada doutrina médica. Fazendo isso, os médicos estariam retornando à tradição hipocrática, que enunciou os princípios do *similia* e do *contraria* conjuntamente.

Apesar da tentativa de aproximação entre as duas medicinas, a homeopatia percebeu o discurso do Dr. Rodrigues como uma “profissão de fé”, proveitosa também em termos propagandísticos. Segundo a *Revista Homœopathica Brasileira*, o evento foi muito comentado, em termos elogiosos, por periódicos leigos de Santos e Goiânia, tendo, em São

<sup>370</sup> NOTICIARIO. *Revista Homoeopathica Brasileira*, Curityba, a. 3, n. 4, p. 73. abr. 1908.

<sup>371</sup> NOTICIARIO. *Revista Homoeopathica Brasileira*, a. 3, n. 5, p. 96. maio.1908.

<sup>372</sup> RODRIGUES, B. Allopathia e Homœopathia: considerações sobre a arte de curar (Conclusão). *Revista Homœopathica Brasileira*, Curityba, a. 3, n. 7, p.123. jul. 1908.

Paulo, uma única opinião discordante: a do Dr. Pedro Sanches de Lemos, pelo *Correio Paulistano*. O médico alopata inicia seus artigos em 24 de maio de 1908 e, em junho, recebe uma promessa do periódico homeopata: *O Sr. Dr. NILO CAIRO lhe vae dar a conveniente resposta*<sup>373</sup>.

As considerações de Sanches de Lemos sobre a palestra proferida, vão contestar várias afirmações do palestrante. Em seu primeiro artigo, o médico alopata critica a posição de Bettencourt Rodrigues em considerar medicina como um *longo desfiar de hypotheses*<sup>374</sup>, afirmando o caráter efêmero e contraditório de suas teorias. Para o médico alopata, os acontecimentos ao longo do tempo devem ser interpretados segundo suas relações de causa e efeito: tomando Galileu por exemplo, é possível observar que ele, ao estudar a oscilação dos corpos, descobriu a lei do pêndulo<sup>375</sup>.

A “lei geral” de causa e efeito, cara ao Dr. Lemos, nortearia também a ciência médica, como não poderia deixar de ser. Para que ela aconteça, é preciso atentar, porém, para a importância da observação e da experimentação; só através delas se poderia avançar cientificamente. Para se conhecer a doença, manifestada através das perturbações funcionais dos órgãos, era preciso observar o funcionamento normal do organismo e conhecer, também, a anatomia normal. Para se definir o patológico, em suma, seria necessário recorrer ao conhecimento do normal: para isso, Sanches Lemos defende a prática das vivisseções e do estudo da anatomia<sup>376</sup>, condenadas pelo Dr. Bettencourt Rodrigues<sup>377</sup> e, como vimos no segundo capítulo, pelos homeopatas de maneira geral.

<sup>373</sup> NOTICIÁRIO. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a. 3, n. 6, p. 144. jun. 1908.

<sup>374</sup> RODRIGUES, B. Allopathia e Homœopathia; considerações sobre a arte de curar (continuação). *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a. 3, n. 6, p. 99. jun. 1908.

<sup>375</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos de minhas crenças medicas - I. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de maio de 1908. p. 1.

<sup>376</sup> Idem.

<sup>377</sup> RODRIGUES, B. Allopathia (...), p. 84

Neste primeiro artigo, o Dr. Pedro Sanches Lemos faz uma defesa a um dos atributos mais importantes da medicina oficial: seu método científico de se obter o conhecimento da moléstia, baseado na observação e na experimentação. Para realizar esses passos rumo ao conhecimento, o Dr. Lemos acrescenta, ainda, a importância do arsenal da tecnologia que, também produto da “evolução” proporcionada pela lei de causa e efeito, é um elemento auxiliar no desenvolvimento do saber médico. Neste desfile de acontecimentos, onde a observação, a experimentação e a técnica contribuem para um conhecimento acumulativo em medicina, o médico alopata aponta Claude Bernard, Pasteur e Lister como os fundadores da medicina científica, quando atribuíram à patogenia bases experimentais.

Sanches Lemos faz, ao público em geral, toda uma apresentação da medicina oficial como coerente aos princípios científicos, usando, para os referendar, uma concepção evolutiva da história. O quadro apresentado não tem, apenas, o objetivo de valorizar sua medicina: pretende apresentar publicamente a homeopatia, a medicina rival, como um sistema alheio a estes preceitos, desqualificando seu discurso. Lemos inicia indiretamente seu objetivo, quando ressalta a importância de se olhar para a história com os olhos do passado, não o misturando às concepções que o observador tenha, oriundas de seu presente. Ele afirma: *o historiador deve fazer um perpetuo esforço para a elucidação negativa, e nem sempre é o mais commodo da sua tarefa*<sup>378</sup>. Para Lemos, compreender o pensamento de um cientista, requer que esqueçamos tudo o que ocorreu após o enunciado por ele. Este é o caso de Hipócrates, que, segundo Sanches de Lemos, não tem o seu pensamento devidamente apreciado por misturarem seus preceitos com outros atuais.

---

<sup>378</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos (...) I. p. 1.

A alusão do médico alopata à Hipócrates fica clara em seu segundo artigo, quando vai comentar a divisão dos sistemas médicos em vitalismo – seguido pelos homeopatas – e organicismo – adotado pelos alopatas – , defendida por Bettencourt Rodrigues. A partir desta definição, o Dr. Lemos procura demonstrar e diferenciar as bases teóricas e concepções que cercam alopatas e homeopatas usando, para tanto, dos conceitos oriundos do positivismo, do qual também é adepto<sup>379</sup>.

Os alopatas, afirma Sanches de Lemos, não se prenderiam mais ao debate sobre vitalismo e organicismo, mantendo-se no domínio dos *factos positivos*<sup>380</sup>: para eles, os únicos fatores observáveis e reais da vida seriam as propriedades específicas dos elementos anatômicos. A vida, em si, não pode ser observada, constatada. Daí a importância da fisiologia, que estudaria os fenômenos onde a vida se manifestaria; fenômenos esses essencialmente físico-químicos, não diferentes daqueles que acontecem na matéria inorgânica.

Sanches Lemos salienta o foco de atenção da medicina oficial para o contrapor ao da homeopatia : a força vital. Ao mesmo tempo em que afirma a posição dos alopatas, além e acima de qualquer discussão, mostra os homeopatas se enquadrando perfeitamente no rótulo de vitalistas, já que adotam a *idéa methaphysica do principio vital*<sup>381</sup>. Só o termo “metafísico” já daria o tom depreciativo à fala de Pedro Sanches Lemos, mas ele prossegue, afirmando ser a idéia de uma força vital (que, para ele, é sinônimo de espiritual), inútil e prejudicial ao progresso da fisiologia, tão importante para o estudo dos fenômenos vitais. Estabelecida a comparação em moldes positivos, ele afirma a condição inferior da

<sup>379</sup> Ao longo de sua conferência, o Dr. Bettencourt Rodrigues igualmente demonstra partilhar as noções do positivismo. Ver, em especial: RODRIGUES, Bettencourt. *Allopathia (...)* (conclusão). p. 117.

<sup>380</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos de minhas crenças medicas – II. **Correio Paulistano**, São Paulo, 26 de maio de 1908. p. 1.

<sup>381</sup> Idem.



homeopatia em relação à alopatia, apresentando-a ao público leigo, próprio de um periódico não especializado.

Outro ponto abordado por ele se relaciona a Hipócrates, daí toda a sua explicação, no primeiro artigo, sobre como observar a história. Para o médico alopata, a lei dos contrários pertenceria a Hipócrates e não a Galeno, atribuída pelo Dr. Rodrigues. Do pai da medicina também seria o princípio dos semelhantes que, por sua vez, não poderia ser relacionado com a homeopatia, mas ao método substitutivo, humoral, que vai ser aperfeiçoado por Pasteur, com a teoria das toxinas microbianas<sup>382</sup>. A adoção de Hipócrates – considerado, amplamente, o pai da medicina – como pai da alopatia e a expulsão da homeopatia desta mesma “filiação”, é outra forma de exclusão da medicina hahnemanniana do espaço da ciência médica.

Lemos irá prosseguir com a crítica à homeopatia em seus demais artigos. Na tentativa de depreciá-la, o médico rival busca invalidar o discurso que os médicos hahnemannianos lançam também ao público em geral, de que a homeopatia teria seus princípios provados pelas descobertas da ciência moderna. Isto é sensível quando se retorna à palestra de Bettencourt Rodrigues: para explicar a ação dos medicamentos diluídos, também ele recorre à teoria de ação das pequenas doses, de Claude Bernard, e da diluição dos metais de Robin. Além de utilizar nomes da própria medicina oficial, Rodrigues lembra de outras constatações “científicas”, que poderiam ser lembradas em auxílio da defesa das doses homeopáticas, como a dissociação da matéria, produzindo energia<sup>383</sup>.

Para abordar a questão do medicamento infinitesimal, Pedro Sanches Lemos apresenta a noção de doença, para a homeopatia, como sendo algo de natureza espiritual.

---

<sup>382</sup> A teoria pasteuriana sobre a contaminação de um organismo por micróbios, afirmava que estes produziram toxinas, que provocariam as células a produzirem antitoxinas para neutralizá-las.

<sup>383</sup> RODRIGUES, B. *Allopathia* (...) (conclusão). p. 121-22.

Assim sendo, o único medicamento capaz de agir sobre esta doença, teria que possuir a mesma natureza: a diluição do medicamento homeopático seria feita para obter a “espiritualização” do mesmo<sup>384</sup>. Ao mesmo tempo que procura retratar as noções homeopáticas como metafísicas, ele as afasta das possibilidades de explicação científica, alertando, ao público, o perigo de se tomar como verdades as várias “descobertas científicas”, próprias de sua época. Utilizando as palavras de Poincaré, Sanches Lemos afirma:

O imenso publico que hoje se conserva com certa competencia ao corrente do movimento scientifico, vendo os seus habitos espirituais todos os dias perturbados, testemunhando invenções ás vezes imprevistas, que produzem uma sensação tanto mais viava quanto repercutem consideravelmente sobre as condições da vida social, é levado a supor que vive numa época verdadeiramente excepcional, atravessada por crises profundas e illustrada tambem por descobertas extraordinarias, cuja singularidade excede tudo quanto o passado poude conhecer , e ouve-se commummente repetoir que a physica, particularmente, passou, nos ultimos annos, por uma verdadeira revolução, que todos os principios foram renovados, que os edificios construidos por nossos predecessores acham-se atiradas por terra, e que do terreno assim desobstruido brotou a messe mais abundante que jámais veiu enriquecer os dominios da sciencia. (...) Entretanto, parece-nos conveniente que não nos deixemos arrastar a exageros (...) <sup>385</sup>.

O alopata concebe sua época como repleta de novidades, gerando condições favoráveis para a difusão e aceitação, pelo público leigo, de novas teorias; um momento propício para o avanço da medicina rival, a homeopatia. As inovações da medicina oficial, entretanto, não merecem o mesmo tipo de desconfiança, como é o caso da bacteriologia. Estas sim , teriam o respaldo da ciência traduzida, para Lemos, pelo positivismo. Nestes

---

<sup>384</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos de minhas crenças medicas – III. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 de maio de 1908.

<sup>385</sup> Idem.

termos, ele defende que só é possível falar sobre aquilo que se conhece<sup>386</sup>: o micróbio é algo material, a força vital, não.

Concluindo que os princípios regentes da medicina oficial são superiores às definições fornecidas pela medicina homeopática, o médico alopata descreve o processo de adoecimento, utilizando a linguagem bélica<sup>387</sup> própria do período. Assim, a moléstia é descrita como uma declaração de guerra entre micróbios e células. Os primeiros teriam como arma sua virulência e alto poder de reprodução; as segundas, duas linhas de defesa, representadas pela pele e pelos glóbulos brancos<sup>388</sup>.

Durante a batalha entre o micróbio e o organismo, este último se defende e este processo pode ser detectável através dos sintomas. Os sintomas, especialmente das doenças agudas, são, desta maneira saudáveis, pois indicam uma reação do organismo à invasão microbiana. Daí, conclui Sanches de Lemos, muitas vezes cabe ao médico não interferir no processo, deixando que o próprio organismo busque sua cura: isto significaria seguir o *Natura medicatrix*, enunciado por Hipócrates. A partir destas reflexões, o médico alopata afirma que neste princípio estaria o sucesso eventual das curas homeopáticas, desconsiderando qualquer atuação válida do medicamento dinamizado.

Nem sempre, porém, o médico deveria esperar a reação orgânica acontecer espontaneamente. Muitas vezes é preciso intervir, através da terapêutica medicamentosa, a fim de combater complicações que ameacem a integridade do doente e o impeçam de reagir à própria doença. Para isso, acredita o Dr. Lemos, deve-se empregar medicamentos

---

<sup>386</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos de minhas crenças medicas – V. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 de maio de 1908. p. 1.

<sup>387</sup> Sobre a utilização da linguagem metafórica, relacionada à guerra, para descrever as infecções, ver LÖWY, Ilana. Les métaphores de l'immunologie: guerre et paix. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 7-23. mar./jun. 1996.

<sup>388</sup> LEMOS, P. S. Os fundamentos (...) . p. 1.

sintomáticos e, quando houver lesões, a intervenção cirúrgica, descrita por ele como uma prática salvadora<sup>389</sup>.

Finalizando seu último artigo, Pedro Sanches Lemos lança seu olhar para o futuro, e confirma sua crença nas inovações pasteurianas como base de uma nova medicina, que se deve abster de outras teorias não condizentes aos seus princípios:

O que é verdade é que as doutrinas pastorianas enriqueceram a medicina, a cirurgia, a therapeutica, a hygiene e a prophylaxia de factos inteiramente novos, que só estão a pedir classificação, synthese e generalização, e quando a elles se incorporarem as consequencias que se hão de deduzir das descobertas novas, referentes ao radium, aos ions, aos raios X, aos raios N, etc., uma intensa luz se derramará sobre a etiologia das doenças, assentando os ensinamentos medicos sobre uma base firme, immutavel, isto é, verdadeira, porque é positiva; as fluctuações das doutrinas medicas atravez da historia, não se explicam sinão pela deficiencia dos alicerces etiologicos.<sup>390</sup>

Ao proferir sua crença no futuro da medicina, Lemos retrata a teoria pasteuriana como o alicerce fundamental de uma prática médica positiva, lugar exclusivo para a adição de contribuições advindas das sucessivas descobertas científicas. A evolução da medicina chegaria ao ponto de torná-la preventiva, tendo como porta-voz o higienista, cujas afirmações teriam o caráter de lei e seriam seguidas como tal. Lemos conclui, expressando seu desejo de que o público compreenda que, através de seus artigos, buscou reafirmar sua crença na medicina oficial e nos ensinamentos que recebeu da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

As respostas de Nilo Cairo aos artigos de Pedro Sanches Lemos chegam à imprensa leiga através do *O Estado de S. Paulo*. Com a recusa do jornal em publicar os textos de

---

<sup>389</sup> Idem.

<sup>390</sup> Ibidem.

Cairo, os demais artigos foram divulgados, no mês de julho de 1908, através do *Correio Paulistano*, mesmo periódico em que seu adversário havia feito a crítica à conversão de Bettencourt Rodrigues e aos preceitos homeopáticos.

Nilo Cairo procura refutar as afirmações do médico alopata, tirando a credibilidade de seu discurso: ele teria traduzido mal os autores que cita, ou compreendido, de maneira distorcida, a teoria homeopática por não ter recorrido diretamente às obras de Hahnemann. Um dos pontos de questionamento reside na concepção de moléstia de Lemos que, segundo Cairo, teria sido deturpada – porque mal traduzida – de Bouchard.

Bouchard teria afirmado a doença como um *conjuncto dos phenomenos que se produzem no organismo, ao mesmo tempo soffrendo a acção da causa morbifica e reagindo contra ella*<sup>391</sup>. Juntamente com este conceito, o médico considerava a existência de duas ordens de fenômenos mórbidos: um maléfico, proveniente da própria doença; o outro, benéfico, já que significaria a reação do organismo à moléstia. Para Nilo Cairo, esta definição, partilhada por Sanches de Lemos, eram abstrações, *hyppotheses pathogenicas gratuitas*<sup>392</sup>, já que todo o sintoma deveria ser considerado como sinal das desordens vitais.

Outra estratégia ao responder às críticas de seu rival era, novamente, aproximar conceitos hahnemannianos aos já conhecidos e utilizados pela medicina oficial. Desta maneira, o médico homeopata procura aproximar o conceito dos três miasmas, utilizados por Hahnemann para explicar a origem das doenças crônicas, com o conceito de diástese<sup>393</sup>,

<sup>391</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – A psora de Hahnemann. **Correio Paulistano**, São Paulo, 25 de julho de 1908. p. 1.

<sup>392</sup> Idem.

<sup>393</sup> Fermento ou outra substância produzida por células vivas, por seres vivos microscópicos ou por glândulas e que decompõem os alimentos ou a matéria orgânica. Cf HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo (...)** p.586.

aceito pela medicina oficial<sup>394</sup>. A diátese, segundo Cairo, explicaria, assim como os miasmas crônicos, o estado dos organismos propícios à determinadas doenças.

Numa mesma tendência, Cairo busca o refúgio da medicina oficial para validar, desta vez diante do público leigo, os princípios homeopáticos. Acusa, ainda, a medicina rival de ter tomado estes conceitos, utilizando-os sem referenciar sua origem hahnemanniana. É o caso dos soros, que para ele tem efeito homeopático e não isopático, como querem os alopatas. Os princípios curativos de soros como a Tuberculina, feita por Koch com bacilos atenuados, teriam sido enunciados muito anteriormente por Hahnemann e constatado por outros homeopatas, inclusive pelo homeopata brasileiro, Dr. Vicente Martins<sup>395</sup>. Contrariando os alopatas, Nilo Cairo afirma ter sido a homeopatia a introdutora de inovações na medicina, e não o contrário.

Apesar de todas estas considerações, o grande alvo merecedor de respostas por parte do médico paranaense foi a questão dos medicamentos dinamizados. Era preciso esclarecer ao público leigo, assim como fora feito no meio médico, que o medicamento homeopático era absolutamente científico. Mas como justificar as afirmações de Sanches de Lemos sobre uma provável ligação da homeopatia com uma concepção metafísica de medicina, que envolvia, inclusive, a idéia de medicamentos espiritualizados?

Para Nilo Cairo, Lemos havia acessado conceitos oriundos de Trousseau e do Dicionário de Littré, não da fonte do criador da homeopatia. Em Hahnemann não haveriam conceitos metafísicos, e era preciso esclarecer este fato ao público: *A verdade é outra; e com as transcrições, embora um pouco fastidiosas, que vamos fazer do proprio*

<sup>394</sup> CAIRO, N. Homœopathia. Molestias e especies morbidas – X. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 de julho de 1908. p. 1.

<sup>395</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia. Sôros Homoeopathicos (cont.) – XI. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 de julho de 1908. p. 1.

*Hahnemann, para restabelecer a verdade, os nossos leitores ficarão habilitados a julgar de que lado está o erro grosseiro, atirado pelo illustre sr. dr. Sanches contra o fundador da homeopathia*<sup>396</sup>.

Cairo torna a apelar também, ao explicar a causa da dinamização dos medicamentos para os leigos, para a dissociação atômica da matéria. Assim como os homeopatas haviam inserido o medicamento homeopático no rol das “descobertas científicas”, ao explica-lo no universo médico, Bettencourt Rodrigues e Nilo Cairo não abrem mão destas justificativas apresentadas aos ouvintes e leitores leigos.

Triturar, diluir e sacudir ativariam as propriedades terapêuticas dos medicamentos, muito mais do que a matéria pura. Hahnemann havia, então, sido pioneiro ao prever a possibilidade de se obter energia da matéria dissociada, podendo ser tranqüilamente relacionado a outros cientistas posteriores, que também haviam constatado isso. Assim ressalta Nilo Cairo, ao apresentar alguns trechos de Hahnemann aos leitores do *Correio Paulistano*: *Isto é Gustave Le Bon puro. Parece até um trecho extrahido da “Evolução da Materia”*<sup>397</sup>. Ele busca demonstrar que as afirmações de Hahnemann estão de acordo com o que se ensina na medicina oficial. Procura aproximar as diluições homeopáticas com as experimentações de Bardet, Roger e Le Bon, provando, desta forma, que os medicamentos homeopáticos não podem ser considerados substâncias inativas.

O médico homeopata discorda de seu adversário também quando este afirma que a homeopatia está desvirtuada, por ter incorporado inovações da ciência moderna. Para Cairo, a homeopatia jamais deixou de pertencer à esfera da ciência; o que ocorre é a existência de

<sup>396</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia – XIII. As dynamizações. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 de julho de 1908. p. 2.

<sup>397</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia – XIII. As dynamizações (cont.). **Correio Paulistano**, São Paulo, 01 de agosto de 1908. p. 2.

concepções errôneas sobre ela, como o são as de Trousseau e Littré. Quem estaria contribuindo para o rejuvenescimento da alopatia seria a medicina homeopática, e novamente Nilo Cairo apresenta a medicina adversária como usurpadora dos princípios hahnemannianos: *ao toque da escamoteação, feita com mão de gato, da lei dos semelhantes e das doses infinitesimais*<sup>398</sup>. Concluindo suas observações, o médico adquire um tom irônico ao desqualificar totalmente Sanches Lemos como crítico da doutrina homeopática.

Nilo Cairo afirma ser a homeopatia a mesma do tempo de Hahnemann, por suas considerações primordiais não terem se alterado, como a idéia de ser humano indivisível que, quando adoece, deve receber um medicamento dinamizado e condizente com o princípio *Similia Similibus* para restabelecer o equilíbrio vital. Reafirma, ainda, o caráter científico da homeopatia, ao comentar que, destas idéias primordiais *se deduzem matematicamente, como transformações algébricas de uma mesma equação fundamental*<sup>399</sup>. Esta teoria precisa seria inacessível à Pedro Sanches Lemos que, por não ter estudos aprofundados sobre a *therapeutica de amanhã*, não estaria qualificado para fazer sua crítica em público.

### 3.2 Mais conversões

Ao mesmo tempo em que Nilo Cairo respondia às críticas feitas à palestra que marcou a conversão do Dr. Bettencourt Rodrigues, outro médico alopata apresentava preferências pela medicina homeopática, sendo sua manifestação pública assim comemorada pela *Revista Homœopathica Brasileira*:

<sup>398</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia – XIII. As dynamizações (cont.). **Correio Paulistano**, São Paulo, 02 de agosto de 1908. p.1.

<sup>399</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia – Ultimas objecções. **Correio Paulistano**, São Paulo, 09 de agosto de 1908. p. 2.



Pouco antes, entretanto, enquanto esteve interrompida a publicação dos artigos do Sr. Dr. NILO CAIRO, um novo campeão da Homœopathia surgiu no *Correio Paulistano*, fazendo uma brilhante profissão de fé numa série de *Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto*: foi o Sr. Dr. ALBERTO SEABRA, nome bastante conhecido na capital paulista, como o de um allopatha distinto e um polemista de rijo pulso. (...)

O Sr. Dr. ALBERTO SEABRA revela-se um talento de escól:: sua aquisição para as nossas fileiras é, pois, uma preciosidade inestimável: com mais meia dúzia de campeões da sua força, nenhum allopatha será capaz de bater-nos na imprensa. Também foi reconhecendo provavelmente que a razão está do nosso lado, que o Sr. Dr. Luiz Pereira Barreto, chamado directamente á discussão, achou mais prudente calar-se, não respondendo ás *Cartas* do Sr. Dr. SEABRA: posição bem commodada que claramente revela a fraqueza de argumentação do campo opposto.<sup>400</sup>

Este trecho de saudação ao Dr. Alberto Seabra, publicado no *Noticiário* da revista paranaense, revela a importância da conversão de um médico alopata para a homeopatia e, ainda mais, ressalta que a divulgação do fato ao público em geral equívale a uma demonstração de supremacia da doutrina hahnemanniana sobre a medicina oficial. Abandonar a alopata para abraçar a homeopatia significa emprestar veracidade à segunda e colocar em dúvida a primeira; levar isto ao público é reforçar sua legitimidade social.

No caso de Alberto Seabra, sua adesão era ainda comemorada por representar um reforço para sustentar as polêmicas surgidas na imprensa, revelando igualmente a importância deste meio como estratégia de propaganda junto ao público leigo. A polêmica era a oportunidade que ambas as correntes teóricas tinham para sustentar seus pontos de vista, vencendo aquela que fosse mais convincente. Daí a importância de sempre responder às críticas apresentadas em público: a ausência de manifestação equívale a concordar com as afirmações do adversário. A habilidade do polemista é importante para obter aliados junto ao público, pois este atributo faz parte da competência lingüística exigida do porta-

<sup>400</sup> NOTICIÁRIO. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curityba, a. 3, n. 8/9, p. 161-62. ago/set. 1908.

voz. Isto está claro na conclusão do texto que saúda a vinda de Seabra para as fileiras homeopáticas:

Mas si o Sr. Dr. PEREIRA BARRETO perdeu uma excellente ocasião de ventilar sua *quarta philosophia, a allopathia*, o Sr. Dr. FABRICIO VAMPRÉ, medico allopatha, resolveu-se a commentar, por sua conta, as *Cartas* do Sr. Dr. SEABRA, e, em alguns artigos que publicou no *Correio Paulistano*, fez tambem a critica da Homœopathia, mas com muito menos arte do que o Sr. Dr. PEDRO SANCHES.

É escusado dizer, nos parece, que o Sr. Dr. ALBERTO SEABRA, numa replica vibrante, numa série de outros artigos tambem publicados no *Correio Paulistano*, cavou a sepultura do seu adversario.

Terminando esta noticia, cabe-nos o dever de felicitar calorosamente o nosso novo confrade, Sr. Dr. SEABRA, pelo brilhante triumpho que vem de obter com seus artigos, e tambem à classe homoeopathica do Brazil, pela preciosa aquisição que acaba de fazer com esta nova adhesão aos seus principios.<sup>401</sup>

A conversão de Alberto Seabra para a homeopatia se deu através de um dos famosos “casos perdidos” socorridos sem sucesso pela alopatia, que obtiveram a cura através da terapêutica homeopática<sup>402</sup>. A historiografia médica homeopática<sup>403</sup> conta que, desde 1894, quando havia se diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Seabra clinicava na cidade de São Paulo como alopata, sendo um médico com grande clientela e muito conhecido em seu meio. Num dado momento, seu filho mais velho adoece de sarampo, sendo entregue aos mais famosos médicos alopatas, que não obtiveram sucesso e previam a fatalidade do caso.

Estando seu próprio filho correndo risco de vida, o médico paulista chama o homeopata Dr. Antonio Murtinho de Souza Nobre, que pede auxilio ao seu irmão, também médico homeopata, o Dr. Manoel Murtinho de Souza Nobre. Ambos conseguem curar a

---

<sup>401</sup> Idem.

<sup>402</sup> Assim como as conversões de alopatas, os casos desenganados pela medicina oficial e curados “milagrosamente” pela homeopatia, são largamente utilizados pela medicina hahnemanniana como estratégia de propaganda, desde sua introdução no Brasil. Cf: BERTOLLI FILHO, Cláudio. Homeopatia (...).

<sup>403</sup> GALHARDO, J. E. Rodrigues. **Livro** (...), p. 889-92.

criança, que, em seguida, é atingida seguidamente pela crupe, por um eczema e por bronquite. Seabra o leva para Piracicaba, onde tenta novamente o tratamento alopático, o que é desaconselhado pelo médico chamado, que o aconselha a pedir auxílio a um homeopata.

Com a cura do filho, Alberto Seabra se dedica ao estudo da homeopatia lendo as obras de Hahnemann, em especial, o *Organon*. Vendo que a doutrina era condizente com os princípios positivistas dos quais era adepto<sup>404</sup>, o clínico se alia à homeopatia no início de 1908. Um de seus primeiros atos foi pedir a exoneração do cargo de vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, fato que foi comentado tanto na imprensa médica alopática quanto homeopática.

A *Gazeta Clínica*, periódico da medicina oficial, não atribuiu motivos relevantes para o afastamento de Seabra da instituição médica paulista, censurando-lhe a adesão à homeopatia, motivada por uma única cura obtida através deste sistema. Para o periódico paulista, ele se esquecia de todos os outros casos, onde tinha obtido sucesso através da alopatia. Já a imprensa homeopática, através dos *Annaes de Medicina Homœopathica*, louvava o gesto de Alberto Seabra, retratando a “cura milagrosa” como a gota d’água para a conversão do médico, e não como único motivo para tal acontecimento<sup>405</sup>.

Os fatos que mais marcaram e difundiram a conversão de Alberto Seabra não passaram somente pela imprensa médica: foram difundidos ao público leigo, através das *Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto*, publicadas no *Correio Paulistano*, e pela publicação do livro *A Verdade em Medicina*. Nos artigos veiculados pelo periódico paulista

<sup>404</sup> Tanto nas *Cartas Abertas* quanto em seu livro *A Verdade em Medicina*, Alberto Seabra deixa clara sua posição enquanto positivista convicto, conjugando suas crenças com a doutrina homeopática. Segundo *José E. Rodrigues Galhardo*, a constatação de que a doutrina hahnemanniana era uma ciência positiva foi decisiva na conversão de Seabra.

<sup>405</sup> CASO de Consciencia. *Annaes de Medicina Homœopathica*, Rio de Janeiro, a. 11, n. 1, p. 38-40. jan. 1909.

nos meses de julho e agosto de 1908, Seabra confessa sua adesão à homeopatia ao público, mas se dirige à Luiz Pereira Barreto, médico alopata, positivista, que já foi tratado no primeiro capítulo deste trabalho. Assim se manifesta o médico homeopata, em sua primeira *Carta*:

Prezado mestre.

O vosso nome está ligado a todas as altas questões doutrinárias, e é por isso que tomo a liberdade de vos dirigir uma série de cartas abertas. Demais, o publico está acostumado a acatar a vossa ponderação e conselho, e o assumpto de que vou tratar o interessa vivamente. Propondo-se a conservar a saude e a restaural-a, a arte medica investe-se de uma missão divina, contanto, porém, que culmine o seu ideal. E com effeito, a saude é o bem por excellencia; todos lhe são condicionados: a vida, a fortuna, a gloria, o poder politico, a prosperidade do individuo e o progresso das nações.<sup>406</sup>

Ao se endereçar à Pereira Barreto, o Dr. Seabra tem, como objetivo, colocar suas considerações sobre a medicina a alguém que é considerado uma autoridade em assuntos doutrinários, tanto por ele – que se refere ao positivista chamando-o de “mestre” – quanto pelo público em geral, possuindo, ainda, a autoridade médica. Dialogar com um personagem de tal reconhecimento confere ao discurso de Seabra uma grande credibilidade, mesmo que não tenha recebido resposta de seu interlocutor; representa, ainda, o grau de confiança que ele tem na veracidade de suas afirmações.

O médico homeopata apresenta o assunto de suas cartas: vai falar sobre a medicina e seu objetivo que é a conservação e a restauração da saúde, da qual dependem interesses individuais e coletivos. Seu discurso pretende abordar a medicina enquanto doutrina: neste sentido, questiona a ausência de princípios científicos que guiassem a medicina oficial. Seabra se queixa à Pereira Barreto da inconstância da terapêutica médica:

---

<sup>406</sup> SEABRA, A. A Homœopathia Cura ( Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto). **Correio Paulistano**, São Paulo, 03 de julho de 1908.p.1.

E não será devido a esta indigência científica que os remédios obedecem às correntes da moda e às solicitações vergonhosas da indústria? Indústria medicamentosa! Vêde bem que eu não fantasio: com o último transatlântico nos chega o último figurino médico e a derradeira droga fabricada.

Ah! mas não seria assim se a therapeutica tivesse uma lei.<sup>407</sup>

A ausência de leis na terapêutica oficial provoca seu descrédito junto a Alberto Seabra, que encontra, na homeopatia, uma medicina mais coerente com suas crenças positivas: ela possui uma lei que a norteia, a lei dos semelhantes. A aproximação entre homeopatia e positivismo, como o leitor pode observar, já foi explorada pelo discurso homeopata quando este procurava apresentar seus princípios à medicina adversária. Neste caso, porém, o discurso se torna mais incisivo: trata-se de um convite, feito a um personagem reconhecido publicamente como adepto da filosofia comtiana, para que refletisse e constatasse que a medicina homeopática era a positiva.

Juntamente com Luiz Pereira Barreto, todo o público leitor do *Correio Paulistano* estava convidado a meditar sobre a inconsistência da medicina oficial e comprovar a supremacia da medicina homeopática. Assim, Seabra apresenta a lei dos semelhantes como obra de Hipócrates, sistematizada por Hahnemann e a única a oferecer uma concepção positiva de doença, uma matéria médica científica e um corpo de doutrina.

Uma das formas, utilizada por Seabra, para provar a superioridade do sistema médico homeopático sobre qualquer outro foi a estatística. *A homœopathia cura? Si a estatistica não lhe fôr favoravel, não perderemos tempo em examinar a doutrina*<sup>408</sup>. Apresenta, então, várias estatísticas mostrando que, em vários hospitais do mundo, a homeopatia fazia mais curas do que a alopatia. A comparação estatística continua a ser o

---

<sup>407</sup> Idem.

<sup>408</sup> Ibidem.

tema para seu segundo artigo<sup>409</sup>, mas é através da abordagem sobre a lei dos semelhantes e os medicamentos diluídos infinitesimalmente, feita nos textos seqüentes, que o médico busca apresentar a homeopatia como coerente com a filosofia positiva e, como Nilo Cairo havia feito, com as últimas descobertas médicas.

As *Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto*, como já foi dito, não receberam resposta de seu destinatário. Um médico, o Dr. Fabricio Vampré, publica artigos respondendo às considerações de Alberto Seabra sem, no entanto, demonstrar entusiasmo pela medicina alopática nem, muito menos, pela homeopática. Assim se apresenta o Dr. Vampré aos leitores do *Correio Paulistano*:

A grave contenda que por estas columnas o dr. Alberto Seabra veio reaccender no mundo medico, anda muito longe ainda de clara e sobria solução. Não que ao seu nobilissimo espirito deixasse de luzir a verdade, mas porque não transpareceu inteira, harmonica, perfeita. O estado da questão desculpa e clama ao mesmo tempo pela intervenção de todos os medicos militantes. Não quero portanto ser visto sinão como medico a quem a voz de sua consciencia obriga a falar.<sup>410</sup>

O desejo de neutralidade do médico que respondeu aos artigos de Alberto Seabra é um modo de colocar seu discurso em posição privilegiada, adotando um dos adjetivos científicos. Abriga também a falta de profundidade de sua crítica, já percebida e expressada pela *Revista Homœopatica Brasileira*. Para Fabricio Vampré, que tece palavras elogiosas à Samuel Hahnemann, os médicos alopatas desconheceriam a teoria dos princípios dos semelhantes, mas o utilizariam em prática; já os homeopatas, conheceriam o princípio em teoria, mas não o estariam praticando. Diante da contradição por ele identificada, Vampré

<sup>409</sup> \_\_\_\_\_. Homœopathia e Estatística ( Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto). **Correio Paulistano**, São Paulo, 04 de julho de 1908. p.1.

<sup>410</sup> VAMPRE, F. A Lei dos Semelhantes e a Unidade das Molestias. **Correio Paulistano**, São Paulo, 19 de julho de 1908. p. 1.

conclui, sem justificar satisfatoriamente, que *a verdade não está com a escola allopathica; não está sem duvida com a homoeopathica apesar do brilho de seu novo defensor*<sup>411</sup>.

Seabra se ressentia da falta de resposta de seu “mestre”, mas aceita responder às observações de Vampré sobre seus artigos. A primeira coisa que observa é a falta de intimidade do colega com relação à doutrina hahnemanniana, a ponto de fazer alusão a um provável “acordo” existente entre homeopatia e alopatia. Rejeitando completamente esta interpretação de Fabricio Vampré, procura esclarecer porque a homeopatia não tem a supremacia dentro da medicina:

A sinceridade não é um attributo humano tão constante como a porosidade dos corpos. E depois, as situações adquiridas, os interesses, os preconceitos, pesam na balança. Accresce mais que a velha escola é a tradição e a tradição se funde facilmente com o espirito conservador e a rotina; é o numero, e o numero faz a maioria; é o peso unido á massa; é o apoio official, e portanto a verdade consagrada pela soberania.<sup>412</sup>

A queixa que o homeopata expressa em sua resposta à Vampré, esclarece seu ponto de vista em relação à supremacia da medicina oficial, e revela sua consciência das estratégias desta para conseguir adesão de um público crescente. Esta seria obtida através da tradição, da maioria e da oficialidade; isto é, a alopatia só teria conseguido seu poder por fazer parte de uma tradição médica, por sua prática e teoria já ter sido repetida ao longo do tempo, por pessoas com reconhecido mérito no universo médico.

Somado a estes fatores, ter-se-ia uma maioria de médicos aderindo a este sistema, e o fato dele ser o oficial, o adotado pelas instituições que perpetuam e utilizam o saber médico. Apesar da crítica, Seabra vai utilizar a tradição como arma para demonstrar o valor

---

<sup>411</sup> Idem.

<sup>412</sup> SEABRA, A. Homœopathia. Objecções e Respostas. **Correio Paulistano**, São Paulo, 31 de julho de 1908. p. 1.

da homeopatia, quando se dirige à Pereira Barreto: valoriza seu passado hipocrático, relacionando uma série de outros médicos, antes de Hahnemann, que teriam contribuído para a formulação do princípio dos semelhantes<sup>413</sup>.

Apesar do debate com Fabricio Vampré se revelar infrutífero, Alberto Seabra continua a escrever no *Correio Paulistano*, sobre a teoria homeopática. São artigos que, naturalmente, buscam retratá-la enquanto medicina verdadeira, embora baseada num princípio aparentemente contraditório: *certamente, esta lei é de apparencia paradoxal, mas é a lei. É a lei de cura*<sup>414</sup>, é o que afirma o médico homeopata em um de seus textos. Entretanto, o Dr. Seabra não precisou esperar longo tempo para enfrentar nova polêmica.

A publicação do livro *A Verdade em Medicina* no primeiro semestre de 1909, contendo os estudos de Alberto Seabra sobre a homeopatia e a alopatia, um ano após sua conversão, gerou material suficiente para uma polêmica. Comentado como um livro perfeito para a propaganda homeopática<sup>415</sup>, a obra chamou a atenção do redator da *Gazeta Clinica*, de São Paulo, Dr. Rubião Meira, que nos meses de junho e julho fez suas críticas nas páginas do periódico leigo. Nelas, revela sua preocupação quanto ao avanço homeopático:

É preciso que nos defendamos, para não deixar a homœopathia entrar pela nossa cozinha, como nos diz o Dr. Alberto pittorescamente, quando a verdade é que ella não entra por porta alguma. O silencio que nós, allopathas, temos feito em torno deste toque de caixas com que os homœopathas nos aturdem os ouvidos, é preciso ser acabado, pois que precisamos manter de pé a nossa posição, e assim afastar para sempre os que, baseados em erros, querem se apossar dos triumphos da sciencia medica<sup>416</sup>.

<sup>413</sup> \_\_\_\_\_. Similia Similibus Curantur ( Cartas Abertas ao Dr. Luiz Pereira Barreto). **Correio Paulistano**, São Paulo, 06 de julho de 1908. p. 1.

<sup>414</sup> \_\_\_\_\_. Medicina e Critica. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 de janeiro de 1909. p. 1.

<sup>415</sup> NOTICIARIO. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a. 11, n. o6, p. 213-16. jun. 1909.

<sup>416</sup> Idem.



A voz dos médicos alopatas revela, mais uma vez, a importância de não se calar diante das afirmações adversárias. Alberto Seabra e Nilo Cairo não se intimidaram com as considerações de Rubião Meira: responderam às críticas no *Correio Paulistano*. Os homeopatas debatedores receberam o apoio de colegas como Nery Gonçalves, que percebe na situação uma oportunidade de revelar a superioridade da medicina hahnemanniana: *o publico sensato e intelligente está a observar um espetáculo curioso, verdadeira inversão de papeis – os sabichões da rua S. Bento a receberem lições da grossa farandula dos ignorantes*<sup>417</sup>.

Para Alberto Seabra, as observações do Dr. Meira foram *inocuas e inuteis*<sup>418</sup>, por não ter ele percebido as questões centrais do livro. Procura relacionar as considerações do adversário respondendo-as em seus artigos, pelo *Correio Paulistano*, uma vez que elas são pontuais, isto é, referem-se a prováveis erros que Seabra teria cometido. Um deles é sobre a referência de envenenamentos em homeopatia, que para Meira pareceriam um paradoxo, já que Seabra afirmava ser o sistema hahnemanniano cuidadoso em não prejudicar o organismo. O médico homeopata assim expõe a situação:

Elle desejava que eu explicasse que os envenenamentos involuntarios que enriquecem a materia medica são os envenenamentos accidentaes, produzidos por inadvertencia. Mas o autor não escreveu para meninos da escola primaria e muito penalizado regista (sic) aqui esta phrase da “Gazeta”, quando, depois de ter descoberto que a homœopathia envenena, escreve: “Não, e o povo ignorante, que nada tem com isto, ha de nos dar razão, dr. Seabra, e nos applaudir quando nos vir, como agora, perplexos entre duas sentenças de sua cabeça, sobre o mesmo assumpto, e tão differentes como a agua e o vinho!” Não, meu senhor, o povo não terá o prazer em vel-o perplexo; elle sabe que a homœopathia nunca envenena, e ficará sabendo que os envenenamentos accidentaes, fortuitos e ate mesmo os que provêm da pratica allopathica, são cuidadosamente incorporados á materia medica homœopathica, completando assim a

<sup>417</sup> GONÇALVES, N. A Gazeta Clinica e os homœopaths. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curitiba, a. 4, n. 12, p. 258. dez. 1909.

<sup>418</sup> SEABRA, A. “A Verdade em Medicina” e a Critica. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 de junho de 1909. p. 1.

pathogenesis do medicamento e fornecendo ocasião ao emprego da lei dos semelhantes<sup>419</sup>.

A preocupação com o “povo ignorante” em assuntos médicos, expressa tanto por Meira quanto por Seabra revela a importância e o objetivo de uma polêmica, seja ela oriunda de uma conversão ou não. Neste momento, o discurso dos médicos se concentra na tentativa de tomar para si a verdade que, sendo única, só pode estar em um dos lados. Desmentir o oponente, desmascará-lo, tem por finalidade obter a simpatia, a adesão e a crença do público leigo para seu sistema médico. Adesão que não permanece apenas no campo intelectual, mas interfere na prática de cura a ser adotada pelos indivíduos; significa, em último caso, um paciente a mais, ou a menos.

O debate, principalmente aquele veiculado em periódicos de acesso mais amplo, como é o caso dos jornais, destina-se à conquista de público. No entanto, este objetivo é muito mais perseguido pela medicina homeopática do que a oficial, que já esta possui um público mais amplo e consolidado. Pode-se percebê-lo quando Nilo Cairo se coloca ao lado de Alberto Seabra na defesa das palavras do amigo, dirigindo críticas à Rubião Meira. Seu estilo de escrever, irônico como Seabra, mas muito mais contundente, faz com que o médico alopata, que só tinha se manifestado nas páginas da *Gazeta Clinica*, dirija-lhe uma “carta aberta” no *Correio Paulistano*.

Em seu artigo, Meira revela o porquê de não ter respondido aos vários artigos do homeopata, dirigidos a ele no *Correio Paulistano*. Em primeiro lugar, esclarece que a linguagem do adversário, de *ardoroso combatente*<sup>420</sup>, não o intimidou. Seu silêncio pode ser atribuído a três motivos: em primeiro lugar, por seus artigos serem editoriais da *Gazeta*

---

<sup>419</sup> Idem.

<sup>420</sup> MEIRA, R. Carta Aberta – Ao exmo sr. dr. Nilo Cairo. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 de setembro de 1909. p. 1.

*Clinica*, de responsabilidade também de outros quatro médicos, não sendo de sua autoria exclusiva. Em segundo, pelo fato de Nilo Cairo ter se dirigido a ele através de um periódico leigo, conforme explica:

Porque v. exa levou para um jornal profano assumptos puramente scientificos, e que, como taes, foram tratados na imprensa respectiva, o que me faz acreditar que a homœopathia precisa ainda de réclames pomposos. E eu, desculpe-me v. exa., não estou com disposições, nem tenho tempo farto para acompanhar o toque de caixa com que v. exa. gasta, quasi diariamente, duas columnas do *Correio Paulistano*<sup>421</sup>.

A linguagem do médico homeopata, segundo o Dr. Rubião Meira, foi o terceiro motivo que o fez recuar diante das provocações que recebeu. Segundo ele, não estaria acostumado à *tamanha ligeireza*. Dentre os motivos que afastaram Meira da polêmica, certamente o fato desta ter se dado em “terreno leigo” foi o mais decisivo. O alopata atribui a preferência do colega pelos periódicos não especializados a necessidade de propaganda da medicina homeopática. O objetivo, sem dúvida existente e predominante no debate, não é admitido por Nilo Cairo, que pinta a questão com outras cores:

(...) Em seguida, passa o dr. Meira a revelar-nos o seu grande aborrecimento por termos demonstrado em publico, pela imprensa profana, os erros de palmatória commettidos pela Gazeta Clinica; s.s. preferiria que a nossa resposta á sua pretensa critica da homoeopathia tivesse sido dada pela imprensa medica: a roupa suja teria sido lavada em familia, e o pobre publico continuaria a ter s. s. como uma grande autoridade scientifica e a sua medicina como a verdadeira.

(...) é o publico, em summa, que deve julgar entre os dois systemas medicos, sendo o mais interessado na *verdade em medicina*.<sup>422</sup>

A necessidade de propaganda atribuída à homeopatia pelo Dr. Meira se transformou, na pena do Dr. Cairo, em transparência e sinceridade para com o público

<sup>421</sup> Idem.

<sup>422</sup> CAIRO, N. Impotencia Intellectual. *Correio Paulistano*, São Paulo, 20 de setembro de 1909.p.1.

leigo. *É o publico, medico ou profano, que julgará de que lado estão a razão e a verdade*<sup>423</sup>, afirmava novamente Nilo Cairo, em sua *Resposta Aberta* à Rubião Meira, quando se justificava, dizendo que não pretendia lhe provocar, mas esclarecer princípios homeopáticos mal interpretados.

O médico paranaense justifica ainda a extensão de um debate médico ao público leigo por achar que, tendo a alopatia deturpado as “verdades” contidas na doutrina hahnemanniana, seria dever de todo homeopata fiel aos seus princípios defendê-los. Além do mais, não vê oposição para a utilização de um “jornal profano” como palco de uma polêmica deste gênero: freqüentemente, a imprensa publicava artigos médicos, hábito que se intensificou depois da realização de congressos médicos no Brasil.

A polêmica gerada em torno de *A Verdade em Medicina*, obra já comentada no primeiro capítulo deste trabalho e que foi produto da conversão de Alberto Seabra à homeopatia, continua até o final do ano de 1909. Os anos de 1908 e 1909 foram momentos, também, para debates sobre outra conversão só que, desta vez, com características diferentes: a adoção da homeopatia se dá sem o consentimento do “convertido”.

Este ato peculiar ocorreu com o Dr. Huchard, e demonstra ainda mais uma vez a importância da conversão como espetáculo, na conquista do público leigo. A discussão em torno desta provável adesão iniciou com a publicação de um artigo no periódico *Brazil Homœopathico*, intitulado *Uma adesão valiosa*. De autoria do Dr. Umberto Aulleta, membro do Instituto Hahnemanniano do Brasil, o texto foi publicado em setembro de 1907. Naquela data, também a *Revista Homœopathica do Paraná* chamava a atenção para o fato.

---

<sup>423</sup> \_\_\_\_\_. Resposta Aberta – Ao exmo sr. dr. Rubião Meira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 de setembro de 1909. p. 1.

A revista paranaense anunciava a conversão do Dr. Huchard descrevendo-o como médico do Hospital Necher, membro da Academia de Medicina de Paris e redator do *Journal des Praticiens*, periódico alopata francês. Reproduz, também, a primeira manifestação de Huchard sobre a homeopatia, concluindo que, após muitos estudos, o médico francês teria dado *um largo passo para o lado dos homœopathas*<sup>424</sup>. Apesar desta constatação, admite que o novo adepto não é ortodoxo por não acreditar nas altas dinamizações, mas expressa sua crença de que isso ocorrerá em breve. Na conclusão da notícia, o periódico homeopata afirma: *A Homœopathia triumphat, pois, por toda a parte, e sirva-nos a conversão deste espirito eminente de arma poderosa contra os nossos adversarios, que a todo o momento proclamam a morte da Homœopathia*<sup>425</sup>.

A divulgação de que um importante clínico francês teria se rendido às “verdades homeopáticas” descontentou o meio médico oficial. Assim que tomam conhecimento, em junho de 1908, os alopatas tratam de desmentir seus adversários, através da *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, numa nota intitulada *Huchard e a Homœopathia*. Assim se expressa o periódico alopata, após encontrar uma declaração do médico sobre o assunto :

Felizmente o sabio medico do HOSPITAL NECKER não teve necessidade de uma cura de isolamento em alguma casa de saude, e a sua possante mentalidade, inclinada embora de vez em vez ao cultivo do paradoxo, continuará a brilhar, para gaudio dos discipulos do immortal HIPPOCRATES.

O collega brasileiro não precisava buscar tão longe mais um adepto das suas miraculosas opiniões; elles não faltão abundosos aqui, nesta excellente terra do professor FAUSTINO, do EDUARDO SILVA, do NASCIMENTO espirita, e do Caboclo da Praia Grande. A homœopathia é nossa, muito nossa; faz parte das nossas instituições, viceja no solo propicio desta immensa taba de analphabetos, com a exhuberancia farta da tiririca<sup>426</sup>.

<sup>424</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a. 2, n. 9, p. 178. set. 1907.

<sup>425</sup> Idem.

<sup>426</sup> HUCHARD e a Homœopathia. *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, Rio de Janeiro, a. 16, n. 06, p. 272. jun. 1908.

Apesar de admitir ter o médico francês simpatia pela medicina homeopática, os médicos alopatas julgam o fato como um paradoxo que o acomete ocasionalmente, e aproveitam a ocasião para ridicularizar o sistema rival. Eles retiram a hipótese de conversão de um médico de tal reputação internacional, pois apontam a homeopatia não como pertencente ao mesmo círculo científico do Dr. Huchard, mas própria do *Nascimento espirita ou do Caboclo da Praia Grande*, isto é, própria do “curandeirismo” que abunda no Brasil.

É claro que tal declaração, em um tom tão provocativo, não iria passar despercebida pelos homeopatas, não pelo Dr. Nilo Cairo. Ele escreve uma carta à *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, que a publica, assim como o faz a *Revista Homœopathica do Paraná*. Nela, comenta a nota do periódico alopata, atribuindo-lhe a autoria do Dr. Jorge Pinto, e criticando a escolha do texto do Dr. Huchard, onde ele teria comentado sobre homeopatia.

Cairo aponta uma lição do médico francês onde ele confessa aceitar a ação dinâmica dos medicamentos, tomando como justificativa a dissociação atômica, Além disso, dizia só empregar os medicamentos alopáticos em casos incuráveis ou como paliativo. Ele contesta que não se possa atribuir o título de homeopata ao Dr. Huchard, embora este não a aceite, por atribuir à Hipócrates e não à Hahnemann a paternidade da lei dos semelhantes.

Embora perceba que Huchard procura se esquivar do rótulo de homeopata, Nilo Cairo insiste na conversão, duvidando um pouco do caráter do médico:

O Dr. HUCHARD não tem, pois, nenhuma razão científica, para, depois das declarações que fez na sua Lição do Hospital Necker, recusar o nome da homœopathia; salvo si se retractar dessas declarações.

A verdade é outra; e eu me admiro muito que o atilado espirito do Sr. Dr. JORGE PINTO não a tenha percebido nesse jogo de uma vella a Deus e outra ao Diabo.

Quanto às amabilidades do final da sua carta, muito agradece ao Sr. Dr. JORGE PINTO o collega doudo, caboclo e analphabeto<sup>427</sup>.

Ao final da carta de Cairo, publicada na revista alopática, há uma nota do redator, avisando ao homeopata que espere resposta do Dr. Jorge Pinto para o próximo número. Em novembro, na coluna *Correspondencia*, onde Nilo Cairo havia publicado sua carta, o Dr. Pinto dirige uma resposta ao redator da *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, na verdade procurando atingir ao homeopata, sem o fazer diretamente. Em tom irônico, Jorge Pinto escreve:

Seidl Carissimo:

Você foi barbaro, você foi cruel, atirando-me de esbarro ao collega, que lhe escreveu do Paraná, e cuja catadura me pareceu minaz. Asseguram-me mesmo que o homem é escachante, gosta de polemica, tem, em summa, o *furor bellicosus*, – o que certamente me poria na desagradavel contingencia de lhe repetir, como o STEINBROKEN, d’*Os Maias*, depois de uma tremenda sova ao bilhar: – *Fui essfôladito, si, essfôladito*.(...)

Felizmente, não se trata disto agora. Não se trata, e não se tratará, porque eu não discutirei com o Dr. CAIRO.

Discutir o que? A conversão de HUCHARD á homœopathia? A lição do eminente clinico publicada na integra n’este numero da *Revista Medico-Cirurgica* desmente a balela. O hahnemannismo em si?

Inutil, porque além de não tomal-o a serio, julgo peregrinamente desfructaveis essas discussões academicas, que acabam, quando não principiam, sempre em desaforo grosso para divertimento da galeria, de onde o que menos nasce – é a luz, é a convicção, é o successo da ideia.<sup>428</sup>

Com o objetivo de expressar sua opinião em relação à homeopatia, Jorge Pinto conta ao leitores da *Revista Medico-Cirurgica* que quando ainda era estudante do curso de medicina, seu pai costumava empregar a homeopatia nos membros da família, quando estes adoeciam, utilizando *um sebento Formulario e [a] uma caixinha provida dos principais*

<sup>427</sup> CAIRO, N. Huchard e a Homœopathia. **Revista Medico-Cirurgica do Brazil**, Rio de Janeiro, a. 16, n. 9, p. 426. set. 1908.

<sup>428</sup> PINTO, J. Huchard e a Homœopathia **Revista Medico-Cirurgica do Brazil**, Rio de Janeiro, a. 16, n. 11, p. 497. nov. 1908..

*medicamentos*<sup>429</sup>. Certo dia, ele esvaziou os vidrinhos de remédio, enchendo-os com álcool, que foi utilizado pelo pai em novas curas, fato que foi posteriormente confessado pelo médico.

A história, que arremata seu total descrédito na terapia homeopática, é concluída com a expressão do desejo de um médico que, igualmente, não acredita no debate:

Isto, simplesmente para honrar a sua promessa aos leitores da *sympathica Revista* de que eu responderia ao eminente collega do Paraná. Sim, porque a minha vontade era não responder nada, não rabiscar estas tiras desvaliosas, suando por todos os póros, com uma temperatura senegalesca de 31.º á sombra, e continuar no meu canto, obscuro, ignorado, *bicho de concha*, na boa accepção da palavra, cuidando unicamente dos meus doentes, dos meus livros, dos meus prazeres intellectuais. Na minha modestissima existencia, a pagina de luctas, é uma pagina definitivamente, irrevogavelmente voltada, e não podendo gozar ainda do *otium cum dignitate*, desejo, muito e muito, que...me deixem em paz.<sup>430</sup>

Nem mesmo as palavras desagradáveis ditas pelo Dr. Jorge Pinto, ou sua objeção em dialogar, demoveram Nilo Cairo de sua função de polemista. Talvez o Dr. Pinto tivesse razão neste sentido: a obstinação de Cairo em se lançar ao debate era maior que tudo, e crescia na mesma medida em que o provocavam. Juntamente com o periódico carioca, a *Imprensa Medica*, de São Paulo, preocupou-se com a anunciada conversão do Dr. Huchard, e tratou de publicar suas *Lições* traduzidas, com o objetivo de desmentir os homeopatas.

A reação de mais um periódico alopata mobilizou o homeopata paranaense, no sentido de confirmar a conversão de Huchard para o sistema hahnemanniano. Sua resposta, porém, não ocorre nas páginas das revistas médicas: ele recorre novamente ao *Correio Paulistano* e, embora se dirija ao *publico medico*, está claro que sua opção por um periódico leigo lhe dá maior visibilidade, aumentando o número e a categoria de leitores.

---

<sup>429</sup> Idem.

<sup>430</sup> Ibidem.



Em seu primeiro artigo sobre o assunto no *Correio Paulistano*, Nilo Cairo lamenta que a *Imprensa Medica* tenha reproduzido as traduções da *Revista Medico-Cirurgica* que, segundo ele, contém inúmeros “erros”, feitos propositalmente com o objetivo de deturpar as palavras do Dr. Huchard<sup>431</sup>. Assim, as revistas alopáticas estariam tentando demonstrar que o clínico francês estava, na verdade, renovando sua profissão de fé na medicina oficial. As demais matérias veiculadas no mesmo jornal, nos meses de fevereiro e março de 1908, estariam dirigidas ao objetivo de apontar as falhas de tradução dos periódicos alopatas, demonstrando que o Dr. Huchard aceitava os principais princípios homeopáticos.

Apesar de apresentar a figura de um eminente médico como homeopata, Nilo Cairo não pode deixar de apontar algumas falhas de Huchard. Dentre elas se encontra, como foi colocado anteriormente, o fato dele criticar o uso das doses infinitesimais. Em um de seus artigos a respeito, Cairo admite que o “novo homeopata” estaria recusando este título ao atribuir à Hipócrates a autoria do princípio *Similia similibus curantur*: mais ainda, cita uma frase de Huchard, onde ele afirma categoricamente estar afastado da doutrina hahnemanniana<sup>432</sup>.

A fabricação de uma conversão, como a do Dr. Huchard, a veiculação da notícia ao público leigo, bem como o debate gerado em torno da notícia revelam a importância de se conseguir mais aliados à homeopatia, e de apresentá-los como tais. Neste processo, que gera a polêmica e a necessidade de “restabelecer a verdade”, uma das coisas mais interessantes é a preocupação dos polemistas em perpetuar suas posições.

Este cuidado estava presente tanto entre os alopatas quanto entre homeopatas, e se dava através da reunião dos artigos em jornal em forma de livro. No caso das polêmicas

---

<sup>431</sup> CAIRO, N. Huchard e a Homœopathia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 de fevereiro de 1909. p.1.

<sup>432</sup> \_\_\_\_\_. Huchard e as doses infinitesimais. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 de março de 1909. p. 1.

relativas às conversões em que Nilo Cairo se envolveu, temos pelo menos três obras resultantes: a do Dr. Pedro Sanches de Lemos<sup>433</sup> e duas do médico homeopata. Cairo publica seus textos sobre a conversão de Huchard, procurando esclarecer aos seus leitores a importância moral da conversão à homeopatia, e as tentativas alopáticas de desmenti-las<sup>434</sup>.

O segundo livro do homeopata paranaense, resultante de seus artigos, foi uma resposta à obra publicada pelo Dr. Sanches Lemos. Em seu prefácio, Nilo Cairo expressa a intenção de preservar seus escritos do esquecimento ao qual os artigos jornalísticos estão destinados, e apresentar uma defesa ao livro de Lemos. A intenção de eternizar suas matérias fica ainda mais clara na apresentação feita pelos editores:

Seria realmente uma perda si taes trabalhos tivessem a vida ephemera dos artigos de jornaes. E quando mesmo, não tivesse utilidade immediata, á mingua de leitores, aguardaria o livro, no pó dos archivios, o momento opportuno, como material que é e de alta valia para o historico da homœopathia em nossa patria.

E, com effeito, do cotejo com o trabalho do seu adversario, o leitor do futuro seria fortemente impressionado pela superioridade de vistas scientifica e philosophica do defensor da homœopathia.(...) E julgando com o criterio historico, isto é, repondo as cousas no seu tempo e no se meio, comprehenderia sem esforço que os apedrejados propagandistas da homœopathia estam na vanguarda do pensamento e do saber medico.<sup>435</sup>

O desejo dos editores do livro de Nilo Cairo revela a esperança que os homeopatas depositam na história e nos historiadores: por considerarem que seu sistema médico estava além de seu tempo, serão os futuros leitores de seus escritos que poderão avaliar melhor e constatar que a verdade estava com os homeopatas. Uma vez que o presente não lhes

<sup>433</sup> LEMOS, P S de. **Os Fundamentos de Minhas Crenças Medicas**. São Paulo : Cardozo F.º & Cia., 1909.

<sup>434</sup> CAIRO, N. **O Dr. Huchard e a Homœopathia**; Resposta á Imprensa Medica. Curityba/S.Paulo, 1910.

<sup>435</sup> \_\_\_\_\_. **A Homœopathia e a Critica**. ( Resposta ao Dr. Pedro Sanches de Lemos). Curityba: Economica, 1909. p. V-VI.

compreende, caberá à história o importante papel de juiz, dando-lhes a posição merecida dentro do universo médico e da sociedade.

Mas será que apenas os alopatas têm a chance de se converter em homeopatas? O caminho inverso poderia ocorrer? A *Revista Homœopathica do Paraná* anuncia um caso que julga o único no Brasil: o do Dr. Dionysio Cabeda Silveiro. A conversão de um homeopata em alopata é descrita como uma *aberração científica*<sup>436</sup>, um *desvio atavico* (uma vez que seu pai e seu avô haviam sido homeopatas), atribuído às dificuldades financeiras e ao desejo de enriquecimento rápido. A conversão de um homeopata à medicina oficial é descrita como uma anormalidade; uma vez que o sistema hahnemanniano é considerado o científico e verdadeiro, seria inconcebível alguém partir de uma situação superior para uma inferior. Tal situação só poderia ser justificada por motivos econômicos, e não intelectuais.

A conversão de alopatas em homeopatas, proporcionada paradoxalmente pelo fato de ambos estarem inseridos no universo médico, serviu como meio de disseminação dos princípios hahnemannianos ao público alvo destes dois sistemas médicos. Convencer os prováveis pacientes da veracidade da homeopatia, através da conversão, não era o único meio de conquistar sua platéia. O público leigo era informado sobre os princípios homeopáticos e seus benefícios por outros processos que não passavam necessariamente pelo contraste com a medicina rival. Pelo contrário: a medicina hahnemanniana utilizava aproximações com a medicina oficial, com o objetivo de seduzir os leigos. É o que será apresentado, a seguir.

---

<sup>436</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a. 2, n. 11, p. 208. nov. 1907.

### 3.3 “O que nossos leitores devem reter...”<sup>437</sup>

Nas várias polêmicas travadas entre alopatas e homeopatas, por motivos que variavam da divulgação de estatísticas, que eram julgadas incorretas, ou a crítica às conversões, um objetivo se mantinha definido: era preciso esclarecer os leigos, não deixar que se “contassem histórias ao público”<sup>438</sup>. Os médicos de ambas as correntes teóricas concordavam neste sentido, mas os adeptos de Hahnemann expressavam um maior interesse e preocupação em estreitar relações com o público leigo, com o objetivo de difundir sua doutrina. Era natural que assim ocorresse, pois a medicina oficial possuía mais “clientes”, uma vez que sua “propaganda” se iniciou antes da divulgação da homeopatia, tanto na Europa como no Brasil<sup>439</sup>.

Vê-se, então, no início do século XX, o mesmo cuidado de estabelecer formas de contato com os pacientes em potencial, que esteve muito presente no momento de introdução da medicina homeopática no país, após 1840. As estratégias e o entusiasmo em ganhar terreno se assemelham, quando se compara ambos os períodos. No momento do qual se trata aqui, têm-se no Dr. Nilo Cairo a expressão dos objetivos e esperanças presentes naqueles que estavam interessados em propagar a medicina de Hahnemann em solo brasileiro:

Em toda a parte essas victorias cabem aos medicos homœopathas: são elles que se reúnem em associações scientificas, que promovem a fundação de sociedades leigas destinadas a instituirem estabelecimentos hospitalares ou outros, e a propagarem a nova medicina, que dirigem revistas periodicas e publicam livros numerosos, que estudam a nossa materia medica e a nossa therapeutica e se lhes desenvolvem os progressos; porque, de facto, é ás cabeças pensantes, que guardam a doutrina sagrada, que compete desenvolvê-la e propagal-a entre aquelles

<sup>437</sup> CAIRO, N. A Homœopathia- XVIII. **A Notícia**, 25 de janeiro de 1906. p. 1.

<sup>438</sup> Homœopathia e Allopathia. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curytiba, a . 3, n. 1, p. 1-15, jan. 1908.

<sup>439</sup> Jurandir Freire Costa, em *Ordem Médica e Norma Familiar*, aborda o momento em que a medicina se faz cada vez mais presente na sociedade brasileira, situando-o no início do século XIX.

que não pódem julgal-a senão pelos seus resultados práticos. Ora, o povo, a massa popular, que é habitualmente alheia ás controversias doutrinaes e ás discussões theoricas, só abraça a Homœopathia pelos resultados praticos que vê ella produzir no tratamento dos doentes: Não é, pois, atravez dos livros theoricos que a Homoeopathia há de penetrar no seio das populações, mas atravez dos medicos homœopathas que souberem, com intelligencia e dedicação, propagal-a pela clinica, pela palavra e pela penna.<sup>440</sup>

Ao falar do entusiasmo generalizado pela homeopatia, que julgava existir na sociedade, Nilo Cairo chama a atenção para a importância do trabalho dos médicos adeptos de Hahnemann, responsáveis pela propaganda da doutrina. Segundo ele, esta *depende de duas ordens de trabalhos: uma de natureza theorica, tendente a levar a convicção ao coração dos nossos adversarios; outra de natureza pratica, tendente a attrahir-nos a clientela popular*<sup>441</sup>.

Para o médico paranaense, o público leigo só se interessaria pelos resultados práticos da homeopatia, isto é, só seria seduzido por ela se pudesse constatar que o sistema realmente proporcionava a cura. Isto só seria possível se a “clientela popular” fosse convencida a experimentar a homeopatia, ou tivesse dados que comprovassem a supremacia do tratamento homeopático sobre o alopático. Para tanto, caberia aos médicos a missão de convencer seu público e apresentar-lhes resultados, estatísticos e qualitativos, através da clínica, verbalmente ou pela propaganda impressa.

Para contribuir com a apresentação de resultados e informações que familiarizassem os leigos com a doutrina homeopática, vários meios foram utilizados. A própria *Revista Homœopathica do Paraná* se propunha a atingir esta categoria de leitores<sup>442</sup>, e a julgar pela

<sup>440</sup> UM APPELLO. **Revista Homœopathica do Paraná**, a . 2, n. 4, p. 61-5, abr. 1907.

<sup>441</sup> Idem.

<sup>442</sup> NOSSO Programma. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a . 1, n. 1-3, p. 1-3, jan/mar. 1906. A revista chegava a oferecer, ainda, o fornecimento de qualquer informação sobre medicamentos, livros e revistas homeopáticas aos leigos, além de se dispor a realizar, por correspondência, consultas médicas aos

tiragem de 2.500 exemplares<sup>443</sup>, sua intenção era clara. O periódico trazia artigos de vários homeopatas, onde descreviam a terapêutica experimentada nos mais diferentes casos; um artigo inicial ou editorial, geralmente com comentários sobre a situação da homeopatia, comunicando falecimentos de médicos ou expondo a opinião sobre debates entre alopatas e homeopatas; a coluna de Notícias, que trazia as novidades e acontecimentos relativos aos adeptos de Hahnemann no Brasil e nos países com os quais a revista mantinha contato; a seção de Bibliografia, onde eram comentadas alguns lançamentos e a de Permuta, que indicava com quais periódicos isto ocorria.

Dentre todas as seções presentes na *Revista Homœopathica do Paraná*, uma representava o que Nilo Cairo julgava estar mais ao gosto e ao entendimento do leitor leigo: a de Clínica Homeopática, onde vários médicos escreviam, mais freqüentemente o Dr. Olyntho Dantas. Expor os mais diferentes casos ocorridos na clínica relatando a terapêutica homeopática utilizada, assim como seus resultados, era o objetivo da coluna de Clínica Homeopática, que se apresentava em linguagem acessível. Entretanto, não só os conselhos para o uso deste ou daquele remédio em casos determinados podem ser apreendidos na leitura da coluna: nela, percebe-se qual era o conceito que os homeopatas faziam de seus clientes.

Um dos perfis apresentados pelo médico sobre seu paciente é a inquietação, a falta de paciência durante o processo terapêutico. No tratamento homeopático, onde muitas vezes era preciso experimentar vários medicamentos até se obter o ideal, isto era ainda mais preocupante. Um “paciente impaciente” teria inclinação para tomar suas próprias decisões a respeito do tratamento, o que não agradava a nenhum médico, nem mesmo aos homeopatas.

---

residentes em localidades onde não houvessem médicos homeopatas. Cf. AVISOS. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a. 4, n. 4, p. 103, abr. 1909.

<sup>443</sup> Tiragem do a. 4, v. 12, de dezembro de 1909.

O Dr. Olyntho Dantas cita um caso de pleuro-pneumonia em uma menina, cujo tratamento não pôde dar seqüência por ter sido a doente removida sem seu conhecimento. Assim se manifesta o Dr. Dantas sobre o caso:

Há-de parecer estranhavel que a doentinha fosse removida para a capital sem minha audiencia e – de facto – a cousa o é; aqui muda-se de medico com uma facilidade só explicavel pela ignorancia de quem se julga habilitado a resolver em assumpto que escapa á sua competencia. Que fazer? Não é possivel ensinar medicina a todo o mundo e nem provavel que se modifique o proverbio – de presumpção e agua benta cada um toma a quantidade que quer.<sup>444</sup>

Apesar da visão diferenciada que a homeopatia se propunha a ter do doente, dando-lhe maior poder de manifestação sobre a sua moléstia, se comparada com a medicina oficial, o médico discípulo de Hahnemann esperava obediência de seu paciente. Embora oferecesse acesso ao leigo à automedicação homeopática, seguindo a indicação da vasta bibliografia oferecida para este fim, os homeopatas não admitiam a insubordinação ao médico, uma vez que este fosse escolhido. Não obedecer, ser rebelde ao tratamento ou querer mudá-lo por conta própria significava a desconfiança na homeopatia, não dando a oportunidade a esta de mostrar sua eficácia. Outro caso, relatado por Olyntho Dantas, onde, no momento em que o médico vinha obtendo a melhora da paciente, fora obrigado a interromper o tratamento. Ele esclarece a situação:

Avalie-se a minha surpresa quando no dia seguinte, bem cêdo recebo uma carta do pae da creança dizendo-me que – *coagido pelos padrinhos* daa menina – era levado a suspender o tratamento homœopathico, passando a doentinha aos cuidados de um allopatha, pois não queria que se dissesse, caso a menina viesse a fallecer, que não exgotára todos os recursos! Passados dois dias de tratamento allopathico a creança falleceu, o que era de prever.(...)

---

<sup>444</sup> DANTAS, O. Clinica Homœopathica – XXVI. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a . 2, n. 6, p.114, jun. 1907.

Acredito que se continuasse o tratamento homœopathico a doentinha teria sido salva, já estando desembaraçada da crise cerebral que tanto me sobressaltou; mas a intervenção dos *compadres* liquidou a doentinha.

Os leitores desta “Revista” acharão, sem duvida, singular essa interferencia *compadresca* no tratamento dos afilhados e não há senão motivos de estranheza; entretanto, nas camadas incultas do povo isso é bem commum, pois os compadres se consideram paes espirituaes e agem muitas vezes com mais efficacia que os paes *biologicos*... Simples effeito do argentarismo, que envolve-se até em assumpto em que não devia metter o nariz ignorante e insolente.<sup>445</sup>

O Dr. Dantas, ao expressar sua indignação contra a interferência de parentes no tratamento prescrito por um médico, julga contar com a compreensão dos leitores da *Revista Homœopática do Paraná*, doutos ou leigos, mas sábios. O paciente que conhece e aceita o tratamento homeopático é retratado, então, como uma pessoa erudita, em analogia aos “ignorantes” que desprezam e interrompem os cuidados homeopáticos, por pressa na cura ou medo do fracasso, atribuído, pelos médicos, ao desconhecimento.

Assim como o clínico homeopata é considerado um médico melhor preparado, por ter conhecimento da teoria hahnemanniana e da medicina oficial<sup>446</sup>, também é o doente que adota o tratamento homeopático. Esta representação é observada, ainda, na propaganda homeopática dirigida aos leigos: em um jornal curitibano, por exemplo, um fabricante de medicamentos homeopáticos oferece seu produto *ao culto povo de Curityba*<sup>447</sup>.

À ignorância em relação aos princípios básicos que regiam o tratamento homeopático, principal causa da impaciência, somava-se a bagagem terapêutica que o público leigo já possuía, advinda da medicina oficial. Para o “povo”, como se referiam os médicos homeopatas, já tinha se difundido, pela experiência em consultório ou através da propaganda farmacêutica, uma série de medicamentos alopáticos que corresponderiam a

<sup>445</sup> \_\_\_\_\_. Clinica Homœopathica – XXX. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 2, n. 9, p.166, set. 1907.

<sup>446</sup> Conforme foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>447</sup> REMEDIO Homœopathico do Prof. Dr. Mauch. **Diario da Tarde**, Curityba, 14 de janeiro de 1911. p. 3.



outra série de doenças. Isso dificultava a assimilação, por parte do doente, do medicamento homeopático, singular em suas características, e era mais um fator que proporcionava a intervenção deste no tratamento. Sobre esta falta de conhecimento leigo, queixava-se, novamente, o Dr. Dantas: *o povo, por sua vez, não compreende que se trate doente com tosse sem xarope: é uma palavra cabalística esta*<sup>448</sup>.

Habituação à terapêutica propalada pela medicina oficial, que descrevia a doença como um agente que deveria ser combatido, como numa batalha, o público leigo aceitava melhor a idéia de que, quanto mais medicamentos fossem ministrados, melhor. Era como se fosse necessário fazer uso de uma “munição” maciça, em curto espaço de tempo, para que a doença não tivesse chance de vitória. Neste sentido, a homeopatia representava uma medicina “suave”, que utilizava poucos medicamentos de cada vez, considerados fracos. Isto aumentava ainda mais a desconfiança do paciente e seus parentes, como lamentava o Dr. Licínio Cardoso:

O doente, porém, não é um instrumento docil nas mãos do medico que deseja observar: o clinico tem a lutar com a inquietação do paciente e, mais, com a soffreguidão, muitas vezes injustificavel, da familia delle. O medico homœopatha que pretenda tratar com um remédio só em doses espaçadas, qualquer caso morbido cujas melhoras não se manifestem logo positivas, não o conseguirá: há de ser impedido de o fazer pela desconfiança, pela incredulidade e pela impaciência do doente e dos seus affins.<sup>449</sup>

O doente desconhecedor da homeopatia, além de não ter a possibilidade de compreender e aceitar esta corrente médica, representava, para os discípulos de Hahnemann, um alvo fácil para a medicina oficial. Assim, esclarecer o público leigo

<sup>448</sup> DANTAS, O. Clinica Homœopathica – XXXIII. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a . 2, n. 12, p. 222, dez. 1907.

<sup>449</sup> CARDOSO, L. Bufo Rana. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a . 2, n. 8, p. 153, ago. 1907.

significaria protegê-lo das *unhas da allopathia*<sup>450</sup>, para os homeopatas sempre ávidas em lucrar com o sofrimento alheio. Olyntho Dantas denunciava: *Uza-se (sic) e abusa-se por uma aberração therapeutica e especula-se para auferir maiores proventos da clientela incauta!* Outra vantagem de se conhecer e recorrer à homeopatia seria, então, econômica.

Um paciente que adotava a homeopatia era, para os médicos que a praticavam, alguém esclarecido, pronto para defendê-la, por experiência própria, junto aos públicos leigo e médico. Atestar a legitimidade da medicina hahnemanniana através do depoimento de alguém que obteve a cura utilizando sua terapêutica, seria tão importante, ou até mais, do que provar sua autenticidade por meios científicos. Isto era ainda mais significativo quando o paciente abandonava a alopatia e optava pelo tratamento homeopático.

Muitas vezes, o mesmo espírito de iniciativa que fazia com que o doente passasse do tratamento homeopático para o alopático favorecia ao primeiro, como relata o Dr. Mamede Rocha, na *Revista Homœopathica do Paraná*. Ele havia prestado cuidados a uma moça que, segundo diagnóstico de um médico alopata, sofria de tuberculose, doença gravíssima na época. O médico alopata julgara o caso perdido, tendo a família optado por recorrer a um homeopata.

Após realizar o exame, o Dr. Rocha coloca à família um diagnóstico diferente do primeiro, que atestava um caso de pneumonia crônica. Apesar da desconfiança dos parentes, que julgavam a moça tuberculosa, conforme indicação do primeiro médico, o homeopata pode iniciar a terapêutica, que obteve grande sucesso. Estando sua paciente curada, fez uma visita ao seu antigo médico alopata, como relata Mamede Rocha:

---

<sup>450</sup> DANTAS, O. Clinica Homœopathica – XXXIII. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 12, p. 222, dez. 1907.

Tendo a doente voltado para a sua residencia, o seo antigo medico, quando viu-a em companhia do pae, exclamou: – Oh! grande coisa é o clima!

Mas este, que é dotado de fino espirito, respondeo-lhe: – Sim, o clima é grande coisa, mas a homœopathia ainda é maior!

E contou-lhe como se tinha operado a cura. Naturalmente o colega encolheu os hombros e...não se conformou.<sup>451</sup>

Para se obter a aliança do público leigo, potenciais pacientes que podem se revelar indóceis e cujo poder de escolha não poderia ser desprezado, era preciso investir cada vez mais na propaganda homeopática. Como defendia Nilo Cairo, esta deveria ser feita de forma a valorizar os aspectos práticos da doutrina hahnemanniana, apresentando sempre seus resultados positivos. Além de artigos que relatavam o sucesso da medicação homeopática, a *Revista Homœopathica do Paraná*, assim como os *Annaes de Medicina Homœopathica*, divulgavam a vasta bibliografia destinada aos não doutos que quisessem se aprofundar e fazer uso da homeopatia.

As obras destinadas ao público leigo estabeleciam um contato ainda mais direto entre estes e os homeopatas, e através delas se percebe qual o conteúdo prático, relativo aos ensinamentos de Hahnemann, que os médicos queriam transmitir a este tipo de leitor. Basicamente, elas se dividem em guias, destinados a dar ao leitor um acesso mais rápido aos serviços e produtos homeopáticos; obras gerais, sobre doenças específicas ou emitindo opinião pública sobre determinado assunto e os manuais. Estes continham as informações necessárias que possibilitassem àqueles que não fossem médicos homeopatas a fazer uso desta medicina, em si ou em seus próximos.

Ativo propagandista, Nilo Cairo se preocupou, em 1907, em editar o *Guia Homœopathico Brasileiro para 1908*. Este, assim como o seu sucessor de 1909, fornecem uma idéia do objetivo deste tipo de obra. A *Revista Homœopathica do Paraná*, em seu

---

<sup>451</sup> ROCHA, M. Pela Clinica – I. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a . 2, n. 9, p. 169, set. 1907.

número de novembro de 1907, fazia propaganda da publicação do Dr. Cairo, descrevendo seu conteúdo: era um indicador de 100 páginas, onde havia uma introdução, dissertando sobre a história da homeopatia no Brasil; um apêndice, com o nome dos homeopatas falecidos que clinicaram no país; uma lista dos médicos homeopatas que clinicavam no Brasil, até aquele momento e outra dos licenciados clinicando no Rio Grande do Sul; uma relação das farmácias, associações publicações, hospitais, dispensários homeopáticos e, por fim, as obras publicadas no Brasil até 1907.<sup>452</sup>

A listagem diferenciada para médicos formados e licenciados – estes do Rio Grande do Sul, cuja legislação lhes permitia o exercício da profissão – excluindo qualquer agente de cura que não tivesse aparato legal para o exercício da medicina, demonstra a preocupação dos homeopatas em atuar dentro do espaço institucional. Apesar de defenderem a liberdade profissional, a medicina homeopática apenas admite como portavozes, diante de sua platéia, aqueles que são reconhecidos como habilitados pela medicina oficial. Mesmo a inclusão dos médicos licenciados merece uma justificativa, que revela uma limitação na aceitação da liberdade profissional: *Como o n.º. de medicos homœopathas não dá ainda para satisfazer ás necessidades do povo, há grande n.º. de praticos, homens inteligentes, dotados muitos d’elles de capacidade superior e que com grande abnegação e devotamento curam os doentes pobres*<sup>453</sup>.

Também contendo o mesmo caráter informativo, o *Guia Homœopathico Brasileiro para 1909* é publicado com a proposta de fornecer os principais dados sobre a homeopatia referentes àquele ano. Com o prefácio assinado por Nilo Cairo e Alberto Seabra, que então faziam parte da redação da *Revista Homœopathica Brasileira*, a obra era menos volumosa

<sup>452</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 11, p. 211-13, nov. 1907.

<sup>453</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 3, n. 3, p. 51, mar. 1908.

que a primeira. Conforme explicavam os redatores, a história da homeopatia no Brasil até 1907, publicada no número anterior, estava sendo substituída pela história da homeopatia em 1908.

Este esclarecimento sobre as modificações sofridas no Guia de 1909 revela a importância tida, para os homeopatas, em relembrar a história da sua medicina. Aqui fica claro não só a relevância da história para o grupo médico, como legitimadora de suas práticas, que foi colocada no primeiro capítulo deste trabalho. Exposta ao público leigo num indicador, contada segundo a visão própria dos médicos homeopatas e constantemente atualizada, a história tem como objetivo registrar e divulgar os embates, vitórias e injustiças sofridas pela medicina hahnemanniana no Brasil.

Como discurso legitimador, agora divulgada para a sociedade em geral, a história é construída de modo a pontuar os acontecimentos considerados relevantes pelos médicos homeopatas: as conversões ocorridas, as polêmicas travadas com os alopatas, ressaltando a supremacia dos homeopatas, a fundação de associações e enfermarias, as publicações de trabalhos no Brasil. A história da homeopatia aponta para cima e para adiante, como se fosse afirmar sua inevitável vitória num tempo vindouro. Assim, o *Guia Homœopathico Brasileiro para 1909* se propõe a assinalar *os progressos da Homœopathia no Brazil durante 1908*<sup>454</sup>, além de fornecer, como seria de se esperar, dados práticos como os endereços dos consultórios médicos homeopáticos brasileiros.

Outra categoria de publicações dirigidas aos leitores leigos é a dos manuais que, mais simplificados que as Matérias Médicas homeopáticas, proporcionam a utilização da terapêutica homeopática àqueles que tivessem acesso à leitura e aos medicamentos, muitas

---

<sup>454</sup> GONÇALVES, N. Introdução. In: REVISTA Homœopathica Brasileira. **Guia Homœopathico Brasileiro para 1909**. Curitiba: Alfredo Hoffmann, 1909.

vezes vendidos em pequenas “boticas” , geralmente nas farmácias. Assim, qualquer pessoa poderia ser capaz , com as instruções contidas nos manuais, de fazer o diagnóstico da doença, o prognóstico, e até mesmo fazer o medicamento, utilizando as substâncias contidas nas boticas homeopáticas.

Os manuais foram estratégias de divulgação utilizadas desde o período de introdução da homeopatia no Brasil. Servindo também como bibliografia importante aos médicos que quisessem se tornar homeopatas, destinavam-se, principalmente, ao público em geral, como revela o título integral da obra do Dr. Mello Moraes, datada de 1855: *Materia Medica ou Pathogenesis Homœopathica contendo a exposição scientifica e pratica dos caracteres e efeitos dos principaes medicamentos homœopathicos, colligida e posta ao alcance do povo*<sup>455</sup>. Apesar do início do século XX marcar uma nova estratégia de inserção social por parte da medicina homeopática, esta não dispensou nem depreciou a importância dos manuais: eles apenas se adaptaram às peculiaridades do momento.

Um dos mais conhecidos manuais do gênero, publicado no início do século XX, é o *Pequeno Guia Homœopathico para Uso do Povo*, de 1907, e que é editado até hoje com o título adotado em sua edição de 1913: *Guia de Medicina Homeopathica*. Antecipando o lançamento do livro de Nilo Cairo, o periódico do Instituto Hahnemanniano comentava: *Estamos anciosos por ler este novo trabalho, que, registrando o estado presente da homœopathia em todo o territorio nacional, será uma fonte segura de informações para o futuro historiador.*<sup>456</sup>

Embora os *Annaes* ressaltassem a importância das informações contidas no *Guia* de Nilo Cairo, que pudessem ser úteis num futuro redentor proporcionado pela história, nesta

<sup>455</sup> MORAES, A. J. de Mello. **Materia Medica ou Pathogenesis Homœopathica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1855. 2 v.

<sup>456</sup> NOTICIARIO. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a.a . 9, n. 9, p. 261, set. 1907.

obra Cairo visava proporcionar a praticidade ao público leigo. A revista editada pelo médico paranaense trazia comentários dos periódicos nacionais e internacionais com os quais mantinha contato e que haviam recebido um exemplar do livro. O *Journal Belge d'Homœopathie* apresentava o *Pequeno Guia Homœopathico* explicando que ele era composto por duas partes: a primeira classificava as doenças por ordem alfabética e trazia, junto de cada uma delas, os principais medicamentos indicados. A segunda parte trazia a patogenesia, isto é, a descrição das características de 120 medicamentos homeopáticos, de forma resumida e em ordem alfabética. Por fim, comentava o periódico belga:

O autor eliminou todos os detalhes que poderiam fazer nascer uma duvida no espirito do leitor; elle não menciona para cada molestia senão os medicamentos mais conhecidos e mais bem indicados. (...)

O *Pequeno Guia* do Dr. NILO CAIRO se recommenda sobretudo por sua clareza, sua simplicidade e sua concisão. Elle servirá de *aide-mémoire* aos medicos homœopathas, e permittirá a qualquer pessoa não iniciada emprehender, com alguma probabilidade de sucesso, o tratamento das molestias mais communs.<sup>457</sup>

Nota-se, pelos comentários sobre o *Pequeno Guia Homœopathico*, a preocupação em se elaborar uma literatura específica para o público leigo: algo que trouxesse apenas as informações primordiais para que ele fosse capaz de reconhecer as principais doenças e ministrar a terapêutica adequada. Era preciso “não confundir”; e, com esta intenção, o autor do manual acabava por ressaltar, para o não médico, aquilo que a medicina homeopática procurava evitar em sua filosofia: a não individualização do doente, focalizando apenas a doença e seu medicamento correspondente. Esta alteração na teoria hahnemanniana demonstra a elaboração diferenciada do discurso homeopático, desta vez apresentado a um mercado mais amplo.

<sup>457</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a . 3, n. 4, p. 75, abr. 1908.

Esta característica do *Guia* não é abandonada em sua segunda edição, onde Nilo Cairo acrescenta outras informações, a ponto de tornar o livro tão volumoso que não pode mais ser denominado de *Pequeno Guia*, mas não abre mão dos objetivos de sua primeira edição, que são novamente ressaltados:

Publicado o presente *Guia Homœopathico*, não nos movem outros intuitos senão os de propagar a única e verdadeira Medicina que só póde hoje substituir os arruinados systemas de curar da velha escola, o de collocar nas mãos de nossos confrades leigos um livrinho que, pela sua simplicidade, possa ser comprehendido por todos e ministre indicações precisas sobre o tratamento homeopathico das principaes molestias que se encontra diariamente.<sup>458</sup>

Aqui, Cairo expressa a intenção completa de seu manual: propagar a medicina homeopática entre o público em geral, através da constatação, por parte deste, do sucesso da terapêutica hahnemanniana. Isso seria obtido com mais sucesso se o leitor fosse direcionado, o máximo possível, pelo autor, que indicava os medicamentos mais freqüentemente utilizados para cada moléstia, o que deixava pouco espaço para a individualização. O leigo era estimulado a adotar a homeopatia, mas seria guiado, até quanto fosse possível, pelo médico.

Estas características dos manuais homeopáticos são observadas também em outras obras do mesmo gênero. O prefácio da obra *A Homœopathia ao alcance de todos*, traduzida do francês, ressalta seus objetivos populares, colocando, ainda, uma visão restritiva para a atuação do leigo diante da doença:

É esta publicação feita, como o seu nome indica, com o intuito de levar ás pessoas extranhas á sciencia medica o conhecimento deste fecundo e importante systema therapeutico, que de dia para dia vae ganhando terreno... Nella o leitor alheio aos conhecimentos medicos

---

<sup>458</sup> CAIRO, N. **Guia de Medicina Homeopathica**. Curityba : Economica, 1913. p. 8.



encontrará em breves palavras a descrição das causas e dos symptomas das principaes molestias, algumas das quaes pôdem ser conjuradas sem a intervenção do facultativo, e em muitas outras pôde-se prevenir um desfecho fatal, administrando desde logo a medicação conveniente.<sup>459</sup>

A intervenção do leigo no processo de adoecimento é aceitável ou quando a moléstia é de pouca importância, ou quando é urgente que se aja terapeuticamente. As informações contidas nos manuais visam suprir estes casos, não pretendendo dar formação médica a uma pessoa não iniciada nos bancos acadêmicos. Não há substituto para a atuação do médico: o leigo só poderá agir paliativamente. Na verdade, o estímulo a este tipo de intervenção serve como trampolim para uma futura busca ao médico homeopata, em situações onde o indivíduo leigo se via incapacitado para agir.

O papel de elo de ligação entre o médico homeopata e seu potencial paciente desempenhado pelos manuais é esclarecido numa das edições de *O Medico Homœopatha da Familia*, do Dr. Bruckner. A primeira edição portuguesa, datada de 1897, logo se esgotou tamanho a procura, sendo continuamente reeditada<sup>460</sup>. Em 1906, a *Revista Homœopathica do Paraná* chamava a atenção para o lançamento da segunda edição, em 1903, melhorada e aumentada com novas indicações e gravuras. Sua primeira edição brasileira, datada de 1924, trazia comentários de Nilo Cairo sobre a importância deste gênero de publicação:

O bom livro, o livro acessível de terapêutica homeopática é, pois, o principal fator da propaganda da homeopatia nas massas populares; é ele, na realidade, que dá clientela aos médicos homeopatas; é ele ainda que supre o médico homeopata, onde este não existe, é ele que faz o curandeiro e a clientela do curandeiro; é ele, em suma, que faz no povo as

<sup>459</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 2, p. 40, fev. 1907.

<sup>460</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 1, n. 7, p. 91, jul. 1906.

convicções em medicina e que pouco a pouco vai solapando os antigos hábitos das tisanas, dos xaropes e das injeções...<sup>461</sup>

Esta afirmação do médico paranaense, condizente com seu pensamento dezessete anos anterior, em que ressaltava o caráter prático que deveria ter a informação destinada ao leigo, novamente destaca a importância didática dos manuais homeopáticos. Eram eles peças fundamentais na mudança de mentalidade da sociedade em geral, julgada imprescindível, para os médicos homeopatas, na conquista de pacientes. Por sua importância, revistas homeopáticas como a paranaense traziam constantemente, na seção de Bibliografia, os comentários e indicações dos principais lançamentos e reedições que se destinassem ao público leigo.

Mas nem sempre o destaque para os manuais homeopáticos publicados era totalmente positivo. A notícia do recebimento, pela redação da *Revista Homœopathica Brasileira*, de uma nova edição do livro *O Novo Medico*, é dada de maneira comedida:

É *O Novo Medico* um guia therapeutico congenere do celebre manual do DR. HUMPREYS: pois os 36 *especificos*, com que joga em todas as molestias, são *remedios complexos* como os remedios do DR. HUMPREYS, isto é, são remedios, dos quaes cada um é um composto de dous ou tres medicamentos da nossa materia medica. O Sr. VISCONDE DE SOUZA SOARES, logo no começo do seu livro, dá a composição de cada um dos seus *especificos*; e pela applicação que, adiante, faz delles nas diversas molestias, vê-se claramente que a indicação de cada um é fornecida pela pathogenesis dos seus componentes.(...)

Reduzindo o tratamento de todas as molestias ao jogo dos seus 36 *especificos*, quis evidentemente o Sr. VISCONDE DE SOUZA SOARES facilitar o uso da homœopathia áquelles que não pôdem possuir em casa grande copia dos nossos medicamentos simples; infelizmente, como são *remedios complexos*, nenhuma opinião podemos dar sobre sua efficacia.<sup>462</sup>

<sup>461</sup> BRUCKNER. **O Médico Homeopata da Família**. Sexta edição portuguesa e primeira brasileira corrigida e melhorada pelo Dr. Nilo Cairo. Rio de Janeiro : Almeida Cardoso & Cia, 1924. p.9.

<sup>462</sup> BIBLIOGRAPHIA. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a . 3, n. 12, p. 222, dez. 1908.

Embora prezasse pela simplicidade dos manuais homeopáticos, nem toda a simplificação era aprovada. No caso da obra de Souza Soares, por utilizar medicamentos complexos, no estilo do Dr. Humpreys<sup>463</sup>, o periódico editado no Paraná se abstinha de comentar sobre a eficácia da medicação indicada. Apesar de ser favorável ao uso dos medicamentos complexos, como foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho, Nilo Cairo era contra generalizar e aconselhar esta forma de terapêutica. Como um dos redatores da *Revista Homœopathica Brasileira*, então, optava por não defender, diante do público leigo, os medicamentos complexos, ponto de discórdia interna dos homeopatas.

Preocupados, muitas vezes, com a versatilidade de suas obras, os autores dos manuais homeopáticos eram flexíveis também com as noções de doença e doente apresentadas ao público leigo. O Dr. Sabino Pinho, autor do *Thesouro Homœopathico ou Vade-mecum do homœopatha*, iniciava seu livro com uma introdução, esclarecendo aos leitores os objetivos de seu trabalho, prevenindo-os dos curiosos que, de posse de suas informações, julgam-se mais habilitados do que os médicos e explicando algumas noções homeopáticas primordiais, como a de força vital, medicamento dinamizado, saúde e doença.

Apesar da abordagem de aspectos doutrinários, portanto com um conteúdo mais abrangente do que outros manuais, o *Thesouro Homœopathico* se valia de aspectos próprios da medicina oficial, ao sugerir o meio de individualização dos medicamentos, e ao enumerar as doenças. No primeiro caso, o Dr. Pinho utilizava-se da divisão humoral de temperamentos, a fim de caracterizar os indivíduos: linfático, sangüíneo, bilioso, melancólico e nervoso. No segundo, classificava as enfermidades segundo sua localização

---

<sup>463</sup> Os específicos do Dr. Humpreys eram medicamentos norte-americanos surgidos no final do século XIX, vendidos geralmente em “boticas” que traziam as indicações de cada um deles.

no organismo promovendo a secção do homem, indesejável numa medicina que dizia ver o ser humano numa totalidade, e que criticava a “medicina dos pedacinhos”.<sup>464</sup>

Os aspectos doutrinários da homeopatia eram, geralmente, abordados em artigos de jornais quando destinados ao público leigo. Isto não impedia sua divulgação em forma de livros ou folhetos, como é o caso da série publicada, em 1900, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, pelo Dr. Saturnino Meirelles. Editado sob a forma de folheto, o texto do Dr. Meirelles traz ao leitor os principais conceitos homeopáticos, enquadrando-os no estatuto de ciência<sup>465</sup>.

Menos densos do que a obra de Saturnino Meirelles, os folhetos de Olyntho Dantas, *Carta Aberta ao Povo*, de 1906 e *Ao Povo. Allopathia e Homœopathia*, do ano seguinte, pretendiam explicar os principais aspectos da doutrina hahnemanniana através de sua contraposição com a alopatia, já conhecida do público leigo. Assim explica a *Revista Homœopathica do Paraná*, as intenções de *Carta Aberta ao Povo*:

O juizo errado – diz elle ao começar – e nada lisonjeiro que a grande maioria do povo, inclusive letrados, forma da *Homœopathia*, levando-os a preferir o *velho* e *pernicioso* tratamento geralmente conhecido pela designação de *allopathia*, faz-me procurar trazer a vosso espirito as luzes necessarias para quem bem comprehendais esse grande e vantajosissimo systema de tratamento de molestias. Mas, para que isso possa conseguil-o é necessario que vos dê uma noção succinta do que seja – *molestia* –; dos meios de que lança mão o organismo para livrar-se d’ella sem auxilio de medicamentos, isto é, do mecanismo expontaneo da cura; dos systemas de tratamento das molestias; das acções dos medicamentos; e finalmente da Homœopathia e suas vantagens.<sup>466</sup>

<sup>464</sup> PINHO, S. O . L. *Thesouro Homœopathico ou Vade-Mecum do Homœopatha*. Pernambuco : Medico do Povo, 1908.

<sup>465</sup> MEIRELLES, S. S. de. *Conceitos sobre a Doutrina Homeopathica ou Hahnemanniana*. Rio de Janeiro : Rodrigues & Cia, 1900.

<sup>466</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 1, n. 5, p. 53, maio. 1906.

As noções sobre homeopatia fornecidas por folhetos que tratavam de seus aspectos filosóficos eram mais um meio de se atingir o público leigo, desta vez interessado em se aprofundar mais na doutrina médica. Outro tipo de obra específica também estava à disposição deste público, oferecendo explicações mais amplas sobre determinados assuntos, mas que tinham um caráter mais prático. É o caso das publicações que tratavam de uma única moléstia.

Nilo Cairo foi um dos autores médicos que mais lançou este tipo de obra. São dele: *Tratamento Homœopathico da Coqueluche*, de 1906; o *Tratamento Homœopathico da Influenza*, de 1907; *Tratamento Homœopathico das Diarrhéas Infantis*, de 1908 e o *Tratamento Homœopathico das Molestias Tropicaes*, de 1909. Novamente os títulos levam a crer um rompimento com a idéia de não se tratar das moléstias e sim dos doentes, individualizando-os. Neste caso, o autor se utiliza da noção de que doenças epidêmicas ou que ocorressem em larga escala poderiam ser generalizadas.

É claro que a preocupação em reunir informações sobre o tratamento de uma doença específica – seja no caso dos manuais ou dos livretos – não se limitava apenas à obediência ou não dos princípios da doutrina hahnemanniana. Como se viu, era preciso pensar em atingir o público leitor. Uma das maneiras de despertar o interesse deste era abordar sobre moléstias que estivessem recebendo a atenção no momento. Era o caso da coqueluche, como explica o jornal curitibano *Diario da Tarde*:

O Sr. Dr. NILO CAIRO teve a gentileza de enviar-nos um folheto, que acaba de publicar, em que expõe o tratamento homœopathico da coqueluche e o regimen a seguir pelos doentes.

Aconselhamos às mães de familia a sua leitura, principalmente agora que reina com intensidade a epidemia de coqueluche, trazendo

frequentemente complicações, que podem ser evitadas seguindo o regimen aconselhado pelo Dr. CAIRO.<sup>467</sup>

O *Tratado Homœopathico da Coqueluche*, quase que como os demais fascículos de Nilo Cairo, traz conselhos de dieta, tratamento medicamentoso, as características e complicações da doença. Preocupando-se com sua divulgação junto ao público leigo, o homeopata envia um exemplar aos jornais da então cidade de sua residência, a fim de atingir o maior número de pessoas. A estratégia de propaganda feita através dos folhetos englobava, ainda, sua linguagem, que deveria ser acessível, e a praticidade dos conselhos que oferecia. Ressaltando estes últimos atributos, o redator da *Revista Homœopathica Brasileira* assim fazia a propaganda da publicação *Tratamento Homœopathico das Diarrhéas Infantis*:

Nesta brochura, depois de descrever as differentes fórmulas de diarrhéas das creanças, expõe o auctor, em 30 regras praticas e concisas, o tratamento preventivo dessa molestia; em seguida, em 15 outros artigos, dá conselhos sobre a *dieta* a prescrever nesses casos a esses doentinhos; e finalmente, num ultimo capitulo, são colleccionadas as indicações precisas, sobretudo segundo a experiencia pessoal do auctor, de cêrca de 40 medicamentos homœopathicos, com a indicação das doses e modo de tomal-as.

Procurando pôr seu trabalho ao nivel das pessoas pouco affeitas ás cousas de medicina, o auctor eliminou systematicamente delle todos os termos technicos, reduzindo á linguagem comprehensivel para todos.<sup>468</sup>

Os folhetos e obras elaborados a partir de uma única doença, aproveitavam o fato da mesma estar ocorrendo no momento de suas publicações, ou ser muito freqüente. Apesar de haver uma maior mobilização das pessoas em torno do assunto, quando afetadas direta ou indiretamente por uma moléstia, o público leigo não deixava de ser informado sobre o

<sup>467</sup> BIBLIOGRAPHIA. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curitiba, a . 1, n. 10, p. 145-6, out. 1906.

<sup>468</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a . 3, n. 7, p. 132, jul. 1908.

assunto cotidianamente. Isto era feito através dos jornais diários, cujos artigos também seguiam as estratégias discursivas adotadas nas publicações destinadas ao público em geral.

### 3.4. Pelas páginas do *Diário*

Assuntos como aspectos doutrinários, doenças ou medicamentos específicos encontravam um maior espaço nas páginas dos jornais diários. Estas não serviam apenas como palco de disputas entre alopatas e homeopatas, mas também veiculavam as mensagens, o material simbólico que estes últimos destinavam ao público leigo. No início do século XX, muitos homeopatas disseminavam seus discursos, principalmente através dos jornais das localidades em que residiam, com artigos esparsos ou em sequência. Assim, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicava, em abril de 1907, os discursos de Licínio Cardoso e Saturnino Soares de Meirelles, pronunciados por ocasião do aniversário natalício de Hahnemann<sup>469</sup>. No mesmo ano, Nery Gonçalves, de Ribeirão Preto, escrevia no *A Cidade*, uma série de artigos intitulados *Palestras Medicas, Homœopathia e Allopathia*<sup>470</sup> e Mamede Rocha, na *Gazeta Popular* de Amparo, veiculava *uma série de artigos populares sobre a Homœopathia*<sup>471</sup>.

Os vários artigos, esparsos pelos diversos jornais brasileiros, dão uma idéia da vontade e necessidade dos médicos homeopatas em ter um canal de comunicação direta com o público. Mas, o que queriam transmitir àqueles que os liam? Novamente é Nilo Cairo quem fornece alguns dos elementos mais importantes presentes no discurso que os homeopatas faziam aos leitores dos jornais diários.

<sup>469</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 4, p. 76, abr. 1907.

<sup>470</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 7, p. 142, jul. 1907.

<sup>471</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 11, p. 210, nov. 1907.

No período entre novembro de 1905 e abril de 1906, ele escreve uma série de artigos intitulados *A Homœopathia*. Inicialmente publicados pelo jornal curitibano *Diário da Tarde*, os artigos tiveram sua seqüência no jornal *A Notícia*, em janeiro de 1906. Em seu primeiro texto, Cairo dá um panorama da problemática que irá apresentar aos leitores, quase que diariamente:

Todos falam da homœopathia e a maior parte, sobretudo entre seus adversarios, não sabem com justeza o que ella é; porque na realidade, não há questão scientifica que tenha sido mais embrulhada e mais desnaturada do que ella.

Amaldiçoada sem appellação pelos seus inimigos, que nella, por muito tempo, só viram o charlatanismo com que exploradores da credence popular illudiam a boa fé do publico leigo, vê a homœopathia, entretanto, approximar-se, no começo do XX século, a hora inevitável em que obterá tambem esses foros de sciencia que a medicina official por tantos annos injustamente lhe negou. O momento de reconciliação entre as duas antagonicas não está longe: todas as preciosas acquisições scientificas da hora presente legitimam um tratado de paz e fazem raiair no horisonte a esperança de uma confraternisação completa, que até agora se tem tornado impossivel devido ás violentas paixões de uns e aos exageros doutrenarios de outros.<sup>472</sup>

As primeiras palavras de Nilo Cairo aos seus leitores procuram retratar a homeopatia como uma corrente médica incompreendida e injustiçada. A missão do médico homeopata é, então, esclarecê-la, aproveitando o momento histórico que se descortina. De fato, o início do século XX e o final do século anterior anunciavam promessas de muitas inovações, inclusive no campo da medicina. Como duvidar que havia mais além do que os olhos poderiam ver, num momento em que descobertas como a radioatividade, em 1898, demonstravam o contrário? Um público cada vez mais surpreso diante das maravilhas que o

<sup>472</sup> CAIRO, Nilo. *A Homœopathia* – I. **Diário da Tarde**, Curityba, 16 de novembro de 1905. p. 1.



novo século oferecia, mostrava-se propício a aceitar os princípios controversos da medicina de Hahnemann, estabelecendo condições favoráveis para a crença no discurso homeopático.

Assim como já haviam feito juntamente à comunidade médica oficial, os homeopatas apresentavam suas convicções como fazendo parte deste universo de descobertas que emergiam com o século XX. Porém, diante da sociedade leiga, buscavam amenizar as diferenças que tinham com os médicos alopatas, procurando ser vistos como pertencentes à mesma esfera científica. A conciliação, impensável para os homeopatas quando estavam diante de uma conversão ou um debate com os alopatas, revelava-se como uma opção mais atraente em sua apresentação ao público, mostrando-se como mais uma estratégia discursiva.

Em outro artigo, Nilo Cairo insiste em apresentar uma relação cordial entre alopatas e homeopatas. Ele afirma: *Felizmente, durante os ultimos annos, em virtude das acquisições scientificas modernas, que têm confirmado os postulados essenciaes da Homœopathia, a animosidade tem extraordinariamente diminuido entre allopathas e homœopathas, que hoje se consideram mais como irmãos do que como adversarios*<sup>473</sup>. “Irmãos” não seria a palavra que qualquer observador das disputas entre as escolas médicas rivais utilizaria para definir a relação entre seus adeptos; no entanto, esta representação cordial era utilizada por outros médicos homeopatas.

Também se abrindo sob as “descobertas da medicina”, o Dr. Amarilio H. de Vasconcellos afirma, através do *Jornal do Commercio*, não existirem divergências entre a alopatia e a homeopatia, uma vez que a medicina é apenas uma<sup>474</sup>. Em suas palestras sobre *Homœopathia e Allopathia*, abordadas no segundo capítulo desta tese, o Dr. Bettencourt

<sup>473</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – VI. **Diario da Tarde**, Curityba, 15 de dezembro de 1905, p. 1.

<sup>474</sup> VASCONCELLOS, A. H. A Homœopathia no Brazil. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1904. p. 2.

Rodrigues igualmente menciona uma conciliação entre ambas, sendo posteriormente interpretado, pelos comentários elogiosos que faz, como adepto da homeopatia. Ainda sobre esta questão, há a obra do Dr. Marcos Arruda, publicada em 1903, composta de artigos *dirigidos ao publico em geral*, contendo *as melhores intenções de urbanidade e de todo colleguismo à classe medica*<sup>475</sup>. Neles, o médico propõe a criação da *Allopatho-Homœopathia*, cujo princípio norteador seria o *Contraria Similibus Indicantur*.

A apresentação das duas divergentes escolas médicas, que o são pelos princípios que adotam, como passíveis de conciliação, não é a única adotada por Nilo Cairo. Em seus artigos seqüentes, ainda defendendo o convívio pacífico entre ambas as doutrinas, Cairo admite a existência de uma *guerra sabia*, mas coloca a homeopatia num papel passivo, relatando as injustiças e perseguições cometidas pela alopatia, impedindo que sua “irmã” tomasse seu lugar de direito. Assim afirma o homeopata, em um de seus artigos:

Porque, no fundo, não foram os homœopathas que traçaram voluntariamente as *linhas de partido* que hoje os separam dos seus collegas da velha escola: elles foram forçados a essa separação, constituindo um corpo á parte na classe medica, pela intolerancia, pela hostilidade e pela perseguição por toda a parte desenvolvidas contra elles pela Medicina Official. Antes de serem homœopatas, os medicos homœopathas são medicos (...).

Elles, porem, não abandonaram *in totum* os outros principios congeneres que já conheciam. E por praticarem assim *mais especialmente* este principio therapeutico, elles foram perseguidos como impustores (sic), com uma violencia inaudita e uma injustiça sem nome; essa perseguição iníqua forçou-os a uma verdadeira segregação profissional, que elles não pôdem nem devem mais abandonar sem uma plena tolerancia e liberdade dos seus principios, sem a *accomodação racional das opiniões*.<sup>476</sup>

Juntamente com toda a imagem de injustiça formada em torno da homeopatia e do segregacionismo sofrido pelos seus adeptos, há uma afirmação forte e decisiva nas palavras

<sup>475</sup> ARRUDA, M. **Reflexões sobre a Arte de Curar tendentes a conciliar a classe medica de modo digno e humanitário**. São Paulo : Riedel Lemmi, 1903. p. 3-4.

<sup>476</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – VI. **Diario da Tarde**, Curityba, 18 de dezembro de 1905. p. 1.

de Nilo Cairo, que mostram o que ele quer transmitir ao público leigo: os homeopatas são, antes de tudo, médicos. Com esta colocação, explica aos seus leitores que eles estudaram nas mesmas faculdades, aprenderam nos mesmos livros e sofreram os mesmos exames que seus colegas alopatas<sup>477</sup>. Em suma, sabem o mesmo que eles, só que *um pouco mais*, pois sua insatisfação com o saber recebido os fez ir além, abraçando a homeopatia.

Há, então, uma complexa representação da homeopatia junto à sociedade: é inferiorizada, por não ser reconhecida pela medicina oficial e, ao mesmo tempo, é superior a esta, pois seus médicos têm, além dos ensinamentos corriqueiros, o conhecimento da doutrina de Hahnemann. Se, junto aos médicos<sup>478</sup>, os homeopatas afirmam que, o que aprenderam serviu para rejeitar a medicina oficial, perante o público leigo apresentam este ensinamento como a base que os fez médicos, acrescentando, depois, o aprendizado da homeopatia.

A inserção categórica dos homeopatas na categoria médica fomenta, ainda, uma outra indagação: teriam eles rejeitado, perante o público leigo, toda a participação dos não médicos, como o caso dos médiuns espíritas, na disseminação da medicina hahnemanniana no Brasil? A adesão à liberdade profissional não se refletiria, aqui, na aceitação de homeopatas fora da esfera acadêmica? Uma das vias de acesso às respostas para essas questões se encontra, ainda, nos artigos introdutórios de Nilo Cairo, publicados no *Diario da Tarde*.

Após apresentar aos leitores o assunto que seria pauta de suas publicações diárias, o Dr. Cairo trata da descoberta da homeopatia por Hahnemann, ressaltando o fato de que ele buscava um princípio norteador para medicina, não encontrado até então, e descrevendo-o

---

<sup>477</sup> Idem.

<sup>478</sup> Conforme o segundo capítulo deste trabalho.

como médico, formado em uma universidade, e possuidor de grande erudição<sup>479</sup>. Relata, ainda, como *a doutrina de Hahnemann encontrou e tomou lugar na sciencia*<sup>480</sup>, dividindo o mundo médico em dois campos opostos e disseminando-se, primeiro na Alemanha, país de origem de seu criador, e, depois, mundialmente.

Ao falar de como o mundo todo tomou contato com a homeopatia, Nilo Cairo conta, em detalhes, quais as instituições e publicações que foram criadas em cada local em que fora introduzida. Desta forma, ele quer dar idéia, ao leitor, da grandiosidade da doutrina e de sua veracidade, uma vez que fora aceita em diversos países. Dentre eles, destaca a grande adesão dos Estados Unidos, que desenvolveu e fortaleceu a doutrina homeopática como em nenhum outro lugar. Por fim, relata os demais países americanos onde fora introduzida, dando especial atenção ao Brasil.

O Brasil, diz Nilo Cairo, foi, dos países da América do Sul, aquele onde a homeopatia mais se desenvolveu. E, ao comentar tal evento, afirma:

(...) ainda que sejamos inteiramente emancipados de todo o theologismo como de todo o materialismo, devemos reconhecer lealmente que uma boa parte dessa propaganda, que fez conhecida a nossa doutrina atravez das nossas provincias, tem sido ultimamente devida aos espiritas que, por toda a parte onde levam as suas convicções, levam também a fé nos nossos principios therapeuticos e no nosso methodo de curar as molestias.<sup>481</sup>

O médico paranaense reconhece a participação dos espíritas na difusão da homeopatia no país, mas faz questão de esclarecer sua posição, não partidário de qualquer religião nem do materialismo. Deste modo, busca não ser injusto com aqueles que fazem

<sup>479</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – I. **Diario da Tarde**, Curityba, 17 de novembro de 1905. p. 1.

<sup>480</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – II. **Diario da Tarde**, Curityba, 18 de novembro de 1905.

<sup>481</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – IV. **Diario da Tarde**, Curityba, 24 de novembro de 1905.

propaganda ativa da doutrina, nem se compromete com a falsa imagem de que seria adepto do espiritismo.

Em seu relato sobre a introdução da medicina de Hahnemann, Nilo Cairo demonstra sua preocupação em dar o máximo de informações possíveis aos seus leitores, de modo que eles ficassem a par de sua história: *devemos também pôr os nossos leitores ao corrente da historia da homœopathia no Brazil, tão ignorada ainda por amigos e inimigos*<sup>482</sup>. Após o relato das primeiras notícias sobre a doutrina no Brasil, a vinda de Benoit Mure, a conversão de vários médicos e a criação das instituições pioneiras nos principais estados, ele conclui esta etapa, falando sobre a adesão popular à homeopatia.

O conjunto de instituições e médicos envolvidos com a doutrina hahnemanniana, bem como o tempo em que ela permaneceu, dando mostras de “progresso” e não extinção, seriam a prova de sua eficácia. No entanto, o que daria provas maiores disto, não seria a palavra vinda do universo dos médicos homeopatas, mas de seus pacientes. Novamente, Nilo Cairo ressalta:

Si o testemunho do corpo medico correspondente, que aliás é já muito grande, pôde ser considerado suspeito, o do corpo de clientes, ainda maior, não pôde deixar de ser tomado em consideração; porque o povo leigo não decide entre theorias senão pelos resultados uteis que ellas dão na pratica: si elle não pôde distinguir onde está a verdade, por exemplo, entre os que consideram o diabetes uma *dyscrasia consumptiva* e os que o consideram como um *retardamento da nutrição*, elle conhece certamente, entre os medicos que o tratam, aquelle que cura seus males mais agradavelmente, mais promptamente e mais seguramente. Nem todos pôdem saber remendar sapatos; mas com certeza todos sabem quando os sapatos lhe servem.<sup>483</sup>

Ao considerar o saber prático popular como agente indispensável na legitimação da medicina homeopática, Cairo faz a ressalva de que a adesão por parte dos leigos é muito

<sup>482</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – V. **Diario da Tarde**, Curityba, 25 de novembro de 1905. p. 1.

<sup>483</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – VII. **Diario da Tarde**, Curityba, 21 de dezembro de 1905. p. 1.

distinta daquela que ocorre com o charlatanismo: *no caso do charlatanismo, como são numerosos os exemplos, na Europa, no seio da Medicina Official, é o charlatão que se apresenta ao doente (...); no caso da Homœopathia, é o doente que escolhe o seu medico, o qual, aliás, nunca usou para ornamento seu da palavra infallibilidade, nem pretendeu jamais remover montanhas*<sup>484</sup>. A preocupação em distinguir a homeopatia do charlatanismo e de provar que ela não se enquadra nesta categoria por meio de sua aceitação popular, revela, também aqui, o cuidado em colocá-la, definitivamente, na esfera de legitimação acadêmica médica.

Em seus artigos, Nilo Cairo também fornece aos seus leitores explicações dos princípios que regem a doutrina hahnemanniana. Procurando esclarecer o que significa a palavra homeopatia, inicialmente ele faz a curiosa ressalva de que *ela não inclui de modo algum, em sua significação, a idéa de dóse infinitesimal, como o querem pelo contrario fazer crêr certos adversarios mal intencionados da nossa doutrina*<sup>485</sup>. A preocupação em descartar o princípio da dinamização medicamentosa da relação que teria com a palavra homeopatia – associação que teria sido feita com a intenção de denegrir a doutrina – demonstra que Nilo Cairo procurava distanciar, quando se dirigia ao público leigo, qualquer noção que pudesse gerar dúvida. A diluição dos medicamentos homeopáticos, abordada no segundo capítulo deste trabalho, era um dos pontos mais controversos da homeopatia: afastá-lo do ponto central da doutrina era uma precaução, a fim de evitar rejeições dos leitores.

Feita a observação, o médico esclarece que a palavra homeopatia quer dizer tão somente *molestia semelhante*, compreendendo aí o princípio *Similia Similibus Curantur*,

---

<sup>484</sup> Idem.

<sup>485</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – VIII. **Diario da Tarde**, Curityba, 28 de dezembro de 1905. p.1.

que rege as indicações terapêuticas. Este seria empregado *mais geralmente*<sup>486</sup> pelo médico homeopata: nesta segunda ressalva, Cairo toma o cuidado em não apresentar a terapêutica hahnemanniana como muito radical nem muito díspar da medicina oficial.

Buscando exemplos acessíveis ao leitor, Nilo Cairo toma o efeito do café para explicar o princípio *Similia*. Segundo ele, o café seria, ao mesmo tempo, alimento e medicamento, que provocava efeitos diversos, dependendo de quem o ingeria. Assim, se o indivíduo não possuísse o hábito de tomar café, ele poderia ter insônia; por outro lado, a mesma bebida era capaz de relaxar uma pessoa que tivesse insônia por motivos psicológicos. Com este exemplo, o homeopata procura demonstrar, da maneira mais acessível possível, como um medicamento ministrado a um indivíduo são provoca os sintomas da doença que ele cura.

Este caso, assim como o das “laranjinhas”, revela o desejo de ser entendido pelo público leigo, uma vez que busca, em acontecimentos observáveis no cotidiano, a comprovação da teoria de Hahnemann. Entretanto, junto a este tipo de leitor, o Dr. Cairo faz uma ressalva à lei homeopática: na verdade, ela significaria *Contraria Similibus Curantur*, pois indicaria os contrários à molestia através da semelhança<sup>487</sup>. Isto expressaria que, embora tivesse as características semelhantes à doença ele agiria de forma contrária: neste artigo, embora ele vá se contradizer mais tarde, Nilo Cairo estaria admitindo, à terapêutica homeopática, a mesma ação da alopatia, ou seja, a de “ir contra”, de “combater” a doença, noção mais familiar àqueles que conheciam mais intimamente a medicina oficial.

É curioso ver como também a propaganda farmacêutica de medicamentos homeopáticos vai preferir esta representação, nitidamente alopática, a buscar algo que se

---

<sup>486</sup> Idem.

<sup>487</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – IX. **A Notícia**, Curityba, 2 de janeiro de 1906. p. 1.

relacionasse à cura através do equilíbrio da força vital, conforme a teoria de Hahnemann, bem mais difícil de ser reproduzida iconograficamente e menos conhecida. Um ótimo exemplo disso é a propaganda do Laboratório e Farmácia Homeopática Almeida Cardoso & Cia, presente nos jornais *Diario da Tarde* e *Jornal do Commercio* com uma constância quase que diária no início do século, e divulgado uma única vez no periódico alopata *Brazil-Medico*. Nela se pode ver um soldado portando uma espada onde se lê *homeopathia* e um escudo com a inscrição *Similia Similibus Curantur*, protegendo uma mulher e uma criancinha do ataque de serpentes, que têm grafado em seus corpos o nome das doenças *febres, syphilis, tísica e variola*, que tanto aterrorizavam a sociedade do período.

Em relação ainda à lei homeopática, Nilo Cairo alerta aos seus leitores para não se prenderem às teorias. Preocupando-se em não ter sido claro em suas explicações teóricas, para ele menos acessíveis aos leigos, adverte:

Guardemo-nos, pois, no caso da lei dos semelhantes, de cahir nas phantasias metaphysicas, que tanto criticamos nos “pathogenistas” da velha escola: constatemos o facto, tiremos d'elle todos os resultados praticos que elle nos póde dar, e não nos preocupemos de modo algum com as explicações theoricas mais ou menos engenhosas do modo por que elle se realisa. Esta foi tambem a opinião de Hahnemann, no paragrapho 28<sup>488</sup> seu “Organon”, ainda que elle então apresentasse uma explicação, que lhe parecia a mais verossimil de todas quantas se podia dar do facto traduzido pela lei que elle acabava tão brilhantemente de precisar e systematizar.<sup>489</sup>

<sup>488</sup> No parágrafo 28 do Organon, Hahnemann afirma: *Como tal lei natural se documenta em todas as experimentações puras e em todas as experiências genuínas do mundo, logo, a atividade existe; portanto, pouco importa tentar explicar cientificamente como isso ocorre, e eu dou pouco valor a tal fato. Contudo, essa visão se confirma como a mais provável, por basear-se apenas em premissas advindas da experiência.* HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar**. 6 ed ( trad. de Edméa Marturano Villela e Izao Carneiro Soares) Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995. p. 113.

<sup>489</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – IX. **A Notícia**, Curityba, 2 de janeiro de 1906. p. 1.



Além de aconselhar aos seus leitores que se mantivessem afastados das especulações teóricas, por achar que isso não lhes era acessível, Cairo<sup>490</sup> assume, perante eles e através desta advertência, as influências positivistas em sua interpretação da homeopatia. Assim, ele deixa clara sua preocupação com a constatação dos fatos que envolvem a teoria hahnemanniana, afastando-se de qualquer interpretação metafísica que poderia sugerir seu criador, como já havia feito diante dos médicos alopatas.

Também perante o público, o homeopata paranaense adota outro discurso semelhante ao que já havia dirigido aos colegas adeptos da medicina oficial: a de que a alopatia referendaria a homeopatia, através de suas curas e pela utilização de medicamentos, que seguiriam o princípio do semelhante. Nesta altura de seus artigos, ele começa a revelar que a imagem de harmonia entre alopatas e homeopatas que procurava transmitir aos leitores não é completamente verdadeira.

Nilo Cairo principia por demonstrar que, embora dirigissem críticas à homeopatia, os alopatas adotavam medicamentos, como a beladona e a quina, empregando-os de acordo com a lei homeopática e obtendo curas<sup>491</sup>. Assim como havia feito em sua tese *Similia Similibus Curantur*, e em artigos colocando réplicas aos alopatas, ele fala, nesta série de textos, sobre o que considera uma usurpação por parte da medicina oficial. Mais tarde, ele retoma a temática ao tecer comentários sobre o medicamento alopático 606 ou *Arsenobenzol*, destinado à sífilis. Por ser composto de arsênico, o medicamento teria sucesso em alguns casos por agir segundo o princípio dos semelhantes; seu fracasso, em alguns casos, se daria por não se ter o cuidado de individualizar os casos de sífilis<sup>492</sup>.

<sup>490</sup> Não só Nilo Cairo, mas outros médicos homeopatas, ao se dirigir ao público leigo, deixam claro o viés positivista que lhes acompanha em suas interpretações da homeopatia, como é o caso de Alberto Seabra e Bettencourt Rodrigues, nas conversões abordadas no segundo capítulo dessa tese.

<sup>491</sup> CAIRO, N. A Homeopatia – X. **A Notícia**, Curityba, 5 de janeiro de 1906. p. 1.

<sup>492</sup> \_\_\_\_\_. O “606” em Homœopathia. **Diário da Tarde**, Curityba, 20 de fevereiro de 1911. p. 1.

Aproveitando o sucesso do medicamento 606, ele lança, juntamente com o farmacêutico Duarte Velloso, uma versão homeopática:

#### **O 606 em Homœopatia**

Pelo Sr. D. Duarte Velloso, nos foi hoje offerecido um vidro de *Arsenobenzolicum 3x*, o celebros 606, preparado homœopathicamente segundo a formula do Dr. Nilo Cairo e que os nossos leitores já conhecem pelo artigo que aqui publicamos.

Apezar de se achar dynamisado na 3x, a tintura conserva uma bella cor de ouro.

O sr. Velloso fez editar em folhetos o artigo que sobre este medicamento publicamos em 20 de fevereiro findo, sendo alem disso o rotulo numerado, afim de evitar que mal intencionados especulem a sua falsificação.

A ampôla de 606 adquirida pela Pharmacia Homœopathica tinha o n° 101.<sup>493</sup>

Além de “larápios” dos méritos das curas homeopáticas realizadas por determinados medicamentos, os alopatas eram caracterizados, por Nilo Cairo, através de outros adjetivos nem um pouco adequados a uma relação amistosa. Ao apresentar o sistema alopático, não o considera seguidor de nenhum princípio, nem o *contraria*, nem o *similibus*, já sua terapêutica não estaria relacionada diretamente com o doente<sup>494</sup>. A alopatia, para o homeopata, empregava uma medicação destinada a aliviar os sintomas, agindo de forma paliativa, não curando totalmente. Para atingir o maior número de sintomas possíveis, empregava a polifarmácia, isto é, o uso simultâneo de vários medicamentos, visto como exagerado e prejudicial ao organismo.

A maior crítica feita à alopatia se dirige à sua falta de noções positivas: por se impossível conhecer com profundidade a causa da doença, trabalha-se apenas com hipóteses<sup>495</sup>. Em relação à esta carência da medicina oficial, Cairo contrapõe a excessiva

<sup>493</sup> O 606 em Homœopathia. **Diario da Tarde**, Curityba, 1 de março de 1911. p. 1.

<sup>494</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – XI. **A Notícia**, Curityba, 7 de janeiro de 1906. p. 1.

<sup>495</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XI. **A Notícia**, Curityba, 9 de janeiro de 1906. p. 1.

descrição das doenças, como forma de compensação por aquilo que não se conhece. A terapêutica alopática, por ser hipotética, não contempla os parâmetros de uma medicina positiva, apresentada como importante ao público leigo.

O médico paranaense trata, na seqüência, daquilo que, inicialmente, recusava-se a admitir: a rivalidade entre homeopatas e alopatas. Ao relatar que, em alguns países como os Estados Unidos e a Inglaterra, havia mais diferenças entre as duas escolas do que suas indicações medicamentosas, Nilo Cairo começa a revelar aos seus leitores parte da grande disputa de espaço social que envolvia as duas correntes médicas. Ele se referia à denominação diferenciada para um alopata e um homeopata dadas nestes países: o primeiro era chamado de *regular physician*, enquanto que o último era conhecido como *irregular physician*<sup>496</sup>.

Partindo desta constatação, ele procura demonstrar, através de alguns exemplos, o quão equivocada estaria esta definição, já que o “médico regular” deveria obedecer a um método e a leis, o que não ocorreria com a medicina alopática, mas sim, com a homeopatia. O caso utilizado para ilustrar esta situação é o de um médico homeopata de Chicago que, simulando uma doença, dirige-se, através de uma carta, a dezoito médicos homeopatas e alopatas, descrevendo seu caso e pedindo uma resposta. Os medicamentos alopáticos receitados foram os mais diversos possíveis, enquanto que os homeopatas foram unânimes em indicar *Lycopodium* para o caso. Concluindo o relato, Cairo lança a questão: *Quaes são, pois, os “regular physicians” entre esses 18 medicos norte-americanos? Os nossos leitores que respondam.*<sup>497</sup>

---

<sup>496</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XII. **A Notícia**, Curityba, 10 de janeiro de 1906. p. 1.

<sup>497</sup> Idem.

Mostrando sua indisposição com os alopatas, ele também conta aos seus leitores o caso de um médico inglês, o Dr. Thomas Bruton, examinador do *Royal College of London Physicians*, que teria cometido alguns *furtos científicos*<sup>498</sup> ao incluir vários medicamentos homeopáticos em sua *Materia Medica*. Além disso, a instituição a qual ele pertencia aprovou uma moção condenando a prática da homeopatia.. Adicionando a estes fatos, o homeopata relata vários casos de atrito entre os adeptos de Hahnemann e a medicina oficial em vários países, incluindo o Brasil, onde dados estatísticos foram adulterados em favor dos alopatas. Numa afirmação mais próxima da real relação entre os médicos de ambas as escolas, Cairo convida o leitor a refletir:

Estes exemplos bastam para mostrar o valor incontestável do tratamento homœopathico em todas as molestias, mesmo as graves como a peritonite. A sua superioridade tem sido demonstrada por todas as estatisticas; e, não obstante, os discipulos de Galeno, por muitos annos, se ornaram com o monopolio dos titulos de “scientifico, regular e racional”, em opposição aos homœopathas, cuja escola era “antiscientifica, irregular” e “irracional” e elles proprios accusados de charlatanismo.

Felizmente muita gente está convencida de que mais vale ser curado por um “charlatão irracional” a ter a subida honra de morrer ás mãos de um “doutor scientifico”, por mais “regular” que seja a morte.<sup>499</sup>

Ainda utilizando a acusação de que os alopatas utilizariam a homeopatia sem lhe dar o devido crédito, Nilo Cairo trata de assuntos que se relacionam, de maneira mais próxima, com o doente, a doença e o processo terapêutico. Segundo ele, ao recorrer aos medicamentos que agiriam homeopaticamente, os médicos oficiais dispensavam duas condições terapêuticas da medicina hahnemanniana: a individualização e as pequenas doses<sup>500</sup>. Apesar de ter afastado o princípio das doses infinitesimais do centro da doutrina

<sup>498</sup> CAIRO, N. A Homœopathia – XV. **A Notícia**, Curityba, 15 de janeiro de 1906. p.1.

<sup>499</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XVII. **A Notícia**, Curityba, 24 de janeiro de 1906. p. 2.

<sup>500</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XXII. **A Notícia**, Curityba, 22 de fevereiro de 1906. p. 1.

homeopática, Cairo volta a tratar das “pequenas doses”, considerando-as importantes no tratamento e opondo-as ao que denominava de doses excessivas empregadas pela alopatia.

A individualização da doença revela, por sua vez, a forma como os homeopatas encaram a doença e os doentes. Aqui, Nilo Cairo usa quase que as mesmas definições que os médicos utilizam, em seu meio, para explicar a saúde, a doença e como se deve proceder ao indicar a terapêutica a um paciente. Ele expõe, aos seus leitores leigos, que a doença é produto de uma alteração da unidade vital que, quando está em harmonia, manifesta-se em forma de saúde. Sendo cada indivíduo diferente dos outros, ele terá a doença se manifestando também distintamente em seu organismo. Ele explica:

O medico nunca se acha realmente á cabeceira do seu doente, em face da febre typhoide ou da variola, mas em presença de typhicos e variolosos, isto é, de organismos reagindo por suas proprias forças contra o mal estabelecido. E como estas forças proprias variam de um a outro doente, assim tambem variam os typos clinicos da molestia. De sorte que, não havendo molestias no sentido abstracto do termo, mas unicamente pessoas doentes, não pode haver ipso facto um tratamento de molestias: cada caso deve ser individualisado e tratado segundo as peculiaridades que apresenta.<sup>501</sup>

Individualizar a doença, segundo sua manifestação peculiar em cada doente, implica em escolher um medicamento único para cada caso, utilizando, para isso, aquele que apresenta os efeitos que produz no organismo semelhante às particularidades do doente. É preciso realizar um duplo diagnóstico, definindo a doença e as especificidades do indivíduo enfermo. Para tanto, é necessário que o médico leve em consideração todas as características do adoecimento, inclusive os estados mentais e morais, que, segundo ele, não são considerados pela medicina oficial.<sup>502</sup>

<sup>501</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XXII. **A Notícia**, Curityba, 24 de fevereiro de 1906. p.1.

<sup>502</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XXII. **A Notícia**, Curityba, 26 de fevereiro de 1906. p. 1.

Apesar de todo o discurso médico em prol da individualização, da proposta de encarar cada doente de acordo com suas características próprias, não era desta maneira que o medicamento era apresentado ao público leigo, nas páginas dos jornais diários. O mesmo público que lia os artigos de Nilo Cairo também era atingido pela propaganda, oferecendo os medicamentos homeopáticos. Um dos laboratórios que divulgava seus produtos freqüentemente, não só no *Diario da Tarde* e no *A Noticia*, como também no carioca *Jornal do Commercio* era o Almeida Cardoso & Cia, cuja propaganda já mereceu comentários anteriores. Em seu texto, oferece alguns medicamentos homeopáticos, divulgando seu nome e males que se propunha a combater, como por exemplo a *Almeidina*, contra a *gonorrhéa chronica e recente e suas consequencias*<sup>503</sup>. Apresenta, ainda, medicamentos conhecidos como o *Allium Sativum*, afirmando-o como ótimo específico para a influenza e outros males das vias respiratórias.

Outros laboratórios veiculavam sua propaganda através do *Diario da Tarde*. O Prof. Dr. Mauch, após proceder uma distribuição gratuita promocional, oferece seu *Remedio Homœopathico do Prof. Dr. Mauch para Dyspepsia*, prometendo a cura para todas as enfermidades do aparelho digestivo. A propaganda explica: *É um específico maravilhoso contra o Catarrho do estomago, agudo ou chronico.(...) Augmenta o appetite, alegra a existencia..* O próprio Nilo Cairo dispunha de um laboratório, que oferecia ao público um grande sortimento de produtos, como “colares elétricos para crianças”, copos graduados, colheres para se tomar os medicamentos homeopáticos, boticas homeopáticas, livros populares sobre a doutrina e específicos de Humpreys. Dentre os medicamentos fabricados no laboratório, figuravam as *pastilhas homeopathicas, de grande efficacia contra tosse,*

---

<sup>503</sup> **Diario da Tarde**, Curityba, 30 de junho de 1905. p.4.

*rouquidão, enjôo de mar, prisão de ventre e as pastilhas de phytolacca, contra a obesidade*<sup>504</sup>. Todos os produtos prometiam garantia e inspeção pessoal do Dr. Nilo Cairo.

Comparando o discurso médico sobre o medicamento homeopático e a apresentação destes através da propaganda farmacêutica, percebe-se vários pontos discordantes. Os medicamentos são oferecidos sem levar em conta qualquer individualização da doença, recomendada pela doutrina hahnemanniana, chegando mesmo a alguns serem divulgados como *específicos* desta ou daquela doença. Promete-se a cura de um órgão ou sistema específico do organismo, aceitando a tese da medicina oficial que parcela o indivíduo para o diagnosticar e propor a terapêutica. Ora, o medicamento homeopático, para obedecer a definição de saúde e doença do sistema hahnemanniano, deve atuar na força vital do organismo, e não nos locais específicos de aparecimento dos sintomas. Tudo isso leva a crer que, com o objetivo de venda, o medicamento homeopático seja oferecido de maneira semelhante ao alopático, sendo muitas vezes comercializado ao lado deste. Isto provocaria uma aceitação maior do público que, tanto para médicos quanto para laboratórios, teria limites em compreender a teoria homeopática, podendo ser conquistado mais eficazmente pela prática.

Outra preocupação que atingia médicos e fabricantes de medicamentos homeopáticos era a falsificação dos mesmos. Em algumas propagandas farmacêuticas, adicionava-se um aviso, lembrando aos consumidores que prestassem atenção para não comprar medicamentos falsificados, garantindo segurança a quem adquirisse seus produtos. Assim, o *Laboratorio Homeopathico Dr. Nilo Cairo* advertia: *não se deixem os srs. consumidores de homeopathia illudir com medicamentos baratos e de efficacia duvidosa;*

---

<sup>504</sup> **Diário da Tarde**, Curityba, 26 de dezembro de 1911. p.3.

*acautelem-se, pois, contra os medicamentos que lhes forem offerecidos a baixo preço, em lugar da homeopathia marca **Dr. Nilo Cairo**: é que são falsificados ou mal preparados*<sup>505</sup>.

A falsificação de medicamentos homeopáticos já havia acontecido em 1905, quando um laboratório denominado *Cardoso, Moreira & Cia* surgiu em Curitiba, sendo denunciado pelos médicos homeopatas do Instituto Hahnemanniano e pelo laboratório *Almeida Cardoso & Cia*<sup>506</sup>. Em 1906 reaparece novamente o mesmo laboratório falso, e o problema faz com que a *Revista Homœopathica do Paraná* levante a suspeita dos medicamentos vendidos principalmente por farmácias alopáticas:

Muito a contragosto, volvemos, nas presentes linhas, ao assumpto da falsificação de medicamentos homœopathicos nesta capital. Não se trata agora das nossas tinturas; trata-se dos globulos tão conhecidos da nossa pharmacopéa. Sabemos com segurança que existe em Curytiba uma pharmacia allopathica estrangeira que manda vir da Allemanha globulos inertes em grande porção, com os quaes enche vidrinhos, que entrega, no seu balcão, ao consumo publico, rotulados com o nome de medicamentos homœopathicos, mas sem marca ou firma do fabricante. (...)

Mais uma vez aproveitamos a ocasião para aconselhar aos nossos leitores a não comprarem medicamentos homœopathicos senão procedentes de pharmacias homœopathicas conhecidas(...).<sup>507</sup>

Servindo-se da ameaça de falsificação de medicamentos, os homeopatas defendem o monopólio de fabricação de seu próprio bem de cura. A questão volta a ser discutida quando, em 1907, surge a propaganda da *Sociedade Homœopathica Hahnemann* nos periódicos paranaenses, oferecendo seus produtos. Como a empresa não fora reconhecida pelo meio médico homeopata, este tratou de denunciá-la, a fim de prevenir os usuários de medicamentos homeopáticos. Desta vez, o alerta é mais esclarecedor em relação aos motivos que levavam os homeopatas a insistirem nas denúncias:

---

<sup>505</sup> Idem.

<sup>506</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 1, n. 9, p. 129, set. 1906.

<sup>507</sup> Idem.



Nunca fomos infensos ao chamado *curandeirismo*; pelo contrario, sempre temos defendido a mais completa liberdade profissional, como medida transitoria necessaria á victoria da Homœopathia sobre a sua rival official, mas o que não podemos deixar passar, sem mentir ao nosso programma e aos interesses dos nossos leitores, é o crime de falsificações – e este commette o Sr. JORGE WISCKRAL annunciando á venda medicamentos de uma *Sociedade Homœopathica* que não existe e nunca existiu.<sup>508</sup>

Novamente, os homeopatas admitem a necessidade da liberdade profissional para seu estabelecimento social, mas colocam limites para ela. A livre fabricação de medicamentos, seu principal instrumento terapêutico, encontra-se fora do limite de liberdade permitido. O medicamento homeopático, muito peculiar por seu processo diferenciado de fabricação, só pode advir da manipulação de pessoas reconhecidamente pertencentes ao meio médico homeopático; só os homeopatas reconhecidos como tais podem dar esta legitimação<sup>509</sup>.

O medicamento merece outros comentários nos artigos de Nilo Cairo. Ele destaca que, além das diferenças na escolha do remédio, homeopatas e alopatas diferem também no modo de estudá-los<sup>510</sup>. A Matéria Médica hahnemanniana estuda os efeitos dos medicamentos no organismo são, já que eles serão a base de escolha através da lei dos semelhantes. Comparando a Matéria Médica oficial e a homeopática, Cairo traça um curioso quadro ao seu leitor:

Emancipada das illusões theoricas em que se embala a Medicina Official, a nossa Materia Medica não é, como a dos nossos confrades galenistas, uma argamassa de catharticos, emeticos ou sudorificos; mas

<sup>508</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a .2, n. 7, p. 138-40. jul. 1907.

<sup>509</sup> A questão volta a ser comentada por Nilo Cairo em 1914, junto à Sociedade de Medicina do Paraná. A matéria, do *Diário da Tarde*, relata uma reunião daquela instituição, onde o médico homeopata teria se manifestado contra a venda de *substâncias toxicas* por alguns farmacêuticos. SOCIEDADE DE MEDICINA DO PARANÁ. *Diário da Tarde*, Coritiba, 7 de novembro de 1914. p.1.

<sup>510</sup> CAIRO, Nilo. A Homœopathia – XXIII. A Materia Medica. *A Noticia*, Curityba, 6 de março de 1906. p. 1.

uma verdadeira galeria de quadros morbidos artificiaes, na qual o olho observador poderá descobrir os lineamentos de todos os estados morbidos conhecidos. Esses quadros dão á medicina um precioso instrumento: cheios de côr e detalhes elles são syntheticos e ternos (...).A galeria da Materia Medica Homœopathica lembra as pinturas graphicas sempre jovens de Hyppocrates ou de Sydenham, que o espirito sempre contempla com prazer, enfastiado dos refinamentos puramente intellectuaes da nosographia moderna. A obra dos laboratorios de physiologia da escola official marcha a par da dos cemiterios; a pharmacologia e a pathologia de Hahnemann movem-se em plena região da vida.<sup>511</sup>

A homeopatia é a medicina da vida, enquanto que a alopatia se serve da morte para seus estudos: assim simboliza Nilo Cairo, sublinhando o interesse da doutrina de Hahnemann pelo estudo de organismos sãos, e não cadáveres. Através do estudo dos medicamentos, são elaborados os repertórios clínicos, que fornecem um grupo de remédios para cada caso, e os sintomáticos, que reúnem em uma lista de sintomas, o nome de todos os medicamentos indicados.

Ao tratar do medicamento, o médico homeopata procura esclarecer pontos importantes como a ação do medicamento, as pequenas doses e a preferência por remédios simples. Ao explicar a ação homeopática dos medicamentos, Nilo Cairo cita Hahnemann, ao dizer que estes não são matérias mortas, mas energias latentes, ativadas pela diluição e dinamização<sup>512</sup>. A energia como elemento curativo não deve ter sido vista com estranheza pelos leitores de Cairo<sup>513</sup>, nem este achou que haveria limitações por parte dos leigos para entendê-la. O esclarecimento da atuação do medicamento vinha, entretanto, sempre com o respaldo de comprovação de sua veracidade através das últimas descobertas da ciência.

Em relação ao medicamento simples, o médico homeopata defende seu uso, justificando-o pela tradição da escola médica grega de Cós. Segundo ele, além desta prática

<sup>511</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XXIII. A Materia Medica. **A Notícia**, Curityba, 8 de março de 1906. p. 1.

<sup>512</sup> \_\_\_\_\_. A Homœopathia – XXI. **A Notícia**, 21 de fevereiro de 1906. p.1.

<sup>513</sup> O mesmo tema já havia sido abordado junto ao público leigo sob forma de texto, como em *SCIENCIAS e ARTES. Diario da Tarde, Curityba, 26 de outubro de 1905. p.1*, sobre a magnetoterapia, ou em propagandas oferecendo cura através do magnetismo e da eletricidade medica.

ter respaldo por seu uso antigo, o médico deve sempre estar atento para a correspondência que deve haver entre a unidade do doente e a unidade do medicamento. Embora fosse defensor do complexismo, Nilo Cairo prefere tratá-lo como prática de exceção, diante do público leigo<sup>514</sup>, assim como também o medicamento externo.

Além da série de artigos sobre homeopatia, Nilo Cairo se dirigiu aos leitores não doutos, emitindo sua opinião sobre higiene infantil, mais precisamente sobre o programa *Gotta de Leite*. Ele trazia, em um de seus artigos, inúmeros dados sobre a fundação de instituições similares na Europa, visando a distribuição de leite esterilizado e a orientação das mães em relação aos cuidados com os filhos<sup>515</sup>.

Prosseguindo o assunto, Cairo conta, aos seus leitores o recebimento de uma carta do Dr. Moncorvo Filho, célebre pediatra do Rio de Janeiro, incentivando a criação de um programa similar em Curitiba, onde se vinculariam a distribuição de leite às mães carentes com a instrução médica, dada sob forma de consultas, folhetos ou palestras<sup>516</sup>. O médico paranaense, ao apresentar suas idéias para o funcionamento de tal instituição, deixa clara sua idéia em relação às mães pobres e à necessidade de impor a elas os conselhos médicos. Ele justifica a necessidade de se vincular a distribuição do leite ao compromisso das mulheres em freqüentar o consultório médico, sob pena de exclusão do programa:

(...) na epoca irreligiosa em que vivemos, é sempre o egoismo que serve de guia; depois, como *de medico e louco todo mundo tem um pouco*, a maioria das mulheres julgam conhecer muito bem as regras de crear seus filhos e si um engodo qualquer não as attrahir ao consultorio, raras serão aquellas que o frequentarão com assiduidade.(...)

É de lastimar que seja assim preciso despertar o egoismo das mães, para se poder salvar a vida dos seus filhos, em nome da sociedade, da patria e da humanidade. Mas é um defeito do estado actual da nossa

<sup>514</sup> CAIRO, Nilo. A Homœopathia – XXV. O Remedio Simples. **A Noticia**, Curityba, 20 de março de 1906.

<sup>515</sup> \_\_\_\_\_. Gotta de leite – I. Synopse historica. **Diario da Tarde**, Curityba, 18 de julho de 1911. p.1.

<sup>516</sup> \_\_\_\_\_. Pela Puericultura. **Diario da Tarde**, Curityba, 24 de agosto de 1911. p.1.

civilização, que só nos cumpre por ora remediar com esses processos precários.<sup>517</sup>

A percepção sobre a recusa das mães em buscar espontaneamente a orientação médica, revela importantes posições de Nilo Cairo sobre as pessoas leigas. Em primeiro lugar, afirma o caráter indispensável dos serviços e conselhos médicos na vida dos indivíduos, a fim de remediar ou prevenir doenças. Em segundo, revela a concepção positivista de que a humanidade, ou certos grupos humanos, encontrar-se-iam em um estágio que não lhes permitiria compreender determinadas coisas, como a importância da intervenção de um médico. Por fim, denota, diante deste quadro social, a necessidade de intervenção de pessoas “mais esclarecidas”, utilizando-se até mesmo de armadilhas, na vida daqueles que, por um “estado da civilização”, não compreendam a importância do médico em suas vidas.

Esta maneira de conceber o público leigo, em especial as camadas mais pobres da população, como pessoas que precisam ser guiadas para um “caminho certo”, foi um dos elementos que estimulou a criação de instituições homeopáticas destinadas aos carentes, como outra forma de atingir a opinião pública não médica. As instituições de caridade como forma de propaganda foi uma estratégia utilizada pela homeopatia desde seu período de introdução no Brasil, quando tomou o caráter cristão, levando os homeopatas a serem conhecidos como “médicos do povo”.

Através da proposta de levar a cura às pessoas carentes, os primeiros médicos homeopatas que atuaram no país fundaram enfermarias e consultórios destinados ao atendimento dos pobres. Em 1846, o Dr. Mure abre o consultório homeopático do Porto da Estrella destinado a este fim, ao mesmo tempo que o Dr. Francisco Soares de Souza fazia o

---

<sup>517</sup> Idem.

mesmo, na Vila de Saquarema, no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, é fundada a Irmandade de S. Vicente de Paulo, através do Instituto Homœopathico do Brasil.<sup>518</sup>

O início do século XX também contou com a criação de várias instituições homeopáticas que prestavam serviços gratuitos. Em 1907, a *Revista Homœopathica do Paraná* anunciava a inauguração das novas instalações da *Caixa de Socorros D. Pedro V*, no Rio de Janeiro, transcrevendo os comentários feitos pelo *Jornal do Commercio* sobre o assunto:

É uma antiga instituição que vem desde há muitos annos distribuindo beneficios ás mancheias a todos os pobres, sem distincção de classe ou nacionalidade. A prova ahi está palpavel na romaria diaria das familias que affluem aos seus consultorios e ás suas pharmacias. E não fica só nisso. A Caixa de Socorros D. Pedro V fornece, na maior das vezes, tambem, o que se faz necessario para a dieta. Lar em que haja miseria ou necessidade, ella ahi está, sem ostentação, suavizando dores, enxugando lagrimas. Dá pensões a viuvras e tem sob a sua protecção um elevado numero de criancinhas orphãs.<sup>519</sup>

No mesmo ano, também é noticiada a mudança de nome do Dispensário Homeopático da Irmandade do Santíssimo Sacramento, criado em 1905, para Dispensário Homeopático Dr. Joaquim Murтинho, que era descrito como *um elemento de assistencia publica, salvando creanças da morte certa*<sup>520</sup>. Sob a responsabilidade deste médico homeopata, tentou-se fundar, ainda em 1907, o Instituto de Homeopatia Sul-Americano, que tinha como um de seus objetivos construir um hospital destinado a indigentes, anexando cursos de homeopatia em seus consultórios e enfermarias<sup>521</sup>.

O interesse em manter a imagem de medicina humanitária, em difundir os preceitos de Hahnemann ao público leigo e utilizar o espaço hospitalar destinado aos pobres como

<sup>518</sup> GALHARDO, J. E. R. *Livro* (...), p.324-73.

<sup>519</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 9, p. 173, set. 1907.

<sup>520</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 12, p. 224, dez. 1907.

<sup>521</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica do Paraná*, Curityba, a . 2, n. 2, p. 37, fev.1907.

locais de experiência e aprendizado, levou os homeopatas a continuar mantendo e criando hospitais, enfermarias, sociedades e dispensários. Dentre eles, um dos mais claros exemplos de aproveitamento desta via como meio de propaganda, está na criação do *Dispensario Homœopathico Infantil* em Curitiba, pelo Dr. Nilo Cairo.

Tudo começa com uma notícia estampada no *Diario da Tarde*, sobre a *Protectora da Infancia de Curityba*, uma instituição que visava socorrer as crianças pobres. Segundo o jornal, que era vizinho do lugar, nem todas as mães conseguiam ser atendidas. Eis o contundente quadro, assim descrito:

A sala de espera enche-se de pobres mulheres tendo ao braço os seus filhinhos doentes; as horas fluem; o facultativo, por motivos alheios a sua vontade, não aparece; as entristecidas mães afinal se retiram, desalentadas, apertando ao seio os pequeninos enfermos, que nesse dia ficarão sem remedio.

(...) Ora, por maiores os esforços do illustre director da Protectora, esse facto se reproduz demasiadamente e pede uma providencia, de fôrma a que nas horas de consulta um medico pontualmente permaneça no dignificante posto de socorrer á infância desvalida.<sup>522</sup>

No dia seguinte, o mesmo periódico se alegra em ter encontrado a solução para os problemas das pobres mães, na figura do Dr. Nilo Cairo:

Em todas as classes receberam applausos nossas palavras, sendo que hontem mesmo veio á redacção do *Diario da Tarde* o illustre dr. Nilo Cairo, que nos declarou pôr seus serviços medicos à disposição das creanças pobres.

(...) o illustre dr, Nilo Cairo offerece os seus serviços ás creanças pobres, fornecendo-lhes tambem gratuitamente os medicamentos homœopathicos.

Ministrará igualmente, ás mães das creanças, os mais minuciosos conselhos sobre alimentação infantil, de accordo com os ensinamentos do dr. Moncorvo Filho, da Assistencia à Infancia do Rio de Janeiro.<sup>523</sup>

<sup>522</sup> A PROTECTORA da Infancia de Curityba. **Diario da Tarde**, Curityba, 25 de novembro de 1908. p.1.

<sup>523</sup> A PROTECTORA da Infancia de Curityba. **Diario da Tarde**, Curityba, 26 de novembro de 1908. p.1.

Nilo Cairo providencia, também, a reprodução de ambas as notícias na revista paranaense, como forma de divulgar ainda mais seu ato<sup>524</sup>. Nele, além de garantir o tratamento homeopático e, principalmente, o conselho do qual ele julga as mães necessitarem, o médico paranaense aproveita a oportunidade para provar, mais uma vez, a supremacia da homeopatia sobre sua rival. Uma vez que a instituição, onde médicos oficiais atuam, mostra-se incapaz de cumprir os propósitos para os quais fora criada, ele oferece os préstimos da homeopatia, com a promessa de nunca falhar.

Dando continuidade a sua iniciativa, cria, no início de 1909, o *Dispensário Homœopathico Infantil*, assim recebido pelo *Instituto Hahnemanniano do Brasil*:

Mais um esforço em prol da causa homœopathica foi o que levou a effeito o nosso collega de Curityba, Dr. NILO CAIRO. Obedecendo a impulsos quer da generosidade de seu coração, quer das necessidades da causa de que é campeão esforçado, creou em sua casa o Dispensario Homœopathico Infantil, onde as creanças necessitadas vão encontrar gratuitamente o conselho medico e o remedio apropriado.<sup>525</sup>

Os comentários dos *Annaes de Medicina Homœopathica* são claros em relação à importância da fundação de instituições como o Dispensário na propaganda da homeopatia. Além de fornecer “o conselho médico e o remédio apropriado”, isto é, de conduzir cada vez mais pacientes pelo caminho da homeopatia, há a possibilidade de promover a corrente médica através de uma representação caridosa e humanitária, sempre bem aceita socialmente. O *Dispensario Infantil* se transforma por ocasião da fundação do *Laboratório*

<sup>524</sup> A PROTECTORA da Infancia de Curityba. **Revista Homœopathica Brasileira**, Curityba, a . 3, n. 11, p. 197-8, nov. 1908.

<sup>525</sup> BIBLIOGRAPHIA. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a . 11, n. 2, p. 74. fev. 1909.

*Homeopathico Dr. Nilo Cairo*, em 1911, em um *dispensario geral para a pobreza*<sup>526</sup>, sendo publicadas, periodicamente na *Revista Homeopatica Brasileira*, suas estatísticas.

A homeopatia buscou se representar ao público leigo através de seus porta-vozes legítimos – os médicos homeopatas – de diversas maneiras: apresentando conversões, o resultado de estatísticas, procurando aparentar a supremacia nos debates, fundando instituições de caridade, publicando artigos e livros. Era preciso conquistar o público, uma vez que sem ele, sem sua aprovação, reconhecimento e adoção dos serviços e da “verdade homeopática”, não haveria condições para sua existência. Sem platéia não há espetáculo, e foi se preocupando com isto que os médicos homeopatas buscaram, sob todas as formas, conquistá-la.

O discurso empregado na tentativa de “seduzir” seus pacientes em potencial se revela, em alguns aspectos, diferenciado em relação àquele dirigido ao universo médico. Neste momento, percebe-se o quanto a fala é modelada tendo em vista o público receptor. Noções como saúde, doença, medicamento, a concepção de homeopatia, os relacionamentos entre homeopatas e alopatas, tudo é reconstruído de acordo com as mensagens que se quer ver difundidas na sociedade.

Além da procura por legitimação no espaço leigo, era preciso concentrar forças em outros meios que viessem estabelecer a homeopatia enquanto ciência, um dos principais objetivos dos médicos hahnemannianos neste momento. Em todos os instantes o discurso homeopático insistia neste ponto, intencionando provar que tinha direito a um espaço à sombra da ciência e, muitas vezes, que era a própria ciência médica. Para obter tal estatuto, era indispensável sistematizar o ensino da homeopatia e conquistar um lugar na academia,

---

<sup>526</sup> NOVAS PHARMACIAS HOMEOPATHICAS. *Revista Homeopathica Brasileira*, Curitiba, a. 6, n. 10, p. 218-19, out. 1911.



em cursos médicos oficiais, ou construindo seu próprio espaço. Esta preocupação, já existente desde o período de introdução da homeopatia no Brasil, adquire um novo teor, como se verá, a seguir.

## CAPÍTULO IV: Ensinando o *Similia Similibus Curantur*

MIGUEL – Oh, por que não vieste mais cedo? Há uma hora que te espero.

MILÉSSIMO – Estive ocupado no Instituto Homeopático.

MIGUEL – Deixa-te de Instituto e dizê...

MILÉSSIMO – Que eu deixe o Instituto! Meu amigo, a ciência homeopática marcha com passos de Briareu; Hahnemann triunfa e Broussais leva o diabo.

MIGUEL – Tu principias...

MILÉSSIMO, *com entusiasmo* – Os estúpidos e ignorantes alopatas já vão reconhecendo a nossa supremacia. Médicos carrascos, rotineiros, asnos enfim, que experimentam no mísero doente os seus infernais medicamentos, que misturam de um modo horroroso milhares de nojentas drogas em uma só receita; que furam, atassalham, queimam, martirizam o desgraçado paciente. Pobres doentes! Forte canalha! A homeopatia triunfa por toda a parte. Os esclarecidos soberanos a acolhem em seu Estado com os braços abertos.

MIGUEL – Dá-me atenção!<sup>527</sup>

### 4.1 Diplomar para reconhecer

Também o ensino da homeopatia era um meio que visava ocupar espaços na sociedade; uma via talvez mais importante do que os debates com os alopatas, a publicação de obras ou as conversões, visto que estava relacionado com a propagação do conhecimento. Desde muito cedo, os homeopatas que introduziram os ensinamentos de Hahnemann no Brasil, preocuparam-se em estabelecer uma instituição para este fim. O Dr. Benoît Mure, defendendo a criação de Escolas Homeopáticas independentes dos cursos das Faculdades de Medicina oficiais<sup>528</sup>, funda a *Escola Suppletoria de Medicina e Instituto Homœopathico de Sahy*<sup>529</sup>, em 1842.

Embora seus objetivos na colônia não fossem ligados propriamente à difusão da homeopatia, Mure lá estabelece a Escola, com o objetivo de igualar o Brasil às demais

<sup>527</sup> Diálogo entre Miguel e o Dr. Miléssimo, médico homeopata, na cena IX de: PENA, Martins. **Os três** (...) p. 161.

<sup>528</sup> LUZ, M. **Homeopatia** (...).

<sup>529</sup> GALHARDO, J. E. R. **Livro** (...), p.294-97.

nações que já tinham descoberto e propagado a medicina de Hahnemann<sup>530</sup>. O estabelecimento criado pelo homeopata francês no Brasil pressupunha a realização de experiências no homem são, a prática *á cabeceira do doente*<sup>531</sup>, e o aprendizado da manipulação de medicamentos homeopáticos, etapas importantes para o estudo da homeopatia. Previa, também, o cuidado gratuito com os pobres, objetivo caritativo que marcou o início da homeopatia no Brasil, e que tinha forte apelo propagandístico.

Em 1845, já no Rio de Janeiro, o Dr. Mure instala, em reunião do recentemente criado Instituto Homeopático do Brasil, a Escola Homeopática do Brasil<sup>532</sup>, sendo iniciadas as aulas um mês depois. A lição inaugural foi feita pelo Dr. João Vicente Martins, laborioso colaborador de Mure, ministrando ensinamentos de anatomia e fisiologia. Utilizavam, para esta disciplina, cadáveres embalsamados e manequins de *Auzoux*, sendo estes últimos alvo de críticas dos alopatas, cuja medicina tinha como um de seus mais fortes alicerces o estudo da anatomia através da dissecação de corpos inertes.

As atividades da escola se viram temporariamente suspensas no ano seguinte, devido à campanha de descrédito promovida pelos médicos oficiais, que questionavam sua legalidade; mas, esta é reconhecida oficialmente pelo governo imperial, e retoma suas atividades. Isto não garantia, porém, que pudessem exercer a profissão médica com desembaraço: os graduados pela Escola Homeopática ganhavam certificados de estudo que não os habilitava ao exercício da medicina<sup>533</sup>.

Além das fundações de Escolas Homeopáticas, alguns médicos fizeram a tentativa de introduzir cadeiras para o ensino da homeopatia em faculdades oficiais. São exemplos de

---

<sup>530</sup> Idem.

<sup>531</sup> Ibidem.

<sup>532</sup> Ibidem, p. 313.

<sup>533</sup> Ibidem, p. 673.

uma outra vertente entre os médicos homeopatas, favoráveis à introdução do ensino da doutrina hahnemanniana em instituições destinadas ao ensino médico oficial. Em 1853, o Dr. Maximiano Marques de Carvalho solicitou, ao Congresso, uma cadeira homeopática nas escolas de medicina<sup>534</sup>, que fora rejeitada, como em outras tentativas que lhe sucederam (como é o caso dos pedidos feitos em 1881 e em 1900, através do Instituto Hahnemanniano do Brasil). Nesta última solicitação, os homeopatas contavam com o prestígio e a influência do Dr. Joaquim Murtinho, médico homeopata que havia estado à frente do Ministério da Fazenda. Murtinho preferiu se preservar politicamente não atendendo aos pedidos dos colegas, que o criticaram por sua posição<sup>535</sup>.

A medicina homeopática prosseguiu com suas tentativas de criação de espaços onde pudesse institucionalizar e sistematizar o ensino das concepções por ela defendidas. O período proposto para este trabalho tem sua fase final num momento fértil de realizações neste sentido. No entanto, suas características diferem um pouco dos objetivos que incitavam seus representantes a buscarem estes espaços, no período de introdução da homeopatia no Brasil. Principalmente na década de 1910, alguns debates que permeavam o Instituto Hahnemanniano do Brasil o impulsionavam nesta direção. Aqui, não se tratava apenas de fazer a propaganda homeopática através do ensino: sistematizar a reprodução do conhecimento também significava definir melhor os porta-vozes da medicina homeopática, isto é, criar espaços que dessem, ao porta-voz, legitimidade e autoridade ao seu discurso.

Para compreender melhor este momento, é necessário acompanhar o que se passava pelas páginas dos principais periódicos homeopatas, aqui representados pelos *Annaes de Medicina Homœopathica* e a *Revista Homeopathica Brasileira*. Antes mesmo da década de

---

<sup>534</sup> Ibidem, p. 669.

<sup>535</sup> LUZ, M T. *A Arte* (...), p. 189.

1910, o diploma já era algo que gerava discussões entre alopatas e homeopatas nos periódicos médicos. Muitas críticas eram endereçadas pelos homeopatas às escolas médicas de seus adversários: *pretensos estabelecimentos de ensino medico*, onde não haveria princípios e se pregariam *vãs palavras*<sup>536</sup>, eram alguns dos adjetivos empregados pelos adeptos de Hahnemann. Por outro lado, os alopatas não se cansavam de denunciar o que, para eles, é uma contradição: a graduação de médicos nas faculdades médicas oficiais que, posteriormente, se “transformam em homeopatas”. Nas palavras de um médico hahnemanniano, que assim descreve a situação:

(...) suas aggremações julgam dever excluir, *ex propria auctoritate*, os que em therapeutica vamos prégando a bôa nova: “provieram os vossos diplomas de uma faculdade homœopathica? — arguem elles — não podeis atravessar os umbraes magestosos d’esto templo, a menos que não renunciéis vossas theorias e vossos principios, pois que elles são incompatíveis com a *sciencia*.”<sup>537</sup>

Apesar das críticas dos médicos homeopatas aos estabelecimentos de ensino médico dirigidos por alopatas, e destes repelirem a idéia de terem a homeopatia presente em seus bancos acadêmicos, havia o desejo dos primeiros de ter o mesmo estatuto da medicina oficial, obtido através do ensino superior médico. Alguns viam a inserção de cadeiras homeopáticas nas faculdades oficiais um meio de se alcançar o objetivo, como o médico que comenta a situação na Universidade de Budapest, e exprime seu anseio: *Oxalá o Governo brasileiro seguisse o nobre exemplo do Governo Hungaro criando tambem nas nossas Faculdades uma cathedra de Clinica Homœopathica*<sup>538</sup>. Outros, desejavam que existissem no Brasil, assim como nos Estados Unidos, onde a homeopatia tinha grande

<sup>536</sup> NOSSO Protesto. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a . 1, n. 8, p. 93-95, ago. 1906.

<sup>537</sup> NOTICIARIO. **Annaes de Medicina Homœopathica**, a . 9, n. 12, p. 368, dez. 1907.

<sup>538</sup> EBELING, F. Von. Escavações históricas. **Revista Homœopathica Brasileira**. Curitiba, a . 4, n. 10, p. 220, out. 1909.

aceitação, faculdades que ensinassem, exclusivamente, os princípios de Hahnemann<sup>539</sup>. Fosse de uma ou de outra maneira, o que a homeopatia desejava, neste momento, era que seus médicos pudessem obter um diploma que os qualificasse, aos olhos da sociedade (principalmente médica), como legítimos médicos seguidores de Hahnemann.

Outros debates envolviam a necessidade do diploma no meio homeopático. O ano de 1912 foi bastante movimentado neste sentido, uma vez que o Instituto Hahnemanniano do Brasil promoveu uma reforma em seus estatutos. As modificações se referiam, principalmente, à admissão de sócios na principal instituição homeopática do país. Os primeiros estatutos, datados de 1880, assim se pronunciavam sobre o assunto:

Art.3º- O Instituto se compõe de quatro classes de socios:socios effectivos, socios correspondentes, socios protectores e socios honorarios.

Art.4º- Socios effectivos pódem ser todos os medicos e pharmaceuticos homœopathas residentes na côrte e Nictheroy, ou quem possuir qualquer gráo academico.

Art.5º- Socios correspondentes podem ser todos os medicos e pharmaceuticos homœopathas residentes fóra da côrte e Nictheroy.

Art.6º- Socios honorarios podem ser todos os que, formados em medicina, pharmacia ou outra qualquer sciencia até os não graduados, sejam unanimemente julgados pelo Instituto dignos d'aquelle titulo por sua adhesão á doutrina hahnemanniana, influencia social e serviços em favor da homœopathia.

Art.7º- Socios protectores serão todos os individuos, embora estranhos á medicina, que por sua illustração, posição social, condigna e notoria adhesão á doutrina homœopathica, queiram contribuir com subsidios pecuniarios por uma só vez ou mensalmente para a manutenção e realização do fim do instituto.<sup>540</sup>

Além das definições das diferentes categorias de sócios que o Instituto Hahnemanniano poderia abrigar, os estatutos também teciam outras considerações acerca das atribuições dos sócios efetivos: deveriam assistir regularmente às sessões, eram os únicos com poder deliberativo e que podiam exercer cargos diretivos, com exceção o de

<sup>539</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a . 4, n. 10, p. 227-29, out. 1909.

<sup>540</sup> GALHARDO, J.E. R. *Livro (...)*, p. 730.

tesoureiro, que poderia pertencer a um sócio protetor. Observando todas estas considerações, conclui-se que, mesmo num período em que os homeopatas apostavam nas várias frentes de propaganda, e conviviam com agentes de cura adeptos de Hahnemann, que necessariamente não eram médicos ou farmacêuticos<sup>541</sup>, os diretores do Instituto Hahnemanniano do Brasil procuraram dotar a associação de um caráter científico, resguardando as instâncias de decisão do alvo de pessoas leigas. Nota-se a preferência por indivíduos que tivessem o grau de médico ou farmacêutico, mesmo se admitindo outros tipos de formação, deixando claro a importância dada ao título acadêmico.

Já após a reforma de 1912, assim ficaram definidas as categorias de sócios do Instituto:

Art. 6º - Socios effectivos podem ser todos os que, residentes no Districto Federal, ou em lugar proximo que lhes permitta comparecer ás sessões, professarem a homeopatia.

Art. 7º - Socios correspondentes podem ser todos os que, residentes em lugar que não lhes permitta comparecer ás sessões, estiverem nas condições de ser socios effectivos.

Art. 8º - Socios honorarios podem ser todos os medicos e pharmaceuticos que sejam julgados pelo Instituto dignos deste titulo por seus assignalados serviços á homœopathia.

Art. 9º - Socios benemeritos serão todas as pessoas cujos altos beneficios e serviços ao Instituto dignod deste titulo por seus assignalados serviços á homœopathia.<sup>542</sup>

As modificações no estatuto foram aprovadas pelos membros presentes, mas a discussão acerca delas estavam apenas começando. Embora os homeopatas estivessem, há alguns anos, lutando para ter uma representação científica na sociedade, as reformas estatutárias demonstravam justamente o contrário: com elas, qualquer pessoa leiga, desde que *professasse* a homeopatia, podia ser admitida em seu seio. O teor desta proposta se

<sup>541</sup> Como o caso dos médiuns receitistas, conforme já foi comentado no primeiro capítulo.

<sup>542</sup> ACTA da 13ª sessão ordinária de 1911-1912. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a . 11, n. 5, p.250, maio.1912.

conjugava com a defesa pela liberdade profissional. No entanto, não deixavam de vir em direção contrária aos interesses de igualdade em relação à medicina alopática, ao menos no que diz respeito a sua oficialidade.

Nem todos ficaram satisfeitos com este passo dado pelo IHB. O Dr. Nilo Cairo, já residente em Curitiba, e o Dr. Alcides Nogueira se manifestaram contrários às decisões sobre o estatuto. Para Alcides Nogueira, as reformas alteravam as exigências de habilitação e preparo científico que deveriam ser exigidas aos candidatos à sócio do Instituto: suas observações são levadas a uma reunião posterior, que acaba gerando discussões entre os membros presentes<sup>543</sup>. Estes já tinham tomado conhecimento dos artigos de Nilo Cairo criticando as posições do Instituto Hahnemanniano, sendo Dias da Cruz Filho o locutor do malgrado da entidade por contar com dissidências em seu interior. Dias da Cruz critica, nesta sessão, as idéias contrária de ambos os colegas<sup>544</sup>, afirmando que as reformas contribuiriam para o engrandecimento do Instituto. Outro médico, o Dr. Alfredo Maia, também concorda com as considerações do Dr. Nogueira, no que diz respeito à vaga noção, nos estatutos reformados, das reais habilitações que os candidatos a sócio efetivo deveriam possuir.

Diante das controvérsias ocorridas, o mesmo assunto volta à pauta das sessões posteriores. Nesta altura, Dias da Cruz Filho e Nilo Cairo já se digladiavam pelas páginas, respectivamente, dos *Annaes de Medicina Homeopathica* e da *Revista Homeopathica Brasileira*. Os artigos serviam de combustível para aquecer ainda mais as já acaloradas sessões do Instituto. Cairo já havia escrito *Algumas reflexões*, onde criticava as posturas do

<sup>543</sup> ACTA da 19ª sessão ordinária de 1911-1912. **Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, a . 11, n. 6, p. 284-86, jun. 1912.

<sup>544</sup> Em seu artigo MICROFILME, na **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a . , n. , . 1912, Nilo Cairo vai afirmar a existência de mais dez membros do IHB não contentes com a reforma estatutária.



IHB com as reformas do Estatuto, seguindo-se da resposta de Dias da Cruz Filho, *Algumas contra-reflexões*, que defendia ardorosamente a não exigência de diploma como pré-requisito para sócios efetivos. Enquanto Nilo Cairo acreditava que a desistência do diploma como pré-requisito para sócio do Instituto seria a falência deste enquanto associação científica, Dias da Cruz Filho justificava sua argumentação, atribuindo esta exigência como algo recente, e que não afetaria o caráter científico do Instituto:

S. Ex., na epoca em que illustrava as sessões do Instituto com as luzes potentes de um talento sem par, *hombrou-se e acotovelou-se* por entre socios que careciam de diploma. (...) a tradição falla pela não exigencia do diploma; os factos demonstrando que essa exigencia é recente na vida do Instituto. E assim como nos tempos de antanho o Instituto sempre teve vida scientifica, não será *d'oravante* que elle se *despirá do character scientifico*.<sup>545</sup>

O médico paranaense, por sua vez, procurava argumentar em torno da idéia de que, uma vez admitindo pessoas leigas, o IHB estaria desqualificado de suas atribuições de congregação científicas, podendo, até mesmo, ser alvo do escárnio dos adversários alopatas. Para Cairo, seria retroceder aos *tempos dos primeiros sucessores de Mure, que fabricavam curandeiros as toneladas*, voltar a um período em que ele denomina, em seu artigo, de *tempo do charlatanismo homeopathico*<sup>546</sup>. Sua aversão a este “retrocesso”, provocado pelo Instituto era tamanho, que chegava a convidar seus colegas homeopatas a se associarem às sociedades alopáticas, por considerar serem estas, os únicos centros científicos médicos existentes no Brasil, naquele momento<sup>547</sup>.

Em reunião posterior àquela onde foram apresentadas as considerações divergentes, os comentários giraram em torno de um novo artigo de Nilo Cairo, contestando a afirmação

<sup>545</sup> CRUZ FILHO, D. da. Algumas contra-reflexões. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a . 11, n. 6, p. 297. jun. 1912.

<sup>546</sup> CAIRO, N. Algumas reflexões. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a . 7, n. 2, p. 25, fev. 1912.

<sup>547</sup> \_\_\_\_\_. Degeneração. **Revista Homeopatica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 3-4, p.40-42, mar./abr. 1912.

de que a exigência de habilitação seria recente, apresentando os estatutos de 1880 e afirmando que se queria quebrar uma tradição de mais de trinta anos, que assegurava o caráter científico da instituição<sup>548</sup>. O Dr. Dias da Cruz Filho censura as alegações do colega paranaense, enquanto que o Dr. Saturnino Cardoso lhe faz uma reprimenda:

Diz que se admira profundamente de que um homem do valor intellectual do Sr. Dr. Nilo Cairo e filiado, como publicamente o tem demonstrado, a uma doutrina philosophica que condemna todos os monopolios e privilegios e principalmente os privilegios scientificos, julgando de nenhum valor os diplomas conferidos de taes privilegios para attestar o saber, venha com lamentavel contradicção ser entre nós o paladino, tornar-se o defensor imperterrito (sic) do privilegio do diploma (...).<sup>549</sup>

De fato, era de se estranhar que Nilo Cairo, assumido adepto de Comte e da liberdade profissional, adotasse uma postura tão firme em relação à exigência de um aparato legitimador para a prática da medicina homeopática. No entanto, é preciso lembrar que, mesmo em suas defesas do livre exercício da medicina, deixava claro a transitoriedade da mesma, alegando ser uma necessidade dos tempos pelos quais passavam<sup>550</sup>. Mas, parece que esses tempos já estavam se acabando, para Nilo Cairo: não só nos artigos sobre as reformas de estatuto de 1912, mas anteriormente, o médico já vinha assumindo esta postura aparentemente contraditória com seus princípios.

Um exemplo desta mudança de comportamento foi o comentário feito por ele, por ocasião do falecimento de um “curioso”, que praticava a homeopatia em Florianópolis. A pessoa em questão era o Sr. Augusto Guilherme Hautz, genro do Dr. Thomaz Silveira, o primeiro médico homeopata diplomado que havia clinicado na cidade. Apesar de não

---

<sup>548</sup> Idem.

<sup>549</sup> ACTA da 20ª sessão ordinária de 1911-1912. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a . 11, n. 7, p. 308, jul. 1912.

<sup>550</sup> NOSSO programa. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, a . 1, n. 1-3, p. 3, jan./mar. 1906.

possuir diploma, como o sogro, mereceu comentários elogiosos por parte de Nilo Cairo: *Felizmente, o Sr. Guilherme Hautz não pertencia ao numero dos receitistas espiritas, impostores que vivem, charlatanescamente, a explorar a credulidade publica; o Sr. Hautz estudava a homeopathia nos melhores auctores allemães e prescrevia conscienciosamente seus medicamentos.*<sup>551</sup>

Diferente da consideração prestada aos espíritas, na apresentação feita no primeiro número da então *Revista Homœopathica do Paraná*, Nilo Cairo demonstra repulsa a estes. Ao elogiar o Sr. Hautz, no entanto, revela que sua preocupação não era exclusivamente com o diploma, mas com um preparo adequado aos homeopatas, que deveria requerer erudição, característica próxima dos princípios comtianos. Assim, ele afirmava que, se ao menos o diploma de uma faculdade alopática não possa ser considerado termômetro capaz de indicar os conhecimentos homeopáticos de alguém, ao menos atestam ser aquele indivíduo possuidor de conhecimentos básicos da Medicina<sup>552</sup>, condição mínima para participar de discussões científicas acerca do tema. Sendo estas o objeto principal da atividade do Instituto, e não existindo, até aquele momento<sup>553</sup>, nenhuma faculdade homeopática, deveriam ser aceitos os diplomas das faculdades oficiais como atestados do conhecimento mínimo que deveria ter todo o aspirante a sócio do IHB.

A situação, em 1912, porém, parecia ter se radicalizado. A necessidade do diploma era expressa claramente, e se justificava pela necessidade que o homeopata paranaense via em “separar” médicos e farmacêuticos de outras categorias simpatizantes da homeopatia,

<sup>551</sup> OBITUARIO. *Revista Homeopathica Brasileira*, Curitiba, a . 5, n. 9, p. 162, set. 1910.

<sup>552</sup> Para Nilo Cairo, os conhecimentos de Patologia deveriam ser básicos nas discussões científicas sobre homeopatia.

<sup>553</sup> Quando fala sobre o assunto em seu artigo Degeneração. *Revista Homeopathica Brasileira*, Curitiba, a . 7, n. 3-4, p. 40-42, mar./abr. 1912, Cairo e seus colegas atravessavam o contexto da criação da Faculdade Homeopathica do Rio de Janeiro, cujo reconhecimento pelo Instituto foi um tanto tumultuado, como se verá a seguir.

organizando, para estas, um espaço próprio. Embora se perceba uma diferença em seu discurso sobre a liberdade profissional, no início do século com o que proferia sobre o assunto no início da década de 1910, aos seus olhos isso não feria, em nenhum momento, os princípios comtianos que o norteavam. Respondendo às cobranças de seus colegas homeopatas em relação à sua fidelidade ao positivismo, Cairo lhes afirma que Auguste Comte nunca havia proclamado a liberdade profissional médica indistintamente:

(...) essa liberdade elle a julgava necessaria *apenas* durante o *periodo de transição social* em que ainda nos achamos, tanto assim, que o ensino scientifico, na sociedade que elle ideou (sic.), e bem assim a funcção medica, deviam ser exercidas EXCLUSIVAMENTE pelo *sacerdocio*. A liberdade de ensino, pois, como a liberdade profissional, como todas as liberdades sem freio, só pôdem ser uteis no periodo preparatorio de uma reorganisação social; fóra d'ahi são retrogradadas, anarchicas, revolucionarias, methaphysicas.<sup>554</sup>

Defendendo-se, ainda, da acusação de que estaria contrariando suas posições filosóficas e também as tradições do Instituto, o homeopata paranaense relembra que, tanto os Estatutos do IHB de 1880 quanto os de 1904<sup>555</sup> sempre houve a exigência de que se fosse médico ou farmacêutico, para se pertencer à instituição. Mesmo quando havia a liberdade de grau acadêmico, havia um artigo, no Estatuto, que proibia discussões de assuntos não pertinentes à medicina homeopática. A tradição do Instituto Hahnemanniano falava, portanto, pela existência do diploma, interpretado como um papel que reconhecesse, oficialmente, as habilitações do candidato a sócio. Nilo Cairo explica o sentido que deveria ser tomada a exigência do documento:

Não é que o Sr. Nilo Cairo, infiel á sua *educação filosófica*, fizesse questão do monopólio official do diploma. Não.(...)O Se. Dr. Nilo

<sup>554</sup> CAIRO, N. Degeneração. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a . 7, n. 6, p. 68-70, jun. 1912.

<sup>555</sup> Ano em que houve outra reforma, na qual Nilo Cairo fizera parte.

Cairo queria apenas que todo o socio do Instituto fosse um *profissional de medicina ou da pharmacia homeopathicas*, com diploma de uma escola official, ou de uma Faculdade Livre ou licença de uma Directoria Sanitaria, emfim, um documento publico de habilitação profissional. Era só. E por isso, o Sr. Dr. Nilo Cairo, fiel á sua educação philosophica, não sente nenhuma repugnancia em se acotovelar na redação desta revista, com o *distincto profissional* que é o Sr. Ignacio Cardoso, de Porto Alegre, *medico licenciado* pela Directoria do Serviço Sanitario do Rio Grande do Sul e que é um *clinico publicamente reconhecido naquella cidade*, fazendo da medicina sua profissão, na qual de resto tem dado provas da maior capacidade scientifica.<sup>556</sup>

A posição mais radical adotada por ele em relação aos ensinamentos de Comte sobre a liberdade profissional, indicavam que algumas mudanças estavam se descortinando neste cenário do início da década de 1910, em relação aos critérios de escolha dos porta-vozes do discurso homeopático. Para Nilo Cairo, como se mostrará mais detalhadamente no final deste capítulo, a hora era de segurar os freios da liberdade profissional; afrouxando-os, como fazia com as reformas estatutárias, o IHB estaria caminhando “na contramão da história”. Se a homeopatia queria ser a medicina verdadeira, colocando-se no lugar conquistado pela alopatia, teria que adotar as mesmas estratégias, sob pena de não ser levada a sério: criar espaços exclusivamente “científicos”, neste sentido, auxiliavam o reconhecimento da medicina de Hahnemann na comunidade médica. Era o que Nilo Cairo queria dizer<sup>557</sup> em seus artigos censurando a postura do Instituto Hahnemanniano e, se seus colegas não concordavam com suas críticas, ao menos não lhes eram nada indiferentes.

<sup>556</sup> CAIRO, N. A popularização do Instituto Hahnemanniano do Brasil. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 7, p. 80-84, jul. 1912.

<sup>557</sup> \_\_\_\_\_. Degeneração. **Revista Homeopathica Brasileira**, a. 7, n. 3-4, p. 40-42, mar./abr. 1912.

## 4.2 Conturbadas Sessões Ordinárias

Voltemos às reuniões do Instituto Hahnemanniano. Toda a discussão movida em torno da importância ou não do diploma, mais o fato de, em uma resposta a Cairo<sup>558</sup>, o Dr. Dias da Cruz Filho ter denominado os médicos hahnemannianos de “charlatães da Homeopatia” estimulou, no seio dos homeopatas, o debate em torno de sua prática. Em reunião de 4 de julho de 1912, o Dr. Alcides Nogueira, o mesmo que havia apoiado Nilo Cairo nas críticas ao novo Estatuto, afirmava seu protesto em relação à expressão utilizada pelo redator dos *Annaes de Medicina Homeopathica*<sup>559</sup>. Dias da Cruz Filho havia se referido ao fato que, uma vez que inexistisse, então, uma faculdade homeopática que expedisse diplomas, todos os médicos que exercessem a homeopatia e fossem diplomados pelos cursos alopatas, deveriam ser considerados charlatães. Era sua resposta diante do reconhecimento que Nilo Cairo prestava ao diploma médico, apesar de fornecido pelas faculdades alopáticas.

A expressão não fora bem aceita pelo Dr. Nogueira, que julgava ser o charlatanismo a exploração da boa fé do povo. O termo, no entanto, como justifica o próprio Dias da Cruz Filho, foi utilizado para explicar que, como os membros do Instituto Hahnemanniano se tornaram homeopatas proclamando-se enquanto tais, eram “charlatães” por não terem nenhum diploma que lhes atestasse serem possuidores do saber homeopático. Ele e o Dr. Saturnino Cardoso afirmavam, ainda, que o diploma da faculdade oficial não poderia ser reconhecida como atestado de habilitação para o exercício da medicina hahnemanniana.

---

<sup>558</sup> CRUZ FILHO, D. da. Pondo os pontos nos ii. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a . 11, n. 9, p. 391-97, set. 1912.

<sup>559</sup> ACTA da 22ª Sessão Ordinária de 1911-1912. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a . 11, n. 8, p. 139-41, ago. 1912.

Fazendo novas considerações, Alcides Nogueira diz não concordar, ainda, com o termo “charlatões homeopatas”, pois julga ser o fato de pertencer ao Instituto Hahnemanniano o suficiente para atestar a legitimidade da prática homeopática de todos os seus membros. Dias da Cruz Filho não concorda com esta prerrogativa, afirmando que, mesmo antes da reforma de Estatutos, o que norteava a admissão dos novos sócios era a simpatia dos membros da instituição pelos candidatos, sem significar que estes possuíssem *capacidade homœopathica*<sup>560</sup>. O Dr. Cruz Filho admitia, então, estar o Instituto Hahnemanniano destituído de autoridade para nomear quem era ou não homeopata, como queria Alcides Nogueira. Uma vez que a principal associação homeopática não detinha mais o poder que alguns pensavam que ela tivesse, restava a questão: como reconhecer a legitimidade daquele que praticava a homeopatia? Embora, aparentemente, os membros do IHB não estivessem preocupados com esta questão, e sim em garantir a liberdade profissional, suas atitudes em relação principalmente à formação do homeopata e às atribuições do Instituto irão apontar em outra direção.

Nilo Cairo, com o mesmo estilo irônico e provocativo que tinha diante de seus adversários alopatas e que o tornavam um dos porta-vozes mais respeitados na categoria médica, desta vez se lançava aos colegas homeopatas. Estes, que tanto haviam elogiado o “poderio bélico” do médico paranaense, agora tentavam se desviar de suas “balas”. Embora a discussão dos Estatutos tenha gerado muito atrito entre os membros do Instituto e Cairo, este não fora o início da contenda. Também como o debate em torno da necessidade ou não de um diploma, outra questão envolvendo a formação dos médicos homeopatas deu início ao conflito interno, cujo pivô fora o médico paranaense.

---

<sup>560</sup> Idem

Em janeiro de 1911, é publicada uma nota intitulada *Uma Explicação Inevitável*, onde Cairo contava, aos leitores da *Revista Homeopathica Brasileira*, os motivos da mudança de endereço da redação do periódico. Inicialmente em Curitiba, desde 1906, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1910, e retornou à capital do Paraná, em 1911. Esta rápida estadia no Rio é assim justificada por ele:

Mudando, em novembro ultimo, minha residencia para a capital da Republica, levou-me apenas um objectivo: de prévio accordo com alguns confrades daquela metropole, a fundação de uma associação leiga humanitária ( a Sociedade Homeopathica Brasileira) destinada a manter uma Polyclinica Homeopathica para indigentes, um Hospital Homeopathico e uma pequena Escola de Medicina Homeopathica.

Esta associação devia ser fundada á sombra do Instituto Hahnemanniano do Brazil, única associação scientifica de medicos homeopathas que então existia no Brazil e tinha sua séde no Rio, e cuja presidencia era occupada pelo Sr. Dr. JOAQUIM MURTINHO, com cujo prestigio social e político todos contavamos.<sup>561</sup>

Continuando seu relato, conta como preparou, cuidadosamente, todos os detalhes do empreendimento, desde o capital necessário para realizá-lo, até a elaboração dos seus estatutos, bem como a conquista do apoio de vários colegas, como Licinio Cardoso, Dias da Cruz e Theodoro Gomes. No entanto, seus planos redundam em fracasso, segundo ele, devido ao *egoismo, o descaso e a indiferença pela causa da Homeopathia*<sup>562</sup>.

Sem revelar ao leitor, neste primeiro artigo, o personagem a quem dirigia os rancores de seu fracasso, Nilo Cairo apresenta a carta de demissão dirigida ao Instituto Hahnemanniano do Brasil, através do Dr. Theodoro Gomes. Esta é negada unanimemente

<sup>561</sup> CAIRO, N. Uma Explicação Inevitável. *Revista Homeopathica Brasileira*, Curitiba, a . 6, n. 3-4, p. 71 mar./abr. 1911.

<sup>562</sup> Idem, p. 74.



pelos membros presentes à reunião de 9 de novembro de 1911, que tecem muitos elogios ao colega, julgando-o indispensável no quadro de sócios da entidade<sup>563</sup>.

Este fato decisivo na vida pessoal de Nilo Cairo, que o faz mudar de planos dirigindo-se, repleto de sonhos de realização profissional, ao Rio de Janeiro para retornar, frustrado e amargurado, à Curitiba, não é registrado pelos seus principais biógrafos<sup>564</sup>. No entanto, reflete o momento importante pelo qual passava a homeopatia no país, onde sentia-se cada vez mais premente a necessidade de organizar o ensino e a prática médica hahnemanniana. Mais tarde, como se verá, este episódio individual será marcante para a criação da Universidade do Paraná e de seu curso de Medicina.

O médico paranaense tinha como objetivo, ao se dirigir à capital federal, a fundação da Sociedade Homeopática Brasileira, associação ligada ao Instituto Hahnemanniano, mas que poderia contar em seu quadro pessoas leigas, que tivessem simpatia pela causa homeopática. Num primeiro momento, a Sociedade teria a função de fundar um Hospital e uma Escola Homeopática, mas o projeto acabou sendo frustrado pelo então presidente do Instituto, o Dr. Joaquim Murtinho. Este, que já havia exercido cargos políticos, era a figura para quem os homeopatas dirigiam suas esperanças<sup>565</sup> de oficialização e de concretização de projetos. Mais uma vez ele frustra as expectativas e, na última hora, não dá apoio ao empreendimento de Nilo Cairo que, no entanto, não se cala diante da situação.

As palavras do redator da *Revista Homeopathica Brasileira* ficaram, após este episódio, cada vez mais duras toda a vez que se dirigia ao Instituto Hahnemanniano. Por ocasião do Oitavo Congresso Homeopático Internacional, realizado em julho de 1911, em

<sup>563</sup> ACTA da 6ª Sessão Ordinária de 1911. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a . 10, n. 12, p. 91-94, dez. 1911.

<sup>564</sup> Cf CARNEIRO, D. **Nilo Cairo** (biografia). Curitiba, 1984. e UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Centenário de Nascimento do Professor Nilo Cairo**. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1974.

<sup>565</sup> Sobre o assunto, ver: LUZ, Madel T. **A Arte** (...), p. 185-90.

Londres, Cairo atribuiu ao Instituto a ausência de representantes brasileiros. Ele, que tinha esperanças de ser enviado como membro de uma comitiva ao evento, critica duramente a associação por não ter disposto, ao menos, do dinheiro arrecadado para a fundação da Sociedade Homeopática Brasileira para financiar a viagem de um sócio<sup>566</sup>.

Uma vez que o redator dos *Annaes*, Dr. Dias da Cruz Filho, manifesta-se contrariado diante das críticas tecidas por Cairo, este escreve um novo artigo, esclarecendo que sua censura se dirigia exclusivamente ao Dr. Joaquim Murtinho. Culpa-o também pelo período de “atividade anormal” por que passava o Instituto, sem sede própria e com a edição dos *Annaes* suspensa por alguns números<sup>567</sup>.

Neste meio termo, ocorre a morte do Dr. Joaquim Murtinho. Nilo Cairo dedica um número inteiro da *Revista Homeopathica Brasileira* ao ocorrido, publicando os discursos feitos em memória do presidente do IHB, escrevendo ele próprio um artigo. Apesar da homenagem, não muda sua posição em relação a Murtinho: afirma que o falecido médico não havia prestado grandes serviços à homeopatia brasileira pois, com exceção da clínica que exercia, não havia utilizado seu prestígio no fortalecimento da medicina hahnemanniana<sup>568</sup>. Com o falecimento de Joaquim Murtinho, o médico paranaense chega mesmo a publicar uma nota agradecendo a rejeição de seu pedido de demissão e afirmando que, uma vez morto o provocador de sua demissão, tinha o máximo prazer de não ter que enviar um pedido de retorno *à casa paterna*<sup>569</sup>.

---

<sup>566</sup> OITAVO Congresso Homeopathico Internacional. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 6, n. 9, p. 187-88, set. 1911.

<sup>567</sup> CAIRO, N. Duas palavras necessarias. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 6, n. 10, p. 216-18, out. 1911.

<sup>568</sup> EDITORIAES. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 6, n. 11-12, nov./dez. 1911.

<sup>569</sup> CAIRO, Nilo. Uma Explicação. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 1, p. 10-11, jan. 1912.

As críticas ao ex-presidente não foram bem recebidas pelos sócios do Instituto Hahnemanniano. Em sessão de 18 de abril de 1912, alguns membros lamentam as duras palavras de Nilo Cairo, dentre eles o farmacêutico Juvenal Murtinho, parente do falecido presidente da associação<sup>570</sup>. Também em seu artigo *Algumas Contra-reflexões*, Dias da Cruz Filho censura o comportamento do colega, especialmente porque o assunto deveria permanecer *intra muros*<sup>571</sup>. Em resposta, Cairo reforça seu parecer em relação às atitudes de Joaquim Murtinho, acusando-o, inclusive, de ter ficado rico às custas das caras consultas cobradas de seus pacientes<sup>572</sup>.

Para Nilo Cairo, naquele momento, Joaquim Murtinho era o pivô de todas as dificuldades vividas pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil. O fracasso da fundação da Sociedade Homeopática Brasileira sempre foi um dos assuntos em pauta em suas críticas à reforma dos Estatutos. No primeiro artigo tratando sobre o assunto, ele comenta a justificativa dada por aquela instituição homeopática de que a necessidade de atrair simpatizantes da causa de Hahnemann, estaria movendo a reforma estatutária : tudo estaria resolvido se fosse fundada a Sociedade, pois poderiam fazer parte dela as pessoas leigas que assim desejassem<sup>573</sup>.

O médico paranaense insistia, também, na importância que teria seu projeto para o ensino da homeopatia no Brasil: tanto a Escola quanto o Hospital, pertencentes à Sociedade Homeopática, estariam direcionados para este fim<sup>574</sup>. Além da formação propriamente dita,

---

<sup>570</sup> ACTA da 14ª Sessão Ordinária de 1911- 1912. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 11, n. 5, p. 252, maio. 1912.

<sup>571</sup> CRUZ FILHO, D. da C. *Algumas (...)*, p. 296.

<sup>572</sup> CAIRO, N. Veritas super omnia. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 5, p. 56-57, maio. 1912.

<sup>573</sup> \_\_\_\_\_. *Algumas (...)*, p. 24.

<sup>574</sup> Segundo o regulamento do Hospital Homeopático, este teria, além da assistência aos doentes, o objetivo de ser um espaço de aprendizado destinado aos estudantes da Escola. Cf: CAIRO, N. *Projecto de Regulamento*

que garantiria a disseminação sistematizada do saber homeopático, uma Escola ou Faculdade Homeopática eliminaria a justificativa de homeopatas que, como Dias da Cruz Filho, atrelavam a dispensa da exigência do diploma como pré-requisito para sócio do IHB à ausência de instituições qualificadas para emití-lo: (...) *emquanto não existir em nosso meio uma Faculdade de Medicina Homœopathica, de capacidade tecnica reconhecida, enquanto não houver uma aggremação scientifica que disponha de auctoridade homœopathica bastante para conferir-a a quem o merecer, futil e incoherente será sempre a exigencia de tão irrisorio diploma.*<sup>575</sup> Diplomar por uma faculdade essencialmente homeopática seria uma maneira de encerrar a questão e garantir a permanência do caráter científico da principal entidade hahnemanniana brasileira.

Isto não significava, porém, que não houvesse nenhuma faculdade médica homeopática, no período em que se desenrolou o debate sobre o diploma no IHB. Logo após a tentativa malograda de Nilo Cairo, e aproveitando a liberdade de ensino proporcionada pela Lei Rivadávia<sup>576</sup>, sancionada em abril de 1911, foi fundada a Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro. A criação de tal entidade, desvinculada do Instituto Hahanemanniano do Brasil, gerou uma série de controvérsias no meio homeopático.

O Instituto recebe a comunicação do estabelecimento da faculdade através de correspondência, lida em sessão de 25 de abril de 1912. Nela, o presidente, Dr. Domingos Marques de Oliveira, convidava para a solenidade de instalação e pedia apoio moral e intelectual para o empreendimento. Tendo recebido a correspondência com dois dias de

---

para um Hospital Homœopathico. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 11, n. 9, p. 378-86, set. 1912.

<sup>575</sup> CRUZ FILHO, D. da. Pondo (...), p. 396.

<sup>576</sup> A Lei Rivadávia e seu impacto no ensino médico homeopático, será tratada com mais detalhes no último item deste capítulo.

atraso, o Instituto Hahnemanniano não se fez representar na solenidade; tampouco prometeu apoio: uma vez independente da entidade, deveria contar com seus próprios recursos<sup>577</sup>.

A resposta dada pela presidência do IHB, mostrando indiferença pelo surgimento de uma nova entidade hahnemanniana, não refletiu o estado de espírito dos demais membros. O Dr. Alcides Nogueira foi um dos primeiros a se manifestar sobre o assunto, revelando sua consternação diante do surgimento da Faculdade Homeopática. Por isso, resolve fazer uma apreciação do que considerou os principais pontos falhos da escola médica. Em primeiro lugar, critica a rapidez com que a faculdade fora criada; posteriormente, censura seu programa, a começar pelo limite de quatro anos de curso, que proporcionaria a não inclusão de cadeiras necessárias. Uma das coisas que mais saltaram aos olhos do homeopata foi o fato de duas cadeiras importantes para a homeopatia — a de Patologia Geral e a de Materia Medica e Terapeutica Homeopatica — terem sido entregues a médicos alopatas. Ele indagava: *Tendo nós uma pathologia, ensinada pelo mestre e desenvolvida pelos seus discipulos e continuadores, como destinaram esta cadeira á proficiencia de um medico allopatha?*<sup>578</sup>

A criação da Faculdade Homeopática foi alvo de um extenso debate, ocorrido no dia 2 de maio de 1912, por ocasião da sessão do Instituto Hahnemanniano. Nele, o Dr. Alcides Nogueira fez a leitura de seu artigo sobre o assunto, tendo alguns colegas se manifestado em seguida. O Dr. Dias da Cruz Filho chama a atenção para a necessidade do IHB em se pronunciar sobre o assunto, mesmo tendo sido comunicado da existência da Faculdade após

---

<sup>577</sup> ACTA da 15ª Sessão Ordinaria de 1911-1912. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 11, n. 5, p. 255, maio. 1912.

<sup>578</sup> NOGUEIRA, A. A Faculdade de Medicina Homœopathica e a sua organização. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 11, n. 5, p. 270-72, maio. 1912.

ela já ter sido instalada. Ele toma a iniciativa de ler algumas considerações que havia preparado revelando, em suas reflexões, estar de acordo com o Dr. Nilo Cairo a respeito da formação dos médicos homeopatas:

(...) pede o orador a atenção da casa para o facto de se tratar de uma medicina que se quer impôr a nação, que quer conquistar um lugar ao lado da sciencia official, o que só pode conseguir pelo perfeito preparo dos cultores da doutrina de Hahnemann, preparo esse que em nada deva ser inferior ao da medicina official. Pensa o orador que uma faculdade homœopatica deve ser uma dependencia de uma escola allopathica, pois que o medico homœopatha carece de conhecer a allopathia. O orador está nesse ponto de accôrdo com o Sr. Dr. Nilo Cairo, quando lembra que só depois de cursar o actual 4º anno da escola de medicina possam ser encaminhados para a homœopathia os futuros discipulos de Hahnemann.

É preciso, declarou o orador que, principalmente, se evite que uma faculdade medica homœopathica possa servir de chacota.<sup>579</sup>

Na sessão, estava presente um dos professores da Faculdade Homeopática recém-criada, que também era membro do Instituto. O Dr. Rodoval de Freitas inicia sua fala afirmando concordar com a existência de algumas imperfeições na faculdade onde era docente. Uma delas seria a escolha de médicos alopatas para certas cadeiras estratégicas; porém, os erros de tal procedimento deveriam ser compreendidos pela pressa em aproveitar a brecha dada pela Lei Orgânica do Ensino, ou Lei Rivadávia, como era conhecida.

Diante da importância da criação de uma faculdade homeopática, o Instituto Hahnemanniano sentiu que não deveria omitir sua opinião. No parecer de Dias da Cruz Filho, uma vez que um dos objetivos do Instituto era zelar pelo progresso da homeopatia, este deveria ser o fórum de debates desta questão. Assim, o redator dos *Annaes* se encarrega de elaborar algumas considerações sobre o assunto.

---

<sup>579</sup> ACTA da 16ª Sessão Ordinária de 1911-1912. **Annaes de Medicina Homœopathica**, a. 11, n. 6, p. 276, jun. 1912.

O Noticiário dos *Annaes de Medicina Homeopatica*, de autoria do Dr. Dias da Cruz Filho e publicado em junho de 1912, expunha a existência de dois grupos diferentes no Instituto Hahnemanniano, que se posicionavam sobre o assunto: um que achava importante apoiar uma realização tão crucial para a causa homeopática; o outro, julgava ser necessário ponderar melhor e analisar sob que moldes fora criada a nova instituição. Ambos, porém, visavam o mesmo propósito: a propagação da homeopatia.

O redator do artigo, o Dr. Dias da Cruz Filho, afirmando zelar pelo “desenvolvimento” da doutrina hahnemanniana, tece seus comentários sobre a importância de uma Faculdade de Medicina Homeopática perfeitamente estruturada:

(...) o desenvolvimento scientifico da doutrina de Hahnemann, depende mil vezes mais da capacidade dos medicos homœopathas futuros, que mesmo da competencia dos actuaes. Será por occasião do declinio fatal e relativamente proximo da allopathia, no momento mesmo em que a homœopathia se firmar com caracter official, que mais precisará ella ser servida com clarividencia inexcédível, e competencia sem par. Effectivamente, mais difficil é conservar um terreno conquistado, que conquistal-o.

Pensando assim, julgamos um dever zelar pelo preparo dos futuros medicos homœopathas.<sup>580</sup>

O texto revela a crença no triunfo futuro da homeopatia, estabelecendo a boa formação dos médicos como princípio básico para a manutenção desta conquista. Este “destino homeopático”, por sua vez, estava condicionado à decadência da alopatia e à oficialização da medicina hahnemanniana. Era importante, portanto, que se fundassem Faculdades Homeopáticas, porém mais decisivo ainda era que estas instituições estivessem dotadas de condições necessárias para formar médicos competentes.

O redator do noticiário, juntamente com muitos membros do Instituto Hahnemanniano, pensava não ser a Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro

<sup>580</sup> NOTICIARIO. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 11, n. 6, p. 300, jun. 1912

adequada o suficiente para o que se propunha. A primeira observação feita foi sobre o curso anexo, preparatório para a admissão na faculdade, cujo acesso *é franco a indivíduos quasi analphabetos*<sup>581</sup>. As outras advertências giravam em torno do curso médico, e se referiam à curta duração do mesmo, bem como à necessidade de criação de novas cadeiras, como de Bacteriologia, Anatomia e Fisiologia patológicas, Anatomia médico-cirúrgica e clínicas especiais, como dermatologia, pediatria, psiquiatria, oftalmologia e otorrinolaringologia.

Percebe-se, por estas considerações, que Dias da Cruz Filho julgava imprescindível que os médicos homeopatas tivessem o conhecimento da medicina oficial, uma vez que a bacteriologia e as especialidades não condiziam com a doutrina hahnemanniana. Embora fosse um dos defensores da dispensa do diploma na questão das reformas do Estatuto revela, neste artigo, que não abria mão de uma preparação sólida para quem quisesse passar pelos bancos acadêmicos homeopáticos.

Nilo Cairo fazia da criação da Faculdade mais um dos motivos que demonstrava a necessidade da criação da Sociedade Homeopática Brasileira, de onde derivaria a Escola Homeopática. Ele temia que uma instituição, nascida independente do Instituto Hahnemanniano, pudesse vir a ser objeto de vergonha para o movimento homeopático. O médico paranaense tinha recebido a notícia de que alguns médicos homeopatas *pouco escrupulosos* tinham se associado a alopatas, a fim de criar o estabelecimento de ensino. Prevendo um futuro fracasso, não dispensou de colocar a culpa no Instituto, que, segundo ele, fora incapaz de tomar qualquer iniciativa neste sentido.

Diante do quadro de deficiências apresentadas pela Faculdade de Medicina Homeopática, o Instituto Hahnemanniano estabelece, como condição para seu apoio, que houvesse modificações em seu programa. Com a remodelação, membros da associação

---

<sup>581</sup> Idem, p. 301.



homeopática passaram a fazer parte da faculdade, promovendo a reforma de seus Estatutos. Uma das modificações previa a substituição de um dos fundadores, o Sr. Antonio Guilherme Cordeiro, pelo Dr. Dias da Cruz, provocando uma ação judiciária por parte do primeiro. Com estes problemas, resolve-se pela criação de uma faculdade, a Faculdade Hahnemanniana, que teve como embrião a Faculdade de Medicina Homeopática.<sup>582</sup>

As promessas de modificações na Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro animaram Nilo Cairo. Entusiasmado, ele felicita os colegas do Instituto por terem entrado em acordo com os fundadores do estabelecimento de ensino, sem deixar de lhes dirigir um lembrete:

Resta agora fazermos um derradeiro apello: é que exijam de novo o *attestado de habilitação, diploma ou licença* para ser socio do Instituto Hahnemanniano do Brazil, conservando-lhe assim o seu character medico e scientifico, e fundem sem tardança a *Sociedade Homeopathica Brasileira* e o *Dispensario Homeopathico*, para coroamento da empresa, a que metteram hombros com tanto denodo.

E o futuro da Homeopathia no Brazil estará garantido.

Estamos publicando em nossas paginas todos os projectos que, em 1910, organisou o Sr. Dr. Nilo Cairo, na tentativa infructifera que fez naquelle anno e começo de 1911, para fundar essas instituições, que só agora, depois da morte do Sr. Dr. Joaquim Murtinho, conseguiram ser realizadas.<sup>583</sup>

Reconhecendo a Faculdade Homeopática criada como legitima, Cairo desiste de publicar o projeto original da Escola Homeopática que pretendia fundar, mas edita vários programas das cadeiras que julgava necessárias numa instituição de ensino médico homeopático. Ele, porém, não desiste de criticar as posições do Instituto Hahnemanniano em relação a não exigência de qualquer tipo de comprovação legal do exercício da medicina (ou farmácia), para que se admitissem sócios efetivos naquela entidade. Isto se

<sup>582</sup> LUZ, M. A **Arte** (...), p. 201-202.

<sup>583</sup> FACULDADE de Medicina Homeopathica. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 5, p. 58, maio. 1912.

radicaliza, uma vez que já existia uma faculdade homeopática que pudesse reconhecer a prática dos homeopatas, como queriam os partidários da “abolição do diploma”. Após muitas ofensas dirigidas à associação homeopática ( Nilo Cairo chegou a denominá-lo de *Instituto de Miscellaneas Homeopathicas*<sup>584</sup>), e de não lhe reconhecer a autoridade científica que desejava, o médico paranaense novamente pede demissão, através de carta entregue ao Dr. Alcides Nogueira:

Curitiba (Paraná), 21 de Julho de 1912. Ilmo Sr. Presidente do Instituto Hahnemanniano do Brazil. — Tendo resolvido, por motivos particulares, que só a mim dizem respeito, deixar de fazer parte desse Instituto, *renuncio*, nesta data, depondo-o nas vossas mãos, o meu lugar de socio correspondente, o que vos peço mandeis consignar em acta.

Aproveito a oportunidade para apresentar-vos os protestos da minha elevada consideração e profundo respeito e pedir-vos transmitir aos demais membros do Instituto os meus agradecimentos e profunda gratidão pelo distinto apreço com que sempre fui tratado no seio da corporação. (o grypho é do auctor).

Cr ° e am ° mto. obr °  
(Assignado) Dr. Nilo Cairo<sup>585</sup>

Os Drs. Dias da Cruz e Dias da Cruz Filho se manifestam, lamentando profundamente a atitude de Nilo Cairo, mas afirmando que ao Instituto não caberia julgar a renuncia. O Instituto Hahnemanniano decide aceitá-la, registrando em ata *um voto de profunda magua*<sup>586</sup> pela saída do médico paranaense. Nessa altura, Nilo Cairo – assim como o Instituto Hahnemanniano do Brasil– tinha outros planos para seu futuro.

<sup>584</sup> CAIRO, N. Degeneração. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 3-4, p. 40-42, mar./abr. 1912.

<sup>585</sup> ACTA da 25ª Sessão Ordinaria de 1911- 1912. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 7, n. 9, p. 376-77, set. 1912.

<sup>586</sup> Idem

### 4.3 De gota em gota...: Hahnemann nos bancos acadêmicos

Intensa atividade. Este era o sinônimo possível para descrever aquele homem de lábios finos e nariz preciso, que passava apressado pela rua Quinze de Novembro, no centro de Curitiba, em fins de 1912. A idéia que o agitava tivera início em junho de 1912, quando o professor Fernando Moreira, vindo do Rio de Janeiro com a notícia da nova Lei Orgânica de Ensino, tivera o impulso de fundar uma universidade no Paraná.<sup>587</sup> Procurando congregiar pessoas que pudessem participar do empreendimento, chamou, entre outros, o médico alopata Victor Ferreira do Amaral e Silva. Este viajou, em fins de julho, para São Paulo e Rio, a fim de tomar maiores conhecimentos de instituições semelhantes, que pudessem os ajudar na formação de uma universidade.<sup>588</sup>

Do grupo que se reunia na ocasião para estudar tal projeto, participava o Dr. Pamphilo de Assumpção, que ficara encarregado de preparar o projeto definitivo; devido aos seus afazeres, porém, não cumprira com a tarefa. Dois meses depois de seu retorno, o Dr. Victor do Amaral foi procurado por Nilo Cairo que, julgando ter fracassado o plano, o vinha convidar para professor da cadeira de Obstetrícia, de uma universidade que estava elaborando. O médico homeopata dá sua versão ao surgimento de seu projeto:

No mesmo dia em que o “Diario da Tarde” de Curityba, tornou publica a idéa dos Srs. Drs. Victor do Amaral e Pamphilo de Assumpção, o auctor destas linhas, em palestra a noute, em seu gabinete, com o Sr. Dr. Manoel de Cerqueira Dalto Filho, engenheiro militar e hoje lente da cadeira de mecanica do Curso de Engenharia desta Universidade, o auctor destas linhas, sem haver ainda lido o jornal, aventára a mesma idéa, propondo trabalharem juntos na fundação de um estabelecimento de ensino superior nesta Capital, com varios cursos. No dia seguinte, voltando a falar ao Sr. Dr. Dalto Filho, soube da noticia publicada no

<sup>587</sup> CARNEIRO, D. Nilo (...), p. 21.

<sup>588</sup> RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1913 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba : Alfredo Hoffmann, 1913.

“Diário” e a idéia foi então posta a parte, á espera do desenvolvimento e realização do projecto já lançado.<sup>589</sup>

A idéia ficou em suspenso, pois nada se comentava sobre a criação da universidade. Porém um dia, em fins de outubro de 1912, estando Nilo Cairo às voltas pelo *Gymnasio Curytibano*, fora chamado pelo Dr. Flavio Luz, diretor do estabelecimento. A intenção era lhe convidar para organizar um curso de odontologia no Gymnasio. Encontraram-se na residência de Cairo, juntamente com o Sr. Julio Theodorico Guimarães, e ao curso de odontologia se somou o de comércio. Outro encontro, com o Dr. Reinaldo Machado, e surgia mais um curso, o de obstetrícia.

Com tantos cursos a serem ministrados, o grupo que trabalhava no projeto já buscava um nome a ser dado à empresa. Conta Cairo: *um de nós levantou então a idéa de darmos, nesse caso, ao nosso futuro instituto o nome de “Universidade do Paraná”. O nome nos assustou; havia ahi a vertigem do abysmo – era o universo!*<sup>590</sup> À futura instituição, porém, agregavam-se ainda mais cursos, como o de direito. O grupo, contudo, ainda não tinha coragem de incluir entre eles o de Engenharia e o de Medicina e Cirurgia.

Era novembro, e a essa altura o Dr. Victor do Amaral já havia sido convidado para ministrar aulas na cadeira de obstetrícia, e os jornais da capital paranaense, como o *Diario da Tarde* e o *Commercio do Paraná* já noticiavam a fundação da Universidade do Paraná. Passando pela rua Quinze de Novembro, Nilo Cairo encontra o Sr. João David Pernetta, que lhe indaga, lastimoso, o porquê da ausência de um curso de Engenharia na instituição. Nilo Cairo o acompanha até seu gabinete, e juntos organizam um plano para o curso de Engenharia Civil. À noite, Cairo se reúne com os demais colegas, que acatam a idéia de

---

<sup>589</sup> Idem, p. 14.

<sup>590</sup> Ibidem, p. 15.

incluir o curso de Engenharia Civil, e resolvem que os Estatutos deveriam constar todos os cursos completos, inclusive o de Medicina, ficando para o ano que vem a abertura daqueles que fosse possível. Foram inseridos, também, os cursos de Veterinária, Agronomia e Farmácia. Por fim, a Universidade do Paraná é instalada em dezenove de dezembro de 1912.

A criação da Universidade do Paraná sempre foi atribuída a dois personagens, considerados as “pilastras” do empreendimento: Victor do Amaral e Nilo Cairo. O primeiro, tido como mais calmo, ponderado; o segundo, o elemento dinâmico, ousado, atributos que sua vida médica tende a confirmar. Nilo Cairo, já morando em São Paulo, lembra estes dias de galhardia, quando, sem ter dinheiro para a empreitada, planejavam a construção do prédio localizado na Praça Santos Andrade. No momento de assinar o contrato com o construtor Bortolo Bergonse, é Cairo quem impulsiona o amigo. Ele relembra:

Foi na Praça Tiradentes, no meu consultorio, tu, palido, suando, sentado á minha mesa, eu de pé a teu lado, com o ar profetico de um novo Cristo.

Estendi-te o braço em um gesto tragico e disse-te com a frieza cortante da lamina de uma espada:

– Assina, Victor!

– Mas olha...

– Assina! Qu’importa que não tenhamos um vintem? Depois do tijolo estar na parede, quero ver como o Bortolo o há de tirar de lá...

– Vê bem...

– Assina!

Então tu te iluminaste da coragem com que se descobrem os mundos e assinaste...<sup>591</sup>

---

<sup>591</sup> DUAS Cartas. **Revista Medica do Paraná**, Curitiba, a. 6, n. 11-12, p. 406, nov./dez. 1937.

Também Romário Martins fala da personalidade do médico homeopata, decisiva na formação da Universidade do Paraná, e de como ela representava o local em que se abrigava o conhecimento, o “Palácio da Luz”, como fora batizada informalmente. Em visita às instalações já concluídas da Praça Santos Andrade, ele a descreve como um recinto com o interior todo iluminado, que contrastava com a escuridão da praça, ainda precária em infra-estrutura. Guiado por Victor do Amaral por um atalho sombrio, Romário Martins descreve o local como que simbolizando os tortuosos e escuros caminhos do caos que devem ser trilhados, para se chegar à luz do conhecimento.

Já no interior do edifício, é levado aos vários pavimentos, conhecendo salas, laboratórios e gabinetes. Por fim, o Dr. Victor do Amaral o encaminha ao local onde se encontra o Dr. Nilo Cairo, que o cumprimenta e apresenta seu recinto de trabalho:

– É aqui a “jaula do Nilo”, disse com alegria. Ao que percebi, a mocidade havia batisado assim o gabinete do incansável batalhador, significando em que é ali que age a grande força do estabelecimento. É um departamento diferente dos demais. Á mesa do Leão da Universidade, se acumulam os papeis de todas as secções sujeitos ao seu exame e uma infinidade de outras cousas referentes ao estabelecimento, numa desordem característica de atividade nervosa e produtora.<sup>592</sup>

É claro que nem só a vontade de alguns intelectuais paranaenses ergueram o primeiro estabelecimento de ensino superior do local. Um ano após a fundação, o Dr. Victor do Amaral, presidente da Universidade<sup>593</sup>, esclarecia os propósitos de sua criação. Além da necessidade de cursos superiores no Paraná, o presidente colocava, como um dos pontos importantes, a possibilidade de fundá-los através da Lei Rivadávia, que deveria ser

<sup>592</sup> HISTORIA da Universidade do Paraná. **Revista Medica do Paraná**, Curitiba, a. 6, n. 11-12, p. 425, nov./dez. 1937.

<sup>593</sup> O Dr. Nilo Cairo foi nomeado secretário da instituição.

*bem applicada sem exaggeros*<sup>594</sup>. De fato, a Lei Orgânica de Ensino, sancionada em abril de 1911 pelo então Ministro Rivadávia Corrêa, proporcionou a liberdade de ensino necessária para a criação de cursos superiores particulares, como é o exemplo da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, posterior Faculdade Hahnemanniana, e a Universidade do Paraná. As opiniões sobre ela, porém, eram diversas.

No universo médico, havia os que criticavam tal medida, e os que a abraçavam entusiasticamente. Diante da situação de oficialidade de médicos homeopatas e alopatas, seria de se esperar que os primeiros fossem favoráveis à Lei e os segundos, contrários. Geralmente era isto que ocorria, mas existiam exceções. Antes mesmo de promulgada a Lei Orgânica, surge um artigo nos *Archivos Brasileiros de Medicina*, periódico médico oficial, sublinhando a necessidade de liberdade no ensino médico.

Claramente simpatizante do positivismo, o autor do artigo, o Dr. Carlos Penafiel, defende a liberdade de ensino como meio de completar a separação entre Igreja e Estado proporcionada pela República. Sua necessidade, dentro da medicina, seria justificável pela existência de “curandeiros diplomados” que, protegidos pelo título, eram inatingíveis. Esta, no entanto, não era a opinião da maioria dos médicos oficiais, tanto que o Dr. Penafiel coloca, na introdução de seu artigo, uma nota esclarecendo: *Não podendo e não devendo a Redacção desta revista ser coerente com os conceitos emittidos nesta serie de artigos, que só valerão pela oportunidade e pelo ideal que nelles acaricio, a sua responsabilidade corre apenas por minha conta.*<sup>595</sup>

A opinião dos médicos oficiais em relação à Lei Rivadávia se aproximava, certamente, às palavras do Dr. Miguel Pereira, na formatura da turma de médicos e

<sup>594</sup> RELATORIO (...) - 1913, p. 18.

<sup>595</sup> PENAFIEL, C. Os Mandarins do Ensino. *Archivos Brasileiros de Medicina*, Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, p. 23, mar. 1911.

cirurgiões dentistas de 1913, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O médico principia por questionar a validade de uma lei feita por um Ministro, uma vez que este pertence ao poder Executivo. Depois, censura o próprio conteúdo da lei, citando, entre outros, Ruy Barbosa, que afirmava ser esta a “lei de desorganização do ensino”<sup>596</sup>.

Dentre as várias críticas tecidas pelo paraninfo da turma de 1913, constavam a ausência de concursos que a liberdade de ensino provocaria, favorecendo a entrada nas faculdades, como professores, de pessoas incompetentes mas bem relacionadas. Aos colegas que louvavam a Reforma, alegando um aumento no público ouvinte de suas aulas, Miguel Pereira lembrava dos empecilhos criados por novas cadeiras, como as clínicas pediátrica e ginecológica cuja separação entre mulheres e crianças, segundo ele, teria dificultado o ensino. A situação mais crítica, porém, estaria ligada à liberdade profissional concedida pela lei: *E, finalmente, do exemplo de todos os paizes civilizados, que, ou expressamente vedam ou indirectamente prohibem, livre e amplo, o exercicio de qualquer profissão, com especialidade da profissão medica, concluiu, e si não concluiu devêra ter concluido, que só ao Brazil estava reservada a triste sina (...)*<sup>597</sup>.

O Dr. Pereira censura, ainda, o fato do Ministro Rivadávia Correa ter agido de acordo com *seu credo e sua doutrina*, ou seja, de acordo com a filosofia positivista a qual defendia. O médico alopata ainda o critica por sua reforma ter servido aos interesses da homeopatia, afirmando sobre o Ministro: *recebeu a inspiração de, á custa dos cofres publicos, subvencionar uma doutrina therapeutica sem tradições nos fastos da Medicina*<sup>598</sup>.

<sup>596</sup> PEREIRA, M. Collação (...), p. 37.

<sup>597</sup> \_\_\_\_\_. Collação do grau aos novos doutores em medicina e aos novos cirurgiões dentistas (Conclusão). **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 27, n. 5, p. 47, fev. 1914.

<sup>598</sup> Idem. O comentário se refere às cartas trocadas pelo Ministro Rivadávia Corrêa e o Dr. Licínio Cardoso, publicadas no *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1913. Nelas, Licínio Cardoso expõe suas idéias sobre o ensino e demonstra seu apoio a Rivadávia, que responde, agradecendo.



De fato, a Lei Rivadávia veio de encontro às pretensões da homeopatia no Brasil: com dificuldades em se inserir nas faculdades médicas oficiais, favoreceu o reconhecimento de faculdades homeopáticas. Acabou por estimular um *front* precioso para os discípulos de Hahnemann, ao facilitar a criação de locais que seriam, reconhecidamente, os centros de difusão do saber homeopático por um lado, e de reconhecimento de seus locutores, por outro.

É com entusiasmo, então, que os médicos homeopatas saudaram o advento da Lei Orgânica de Ensino. Nilo Cairo, comentando a reforma do edifício da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, realizado um ano antes da Lei Orgânica, critica os tipos de mudança realizados pela instituição. Para ele, a moralização do ensino tão necessária só poderia ocorrer com a criação de Escolas Livres, onde a livre concorrência permitiria que os melhor preparados atuassem na sociedade. A tutela do governo seria responsável pela desmoralização do ensino, sendo essencial que ocorresse a total ausência de apoio oficial às Faculdades de Medicina<sup>599</sup>. Uma vez que o reconhecimento oficial do ensino homeopático seria mais difícil, uma maneira de colocar em patamar de igualdade as escolas médicas de ambas as correntes seria a desoficialização das Faculdades de Medicina alopáticas. Além de permitir a criação de Faculdades homeopáticas, a liberdade de ensino estaria em comunhão com o pensamento positivista que inspirava médicos como Nilo Cairo.

Após ter sido decretada a Lei Orgânica de Ensino, Cairo anunciava na imprensa curitibana, exultante, o que também ele considerava como a conclusão do processo republicano que, inicialmente, havia separado a Igreja do Estado. Assim como não havia mais religião de Estado, doravante também inexistia uma “Ciência de Estado”. Era a chance de uma instrução livre, que não impusesse uma ciência oficial:

---

<sup>599</sup> DIVERSAS Notícias. **Revista Homeopathica Brasileira**, a. 5, n. 10, p. 186. out. 1910.

(...) a nova reforma de ensino vae marcar o inicio de uma nova éra para a instrucção publica brasileira, na qual (agora quasi livres da tutela tyrannica dos governos e totalmente emancipados do privilegio do doutorismo e do bacharelismo) vão certamente sobrenadar as verdadeiras competencias e a verdadeira sciencia, cessando pouco a pouco, como uma consequencia natural, as imposições á força de medidas privadas ou publicas baseadas em theorias ou phantasias academicas.<sup>600</sup>

Havia, então, chegado o momento histórico aguardado pela homeopatia em que, sem proteção oficial, a alopatia seria derrotada e daria espaço para que a doutrina de Hahnemann provasse ser a verdadeira medicina. Em outro artigo publicado, na mesma época, na imprensa homeopática, o médico paranaense ressalta alguns tópicos da nova lei, e lamenta que a Escola Homeopática que pretendeu fundar não tivesse vingado : *Magnífica ocasião, portanto, para nós homeopatas, de fundar, por nosso turno, uma Escola Livre de Medicina Homeopathica. Nossos certificados valeriam tanto, perante o Estado, como os certificados dos institutos semi-officiaes, que não gosam de privilegios de qualquer especie*<sup>601</sup>.

A liberdade de ensino abriria as portas da liberdade profissional, uma vez que abolia os diplomas e autorizava apenas a emissão de certificados aos estudantes que completassem o curso no qual haviam se matriculado. Não seria uma autonomia plena, mas seria aquela desejada por Nilo Cairo, isto é, uma condição que permitisse o estabelecimento de locais de ensino livres, onde fosse possível formar e reconhecer os médicos homeopatas, sem dar liberdade ao exercício indistinto da profissão, ou seja, ao que ele denominava de “charlatanismo”.

<sup>600</sup> CAIRO, N. A Reforma do Ensino. **Diario da Tarde**, Curityba, 10 de abril de 1911, p. 1.

<sup>601</sup> REFORMA do Ensino. **Revista Homeopathica Brasileira**. Curityba, a. 6, n. 3-4, p. 76, mar./abr. 1911.

Sobre este aspecto da aparente liberdade profissional concedida pela Lei Rivadávia, chamava a atenção de seus colegas, no tocante à questão da reforma dos Estatutos, que pretendia abolir a exigência de diplomas para sócios do IHB: a lei apenas havia substituído o diploma pelo atestado de habilitação, o que seria praticamente o mesmo. Não poderia ser usada, então, como desculpa para se ter aprovada tal reforma<sup>602</sup>.

Discussões estatutárias à parte, também os demais médicos do Instituto Hahnemanniano louvaram a Lei Rivadávia, que facilitaria muito a vida da Faculdade Hahnemanniana que, como foi visto na primeira parte deste capítulo, teria derivado da Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro, criada sob os auspícios da Lei. O Dr. Umberto Auletta, um mês depois de aprovados os Estatutos da Faculdade Hahnemanniana, faz suas considerações sobre a importância da Lei Rivadávia para o referido estabelecimento de ensino homeopático:

O remédio indicado com superioridade e segurança pela clarividência do médico illustre – o nosso estimado Presidente – reanimou milagreiramente o desesperado enfermo que, nas balsâmicas auras da Lei Rivadávia, encontrou, oxygenados e tonificantes, os ares do convalescimento.

A Faculdade Hahnemanniana do Brasil está fundada.

A sua fundação obedeceu estritamente ao critério leal dos maiores e melhores preceitos da *Scientia Medica*.

Nella, o seu curso é igual ao da Faculdade Oficial, accrescido tão somente das *Cathedras*, onde a Doutrina Homeopathica deve ser ensinada e proclamada, *impolluta* e soberana, nas suas puras vestes orthodoxas.<sup>603</sup>

Além do reconhecimento da importância da Lei Orgânica para a medicina homeopática, o discurso do Dr. Auletta chama a atenção por ressaltar a preocupação em afirmar a nova faculdade homeopática, em nível de igualdade com as alopáticas. Teria,

<sup>602</sup> CAIRO, N. Algumas (...), p. 25.

<sup>603</sup> AULETTA, U. A Faculdade Hahnemanniana. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, <sup>a</sup> 14, n. 5, p. 81-82, jan. 1913.

ainda, além do conteúdo esperado de um curso médico oficial, a vantagem de oferecer o ensino dos preceitos hahnemannianos.

O cuidado em mostrar que a qualidade da Faculdade Hahnemanniana era tão boa quanto aos estabelecimentos alopáticos se revela, também, no programa adotado pela escola homeopática. O curso de medicina contava com seis anos, tendo um suplementar; já o de farmácia previa dois anos, aproveitando algumas cadeiras do curso médico. A faculdade oferecia, ainda, um curso anexo, preparatório ao superior.

Dentre as cadeiras oferecidas, figuravam aquelas exigidas pelo regulamento das Faculdades de Medicina, aprovado também por decreto em 5 de abril de 1911<sup>604</sup>. Eram admitidos aqueles que fossem aprovados no curso preparatório (conforme o regulamento citado), aqueles que provassem estar matriculados no primeiro ano de uma das Faculdades de Medicina brasileira e ainda aceitos aqueles que portassem diploma ou certificado de engenheiro ou bacharel de Direito. A Faculdade Hahnemanniana também fornecia diploma de médico homeopata a todos os alopatas que prestassem habilitação nas cadeiras de patologia e terapêuticas gerais, matéria médica, terapêutica, farmacologia e clínicas.<sup>605</sup>

Além da precaução em atender todas as exigências do regulamento que dispunha do ensino médico, o conteúdo em si buscava incluir as concepções alopáticas. Além do aprendizado da filosofia homeopática, havia a comparação, nas várias disciplinas, entre as duas correntes. Assim, na cadeira de matéria médica, era feito em primeiro lugar o estudo alopático do medicamento e, posteriormente o homeopático; nas diversas clínicas, os professores ensinavam também como proceder segundo a medicina oficial.

---

<sup>604</sup> Conforme divulgado em: REORGANIZAÇÃO do Ensino Medico no Brazil. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, a. 24, n. 14, p. 133-35. abr. 1911.

<sup>605</sup> GALHARDO, J. E. R. **Livro** (...), p. 836.

Isto, muitas vezes, contrariava as afirmações dos homeopatas, que diziam ser o ensino médico oficial algo supérfluo e contraditório. Embora ressaltassem, como foi visto no segundo capítulo, que as teorias alopáticas não tinham fundamento filosófico e metodológico, elas eram a base, na faculdade homeopática, sob a qual se ensinava a homeopatia. A justificativa, entretanto, repousava na preocupação de nada dever às faculdades médicas oficiais, sendo preferível ensinar o supérfluo a ser criticado por falta de conteúdo<sup>606</sup>.

Um dos cuidados tomados pela direção da Faculdade Hahnemanniana, relacionado ao nível das cadeiras dos cursos, foi em bem estruturar a disciplina de Anatomia que, a propósito, foi a primeira a ser criticada pelos médicos alopatas. Estes afirmavam que as lições referentes ao estudo da anatomia eram feitos com *cadáveres de papelão*<sup>607</sup>, crítica que atingia diretamente a uma das áreas de conhecimento mais caras da medicina. Contrariando os discípulos de Comte que, a exemplo de Nilo Cairo<sup>608</sup>, preferiam o estudo anatômico feito em bonecos e desenhos, os homeopatas responsáveis pela Faculdade Hahnemanniana trataram de equipá-la com um laboratório de anatomia.

A inauguração do curso prático de anatomia foi descrito, pelo *Jornal do Commercio*, cujo artigo foi publicado nos *Annaes*, como o vencimento de mais uma etapa em segurança de seu definitivo estabelecimento<sup>609</sup>. O Dr. Licinio Cardoso, então presidente

---

<sup>606</sup> Idem, p. 837.

<sup>607</sup> Idem, p. 838.

<sup>608</sup> Conforme foi exposto no primeiro capítulo, Nilo Cairo defendia o estudo da anatomia em bonecos e desenhos. Provavelmente foi com base nesta posição que os alopatas acusavam os homeopatas de estudar anatomia em *cadáveres de papelão*. Cairo reafirma esta sua posição, em um artigo onde faz sugestões sobre o programa a ser reformado, da então Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro. Ver: FACULDADE de Medicina Homeopathica do Rio de Janeiro. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curityba, a. 7, n. 6, p. 70-72, junho. 1912.

<sup>609</sup> FACULDADE Hahnemanniana. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 14, n. 11, p. 293-96, ago. 1913.

do Instituto Hahnemanniano, posicionado perante um cadáver de um indigente, pronunciou o discurso inaugural:

A medicina não póde dispensar o cadaver. Ao lado do doente, examinando-o e interrogando-o, colhe o medico ensinamento para suavizar as dores e os soffrimentos da humanidade: ao lado do cadaver adquire elle tambem a pratica tão indispensavel ao serviço da profissão.

Por maior que seja o respeito devido a um cadaver não se podem encontrar motivos que o julguem conspurcado ao ser retalhado para esclarecimento da sciencia. O medico ao entrar no amphitheatro não leva olhos menos respeitosos para um cadaver, seja elle rico ou pobre: o que faz é pedir-lhe, antes que a terra o consuma, um concurso para vencer as difficuldades de amanhã. O indigente que atravessou uma vida cheia de asprezas e difficuldades, antes de repousar no seio fecundo da terra ainda presta esse grande serviço á humanidade.<sup>610</sup>

O estudo anatômico na Faculdade Hahnemanniana contava com cadáveres cedidos pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Tal utilização, solicitada nos meses de maio e junho de 1913 pelo estabelecimento de ensino, foi concedida pelo hospital, que fez algumas exigências. Para fazer uso dos cadáveres, era preciso observar alguns preceitos que harmonizassem *as aspirações scientificas com o sentimento religioso*, de acordo com a *piiedade christã*<sup>611</sup>: nenhuma parte deles poderia ser retirada do anfiteatro de anatomia, depois do estudo, deveriam ser reconstituídos afim que tivessem sepultamento e deveriam ter identificação fornecida pelo hospital.

A importância dada pelo estudo anatômico, pelo conhecimento da “sede” das doenças, fundamental para a medicina oficial, parecia sem sentido para a doutrina de Hahnemann, cujo objetivo era obter a saúde no equilíbrio da força vital, imaterial. Tal apreço ao cadáver, naquele momento em que a homeopatia ganhava espaço no ensino reconhecido, só pode ser compreendido pela necessidade em se equiparar à medicina rival.

---

<sup>610</sup> Idem, p. 294.

<sup>611</sup> Ibidem.

Como não deixou de lembrar um dos alunos da Faculdade Hahnemanniana, na inauguração do laboratório de anatomia, o ensino da medicina na faculdade homeopática era igual aos das demais instituições médicas, existindo apenas algumas diferenças do ponto de vista da terapêutica, já que o ensino da anatomia, fisiologia e patologia seriam os mesmos.

O mesmo discurso de igualdade entre a medicina alopática e a homeopática se repete na inauguração do curso de propedêutica, em 1914. Também a Santa Casa abria suas portas para que os alunos pudessem ter acesso às enfermarias, a fim de observar os doentes em seus leitos. Igualmente, o Dr. Licínio Cardoso dirigia suas palavras aos estudantes e demais presentes à solenidade:

Na verdade, (...) o Dr. Alcides Nogueira da Silva, vosso actual professor de clinica propedeutica, representa, pelas suas alevantadas qualidades intellectuaes e moraes, segura promessa de que tereis um provector professor e de que terá nelle de futuro a medicina brasileira uma de suas glorias.

Não é propriamente uma propedeutica homeopathica o que ides aprender aqui. Não: a medicina é uma só, embora a variedade nos processos therapeuticos. O problema biologico cuja resolução compete ao homem é trabalhar pela reversão dos casos pathologicos ao dominio da biologia normal. Não da duas biologias, nem duas pathologias.<sup>612</sup>

O Dr. Alcides Nogueira, o mesmo médico homeopata que havia apoiado Nilo Cairo em sua contenda com o Instituto, também diz algumas palavras, explicando ser a propedêutica a base da clínica, uma vez que ensinaria a pesquisar e conhecer os sintomas. Ora, uma vez que os sintomas, para a doutrina hahnemanniana, tinham um caráter tão específico e individual para a escolha do medicamento, como pudera afirmar Licínio Cardoso, em seu discurso, que a propedêutica era a mesma para as duas medicinas? Mais

---

<sup>612</sup> FACULDADE Hahnemanniana. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 15, n. 7, p. 493, abr. 1914.

ainda, considerar a medicina *uma só*? Novamente, aqui, se tem o desejo de igualar a representação, a idéia da medicina homeopática com o modelo já criado de legitimidade e oficialidade, incorporado pela medicina alopática.

Neste sentido, também se constrói um universo de cordialidade entre ambas as medicinas, que o debate entre alopatas e homeopatas não revela. Indagado pelo repórter do periódico carioca *Gazeta de Noticias*, se a luta entre ambas as correntes médicas iria se agravar com a existência da Faculdade Hahnemanniana, O Dr. Alcides Nogueira responde:

Absolutamente. Nós, os homeopatas, não cogitamos disso. Pelo contrario. Homeopaths e allopathas, só temos um fim: o bem da humanidade. E quer uma prova? Na Faculdade Hahnemanniana, as cadeiras de anatomia, chimica analytica e biologica, physica medica, bacteriologia, histologia, physiologia, anatomia pathologica, estão aos cuidados de collegas allopathas, que nos prestam valioso auxilio.<sup>613</sup>

A “concordia” existente entre os adeptos de Hahnemann e os médicos oficiais, fazendo com que os primeiros aceitem os segundos em algumas cadeiras da Faculdade Hahnemanniana, também é produto da busca pela legitimação social da homeopatia. É o processo inverso de tentar inserir a homeopatia nas faculdades alopáticas: ao invés disso, a faculdade oficial é “introduzida” na homeopática, através de seus representante, ou seja, os médicos alopatas. A inclusão de disciplinas homeopáticas em Faculdades oficiais, como irá se mostrar mais adiante, era um meio um pouco controverso de legitimar a homeopatia, e não era bem visto pelo grupo fundador da Faculdade Hahnemanniana.

As Academias – e isto sempre foi exemplar no caso da medicina – não serviam apenas para ensinar, para propagar conhecimento, mas também, para reconhecer como

---

<sup>613</sup> Idem, p. 451.



legítimos os porta-vozes do mesmo. Seria o caso da Faculdade Hahnemanniana? Como foi visto, o IHB, responsável pela Faculdade, havia acabado de passar por toda uma discussão onde, a maioria, revelava não reconhecer a validade do diploma médico ou farmacêutico, como indício de reconhecimento de um homeopata.

Sobre a questão, desta vez relacionada à Faculdade Hahnemanniana, Licínio Cardoso, ao se dirigir ao Conselho Superior de Ensino, pedindo o registro de um título conferido pela instituição a um farmacêutico<sup>614</sup>, diz acreditar mais na importância da apuração de responsabilidades do que em qualquer carta de habilitação. No entanto, reconhece que deveria cumprir com a exigência do registro do título na Diretoria Geral de Saúde Pública, motivo de seu pedido. Deixa claro que, sendo o registro negado, fica patente a não validade dos títulos emitidos pela Faculdade Hahnemanniana, não sendo estes reconhecidos como *fiadores de capacidades profissionais*<sup>615</sup>.

Apesar de não acreditar em títulos, mas em “responsabilidades”, Dr. Cardoso admite ser este o símbolo da passagem de um indivíduo pelos bancos da Faculdade Hahnemanniana, que era, então, considerada como “fiadora” da capacidade e responsabilidade deste indivíduo. A entidade era, então, capaz de legitimar médicos e farmacêuticos para o exercício da homeopatia; deveria ser reconhecida como órgão competente o bastante para atestar a competência do profissional homeopata.

A Faculdade Hahnemanniana, assim como o Instituto Hahnemanniano do Brasil, a despeito da pouca importância dada, outrora, à legitimação institucional do homeopata, funcionavam como agentes de reconhecimento dos portadores do discurso homeopático.

---

<sup>614</sup> Tratava-se do Dr. Rodolpho Marques de Oliveira, o primeiro aluno diplomado pela Faculdade Hahnemanniana.

<sup>615</sup> A LIBERDADE das profissões perante a “Constituição” escripta e perante a “Constituição” interpretada. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 15, n. 7, p. 457. abr. 1914.

Além do caso da Faculdade, que buscava, incessantemente, dar provas de sua capacidade legitimadora, o IHB havia dado mostras de seu desejo de funcionar como um aparato autenticador do exercício da homeopatia. É o caso do projeto enviado à Câmara Federal em novembro de 1912, mesmo período em que estava sendo criada a Faculdade Hahnemanniana.

O projeto, de autoria do Deputado federal Dr. José Maria Moreira Guimarães, determinava o reconhecimento do Instituto Hahnemanniano do Brasil *como autoridade superior, investida de responsabilidade moral e competencia scientifica*<sup>616</sup>. Em seu texto, o documento afirmava que, apesar da Constituição da República prever o livre exercício de qualquer profissão, a Diretoria Geral de Saúde Pública exigia a posse dos diplomas a todos os que se dedicavam à arte de curar, ou seja, médicos, cirurgiões, farmacêuticos, dentistas e parteiros. Considerava, ainda, que esses diplomas significavam meras cartas de apresentação concedidas por autoridades superiores, investidas de responsabilidade moral, científica e técnica, que, no caso, eram representadas pelas faculdades alopáticas. Visto que os profissionais homeopatas careciam, igualmente, de uma autoridade superior que concedesse suas habilitações, o projeto visava reconhecer o Instituto Hahnemanniano do Brasil enquanto tal.

O projeto previa, então, o reconhecimento do Instituto como autoridade superior, possuidora das qualidades necessárias para emitir títulos de habilitação aos homeopatas, que teriam a mesma validade daqueles conferidos pelas faculdades alopáticas e ratificar os títulos concedidos por faculdades estrangeiras ou nacionais livres. O Instituto pretendia,

---

<sup>616</sup> LOBO, F. Br. **O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro** – Homeopatia. Rio de Janeiro : UFRJ, 1968. p. 87.

ainda, em nome da *liberdade com a responsabilidade correspondente*<sup>617</sup>, que nenhuma farmácia homeopática funcionasse sob a direção de farmacêuticos alopatas. Para isso, pedia no documento, que as referidas farmácias só pudessem estar em atividade quando sob responsabilidade de um profissional homeopata, cujo título tivesse o reconhecimento do IHB.

Apesar de existir a pressão da Diretoria Geral de Saúde Pública, no sentido de exigir os diplomas para o exercício da medicina, bem como os membros do Instituto se mostrarem contrários em reconhecer a autenticidade dos diplomas, como meio de se atestar capacidades, havia a preocupação de dotar o Instituto Hahnemanniano do Brasil do poder máximo em reconhecer – e investir – os profissionais homeopatas de legitimidade. Era preciso sair do cenário da marginalidade, representado pelos homeopatas (principalmente os espíritas) do século XIX, para se inscrever na oficialidade, cujo espaço estava sendo ocupado, com supremacia, pela medicina alopática.

Mesmo com a tentativa, o projeto foi rejeitado<sup>618</sup>. Restava, então, investir no empreendimento da Faculdade Hahnemanniana, alternativa para os médicos que desejavam ser homeopatas, uma vez que, até então, a única escolha para ter um diploma médico era cursar as faculdades alopáticas. As intenções da criação desta instituição de ensino foram claramente expostas, novamente por seu diretor, o Dr. Licínio Cardoso, no discurso de formatura dos alunos de farmácia e odontologia, em 1914:

A existencia mesma desta Faculdade significa o esforço orientado no sentido de normalizar a situação dos profissionaes da homoeopathia, até então constrangidos e se arrogarem capacidade

---

<sup>617</sup> Idem.

<sup>618</sup> Um novo projeto foi apresentado em 1918, sendo sancionada uma lei, no mesmo ano, que permitia ao IHB habilitar os profissionais homeopatas, e impedia o funcionamento de farmácias homeopatas cujos farmacêuticos não tivessem o reconhecimento do Instituto. Cf: LUZ, Madel. **As Artes** (...), p. 204-05.

homoeopathica, sem um previo testemunho publico dessa competencia. É que não havia por onde dal-o. Hoje, porém, que a Faculdade Hahnemanniana ministra o ensino integral da medicina, quer do ponto de vista allopathico, quer no homoeopathico, ella se constituiu por via dessa sabia organização o órgão scientifico capaz de averiguar se as provas de habilitação homoeopathica, fornecidas por quem quer que seja, são de molde a garantir a tranquillidade e o interesse publicos.<sup>619</sup>

Construir espaços reconhecidos socialmente, onde a formação de homeopatas se realizasse de maneira a serem aceitos como aptos, do ponto de vista científico, era preocupação dos homeopatas brasileiros, no início do século XX. Mesmo se apresentando como defensores da liberdade profissional, na prática, os membros do Instituto Hahnemanniano ansiavam por controlar a qualificação de seus porta-vozes e equipara-los aos da medicina oficial. O objetivo, porém, não era exclusivo do Instituto, e outras tentativas se verificaram, como será demonstrado na última parte deste capítulo.

#### 4.4 No “Palácio da Luz”<sup>620</sup>

Além da fundação de uma faculdade homeopática, e da busca em tornar o Instituto Hahnemanniano reconhecidamente apto para habilitar os médicos homeopatas, ocorreram outras tentativas no sentido de legitimar o exercício da doutrina de Hahnemann. Estas aconteceram no sentido de introduzir cadeiras homeopáticas em faculdades alopáticas. Dias da Cruz, em reunião do Instituto Hahnemanniano do Brasil, lembrou da pretensão de alguns homeopatas que, no governo do Marechal Deodoro, pretenderam criar duas ou três cadeiras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, enquanto outros queriam que se fundasse uma faculdade exclusivamente homeopática<sup>621</sup>.

<sup>619</sup> FACULDADE de Medicina Hahnemanniana. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 15, n. 10, p. 655, jul. 1914.

<sup>620</sup> Como era conhecida a Universidade do Paraná.

<sup>621</sup> ACTA da 10ª sessão ordinária, effectuada em 30 de setembro de 1920. **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 19, n. 11, p. 263. nov. 1920.

Defensor da criação das cadeiras na faculdade oficial, Dias da Cruz justificava que, anteriormente, o Dr. Mure havia criado uma faculdade homeopática, mas os profissionais que se formavam *eram como os praticos da roça, curavam com o mesmo livrinho que usam as familias para tratamento de seus membros*<sup>622</sup>. Diante da falta de preparo, os médicos homeopatas eram tidos como ignorantes ou charlatães. Por isso, e por achar que primeiro é preciso saber a medicina alopática para depois ser homeopata, ele e o Dr. Joaquim Murtinho fizeram tal solicitação, que foi negada.

Após a promulgação da Lei Orgânica de Ensino e a criação da Faculdade Hahnemanniana, a opinião que prevalecia no meio homeopático era a de que deveriam ser criadas faculdades destinadas ao ensino da medicina hahnemanniana. A tentativa de inserção de duas cadeiras de Medicina e Farmácia Homeopáticas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em dezembro de 1914, pelo Dr. Dias de Barros, por exemplo, recebeu críticas do Instituto Hahnemanniano. Segundo Licínio Cardoso, uma vez existindo a Faculdade Hahnemanniana, nada mais carecia o ensino homeopático no país<sup>623</sup>.

Esta era a opinião também do Dr. Nerval de Gouvêa que, entrevistado pelo *Correio da Manhã*, deu sua opinião sobre um projeto de criação de cadeiras homeopáticas na faculdade alopática, feito em 1913 pelo Deputado Felix Pacheco<sup>624</sup>. O Dr. Gouvêa se dizia defensor da inclusão de tais disciplinas, num momento em que a medicina de Hahnemann não tivera chances de criar suas próprias. Com a reforma do Ministro Rivadávia, porém, não teria sentido impor à faculdade alopática cadeiras divergentes à sua teoria: era mais plausível, então, defender a formação de faculdades homeopáticas.

---

<sup>622</sup> Idem.

<sup>623</sup> GALHARDO, J. E. R. **Livro** (...), p. 842-43.

<sup>624</sup> PODERÁ a homeopathia ter entrada nas faculdades actuaes? **Annaes de Medicina Homeopathica**, Rio de Janeiro, a. 14, n. 4, p. 102-107. jan. 1913.

Também Nilo Cairo era adepto desta posição, relativa ao ensino da Medicina de Hahnemann. Embora o Dr. Dias da Cruz Filho afirmasse ser o posicionamento do médico paranaense a favor do ensino da homeopatia após o 4º ano do curso médico oficial<sup>625</sup>, este se mostrava completamente contra qualquer inclusão de cadeiras homeopáticas em uma faculdade alopática, antes mesmo da aprovação da Lei Rivadávia. Talvez já preparando seus projetos para a criação da Sociedade Homeopática Brasileira e da Escola Homeopática, afirmava:

Nós não queremos a tolerancia das congregações allopathicas das Faculdades; o que nós queremos é a tolerância dos governos (...). As Faculdades não devem ser officiaes, devem ser livres, sem nenhum favoritismo da parte do governo (...).

Isto, sim, seria tolerancia; mas impôr a homœopathia de uma cathedra de Faculdade official é tyrannia, é (sic.) dispotismo que, como a imposição actual da allopathia, deve ser combatido com energia por todos quantos amem a liberdade de pensar na hora actual de imensa anarchia moral, mental e social.<sup>626</sup>

Estas palavras, dirigidas à *Revista Medico-Cirurgica do Brazil*, visavam fazer observações a um artigo escrito naquele periódico, onde o Dr. Antonio de Mello, defendendo a liberdade de pensamento, propunha a criação, nas faculdades de medicina brasileiras, de um cadeira de terapêutica homeopática. Ainda censurando a mesma posição, agora já tentado, sem sucesso, a fundação da Escola de Homeopatia, o homeopata paranaense comentava a morte do Dr. Theodor Von Bakody. O médico húngaro, famoso por ter inserido a homeopatia numa faculdade oficial de Budapeste, não recebeu elogios de

<sup>625</sup> ACTA da 16ª Sessão (...), p. 276.

<sup>626</sup> NOTICIARIO. *Revista Homœopathica Brasileira*, Curitiba, a. 4, n. 5-6, p. 149-50, maio/jun. 1909.

Cairo por seu feito. Pelo contrário, acusou-o de ser diletante, aceitando disciplinas repudiadas por outros professores e oferecendo um ensino homeopático imperfeito<sup>627</sup>.

Apesar da sua posição contrária, Nilo Cairo cria, na Universidade do Paraná, três cadeiras homeopáticas no curso de Medicina. Conforme explica o homeopata paranaense, o curso de Medicina não fora inicialmente cogitado para existir na Universidade. A idéia, porém, foi incorporada posteriormente, quando se resolveu que o Estatuto deveria prever todos os cursos e, em 28 de outubro de 1913<sup>628</sup>, organizou-se o curso de Medicina e Cirurgia na Universidade do Paraná, que iniciou seu funcionamento efetivo no ano seguinte.

O curso, com previsão de seis anos, conforme o Regulamento das Faculdades de Medicina aprovado em 1911, teve sua primeira turma de formandos em 1919, composta por quinze alunos<sup>629</sup>. O início, porém, não foi nada fácil, recebendo os fundadores da Universidade críticas que julgavam prematura sua formação. Uma das vozes que se levantou contra foi a o Dr. Raul Carneiro, que se serviu das páginas do *Diario da Tarde* para disseminá-las.

Iniciando seu artigo num tom de desculpas pela crítica que iria fazer, e tecendo inúmeros elogios à iniciativa de criação da Universidade, o Dr. Carneiro ponderava sobre o estabelecimento de um curso médico em Curitiba. Para ele, tal empreendimento iria colocar em dúvida o prestígio do estabelecimento: se, até mesmo a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro contava com deficiências, o que seria de Curitiba, cujo hospital não fornecia instalações à altura de um curso médico?<sup>630</sup>

---

<sup>627</sup> CAIRO, N. Obituario – Dr. Theodor von Bakody. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curityba, a. 6, n. 6, jun. 1911.

<sup>628</sup> RELATORIO(...) 1913, p. 22.

<sup>629</sup> COSTA, I. A. da; LIMA, Eduardo Corrêa. **O Ensino (...)**, p. 223.

<sup>630</sup> CARNEIRO, R. Universidade do Paraná. **Diario da Tarde**, Curityba, 27 de abril de 1914. p. 1.

Em outro texto, Raul Carneiro pede inúmeras desculpas aos fundadores da Universidade, temendo ter magoado alguém, mas continua reafirmando ser Curitiba uma cidade muito pequena para comportar, naquele momento, um curso tão importante quanto o médico. A Universidade do Paraná teria, então, como tantos outros, um curso “do mais ou menos”<sup>631</sup> (sic). As dificuldades, principalmente no ensino da clínica, nos hospitais, e da anatomia, seriam empecilhos para se ter médicos bem formados. Exaltando a importância do cadáver para os estudos anatômicos, o Dr. Carneiro afirmava:

Os cursos de anatomia, quer descriptiva, topographica e pathologica, si bem que dirigidos por professores competentes, irão lutar seriamente na parte pratica.

O cadaver não é elemento indispensavel para se saber anatomia; mas será uma anatomia decorada e facilmente evaporada da memória.

As relações e inserções de musculos, a precisão na direcção de uma arteria, a noção das diversas camadas de tecidos, das visceras, são elementos que se fixam com muita nitidez, desde que feito e estudado no cadáver.<sup>632</sup>

Apesar das críticas, o curso de Medicina e Cirurgia é constituído e, no discurso de posse de um de seus professores, o Dr. Manoel Supplicity de Lacerda, é dada a resposta às pessoas que, como o Dr. Raul Carneiro, descreiam de seu funcionamento: *o curso de Medicina tão mal visto pela megalomania de infensos combatedores, já se vae fazendo com notavel regularidade e querer fazel-o á semelhança da Faculdade do Rio, uma das melhores do mundo, é contrariar a evolução natural de tudo quanto existe sobre a Terra, pois tudo é pequeno quando nasce.*<sup>633</sup>

No nascimento do novo curso, Nilo Cairo imprime sua marca pessoal como médico homeopata. A listagem de cadeiras e sua distribuição, no curso de Medicina, previa a

<sup>631</sup> \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Diario da Tarde**, Curityba, 5 de junho de 1914. p. 1

<sup>632</sup> Idem.

<sup>633</sup> FOI empossado o novo lente da Universidade, Dr. Supplicity de Lacerda. **Diario da Tarde**, Curityba, 22 de julho de 1914. p. 1.



existência da disciplina de Homeopatia e Terapêutica Homeopática e a de Clínica Homeopática, a serem ministradas no quinto ano, por Cairo que, além disso, era Secretário e professor nas cadeiras de Elementos de Fisiologia e Patologia geral, na Odontologia, e Farmacologia Homeopática, no curso de Farmácia<sup>634</sup>.

As disciplinas de homeopatia foram empossadas por Cairo no dia 28 de outubro de 1913, por designação do Conselho Superior da Universidade<sup>635</sup>, que também o designou para as cadeiras de Elementos de Fisiologia e Patologia geral e Farmacologia Homeopática, respectivamente nos cursos de Odontologia e Farmácia, em janeiro de 1914.

O Livro de Assentamentos dos Professores da Faculdade de Medicina registra, como data de funcionamento das disciplinas lecionadas no curso de Odontologia e Farmácia, a data de 17 de março de 1914; contudo, nada comenta sobre as cadeiras de homeopatia ofertadas ao curso de Medicina e Cirurgia. No Relatório Geral da Universidade do Paraná, de 1914, estas cadeiras não constam no quadro de distribuição das disciplinas, estando a cargo de Nilo Cairo as cadeiras de Química Médica e Pathologia Geral, dando a idéia de que aquelas teriam sido previstas mas não lecionadas<sup>636</sup>.

Já no curso de Farmácia apresenta, em seus programas do ano de 1914, a disciplina de Farmacologia Homeopática, a cargo do Dr. Nilo Cairo<sup>637</sup>. O conteúdo do programa desta cadeira, a oitava do curso, era muito similar a outro elaborado por Cairo, quando este

---

<sup>634</sup> RELATORIO (...) - 1913, s.p.

<sup>635</sup> LIVRO de Assentamentos dos Professores da Faculdade de Medicina do Paraná. Curitiba, 1920. f. 5.

<sup>636</sup> RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1914 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba: Alfredo Hoffmann, 1914.

<sup>637</sup> UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Programmas do Curso de Pharmacia** – 3º anno. Curityba: Cezar Schulz, 1914. p. 7-8.

projetava a Escola Livre de Homeopatia, no Rio de Janeiro<sup>638</sup>. Esta, porém, cessa de ser ofertada em 1915, não constando mais no Relatório Geral daquele ano<sup>639</sup>.

Apesar da breve vida das cadeiras homeopáticas na Universidade do Paraná, elas revelam a tentativa do homeopata em contribuir para a disseminação da doutrina hahnemanniana no local onde tinha se estabelecido, naquele momento de sua vida. No caso das matérias homeopáticas do curso de Medicina e Cirurgia, elas se situavam exatamente no quinto ano do curso, momento que, segundo Dias da Cruz Filho, Cairo havia afirmado ser perfeito para a introdução do aprendizado da homeopatia<sup>640</sup>.

Após seus planos de fundação da Sociedade Homeopática Brasileira, Nilo Cairo defendeu a formação do médico homeopata única e exclusivamente em faculdades especificamente hahnemannianas. Apesar disso, não é de se espantar a tomada de posição do médico paranaense, em introduzir cadeiras homeopáticas na Universidade do Paraná: vindo de uma experiência frustrada de criação de uma Escola Livre de Homeopatia, possuindo todos os programas necessários<sup>641</sup> para constituí-la, Cairo abraça a idéia de uma Universidade ( não só uma faculdade de medicina) no Paraná. Sendo intenso propagandista da medicina homeopática, vira, na academia, o local perfeito para a difusão de seus ideais. Ele mesmo, tinha vindo de uma faculdade oficial onde, desgostoso da medicina alopática, tinha se tornado adepto da homeopatia . Havia ainda o fato de já existir uma faculdade homeopática, ligada ao Instituto Hahnemanniano ( do qual já não era mais sócio), que procurava estabelecer a coexistência entre as duas correntes médicas. Ele, então partidário

---

<sup>638</sup> PROGRAMMA de um curso de Pharmacologia Homeopathica. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curityba, a. 7, n. 6, p. 59-61, jun. 1912.

<sup>639</sup> RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1915 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba : Max Roesner, 1915.

<sup>640</sup> ACTA da 16ª Sessão(...), p. 276.

<sup>641</sup> Estes programas foram publicados na *Revista Homeopathica Brasileira*, no segundo semestre de 1912, como forma de contribuir com as reformas sofridas na Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro.

da necessidade de um estudo regulamentado e reconhecido para ser um homeopata, numa contribuição ao reconhecimento da medicina de Hahnemann como ciência, resolvera inserir algumas cadeiras na Universidade que ajudara a fundar.

O curto espaço de tempo no qual as disciplinas homeopáticas existiram (ao menos, oficialmente), não indicam, no entanto, que Cairo não teve a oportunidade real de expor suas crenças científicas aos seus alunos, futuros médicos. Ele é transferido, das cadeiras que regia, para ministrar a disciplina de Patologia Geral, no terceiro ano de Medicina, em 21 de maio de 1914<sup>642</sup>. No programa desta disciplina, entre os oitenta itens, constavam: *Leis geraes de indicação therapeutica: sublata causa tollitur effectus; contraria contrariis curantur; similia similibus curantur* e *Papel da medicina no futuro. O problema medico considerado em seu conjuncto: therapeutica do corpo e therapeutica da alma. Dominio da intervenção medica: seu papel sacerdotal*<sup>643</sup>.

Mesmo extintas as cadeiras homeopáticas, Nilo Cairo continuava a disseminar suas idéias em defesa da medicina de Hahnemann, sempre tendo como pano de fundo a teoria comtiana. Em suas aulas no curso de Odontologia, quando ensinava Fisiologia, o homeopata não deixava de pregar a importância de compreender as questões biológicas tendo como pano de fundo a filosofia positivista, nem de valorizar o estudo da medicina vitalista, defendendo a importância de se tomar o ser humano como um ser único<sup>644</sup>. Um de seus alunos do curso médico, Jurandyr Manfredini, o descreve como professor:

---

<sup>642</sup> LIVRO (...), f.4.

<sup>643</sup> UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Programmas do Curso de Medicina e Cirurgia** – 3º anno. Curityba: Max Roesner, 1916. p.9.

<sup>644</sup> Suas lições de fisiologia, no curso de Odontologia, foram organizadas a partir das anotações de uma aluna, a Srta Helena Vianna Seiler, e publicadas em forma de livro. Cf: CAIRO, Nilo. **Elementos de Physiologia**. Curityba: Universidade do Paraná, 1916.

Era nas aulas, para nós, um espetáculo inalterável: após resumir qualquer nova *theoria* corrente no mercado da *physiopathologia*, Nilo um momento emudecia, prostrado em silêncio agressivo e quasi feroz, logo mais, como um vulcão que despertasse, explodindo nas causticas mordacidades da galhofa...(…)

A sua obra de professor prolongou e inflamou na *cathedra* o sebastianista inconformado dos livros...E, da *cathedra*, evangelizou religiosamente os postulados de “l’animal dans l’animal” a que desejára ver retornada a *philosophia* da medicina, ao mesmo tempo que tudo fez por atalaiar nas juventudes desta Faculdade o perigo dos desbordamentos da patologia microbiana, tão explicavelmente hostis aos zelos do puritano de Montpellier...<sup>645</sup>

O curso de Medicina da Universidade do Paraná recebeu outras influências do médico homeopata, além de suas cátedras. Quando da formação do curso médico na academia paranaense, uma das críticas incidiu sobre a ausência de cadáveres em número suficiente para o estudo da Anatomia. Ora, na verdade, a quase inexistência de defuntos para a dissecação, na Universidade do Paraná, deveu-se muito mais à opção do que à carência: desde sua tese *Similia Similibus Curantur*, Nilo Cairo defendia o uso de desenhos e manequins para este estudo, posição que viria a ratificar em suas observações sobre o estudo anatômico, na Faculdade de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro<sup>646</sup>. Comentando com Romário Martins, quando este visitava a Universidade, sobre o ensino de anatomia nesta, Cairo afirmava:

Até hoje, desde os meus tempos de estudante de anatomia, nunca pude compreender as vantagens de se retalhar cadáveres em busca de órgãos já conhecidos e cujas relações a dissecação, por sua própria natureza, destrói. Faço, pois, votos para que o meu ilustre colga que proficientemente leciona esta matéria na nossa Universidade, rompa decisivamente com a rotina do defunto, adotando em sua cadeira o belo e

<sup>645</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Centenário** (...), p. 8-10. A biografia de Nilo Cairo escrita por Jurandyr Manfredini foi duramente criticada por David Carneiro, por conter observações irônicas do autor em relação ao biografado, em especial por suas posições positivistas. Em resposta, David Carneiro, que também era adepto de Comte, faz uma outra biografia. Cf: CARNEIRO, David. **Nilo Cairo** (Biografia). Curitiba, 1984.

<sup>646</sup> FACULDADE de Medicina Homeopathica do Rio de Janeiro. **Revista Homeopathica Brasileira**, Curitiba, a. 7, n. 6, p. 70-72, jun. 1912.

humano metodo do prof. Paes Leme. Creio mesmo que é esta a sua tendencia, pois que este ano os pontos de exames praticos de dissecação por êle organizados, versavam exclusivamente sobre arterias, cerebros e visceras abdominais.<sup>647</sup>

A postura de Nilo Cairo diante do estudo da anatomia era pertinente à doutrina hahnemanniana, embora não fosse exclusividade dos homeopatas, e nem todos partilhassem da mesma posição. Para uma corrente vitalista, de pouco adiantava o estudo de um ser morto, a não ser pelo fato de conhecer melhor o interior do corpo humano, o que poderia ser feito através de manequins. Para o Laboratório de Anatomia da Universidade do Paraná, por ocasião da abertura do curso de Medicina e Cirurgia, foram importados da Europa vários modelos de anatomia humana, para o ensino de anatomia descritiva<sup>648</sup>, seguindo esta orientação. Isto não significava, porém, a inexistência de dissecação de cadáveres no curso. Encontrando um ser humano inerte, na sala de dissecação da Universidade, Romário Martins indagou sobre o fato a Nilo Cairo, que respondeu: *Que quer? É móda*<sup>649</sup>. Num meio tão heterogêneo como a Universidade do Paraná, com vários fundadores, professores e funcionários, não era possível impor uma idéia única.

Passam-se poucos anos, e a grande conquistas que muitos julgaram ter tido – homeopatas ou não – desvanece-se. A Lei Rivadávia é revogada em 1915, por outra lei de autoria do Ministro Carlos Maximiniano, que acabava com a liberdade de ensino, impondo a fiscalização federal às faculdades. A Universidade do Paraná precisou se desmembrar nas faculdades de Direito, Engenharia Civil, Medicina, Odontologia, Farmácia, Obstetrícia e Comércio, conseguindo, através da fiscalização individual, sua equiparação<sup>650</sup>. Nilo Cairo,

<sup>647</sup> HISTORIA da Universidade (...), p. 422.

<sup>648</sup> RELATORIO Geral (...)- 1913, p. 30.

<sup>649</sup> HISTORIA da Universidade (...), p. 426.

<sup>650</sup> CARNEIRO, D. **História esquemática da Educação e das Universidades no mundo**. Surto da primeira Universidade do Brasil. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1984. p. 102.

desgostoso do ocorrido, pede licença de seus afazeres na Universidade do Paraná, e parte, em 1917, para São Paulo. Já a Faculdade Hahnemanniana, também nascida sob a égide da Lei Orgânica de Ensino, após algumas dificuldades, também obteve sua equiparação<sup>651</sup>.

Tanto a Faculdade Hahnemanniana quanto a tentativa de inserção do estudo da homeopatia na Universidade do Paraná, apontam para um momento significativo da medicina hahnemanniana no Brasil: a coroação de sua tendência, iniciada no início do século XX, em ser reconhecida, tanto no meio médico quanto no leigo, como ciência. Ambas as iniciativas marcam a busca pela ciência médica efetuada pela homeopatia, num momento em que procurava se distanciar de um passado mágico-religioso, que não mais servia aos seus interesses de legitimação. Era preciso definir seu discurso como pertencente à esfera da ciência, habilitando seus porta-vozes segundo esta determinação, cada vez mais forte, até o início dos anos trinta, quando enfrenta seu período de silêncio<sup>652</sup>.

---

<sup>651</sup> GALHARDO, J. E. R. **Livro** (...), p. 943-50.

<sup>652</sup> LUZ, M. T. **A Arte** (...), p. 217.

## Considerações Finais: Refletindo

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido(...). Pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela.<sup>653</sup>

O grande e branco relógio em cima da porta marcava quase duas horas. Em breve, tudo recomençaria: vários casos desfilariam em sua frente, e ele tentaria solucioná-los, cuidadosamente. Restavam alguns poucos minutos, que seriam utilizados para retornar as ligações telefônicas, registradas na secretária eletrônica. A primeira era de Vera, mãe de um bebê, com poucos meses de idade. De posse dos dados contidos em uma ficha, digita o número e aguarda. Uma voz, aflita, atende. Assim que sabe a identidade de seu interlocutor, Vera responde:

– Ah, doutor, que alívio! Já não sabia mais o que fazer! A Tuquinha piorou, e agora está com uma febre alta, com trinta e nove graus.

Febre, sempre ela, a famigerada febre. O terror das mães aflitas, pensava, com seus botões. Quantos casos não havia atendido, contendo a mesma angústia! Enquanto perguntava por maiores detalhes dos sintomas que acompanhavam a febre de Tuquinha, rabiscava algumas informações na ficha. Por fim, toma a decisão terapêutica, procurando tranquilizar a mãe aflita:

– Não se preocupe, Vera, a febre é apenas um sinal, que demonstra estar o organismo reagindo a alguma infecção. Não, não precisa dar antitérmicos. Dê a ela dez gotas de *Beladona C30*, de meia em meia hora e, se a febre não abaixar, diminua o

---

<sup>653</sup> BENJAMIN, W. Sobre (...), p.224

intervalo para quinze minutos. Traga-a no meu consultório, no final da tarde, para que eu possa examiná-la mas, se houver alguma alteração no quadro, ligue-me. De nada. Tchau.

Ao colocar o telefone no gancho, reflete o quanto é difícil convencer alguns pacientes a não utilizar uma medicação agressiva, em casos extremos de febres e infecções. Esperar pela ação do medicamento homeopático e a reação do organismo é mais difícil do que apelar para analgésicos, antitérmicos e os temíveis antibióticos. Num mundo em que tudo anda muito rápido, os pacientes estão cada vez mais impacientes.

Após terminar as ligações que deveriam ser feitas, pede à secretária para chamar o primeiro a ser atendido. Entra um rapaz, com olhar desconfiado, para sua primeira consulta. Já acostumado com esta reação, o médico lhe estende a mão, com um sorriso, e lhe pergunta seu nome, e o motivo da visita. O moço se senta e responde:

– É Inácio, Doutor. Vim aqui indicado por uma amiga, a Elvira, que me disse que a homeopatia tem uns remédios mais fraquinhos, que não fazem tanto mal para a gente. Tenho uma úlcera no estômago, e não agüento mais tomar tantos remédios. Tenho até uma pequena farmácia lá em casa...

O riso fora inevitável. Ora, que coincidência, pensa. Agora mesmo estava refletindo como algumas pessoas julgam necessitar de medicamentos alopáticos para sanar os males mais resistentes, e já havia se esquecido daqueles que buscam a homeopatia por julgarem ter esta uma terapêutica mais “suave”. De fato, acreditava ser este um dos atributos mais atraentes na medicina de Hahnemann.

Ao paciente novato, era preciso explicar que a consulta homeopática era um pouco diferente da tradicional. Não bastava que o doente lhe falasse onde doía: era preciso que lhe contasse, em pormenores, algumas das características de sua personalidade, e como sua doença se manifestava. Preferências alimentares, humor, sensações, sonhos,



relacionamentos, assim como todo o processo que envolvia sua doença, como a localização da dor, intensidade, quando melhorava, como havia começado, deveriam ser descritos. Curioso e satisfeito pela disposição do médico em lhe ouvir, Inácio começa seu longo relato, que vai sendo estimulado, algumas vezes, por indagações de seu ouvinte. Após as informações prestadas pelo paciente, foi feito o exame físico e, com algumas consultas aos manuais, definiu-se a terapêutica, registrada na receita e entregue a Inácio, juntamente com algumas recomendações sobre o regime alimentar a ser seguido.

Os ponteiros do relógio já haviam se adiantado, e passavam das três. A secretária lhe trazia mais um envelope, contendo a ficha de Mônica, uma paciente já antiga. Ela entra, e o cumprimenta amigavelmente. Não se queixava de nenhuma dor específica: estava ali para dar prosseguimento ao tratamento homeopático. Sim, pois a proposta desta medicina também era, através do reestabelecimento do equilíbrio individual, promover a prevenção. No entanto, Mônica tinha uma queixa, e uma sugestão a fazer:

– Tenho sofrido com algumas dores nas costas, Doutor. Será que a acupuntura não poderia me ajudar? Li um artigo que dizia ser o bloqueio energético uma das causas possíveis para este tipo de dor.

De fato, ele também acreditava num tratamento conjugado entre homeopatia e acupuntura. Olha, instintivamente, para o quadro pendurado em sua parede, contendo o mapeamento do corpo humano segundo os pontos chineses. Não é sempre que um paciente se interessa em pesquisar mais a fundo a medicina que utiliza, mas o caso de Mônica era diferente. Ela tinha consciência do princípio da força vital, que deveria ser auxiliada por um medicamento individual, na busca de um equilíbrio. Sabia, ainda, da relação da homeopatia com a medicina chinesa, que também trabalhava com o conceito de força, ou energia. Concordando com a avaliação da paciente, não deixa, entretanto, de questionar como ela

tem reagido ao tratamento homeopático. Após reavaliar a continuidade da terapêutica, inicia a sessão de acupuntura. Mônica, mais relaxada, já ia indo embora, quando se lembra de mais um detalhe:

– Já ia me esquecendo, Doutor... Às vezes, tenho insônia, e para isso tomo chá de melissa, por minha própria conta. Posso continuar?

Ah, a fitoterapia! O uso popular das plantas, embora muitos de seus pacientes não saibam, não tem nenhum princípio comum à medicina de Hahnemann. No entanto, estava “na moda” e era associado, juntamente com a homeopatia, às “medicinas alternativas”. Considerada também uma terapêutica “branda”, “natural”, harmonizava-se muito com a reação contrária de várias pessoas, aos medicamentos químicos. Usar um elemento da natureza para a cura era quase como voltar à vida no campo, paraíso perdido e idealizado em tempos modernos.

Sua longa reflexão foi interrompida pela paciente, que lhe indagava se fora ouvida. Meio desconcertado, responde:

– Sim, sim, eu ouvi, me desculpe. Você pode recorrer ao chá de melissa, quando julgar necessário. Embora a fitoterapia não esteja relacionada diretamente com a homeopatia, como você sabe, não irá interferir no tratamento, no seu caso. Aqui está sua receita e, qualquer alteração, não deixe de aparecer antes da consulta de rotina.

Após a partida de Mônica, outros casos passaram diante de seus olhos: eram *Pulsatilas*, *Calcáreas Carbônicas*, *Licopodiuns*... Cada paciente refletia, ao seu ver, características correspondentes a um medicamento homeopático. Como adepto do unicismo, procurava somente um remédio, que corresponderia ao *Similimum* do doente. Daí seu jeito de denominar seus pacientes, de acordo com a correspondência entre eles e o medicamento que lhes indicava.

Mais uma olhada no relógio, e percebia a rapidez com que as horas passavam, enquanto estava absorto em seu trabalho. Já havia atendido Vera e examinado Tuquinha. Estava tudo bem, o organismo da menina reagia mais rápido do que o esperado. Surpresa, a mãe havia exclamado:

– Mas, Doutor, eu não entendo... Até a pouco, ela estava manhosa e febril. Foi só chegar a hora da consulta, tudo foi passando e ela está aqui, rindo... Até parece que menti para o senhor...

Sorriu com a lembrança e, calmamente, começou a guardar seus apetrechos para mais um retorno para casa. As consultas haviam terminado, e era preciso descansar, para estar preparado para um novo dia, onde tudo teria seu recomeço. Chegando em casa, porém, percebeu que seu descanso não se daria da forma habitual: a escuridão, que reinava no escritório, o fizera tropeçar em uma caixa, que lhe trazia, ao mesmo tempo, doces e tristes lembranças.

Há um mês, havia perdido seu pai, vítima de um acidente. Era médico homeopata, profissão de herança paterna e que deixara a ele, seu filho. Dono de uma farta biblioteca, que tinha local de destaque em luxuosas estantes, e agora se via confinada nas várias caixas espalhadas pela casa. Os outros irmãos, nem um pouco interessados em seus livros e “papéis velhos”, haviam ficado aliviados com seu interesse em guardá-los em seu próprio escritório. Seria uma honra, uma vez que a biblioteca continha, ainda, o material que havia pertencido ao seu avô.

Era chegada a hora de desenterrar o passado e conviver com as lembranças. Era preciso organizar o material, retirar o pó, catalogá-lo, antes que o tempo e a má conservação os tornassem inúteis. Uma a uma, as caixas foram abertas, impregnando o ambiente com o cheiro do papel guardado há muito tempo. Uma lágrima rola sobre sua

face: era justamente este, o aroma do escritório de seu pai quando, ainda menino, ia interromper seus afazeres, em busca de um mimo.

Com carinho, começa a se ocupar com a limpeza e organização do material. Não consegue deixar de pensar nas mãos de seu avô e seu pai, abrindo os livros, folheando suas páginas, em busca de informações que lhes ajudassem no consultório. Havia decidido dispor livros e revistas pelo ano de publicação, começando em ordem crescente. Mesmo porque, pensava, deveria utilizar com maior frequência os mais recentes, uma vez que continham as informações mais atualizadas. Espelhados pela mesa, o material mais velho datava do início do século. Súbito, seu caráter antigo desperta-lhe a curiosidade de folheá-lo, antes de depositá-lo nas estantes, cuidadosamente preparadas para este fim.

Segura, em suas mãos, um exemplar de uma revista editada em 1906. Na capa, o título: *Revista Homœopathica do Paraná*. Sorri, achando graça da grafia da época. Cada vez mais curioso, abre a página no primeiro artigo, onde pode ler as palavras de apresentação do primeiro número do periódico:

*Nascida além do Rheno, entre as brumas da velha Germania, sua ingrata patria, a Homœopathia tem-se alastrado triumphalmente pela superficie do globo. Não há hoje seguramente um único paiz, onde ella não seja cultivada e praticada e onde não tenha vencido, praticamente, os perigosos e inuteis methodos de tratamento preconizados pela Medicina Official, e, theoreticamente, os representantes da escola galenista, nas discussões que a seu respeito se tem travado.*<sup>654</sup>

Ainda era notória a rivalidade existente entre homeopatia e alopatia, embora, muitas vezes, não fosse tão declarada como a estampada na primeira página desta revista de 1906. Continua, lendo o editorial, até sua última linha. Perplexo, descobre algumas características da medicina de Hahnemann naquele período, que até então desconhecia, como sua ligação

---

<sup>654</sup> NOSSO Programma. **Revista Homœopathica do Paraná**, Curityba, a. 1, n. 1-3, p. 1, jan./mar. 1906.

com o espiritismo, a defesa da liberdade profissional, e a busca por difundir as informações sobre a homeopatia, de um modo que se estendesse também ao público leigo. O redator terminava seu discurso, com a promessa de que a revista não se afastaria das discussões científicas, onde não haveria lugar para críticas pessoais ou apaixonadas. Mais surpreso ainda, fica quando seus olhos encontram os ponteiros do relógio do escritório: eram quase três horas da manhã! De manhã, deveria acordar cedo para atender seus pacientes, no consultório. Apesar de não estar com sono, decide ir se deitar, pois o dia seria longo.

Eram nove horas da manhã, e já havia conseguido chegar ao seu consultório. Sentado, observava os ponteiros do relógio, sua sala, os quadros dispostos na parede. Tudo parecia preparado para mais um dia rotineiro e, somente ele, parecia não corresponder a esta expectativa: não conseguia parar de pensar no material que o esperava, em seu escritório. Estava irremediavelmente tomado pelo desejo de saber mais, de conhecer melhor aquele mundo, ao mesmo tempo familiar e estranho, que acabara de tomar contato através da antiga biblioteca de seu pai.

A secretária entra, trazendo as fichas dos pacientes com hora marcada para aquele turno. Apesar do esforço, a toda a hora perdia a concentração, e sua mente divagava por entre as páginas da revista que havia aberto na noite anterior. Como teriam sido seus colegas em 1906? Teriam eles as mesmas preocupações que lhe perturbavam agora? Como agiam em seus consultórios? E o que significaria aquela inquietação, expressa no artigo que havia lido, com a perseguição ao charlatanismo? O que queria dizer seu autor quando reconhecia os serviços prestados à homeopatia pelos espíritas? Quem teria sido o médico que escrevera aquelas palavras?

Aquele mundo de idéias não o havia deixado durante sua jornada de trabalho, nem depois dela. Na volta para casa, seu único desejo era mergulhar na biblioteca que havia

herdado, e descobrir mais pistas que lhe saciassem a curiosidade. A primeira coisa que fez, foi averiguar a autoria do artigo que lera. Na capa da *Revista Homœopathica do Paraná*, a resposta para sua questão. *Redactor: Dr. Nilo Cairo da Silva*, eram as palavras que sucediam ao nome do periódico. Como o artigo era um editorial, só poderia ser ele seu criador.

Principiou a ler os outros artigos daquela revista, a buscar outros números, e outros médicos foram surgindo, tornando-se familiares a ele: Duarte Velloso, Licínio Cardoso, Olyntho Dantas, Dias da Cruz, Ignacio Cardoso... Juntamente com Nilo Cairo, tomaram rosto, forma, personalidade, passando a fazer parte de seu cotidiano. Acompanhando-os, pode perceber que muitas das preocupações de sua época não eram as mesmas de seus companheiros: para eles, importava provar e estabelecer a medicina homeopática enquanto ciência, procurando explicar suas teorias sob a luz de uma filosofia em voga naquela época, o Positivismo. Não tinham vínculos, ainda, com a medicina chinesa, a fitoterapia, ou o naturismo. No início do século, os homeopatas queriam se desembaraçar de tudo o que pudesse ter o teor de misticismo. Nem pensar em Nova Era, portanto...

Logo, seu interesse suplantou o material que havia naquele escritório. Através de alguns artigos que lera, de autoria do Dr. Nilo Cairo, informou-se da existência de outros, em revistas médicas e jornais diários, que o auxiliariam a compreender o novo mundo que lhe fora apresentado. Começou a freqüentar, depois das consultas, a Biblioteca Pública, sendo este o momento mais esperado do dia. Aprendeu a manejar a leitora de microfilmes e, com eles, pode observar as batalhas travadas entre homeopatas e alopatas, nos jornais diários. “Puxa, não era nada fácil...”, pensava, às vezes.

De todo este universo, o que mais lhe agradava era acompanhar as palavras do Dr. Nilo Cairo, aquele que fora o primeiro a avivar o interesse pelo passado de sua profissão.

Incansável produtor de textos, redator de periódicos e divulgador de idéias, o médico paranaense parecia estar em todos os lugares, onde houvesse uma boa controvérsia. Divertia-se com o tom irônico e atrevido com o qual provocava seus adversários, fossem alopatas ou homeopatas. Não se cansava de procurar pistas sobre seu paradeiro, nas várias viagens que fizera, mudando de residência. A personalidade dinâmica do colega que vivera no início do século definitivamente o cativara.

Apesar de prometer que sua revista não teria espaço para discussões pessoais ou apaixonadas, Nilo Cairo as provocava, naquele ou em qualquer outro espaço. Entretia-se, por horas, acompanhando os desafios que ele lançava aos seus oponentes, e as respostas destes. Não era fácil, pois várias vezes precisava buscar mais de um periódico para observar a peleja. Uma das ocasiões mais pitorescas julgava ser quando Cairo havia anunciado, no periódico paranaense, a “conversão” de um médico francês, o Dr. Huchard, à homeopatia. A contestação dos alopatas fora imediata: porém, um de seus adversários neste entrave, o Dr. Jorge Pinto, recusava-se sequer a discutir o assunto. “Diagnosticara” um “furor bellicosus” em Nilo Cairo, rotulando-o de teimoso, “escachante”, enfim, um...chato<sup>655</sup>! Realmente, para quem estava no campo oposto, não deveria ser fácil lidar com o homeopata.

O tempo que passava a pesquisar sobre aquele momento da homeopatia no Brasil não era apenas divertido, como também, instrutivo. Passara a observar como seus colegas, naquele período, procuravam alinhar o pensamento de Hahnemann com outros que já tivessem um certo respaldo, científico ou social. Era o caso das idéias de Comte, trabalhadas de modo a embasar o pensamento homeopático. Isto não ocorria em seu tempo:

---

<sup>655</sup> CORRESPONDENCIA. *Revista Medico Cirurgica do Brazil*, Rio de Janeiro, a. 16, n. 11, p. 497, nov. 1908.

não mais o Positivismo, mas outras correntes de pensamento e práticas fundamentavam o discurso dos homeopatas, dando-lhes legitimidade social. Os discursos são dinâmicos, ele descobrira.

Interessante, também, como começara a observar melhor o tempo. No consultório, olhando em seu relógio os minutos que intercalavam o horário de um paciente e o seguinte, o tempo parecia passar preguiçosamente; quando pesquisava, podia transpor várias décadas manuseando algumas páginas de uma revista. No momento em que refletia sobre seus achados, consultava os *Annaes de Medicina Homœopáthica*. O ano de 1912 revelava importantes mudanças no cenário da homeopatia e na vida de Nilo Cairo. A organização do ensino da homeopatia tomara força, e Cairo não se desvinculara desta tendência, embora separado do *Instituto Hahnemanniano do Brasil*. Grandes desentendimentos marcaram sua saída do *Instituto*, e ainda aqui, ele se mostrava irredutível em suas convicções.

Mais uma fase agitada para o homeopata paranaense: a fundação da Universidade do Paraná. Apesar de seu desligamento do *Instituto Hahnemanniano*, não abandonara as suas crenças homeopatas. Mesmo em relação à instituição, seu desligamento não seria eterno: como filho pródigo, voltava a fazer parte da principal associação homeopática brasileira em 1922<sup>656</sup>. Seu vigor para a batalha, este sim, havia mudado. Já não contava com o mesmo entusiasmo de quando tinha a idade de Jesus Cristo, revelava<sup>657</sup>. Seu prestígio, porém, continuava elevado, pois fora convidado para, novamente, ser redator dos *Annaes*, recusando o cargo<sup>658</sup>.

<sup>656</sup> ACTA da 5ª Sessão Ordinária realizada em 17 de maio de 1922. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 21, n. 8, p. 411-15, ago. 1922.

<sup>657</sup> DISCURSO pronunciado na Sessão de 17 de maio pelo Dr. Nilo Cairo. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 21, n. 8, p. 346-48, jun./jul. 1922.

<sup>658</sup> BRAGA, J. Comunicando e Agradecendo. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 21, n. 10, p. 426. out. 1922.



Folheando as páginas dos anos posteriores dos *Annaes*, ele já não conseguia encontrar muitas referências sobre Nilo Cairo. Apenas notícias esparsas sobre suas publicações. Repentinamente pára, ao se deparar, em 1928, com uma nota sob o título singelo de *Uma pagina do nosso Coração*. Nela, notícias sobre o médico paranaense:

Batalhador incansavel das hostes hahnemannianas. Sempre que as doutrinas que abraçara soffriam um ataque mais violento, eil-o na estacada, de viseira erguida e clava em punho defendendo-as sem fraqueza ou desfalecimento. Ensinando e praticando era sempre o mestre isento de preconceitos, nobre pelos sentimentos, respeitado pelo saber, calmo e ponderado na exposição das ideas que julgava dignas e verdadeiras. Deixou grande numero de livros e artigos sobre a Homeopathia e a medicina em geral. Nilo Cairo da Silva nasceu em Paranaguá, no dia 12 de Nov. de 1874 e falleceu no Hospital Evangelico, nesta Capital, ás 23 h. do dia 6 de junho. Era official reformado da arma de engenharia do exercito, bacharel em sciencias physicas e mathematicas e doutor em medicina. Foi professor da Universidade do Paraná, membro do I. Hahnemanniano e redactor dos *Annaes de Medicina Homeopathica*, tendo fundado e dirigido a *Revista Homeopathica do Paraná*, mais tarde *Revista Homeopathica Brasileira*.<sup>659</sup>

Não pôde deixar de partilhar o pesar expresso pelo colegas que, há tantos anos, lamentaram a partida de Nilo Cairo, e lhe prestaram homenagens<sup>660</sup>. Pensava quanto era estranho o que sentia: desde o momento em que começara a se interessar por Cairo, ele já havia morrido há vários anos; no entanto, só se dera conta disso naquele instante. Triste com a notícia, reprime uma lágrima que, teimosamente, insiste em brotar. Ao fechar a revista, pensa no que teria lhe dito o médico paranaense, naquele momento, se ali estivesse. Talvez, já envelhecido e doente, traçasse um gesto vago no ar, murmurando: “– Tudo passa!”<sup>661</sup>

<sup>659</sup> UMA PAGINA do Nosso Coração. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 30, n. 7, s.p., jul. 1928.

<sup>660</sup> ACTA da Sessão Ordinaria em 13-6-28. *Annaes de Medicina Homeopathica*, Rio de Janeiro, a. 30, n. 7, p. 180-81, jul. 1928.

<sup>661</sup> CARNEIRO, D. *Nilo Cairo* (...), p. 30.

## BIBLIOGRAFIA

### 1.Fontes

#### 1.1.Periódicos

**A Noticia**, Curitiba, 1906.

**Annaes de Medicina Homœopathica**, Rio de Janeiro, 1903-1914.

**Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, 1903-1914.

**Correio Paulistano**, São Paulo, 1908-1909

**Diário da Tarde**, Curitiba, 1906-1914

**Gazeta Clinica**, São Paulo, 1908-1909

**Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 1903-1914

**Revista Homœopathica Brasileira**, Curitiba, 1909-1912 (Continuação da Revista Homœopathica do Paraná supracitada).

**Revista Homœopathica do Paraná**, Curitiba, 1906-1908.

**Revista Medico-Cirurgica do Brazil**, Rio de Janeiro, 1908-1909

#### 1.2. Teses

CAIRO, Nilo. **Similia Similibus Curantur**. Rio de Janeiro, 1903. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **O Pé Equino**. Rio de Janeiro, 1904. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

### 1.3.Obras

ARRUDA, Marcos. **Reflexões sobre a Arte de Curar tendentes a conciliar a classe medica de modo digno e humanitário.** São Paulo : Riedel Lemmi, 1903. p. 3-4.

BRUCKNER. **O Médico Homeopatha da Família.** Sexta edição portuguesa e primeira brasileira corrigida e melhorada pelo Dr. Nilo Cairo. Rio de Janeiro : Almeida Cardoso & Cia, 1924.

CAIRO, Nilo. **Elementos de Physiologia.** Curitiba: Universidade do Paraná, 1916.

\_\_\_\_\_. **A Homœopathia e a Critica.** (Resposta Ao Dr. Pedro Sanchez de Lemos). Curityba: Economica, 1909.

\_\_\_\_\_. **Guia de Medicina Homeopathica.** 2ed. Curitiba: Economica, 1913.

\_\_\_\_\_. **O Dr. Huchard e a Homœopathia;** resposta á Imprensa Medica. Curityba/São Paulo, 1910.

CHERNOVIZ, Pedro L. Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular.** 6 ed. Pariz: Roger & F. Chernoviz, 1890.

COSTA, Francisco José. **Guia Diamante de Medicina Homeopática,** pelo método do Dr. Schüssler. Leipzig: Wilma Scwabe, 1927.

GALHARDO, José Emygdio R. (org). **Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia.** Rio de Janeiro: Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

HAHNEMANN, Samuel. **Organon da Arte de Curar.** 6ed. (trad. Edméa Marturano Villa e Izaio Carneiro Soares). Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, 1995.

LE MOS, Miguel. **A Liberdade Espiritual e o Exercício da Medicina.** Rio de Janeiro: Déde do Centro Pozitivista, 1887.

LE MOS, Pedro Sanches de. **Os Fundamentos de minhas Crenças Medicas.** São Paulo: Cardozo Filho & Cia, 1909.

MEIRELLES, Saturnino Soares. **Conceitos sobre a Doutrina Homœopathica ou Hahnemanniana.** Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1900.

MORAES, <sup>a</sup> J. de Mello. **Materia Medica ou Pathogenesis Homœopathica.** 2 ed. Rio de Janeiro : Eduardo & Henrique Laemmert, 1855. 2 v.

PINHO, Sabino Olegario L. **Thesouro Homœopathico ou Vade-mecum do Homœopata.** 7ed. Pernambuco: Typ. do Medico do Povo, 1908.

SEABRA, Alberto. **A Verdade em Medicina.** Rio de Janeiro/São Paulo: Murtinho Nobre & Comp., 1909.

#### 1.4. Relatórios, programas e estatutos

ESTATUTOS da Universidade do Paraná aprovados pelo Conselho Superior em sessão de 13 de Setembro de 1913. Curityba: Alfredo Hoffmann, 1913.

ESTATUTOS da Universidade do Paraná aprovados pelo Conselho Superior em sessão de 21 de Maio de 1914. Curityba: Alfredo Hoffmann, 1914.

LIVRO de Assentamentos dos Professores da Faculdade de Medicina do Paraná. Curitiba, 1920.

RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1913 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba : Alfredo Hoffmann, 1913.

RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1914 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba: Alfredo Hoffmann, 1914.

RELATORIO Geral da Universidade do Paraná apresentado á Assembléa Geral de 19 de Dezembro do anno de 1915 pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Curityba: Max Roesner, 1915.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Programmas do Curso de Pharmacia.** 3<sup>o</sup> anno. Curityba: Cezar Schulz, 1914.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Programmas do Curso de Pharmacia.** 3<sup>o</sup> anno. Curityba: Max Roesner, 1915.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. **Programmas do Curso de Medicina e Cirurgia.** 3<sup>o</sup> anno. Curityba: Max Roesner, 1916 .

## 2. Referências bibliográficas

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 8<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**; magia e técnica, arte e política. 7<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social. **Revista de Homeopatia**, São Paulo, v.55, n.3, jul/set. 1990.
- BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**: análise das noções de força vital, vida, natureza e homem no pensamento de Hahnemann. Curitiba: Aude Sapere, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CARNEIRO, David. **Nilo Cairo** (Biografia). Curitiba, 1984.
- \_\_\_\_\_. **História Esquemática da Educação e das Universidades no Mundo**. Surto da primeira Universidade do Brasil. Curitiba : UFPR, 1984.
- CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**; cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- COMTE, Auguste. **Cours de Philosophie Positive** (La philosophie chimie et la philosophie biologique). 5<sup>a</sup> ed. Paris : Sociéte Positiviste, 1893. v.3.
- \_\_\_\_\_. Curso de Filosofia Positiva. In: **OS PENSADORES – Auguste Comte**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Primeros Ensayos**. México: Fondo de Cultura Economica, 1942.
- COSTA, Iseu Affonso da; LIMA, Eduardo Corrêa. **O Ensino da Medicina na Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: UFPR, 1992.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal,

1989.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**; Juquery, a história de um asilo. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**; saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo : Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

GORDON, Richard. **A Assustadora História da Medicina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

JODELET, Denise. *Représentations Sociales: phénomènes, concept et théorie*. In: MOSCOVICI, Serge (dir.). **Psychologie Social**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

LAPLATINE, François; RABEYRON, Paul-Louis. **Medicinas Paralelas**. São Paulo : Brasiliense, 1989.

LAPLATINE, François. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEFÉVRE, Fernando. **O Medicamento como Mercadoria Simbólica**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, Eduardo Corrêa; SUPPLY, Hamilton Lacerda (orgs). **Dirceu Pacheco de Lacerda**; médico, poeta e jornalista. Curitiba: Scientia et Labor/ Fundação Santos Lima, 1988.

LOBO, Francisco Bruno. **O Ensino da Medicina no Rio de Janeiro – Homeopatia**. Rio de Janeiro : UFRJ, 1968.

LOPES, Octacílio de Carvalho. **A Medicina no Tempo**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

LÖWY, Ilana. *Les métaphores de l'immunologie: guerre et paix*. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 7-23, mar.jun. 1996.

LUZ, Madel T. **Natural, Racional, Social**; razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

\_\_\_\_\_. **Homeopatia e Ciências**. Curso de Extensão Universitária promovido pela Associação Médica Homeopática Brasileira, Associação Médica Homeopática do Paraná e Depto de Saúde Comunitária-UFPR. Curitiba, 06 maio 1993.

\_\_\_\_\_. **A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças**: história social da homeopatia no Brasil. São Paulo : Dynamis, 1996.

LYONS, Albert S.; PETRUCELLI, R. Joseph. **Medicine**: an illustrated history. New York: Abrams, 1987.

MACEDO, Heitor Borges de. **A Medicina na Sede da 5.<sup>a</sup> Comarca**. Curitiba, 1968.  
Separata dos anais do II Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos.

MACHADO, Roberto et alii. **Danação da Norma**; medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MOREIRA, Júlio E. **Dicionário Bibliográfico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1960.

\_\_\_\_\_. **Historia da Medicina no Paraná**. Curitiba: Instituto Paranaense de História da Medicina, 1953.

NOVAES, Ricardo Lafetá. **O Tempo e a Ordem**: sobre a homeopatia. São Paulo: Cortez, 1989.

NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.v.3.

PAZ, Francisco Moraes. **Na Poética da História**; a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba : UFPR, 1996.

PENA, Martins. Os três médicos. In: \_\_\_\_\_. **Comédias**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

RAGO, Luzia M. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar; Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAVAGNANI, Oswaldo Martins. **Subsídios para o Estudo da Medicina Popular no Brasil**. v. 4. São Paulo: Perspectivas, 1981.

REBOLO, Regina A. Forças de ação remota e forças vitais no final do século XVIII: o caso da teoria homeopática de Samuel Hahnemann. **Caderno de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, s.3, v.4, n.2, p.65-93, jul/dez. 1994.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A Ciência dos Trópicos**; a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS FILHO, Licurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1939.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**; cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1970-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**; mentes insanas em corpos rebeldes. S. Paulo: Brasiliense, 1984.

STELLFELD, Carlos. **As Artes Médicas no Paraná Provincial**.1853-1858. Curitiba: Instituto Paranaense de História da Medicina, 1958.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Centenário de Nascimento do Professor Nilo Cairo**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.

VON MARTIUS, Carlos (sic) Friedric. **Natureza, Doenças e Remédios dos Índios Brasileiros**. São Paulo: Hucitec, 1977

WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense – 1889/1928. São Paulo: UNICAMP, 1997. Tese (Doutorado em História Social do Trabalho), UNICAMP, 1997.